

HOTSHOT DOC

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

R.S. GREY

Avisos

Prezem pelo grupo, não distribuam livros feitos por nós em blogs , páginas do facebook e grupos abertos.

Nunca falem sobre livros que foram feitos por nós para autoras , digam que leram no idioma original.

Prestigiem sempre os autores comprando seus livros, afinal eles dependem disso não é mesmo?

NÃO GOSTOU DA TRADUÇÃO?
LEIA NO IDIOMA ORIGINAL.

A presente tradução foi efetuada pelo grupo Queens of Shadows (QOS), de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição.

O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo QUEENS poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo QUEENS de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

Moderadoras

Lilly Draconi, Meghan Williams & Kamylee Bennett

Staff

Tradução
Rainha das Sombras

Revisão Inicial
Deia Cabrera & Rafa

Revisão Final
Margareth & Bruna

Leitura Final
Reca

Conferência
Lilly Draconi

Formatação
Meghan Williams

Disponibilização
Equipe Queens of Shadows

2019

Hotshot Doc

R.S. Grey

O Dr. Russell tem uma má reputação em torno do nosso hospital. Os técnicos dizem que ele é sangue frio, as enfermeiras dizem que ele é muito arrogante para o seu próprio bem, e os pacientes dizem que ele é o melhor cirurgião do mundo - na verdade, apenas um cara legal! - caso ele esteja ao alcance da voz.

Eu tento evitar ele e seu temperamento a todo custo. É muito fácil admirar o seu cabelo sexy e arrebatador enquanto ele está tocando o cabelo e apertando a mandíbula esculpida a uma distância saudável, de preferência do outro lado do corredor meio escondida atrás de uma planta.

Infelizmente, meu plano desmorona quando meu fiel chefe decide trocar seu jaleco branco por uma camisa havaiana. Sua aposentadoria me deixa com duas opções terríveis: trocar de especialidade e passar meses treinando, novamente ou assumir uma posição aberta como assistente cirúrgica do Dr. Russell.

Isso significa que eu tenho que ficar perto dele na sala de operações por horas a fio e antecipar todas as suas necessidades, sem deixar que suas palavras mordazes e sua atitude ruim me intimidem. Ah, e como se isso não fosse difícil o suficiente, minha boba paixão por ele - aquela que eu tentei piscar até desaparecer - poderia ser retribuída.

Está tudo bem.
Estou bem.

Eu levo meu trabalho a sério. Não haverá olhares fumegantes na sala sobre a mesa de operações, nem quase beijos furiosos no armário de armazenamento. (Bem, não mais desses.)

Qual é a frase? Uma maçã por dia mantém o médico longe?

Talvez eu devesse pegar uma maldita cesta.

CAPÍTULO 1

BAILEY

Eu me pergunto o que outras pessoas da minha idade estão fazendo neste exato momento.

Pesquisando no Tinder?

Andando pela cidade com a turma deles?

Eu não tenho uma turma.

Eu tenho uma irmãzinha. Ela está espremida contra mim no sofá para que possamos ver a tela do meu computador. As reprises de *Grey's Anatomy* são apresentadas em alta definição. O cabelo do Dr. McDreamy é grosso e brilhante. Eu quero passar o dedo pela tela, mas resisto.

No meu rosto está uma lama verde. É suposto ser uma máscara facial caseira. Josie preparou-a há alguns minutos e jurou que, quando a limparmos, pareceremos estrelas de cinema. Tenho certeza que ela está errada, e pior, ela pode ter desperdiçado nosso último abacate. Eu ia fazer um pouco de arroz e chamar isso de um jantar bem equilibrado. Parece que vou ter que ser criativa.

Dois médicos começam a arrancar a roupa uns dos outros na tela do meu computador. Eles estão prestes a se pegar, e eu levanto a mão para cobrir os olhos de Josie.

—Você é jovem demais para estar assistindo isso.

—É uma piada. Nós já assistimos um milhão de episódios e pelo menos meio milhão de cenas de sexo obscenas.

Josie afasta minha mão e aumenta o volume. Nossa sala agora está cheia de gemidos e mais gemidos. Talvez eu não seja uma boa guardiã.

—Seus amigos na escola estão autorizados a assistir a shows como este? — Eu pergunto, subitamente atormentada pela culpa. Deveríamos estar assistindo documentários sobre a natureza na PBS, pinguins vagando pela neve acompanhados pelo som suave da voz de Morgan Freeman.

—Você está de brincadeira? — Ela pergunta, sem tirar os olhos da tela. —As pessoas da minha escola estão *fazendo* coisas assim.

Estou horrorizada com a ideias de crianças de quatorze anos participarem de qualquer atividade física além de darem as mãos.

—Prometa-me que você não vai tocar em um garoto até os dezoito anos.

Ela revira os olhos e levanta o mindinho. Eu envolvo o meu em torno dele e, assim, temos um pacto. Eu posso respirar mais fácil agora.

Quando os créditos rolam, levanto-me para lavar o rosto, esperando que, no mínimo, essa mistura estranha não tenha me levado a uma erupção raivosa. Tenho trabalho de manhã e prefiro não ser motivo de chacota do hospital.

Josie vem atrás de mim e ocupa a metade da pia.

—É assim mesmo? Os médicos estão uns sobre os outros na sala de plantão?

—Eu já disse a você, isso nunca acontece.

Eu encontro seu olhar no espelho e passo a toalha depois que eu seco meu rosto. Tudo normal. Isso é um bom sinal.

—Certo, talvez não as coisas realmente loucas, mas eu aposto que você pegou pessoas fazendo no armário de suprimentos uma ou duas vezes.

—Nunca.

—Que tal fazer sexo no vestiário?

—Não.

—Olhares roubados na sala de cirurgia? — Ela pergunta, seu tom crescente desesperado.

—Josie, *Grey's Anatomy* é um programa de televisão, um roteiro de drama, fingir amor. Não leia muito sobre isso.

Ela suspira profundamente aborrecida. —E os cirurgiões? — Ela deixa cair a toalha e se vira para mim. Suas mãos seguram meus braços e não posso me libertar. Ela é surpreendentemente forte para alguém tão magra. —Algum deles é metade tão bonito quanto o Dr. McDreamy?

—A maioria deles são homens velhos, cabelos grisalhos, bigodes, barrigas como o Papai Noel. Você viu meu chefe.

Eu tiro suas mãos de cima de mim e então vou para a cozinha. Estamos com pouco de praticamente tudo, mas eu não recebo até terça-feira. Sanduíches de atum é o que temos... *novamente*.

—Ugh, sério? Ninguém é remotamente bonito?!

Estou distraída porque agora estou brigando com o abridor de latas, então não penso antes de responder. —Há um...

Ela salta pela cozinha, arranca a lata de atum da minha mão e olha para mim com olhos arregalados e expectantes. —Quem?

—Eu não sei o nome dele.

Mentira.

—Como ele é?

—Alto. Cabelo castanho. — Eu dou de ombros.

Devastadoramente bonito é a frase chave que estou deixando de fora. *Arrogante* e *idiota* são outras duas palavras que eu prefiro não dizer.

Eu estou sendo evasiva de propósito porque minha irmã é um pouco precoce e muito assustadora. Dentro de três segundos, ela pega meu computador e abre no sofá e está percorrendo como águia o site do hospital. Eu sei que é organizado em ordem alfabética, e é por isso que ela grita do outro quarto, —Qual é o sobrenome dele?

Eu tusso para encobrir outra mentira. —Não me lembro.

—Que departamento?

Ponho dois pedaços de pão na torradeira e pego a maionese, imaginando quanto tempo vai demorar para encontrá-lo sem minha ajuda.

—*BAILEY*, que departamento?!

Eu continuo ignorando-a. Seus dedos estão realmente voando pelo teclado. As teclas provavelmente estão saindo no meu laptop.

O brinde aparece assim que eu ouço sua respiração audível.

—Eu encontrei!

Me dá um frio no estômago.

—Dr. Matthew C. Russell! Ela começa a percorrer sua biografia rapidamente. —Faculdade de medicina na UT Southwestern. Residência na UCLA. Especialização em Coluna Vertebral complexa e outra em Escoliose pediátrica, blá blá blá. Quem se importa?! Eu não sei o que metade dessas palavras significam. Há mais fotos dele além dessa do rosto? Talvez as de umas férias na praia?

—Eu não sei. Esse nome não me é familiar. Dr. Russell, você disse? Isso pode ser ele. Quem se importa. — Estou utilizando minhas melhores habilidades de atuação para tirá-la do rastro. Então, eu tento um segundo método: distração. —Seu sanduíche está pronto!

Ela arrasta o laptop para a cozinha e senta à mesa na minha frente, um pequeno sorriso no nos lábios. Eu como sozinha, mastigando em silêncio. Enquanto isso, o sanduíche de Josie fica intocado. Seus olhos se estreitam na tela enquanto ela rola e digita.

Ela é uma detetive particular desesperada por uma nova pista. Eu meio que espero que ela tire uma lupa e coloque um bigode.

—Ele não tem nenhuma conta de mídia social, o que é extremamente irritante. Eu verifiquei a página de ex-alunos da UT Southwestern, mas eles não postaram fotos.

—Por que isso importa? Coma sua comida.

Ela me observa com um olhar irritado, mantendo contato visual enquanto dá uma mordida grande em seu sanduíche e então ela volta para a missão com as bochechas inchadas como um esquilo.

Eu sei por que minha irmã se apegou ao Dr. Russell assim. Nos seis anos desde que eu peguei a tutela dela, eu não estive em muitos encontros. Eu não tenho interesse em caras em geral. O romance ocupou o banco de trás da minha vida, não, pior: o romance se tornou aquelas latas de alumínio amarradas em cordas atrás do meu carro. Meus lábios não sentem contato humano há tanto tempo que não consigo lembrar como o beijo funciona. Você apenas enfia a sua língua e vai em frente? Espero que seja como andar de bicicleta ou eu estou ferrada.

Josie está preocupada comigo já faz um tempo.

Na semana passada ela me disse que se sentiu mal por eu ter desistido tanto da minha vida por ela. Claro, eu protestei.

—Eu não tenho ideia do que você está falando. Eu amo ter você aqui. Você sabe disso.

—Você sacrificou muito por mim.

—Oh, vamos lá. Não, eu não sacrifiquei.

—Você não tem nenhum amigo.

—Eu tenho a Sra. Murphy ao lado.

—Ela é uma velha porca que usa cristais em volta do pescoço.

—Eu não aprecio você chamando minha melhor amiga de uma velha porca.

Ela não faz uma pausa para rir. —Você teve que sair da faculdade por minha causa.

—Grande negócio. Eu amo o trabalho que tenho agora.

—E você nunca sai.

—Não é verdade.

—A última vez que você foi a um encontro, eu ainda era uma pré-adolescente.

—Certamente isso não pode ser...

Eu não terminei meu pensamento porque ela não estava brincando. Realmente estou assim há muito tempo.

A verdade é que *tive* que sacrificar um monte de coisas para cuidar de Josie. Para todos os efeitos, eu vivo a vida de uma mãe solteira. Meus dias são consumidos com tarefas como lavar roupa, cozinhar e limpar. Eu tenho que ter certeza que Josie esteja com as notas boas e me certificar que ela esteja na escola na hora certa, enquanto está crescendo tão rápido que ela tem que andar pelos corredores da escola com jeans —*pula brejo*—[1]. Eu não saio para

[1] Calças que ficam acima do tornozelo, ficam curtas.

bares nas noites de sexta-feira. Eu não me dou a ao luxo de conhecer pessoas. Eu trabalho e economizo cada centavo que ganho, para um dia poder dar entrada de uma casa e sair da choupana em que nos espremos nos últimos anos.

Ainda assim, à ausência de relações românticas, não é uma coisa ruim. Na verdade, é muito bom.

Josie simplesmente não vê dessa maneira.

Ela vira o computador, então eu sou forçada a ver a imagem do Dr. Russell que ela aumentou em proporções épicas. Recuso-me a ceder às exigências dela para reconhecer sua gostosura. Em vez disso, vou com os olhos vesgos e ponho a língua para fora na esperança de fazê-la rir.

Seu suspiro me diz que acha que estou profundamente sem esperança. —Se você tivesse um pouco de coragem, iria até este médico e o convidaria para um encontro amanhã de manhã.

Ha ha ha. Eu ri dessa ideia durante todo o resto do jantar, e enquanto eu lavava a louça, e depois arrastando uma sacola de lona cheia de nossas roupas sujas para a lavanderia no final da rua, e enquanto eu me sentava na frente daquelas antigas máquinas vendo-as rodopiar.

Josie não faz ideia do que está falando.

O Dr. Russell não sabe que eu existo. Nós nunca conversamos. Ele é o cirurgião mais novo e mais talentoso do hospital e tem a reputação de ser o médico mais agressivo e grosseiro de toda a terra.

Eu estaria melhor tentando encontrar o Dr. McDreamy do que tentar namorá-lo.

CAPÍTULO 2

MATT

—Eu gostaria de pedir o meu aviso prévio em duas semanas.

Eu olho por cima da montanha de papéis na minha mesa para ver Kirt, meu novo assistente cirúrgico, de pé na porta do meu escritório. Ele está torcendo as mãos. Uma gota de suor escorre pela testa dele.

—Por quê?

Seu olhar se dirige para mim e seus olhos se arregalam de medo. —*Por quê*?

Ele não achou que teria que se explicar. Ele está prestes a perder suas entranhas no meu tapete.

Eu jogo minha caneta na mesa e me inclino de volta na cadeira. Esta é a última coisa que eu esperava que ele dissesse. Eu pensei que nós tínhamos uma boa relação. Eu só o fiz chorar duas vezes.

—Eu sei que você é um ótimo cirurgião. — Minha expressão deve ter mudado porque ele alterou sua declaração. —O *melhor* cirurgião! Verdadeiramente! É por isso que aceitei esse trabalho. Eu imaginei que se eu te acompanhasse por alguns meses, você me daria uma boa carta de recomendação para o meu próximo trabalho. Honestamente, esse trabalho parece uma cena de o *Diabo Veste Prada*...

—Uma o quê?

Suas bochechas ficam vermelhas. —*O Diabo veste Prada*... o filme? — Meu rosto não mudou. —Desculpe, minha namorada me fez assistir no outro dia e isso realmente me ajudou a colocar algumas coisas em perspectiva. — Suas mãos começam a acenar enquanto ele explicava o enredo. —Há um chefe terrível que basicamente aterroriza todo o escritório. A personagem principal pensa que se ela for durona com sua assistente por tempo suficiente, ela poderá trabalhar em qualquer lugar que quiser.

Ele é burro demais para perceber que acabou de dizer que sou um —chefe terrível— que —aterroriza— as pessoas. Se ele já não estivesse desistindo, eu o demitiria.

—Vá direto ao ponto.

—Oh, bem, sim. O ponto é... eu não posso fazer isso. O estresse deste trabalho é mais do que posso suportar. Eu tenho uma úlcera no estômago. Eu comecei a desenvolver síndrome do intestino irritável. — Agora estou mais preocupado do que nunca que ele vá sujar meu tapete. —Não estou dormindo. Minha namorada me deu um ultimato: ou eu saio do New England Medical Center ou ela me deixa. Eu pensei que seria capaz de fazer isso até o ano novo, mas ainda faltam alguns meses para isso. Então... — Ele faz uma pausa e olha para o chão. —Eu estou pedindo meu aviso para daqui duas semanas.

Minha secretária aparece atrás dele, segurando um arquivo, o que significa que meu próximo paciente está aqui: uma menina de sete anos chamada Fiona. Em poucos minutos, vou me juntar a ela e seus pais na sala de reunião para uma consulta sobre um

procedimento complexo que aliviará a dor e o sofrimento que ela tem por nascer com uma curvatura grave de sua coluna.

Eu não tenho tempo para Kirt e sua úlcera estomacal.

Eu aguardo receber o arquivo.

—Eles já estão na sala de reunião—, diz ela com um tom sem sentido.

—Obrigado, Patrícia.

Ela endireita os óculos na ponta do nariz e lança um olhar furioso para a parte de trás da cabeça de Kirt, o que me diz que ela provavelmente ouviu parte do discurso dele e não gostou. Ao contrário dele, ela é leal. Ela está trabalhando para mim desde que comecei aqui.

Kirt fica parado lá enquanto vou para a sala de conferências. —Dr. Russell. *Dr. Russell*! Você ainda vai me dar uma boa carta, certo? — ele grita pelo corredor. —Eu fui um bom assistente cirúrgico, não fui?

Eu não lhe respondo porque já estou folheando o arquivo de Fiona, olhando os raios-x e tomografias que venho estudando nos últimos dias. Ela foi rejeitada por quatro médicos. A curvatura nas costas é grave o suficiente para que o procedimento seja difícil até mesmo para os melhores cirurgiões pediátricos de coluna vertebral no mundo. Felizmente para ela e seus pais, sou um deles.

Eu abri a porta e vi os pais de Fiona sentados em uma mesa com expressões de medo e apreensão. Sua mãe com olheiras sob os olhos. A mão de seu pai sobre a de sua mulher em cima da mesa e

ele aperta duas vezes em um ato de segurança enquanto eu entrava. Fiona estava sentada ao lado de sua mãe, na grande cadeira de couro, fazendo uma pequena boneca dançar em seu colo. No início, ela se inclinou desajeitadamente contra um dos braços da poltrona, mas quando ela me viu, ela tentou, mas não conseguiu se endireitar. Uma profunda carranca se formou em seu rosto de bochechas rechonchudas. Vendo essa pequena luta garante que eu continue com esse procedimento, mesmo que isso me mate. Ela merece ter alguém lutando por ela, e se Kirt for muito maricas para fazer isso comigo, eu vou encontrar alguém que faça.

Eu já estou no New England Medical Center há cinco anos. Quando comecei, tinha acabado de sair de não uma, mas de duas especializações: uma em coluna vertebral complexa e outra em escoliose pediátrica. Mesmo depois de toda essa capacitação, tinha muito que aprender. Alguns diriam que eu ainda estou aprendendo. A maioria dos meus colegas acha que sou ingênuo em aceitar os tipos de casos que pego. Existem quatro outros médicos de coluna em nosso departamento, e eu sou o único especialista em pediatria. O resto deles, os que estão sentados na mesa dos médicos quando eu entro para almoçar, fazem fusões de coluna rotineiras, o tipo de casos que levam duas horas, do tipo que permite que você trabalhe só quatro dias na semana e tenha tempo sobrando para jogar golfe.

Eles acenam e eu interiormente gemo. Eu sei o que vão falar, e eu não tenho energia para lidar com suas besteiras hoje.

—Ouvi que você perdeu outro assistente, Matt—, diz Dr. Goddard. Aos trinta e poucos anos, ele é o mais próximo da minha idade, mas é aí que nossas semelhanças param. Ele é cirurgião pelo

dinheiro e pela reputação. Ele usa camisas polos com monogramas. Ele dirige um Porsche vermelho cereja. Sua esposa parece uma boneca inflável.

—Como foi o seu caso de fusão esta manhã, Jeff? Quebrou as unhas?

Seus olhos se estreitam em minha direção.

—Calma, meninos. — Dr. Lopez ri e depois se inclina para mim. —Ouvi dizer que você var pegar o caso daquela menina de sete anos. Eu dei uma olhada em seus raios-x e eles não são bonitos.

Eu dou de ombros. Na minha mão, eu tenho uma pilha de arquivos contendo detalhes cirúrgicos de casos que eu executei com sucesso no passado e que são semelhantes aos de Fiona. Se o Dr. Lopez não estivesse sentado com o Dr. Goddard e o resto deles, eu pediria sua opinião.

—Como você vai fazer o caso sem um assistente cirúrgico? — Dr. Goddard pergunta, me provocando novamente.

Eu quero perguntar a ele como ele consegue se olhar no espelho todas as manhãs sem socar o vidro. Todos nós temos nossas perguntas não respondidas.

—Você sabe que eles têm uma foto do Dr. Russell na sala dos funcionários? — Ele continua voltando-se para o grupo com um sorriso de merda no rosto. —Eles adicionaram chifres de diabo e um rabo vermelho. Estou pensando em pedir a um deles que me entregue para que eu possa enquadrá-lo.

Eu ofereço um sorriso irônico. —Como sempre, senhores, foi um prazer.

Eu não me incomodo com o salão dos médicos, mas a comida gourmet é geralmente muito boa e me poupa de ter que me preocupar com o almoço. Eu pego um prato com salmão grelhado, legumes salteados e um prato de batata com queijo que me da água na boca, e então eu encontro uma mesa quieta no canto.

O sala de estar dos médicos funciona como uma cafeteria do ensino médio. O NEMC é um hospital privado que contém cinquenta e quatro cirurgiões que cobrem quinze especialidades. Cada especialidade tem suas próprias peculiaridades.

Veja como diferenciá-los:

Os fãs de esportes bebedores de cerveja? Esses são os cirurgiões ortopédicos gerais. Eles fazem sua especialidade em medicina esportiva e nunca encontraram um suplemento de proteína que não gostassem.

Os masoquistas, os homens e mulheres que gostam de ser acordados a qualquer hora para poderem correr e salvar o dia? Esses são os cirurgiões de transplante.

Se eles gostam de dar em cima das enfermeiras e dizer a todos que ganham mais dinheiro, é uma boa chance de serem cirurgiões cardiovascular.

Os pilotos de Ferrari que querem ser populares entre as celebridades locais, usam ternos brilhantes e fazem o que todos nós chamamos de —cirurgia falsa—, cirurgiões plásticos.

Você me entende. Todos nós temos nossas idiossincrasias, até eu. Eu sou uma parte masoquista, uma parte perfeccionista. Eu tenho um pequeno complexo de herói e um ego que pode preencher todo esse espaço, mas é necessário. Quem quer colocar a coluna de seu filho nas mãos de um idiota que cede sob pressão?

—Se importa se eu der uma olhada? — Dr. Lopez pergunta.

Eu olho para cima do meu prato para vê-lo apontando para os arquivos dispostos na minha frente.

Eu concordo. —Vá em frente. — Então eu penso melhor e alcanço o terceiro de um caso particularmente difícil que enfrentei no ano passado. —Comece com isso.

Ele puxa uma cadeira em frente à minha e se senta. —Você intimida o Dr. Goddard. É por isso que ele age assim. — Eu não respondo. Eu não me inscrevi para uma sessão de terapia. —Eu provavelmente não deveria estar te contando, mas ele fez entrevista para a mesma função que você e os diretores do programa não o escolheram.

Eu faço um barulho meio interessado e empurro outro pedaço de salmão na minha boca. Ele não conseguirá me convencer de que o Dr. Goddard merece minha compaixão.

O Dr. Lopez dá uma risadinha. —Tudo bem, posso ver que vocês dois nunca chegarão a um entendimento, então vamos nos concentrar em um problema diferente. Quantos assistentes cirúrgicos você encontrou no ano passado? Dois? *Três*?

Cinco, mas não o corrijo.

—Eu estou com a mesma assistente por anos e ela é ótima. Ela antecipa o que eu preciso na sala de cirurgia, ela é pontual e rápida como um raio. Ela me faz um cirurgião melhor. Você me entende—?

Eu o encaro com um olhar entediado. Ele está perigosamente perto de ser convidado a sair da minha mesa. Ele pode ser um dos cirurgiões seniores neste hospital, mas ele não é meu chefe.

Ele segue em frente, indiferente aos punhais que estou mirando nele. —Você está perdendo seu tempo treinando novos assistentes várias vezes por ano. Suas cirurgias são difíceis o suficiente sem ter alguém —*cru*— ao seu lado. Pense em quanto mais você poderia fazer com uma equipe de sua confiança.

Fico chateado ao perceber que ele tem razão, mas não é novidade. Eu mesmo cheguei a essa conclusão. O problema é que eu ainda não encontrei um assistente que pudesse durar mais do que algumas semanas.

CAPÍTULO 3

BAILEY

Josie não acredita em mim quando eu digo isso, mas eu realmente amo meu trabalho como assistente cirúrgica. Parece o caminho que eu teria escolhido, mesmo que a vida não tivesse forçado minha situação. Claro, algumas vezes são entediantes, tirando instrumentos, preparando áreas estéreis, limpando o centro cirúrgico, mas o restante é incrível.

Este trabalho não é para os fracos de coração. Sou o braço direito do Dr. Lopez durante suas cirurgias. Eu vi mais sangue e coragem do que um médico em um campo de batalha da Guerra Civil. Eu vi pacientes em parada cardiorrespiratória, cirurgiões falharem, representantes desmaiarem e instrumentos desaparecerem.

O caso que temos esta manhã começa como de costume, com o Dr. Lopez e eu brigando sobre qual lista de reprodução devemos transmitir nos alto-falantes.

—Você vai escolher velhas novamente? — Eu gemo. —Você não vê que você está se tornando um clichê?

Ele sorri. —Eu opero melhor quando estou ouvindo The Eagles.

—Uh huh, então foi minha imaginação quando eu vi você balançando seus quadris para o Maroon 5 na semana passada?

O anestesiologista pigarreia como uma forma gentil de forçar o Dr. Lopez começar o procedimento.

—Bem. Por que não deixamos o representante da prótese decidir?

Todos os olhos se voltam para um jovem em pé no canto da sala de cirurgia. Seus olhos se arregalam de medo. Ele se agita, muito nervoso. Ele não quer essa responsabilidade. Ele está aqui porque é um vendedor valorizado. Ele quer que o Dr. Lopez continue usando os implantes de coluna loucamente caros da sua empresa, e pelo olhar de puro terror em seu rosto, ele supõe que uma escolha errada de música o fará sair da sala de cirurgia.

—Uhh, eu também gosto de The Eagles—, diz ele, com a voz vacilante.

Dr. Lopez me lança uma piscada conspiratória. Ele realmente não deveria mexer com os representantes assim, mas eu sei que é muito difícil para ele resistir.

É verdadeiramente sua única falha.

Ele é uma joia rara, e eu percebo o quão bom é esse trabalho. Cirurgiões são notoriamente difíceis de se trabalhar. Eles tendem a ter egos, atitudes ou complexos divinos, às vezes, todos os três. Arrepiei. O Dr. Lopez não é assim. Seu humor padrão é jovial. Sua touca é adornada com cães sorridentes de desenho animado. Ele se interessa por sua equipe. Ele também é velho o suficiente para ser meu avô, algo que ele rotineiramente me diz quando eu dou a ele um Pouco de trabalho.

—Eu preciso do difusor de oito milímetros—, ele diz para mim mais tarde, durante a cirurgia.

Eu sacudo minha cabeça. —Você sempre me faz começar com os oito em casos como este, mas depois você acaba usando o seis, então eu estou entregando o seis. Me fale se você ainda quiser o oito.

Eu presto atenção na respiração audível do representante do dispositivo. Sem dúvida ele está esperando que o Dr. Lopez exploda comigo por ter a ousadia de questioná-lo. Qualquer outro cirurgião reagiria assim, mas o Dr. Lopez assente e pega o instrumento.

Eu fiquei com um grande sorriso insolente escondido sob a minha máscara.

Eu sou boa no meu trabalho.

Eu amo meu trabalho.

Eu amo meu chefe.

—Oh, — Dr. Lopez continua sem rodeios, —você se importaria em vir falar comigo no meu escritório esta tarde? Depois do almoço?

Eu tenho um bom pressentimento sobre minha reunião com o Dr. Lopez. Depois que eu termino de comer meu sanduíche, eu limpo meu rosto com um lenço umedecido, passo enxaguante bucal, em seguida, aponto meus dedos diretamente no meu reflexo com uma piscadela.

—É isso—, eu digo em voz alta, olhos brilhando com possibilidades. —Dr. Lopez vai te dar o aumento que você estava

esperando. Ele vai fazer chover notas de cem dólares, e Josie não vai ter que comer um sanduíche de atum hoje à noite. Não. Isso exige algo chique. BIFE. Ok, nós não somos *tão* ricas. Talvez um pouco de frango que está na promoção porque está um dia da validade.

—Senhora, você já acabou?

Oh, certo. Eu me movo de lado e deixo a zeladora passar por mim. Eu quero perguntar há quanto tempo ela está lá, mas depois ela me diz que o supermercado da rua está vendendo carne. Eu deveria me sentir envergonhada, mas quem se importa? O AUMENTO está no meu futuro iminente.

Quando chego do lado de fora da porta do Dr. Lopez, bato com os nós dos meus dedos no carvalho espesso numa cadência alegre e depois espero a permissão dele para entrar.

—Entre, Bailey!

—Como foi o seu almoço? — Eu pergunto enquanto entro, preparada para me envolver em um pouco de conversa fiada no caso dele querer dar uma quantidade um pouco maior no meu aumento. Inferno, eu vou sentar aqui e ouvi-lo descrever meticulosamente seu ultimo jogo de golfe, se isso significa que eu não tenho que abrir outra lata de atum nesta vida.

—O almoço foi bom. — Ele sorri para mim por trás de sua mesa e me diz para me sentar.

Eu estou tão empolgada que tenho que sentar sobre minhas mãos. Cifrões flutuam no espaço entre o topo de sua cabeça e o fundo de seus diplomas extravagantes. Ele começa a falar e mal

posso prestar atenção quando começo a acumular compras futuras na minha cabeça.

Eu vou comprar um novo par de tênis. Josie finalmente vai conseguir um novo casaco de inverno. Talvez, *talvez* eu possa comprar uma máquina de lavar e secar roupa para que eu possa parar de levar nossas roupas para a lavanderia.

—Espero que isso não seja uma grande surpresa—, diz Lopez, tirando-me de um sonho vívido no qual eu estava beijando a frente de uma máquina de lavar recém-entregue.

—O quê? Desculpe, perdi a última parte.

Ele ri e balança a cabeça. —Eu acho que você não ouviu nada do que eu disse, não é? Bailey, estou me aposentando.

Se aposentar.

Eu absorvo lentamente a palavra em minha cabeça. SE APOSENTAR.

A palavra gira ao meu redor como o turbilhão da banheira de hidromassagem Whirlpool[2], o que faz sentido, porque essa era a marca de lavadora e secadora que eu estava considerando.

—Aposentar-se? De que? Golfe? — Eu pareço esperançosa. É uma possibilidade. Ele as vezes reclama da região lombar depois de jogar muitas partidas.

—Não. Não. — Ele se levanta e caminha até a janela para poder olhar para a metrópole que se estende abaixo. Eu juro que ouço seus

[2] Whirlpool: Maior fabricante de eletrodoméstico dos EUA.

ossos rangerem enquanto ele anda. Ele sempre foi velho, mas desde quando ele é *velho*? —Eu já deveria ter me aposentado há alguns anos, eu adiei, mas Laurie já está desgastada. Ela quer passar mais tempo com nossos netos e viajar enquanto ainda podemos. Qual é a utilidade de guardar toda essa economia se não formos usá-la? — Ele brinca, recitando o argumento que ele provavelmente já ouviu eu repetir nos últimos anos.

—Você não pode atrasar um pouco mais? — Eu pergunto, implorando. —Você só está operando há trinta anos?

—Será quarenta no mês que vem.

QUARENTA?! Jesus. Peguem para o homem uma bengala já.

Estou sacudindo a cabeça e minhas mãos não estão mais sob o meu traseiro, elas estão puxando a gola do meu uniforme, tentando dar um jeito nas minhas vias aéreas.

Isso não pode acontecer. Eu só preciso que ele fique o tempo suficiente para eu transformar meu ninho em uma casa. Preciso desse pagamento para uma casa, droga e se não for isso, pelo menos o suficiente para que Josie e eu nos mudemos para um casebre um pouco maior e mais bonito, um com uma máquina de lavar louça confiável e um chuveiro que não jorra água cor de cocô na minha cabeça depois de uma chuva forte.

Ele suspira e se vira para mim. —Eu sabia que você reagiria assim. Somos uma boa equipe, Bailey, e tenha certeza, não vou deixar você sem opções.

Eu me animei, meu ataque de pânico momentaneamente diminuindo. —Opções?

Talvez ele me faça um cheque. Talvez ele se sinta mal por me abandonar assim. Talvez ele sempre tenha pensado em mim como a filha que ele nunca teve (ele tem três filhas muito amáveis) e ele vai me nomear como uma beneficiária em seu testamento. É quando eu me lembro de que ele está se aposentando, não *morrendo*. Jesus.

Ele concorda. —Sim. Opções. Existem outros quatro cirurgiões de coluna neste hospital.

—Sim... — Eu confirmo devagar, meu cérebro ainda tendo dificuldade em recuperar o atraso.

—Então tudo o que precisamos é fazer você trabalhar para um deles. Eu dei uma palavrinha com o escritório. Eles estão loucos para ficar com você.

Imagens de cada um dos outros quatro médicos aparecem como pequenas bolhas de pensamento. Há o Dr. Goddard, que está perpetuamente vermelho e inchado. Ele só contrata mulheres jovens e bonitas. Todas as suas enfermeiras parecem que competiram no concurso Miss EUA. Eu estouro sua bolha.

Dr. Richards está bem, um pouco aborrecido e chato, mas eu não teria que me preocupar com ele me paquerando. Ele é o mais próximo do Dr. Lopez e tem uma boa reputação no hospital. Ele é uma possibilidade bem bacana.

O Dr. Smoot (sim, esse é o nome verdadeiro dele) é outra boa escolha, embora eu nunca o tenha ouvido falar. Ele é extremamente magro, esquelético até, e aparentemente só ouve música clássica enquanto ele opera. Ele também só assume casos geriátricos. Fale sobre diversão. Velhos caquéticos esticados na mesa de operações

enquanto Beethoven toca alto no ambiente. Ainda assim, não posso ser exigente, porque o último cirurgião, Dr. Russell, não é uma opção.

Conheço seu assistente cirúrgico atual, Kirt, e conhecia o último que ele também teve. Ah, e o anterior e o anterior. Eu comi com cada um deles no salão dos funcionários. Tornei-me amiga deles, escutei seus problemas, balancei a cabeça e franzi a testa ao descrever os horrores de trabalhar para um cirurgião como o Dr. Russell. Eu os assisti chorar, homens e mulheres crescidos chorando como se suas vidas estivessem terminando por causa de algo que ele lhes disse durante a cirurgia.

Eu não farei isso. Eu nunca trabalharei para ele.

—Vamos começar com o Dr. Richards e partir daí—, digo com relutância. Ele acena e se afasta da janela, e eu finalmente tenho coragem para fazer a pergunta que tenho evitado. —Quanto tempo até você sair?

—Algumas semanas.

—*Semanas*?!

Eu estava preparada para ele dizer meses. Ele trabalhou aqui por quarenta anos e vai tentar se desfazer em poucas semanas?

—E os seus casos? — Eu pergunto incrédula.

—Você não percebeu que eu parei de pegar novos pacientes? Eu só tenho um punhado de cirurgias.

Não, eu ando bem ocupada desmoronando sob o peso da vida.

—Laurie me quer fora, no Halloween o mais tardar. Ela quer viajar um pouco e ir ver os netos durante o feriado.

Que maravilha. O Dr. Lopez vai esculpir abóboras e decorar casas de gengibre, e eu ficarei aqui sozinha, sem uma nova máquina de lavar e secar roupa.

—E se nenhum deles me quiser em seu time? — Eu pergunto, envergonhada que meu lábio inferior estar tremendo um pouco.

Ele balança a cabeça e dá a volta na mesa. —Não é possível. Vamos lá. Dr. Richards deve estar em seu consultório. Não vamos perder tempo.

Dr. Richards tem uma grande mancha de café na lapela do jaleco branco. Seu consultório é decorado com móveis dos anos 70. Apropriado, porque acho que essa foi a última vez que ele teve cabelos na cabeça.

Nós defendemos meu caso e ele faz uma careta.

—Oh, gostaria de poder ajudar, mas já tenho Marlene e Chris. Eles estão comigo há quase um ano e, Dr. Lopez, você sabe mais do que ninguém que não posso ignorar esse tipo de lealdade.

É o que diz o Dr. Richards.

Um grande e gordo não.

Então, tentamos o Dr. Smoot. Ele está tocando música clássica em seu consultório enquanto ele termina a papelada. Sua pele é tão

pálida e seu consultório é tão escuro... não estou totalmente convencida de que ele não é um vampiro.

Depois que expomos a situação para ele, ele desliza os óculos, dobra-os cuidadosamente em suas mãos e, em seguida, olha para nós com um sorriso de lábios finos. —Infelizmente, eu não estou precisando de um assistente cirúrgico agora. Você já tentou o Dr. Richards?

Sim, nós tentamos o Dr. Richards, seu homem pálido!

Eu quero sair de seu escritório, mas em vez disso eu agradeço pelo seu tempo e digo a ele que estou disponível se ele estiver procurando por uma assistente. Ele sorri e eu juro por Deus que o homem tem caninos super desenvolvidos. Um arrepio percorre minha espinha e eu estou realmente feliz por ele não precisar de mim, porque não tenho certeza se me sentiria confortável trabalhando para os mortos-vivos.

—Tudo bem então—, eu digo, zombando da minha cara quando eu me viro para o Dr. Lopez no corredor. Meu sorriso está tão tenso que eu sei que não estou fazendo certo. Meus dentes estão aparecendo, mas meus lábios não estão inclinados para cima. —Último, certo? Devemos tentar o Dr. Goddard?

No começo, ele nem era uma opção, mas as escolhas estão ficando escassas, e é ele ou...

Eu me recuso a terminar esse pensamento.

O consultório do Dr. Goddard está cheio de uma mesa de centro cromada e poltronas de couro chique. Há uma grande foto emoldurada dele e do resto de sua ninhada loira platinada sorrindo

em uma praia, vestidos de branco. Parecia saudável se não fosse a igualmente grande a foto emoldurada de um Porsche vermelho pendurado ao lado.

Dr. Goddard me dá uma olhada casual quando entramos, e ao perceber que eu sou A) mulher e B) abaixo dos 75 anos, seus olhos se iluminam.

—Dr. Lopez, o que posso fazer por você?

Nada. Ele não pode fazer nada.

—Ah cara, gostaria de poder ajudar—, ele geme. —Mas estou com a minha equipe completa no momento.

Nem mesmo meus peitos (aqueles que ele fica olhando) podem convencê-lo a me dar uma posição. O fato é que nenhum dos outros cirurgiões está contratando. Eles têm funcionários de que gostam e uma boa equipe formada. Entendi. Uma equipe boa e treinada faz cirurgias perfeitas e bem-sucedidas.

Eu fazia parte de uma equipe como esta de manhã. Agora? Eu estou do lado de fora olhando, só uma assistente cirúrgica humilde sem um cirurgião.

—Ainda há uma última opção, Bailey—, diz o Dr. Lopez depois que saímos do consultório do Dr. Goddard.

Seu tom trai sua falta de esperança.

Eu levanto minha mão.

—Hoje não. Não vamos discutir isso. OK? Deixe-me pensar no fato de que você vai se aposentar e eu provavelmente estarei desempregada, e amanhã, nós poderemos continuar com as ideias.

—Eu sinto muito.

Suas palavras me apunhalam no estômago. Pobre Dr. Lopez. Não é culpa dele que isso esteja acontecendo. O que ele deveria fazer, trabalhar até ir para o túmulo somente para que eu possa ter um emprego estável? (Sim.) Não. Eu não quero isso para ele.

Eu sacudo minha cabeça. —Não se preocupe com isso. Amanhã as coisas ficarão melhores. Eu sei disso. — Eu começo a me afastar. —E, obrigado por tentar. Valeu a pena tentar, certo?

Eu dou a notícia de que estaremos vivendo nas ruas para Josie durante o jantar. Estamos comendo sanduíches de manteiga de amendoim e geleia e cenouras, um jantar lamentável pelos padrões de qualquer um. Não é que eu não tenha um bom dinheiro como assistente cirúrgico, não é muito dinheiro. Duas vezes por mês, meu cheque cai na minha conta bancária, e assim que o dinheiro entra, ele sai direto graças a pagamentos com cartão de crédito e contas de aluguel, seguro saúde, telefone celular e mantimentos, e... e não é fácil, mas estamos tentando. Me arrependo de usar cartões de crédito para nos fazer passar pelos anos difíceis quando eu estava me qualificando, mas não tinha outra opção. Josie está comigo porque nossos pais faleceram em um acidente de carro.

Sua morte foi súbita e não planejada. Não há apólices de seguro de vida. Sem testamentos. Eu terminei de pagar os custos do funeral

dois anos depois de enterrá-los. Nota lateral: casas funerárias não apreciam você sugerindo que vai fazer os caixões sozinha. (Essas coisas são caras!)

A realidade de que eles *se* foram, não para o trabalho ou para fora da cidade, ainda afunda em mim como uma adaga afiada, sempre que penso nisso, mas adivinha quem não tem o luxo de sofrer? *Levanto a mão.*

Sou só eu e a Josie. Tudo o que importa agora é que temos uma a outra e eu não vou decepcioná-la.

—Eu vou encontrar outra posição—, eu prometo. —Eu estava totalmente brincando sobre viver nas ruas.

Ela encolhe os ombros. —Eu acho que seria divertido ser sem-teto. Eu sempre quis viver debaixo de uma ponte como um troll.

—Hilário.

—Quero dizer. — Seus olhos castanhos estão arregalados de espanto. —Pense em como vai ser legal na escola quando eu disser a todos que eu sou uma vagabunda! — Então ela inclina a cabeça para o lado e franze a testa como se percebesse alguma coisa. —É realmente ruim que você tenha vendido seu carro há algum tempo. Era uma lata velha, mas poderíamos viver nele se as coisas ficassem difíceis.

Eu coloco meu sanduíche e me inclino para frente para garantir que ela esteja realmente ouvindo.

—Josie, nós não vamos ser expulsas daqui. Isso foi uma piada de mau gosto. Eu vou encontrar outro médico para trabalhar. Agora coma seu jantar ou não tem *Grey's Anatomy* hoje à noite.

Ela enche sua boca com o resto de seu sanduíche em uma só mordida. Então ela engole o leite e enfia a língua para fora como um paciente mental provando que eles engoliram o remédio.

—Estou desculpada agora?

Ela não espera que eu responda, apenas recua e me deixa lá para terminar minha refeição sozinha. Eu dou uma mordida no pão velho e me convenço de que estou comendo em um restaurante com estrela Michelin. Isso não é água, é champanhe, e aquela linha de formigas seguindo o rodapé ali em perfeita formação? Isso que é chamado de jantar com música ao vivo.

Minha realidade me traz de volta enquanto eu termino de comer. Eu honestamente não tenho ideia do que fazer. Se nenhum dos cirurgiões de coluna me quiser, eu poderia trocar de especialidades, mas a reciclagem levaria meses, senão anos, e eu gosto da coluna vertebral. Eu poderia mudar para outro hospital ou para outra cidade, mas não quero ter que tirar Josie da escola e de seus amigos, a menos que seja absolutamente necessário.

Eu poderia potencialmente voltar e rastejar aos pés do Dr. Goddard, do Dr. Richards ou do Dr. Smoot, mas, sinceramente, sei que eles não vão mudar de ideia. Se eles me rejeitaram com o Dr. Lopez junto, eles realmente não precisam de mim.

Eu lavo a louça, limpo o balcão, guardo o pão e ponho a isca de formiga. Então, quando estou saindo da cozinha, apago a luz e lá, na

escuridão, finalmente me permito considerar minha última opção desesperada, na verdade, não é uma opção:

Trabalhar para o Dr. Russell.

O diabo encarnado.

Todo mundo na prática o chama assim, mas *fui eu* quem desenhou aquela foto hilária dele no salão. Kirt estava chorando e me senti mal por ele, porque ele tem 1,90m e constituição de um linebacker e eu sinceramente não tinha ideia que muitas lágrimas poderiam sair de um homem desse tamanho. Ele estava assoando o nariz em um lenço que eu havia dado e chorando tanto que não consegui entendê-lo, então acrescentei os chifres do diabo e o rabo vermelho a foto do Dr. Russell como uma distração. Todos riram e Kirt parou de chorar, mas eu imediatamente me arrependi.

Apenas o pensamento de que o Dr. Russell descobrir essa foto me dá um arrepio na espinha.

Não.

Não há como eu trabalhar para ele.

Talvez Josie esteja certa, morar nas ruas seria tão ruim assim?

CAPÍTULO 4

MATT

Eu fui acusado de ser colocado no meu cargo por algumas pessoas na minha vida, e elas estão certas. Eu confio na rotina. Eu como o mesmo café da manhã todas os dias, vitamina de proteína, quatro claras de ovos mexidas com pimenta recém-quebrada, salsicha de peru e duas xícaras de café (uma xícara quando acordo e uma quando chego ao trabalho). Depois do café da manhã eu malho. Essa rotina permanece a mesma todos os dias também. Cardio. Pesos, não tanto que eu fique parecendo uma fera bombada, mas o suficiente para ficar em cirurgia por nove horas e operar uma coluna sem suar. Trabalhar a parte superior do corpo é vital.

Acordo às 4:00 da manhã de segunda a sexta e estou no consultório às 5:30. Se houver um residente ou um colega da minha equipe, prefiro que eles me encontrem neste momento para que possamos revisar o cronograma do caso antes de começarmos a trabalhar. Durante as rondas, eu verifico se os pacientes do pós-operatórios estão se recuperando e faço as perguntas finais para meus pacientes pré-operatórios e seus responsáveis. Eu aprendi a preencher esse tempo. Os pais estão sempre nervosos e as crianças sempre apresentam as mais curiosas questões. Muitas vezes, é sobre a anestesia.

—Você quer dizer que não vou lembrar de nada? Vai ser como se estivesse dormindo? Eu vou sonhar—?

Hoje, estou no escritório às 5 da manhã, mais cedo do que o normal. Eu tenho um procedimento de rotina programado em poucas horas, mas eu queria passar algum tempo olhando o arquivo de Fiona. Os pais dela não têm certeza se querem passar pela cirurgia. Eles estão confusos porque tantos médicos a rejeitaram e ainda assim estou disposto a tentar. Eles não querem colocar sua filha em perigo, o que é compreensível, mas ainda assim, meu instinto me diz que eles vão voltar. O caso dela é grave e eles estarão completamente sem opções em breve. Quando essa hora chegar, quero estar pronto.

Infelizmente, quando chego à minha mesa, descubro que não terei os trinta minutos de tempo ininterrupto que eu estava desejando. Meu correio de voz anuncia treze mensagens não ouvidas, e há algumas dezenas de e-mails exigindo respostas. Dois médicos estão solicitando uma visita cirúrgica na próxima semana. Outro está pedindo minha ajuda em um caso na costa oeste. Não é incomum, pois são poucos os que se especializam em escoliose pediátrica complexa.

Antes de responder aos e-mails, a luz vermelha piscando do meu telefone do consultório exige minha atenção. Eu pressiono o play e ouço enquanto arrumo minha mesa. Três das mensagens são de Victoria, dizendo-me —não é nada urgente—, mas pedindo-me para ligar de volta o mais rápido possível. Eu me pergunto por que ela não ligou para o meu celular, e então lembro que esqueci de lhe dar meu novo número. Não foi intencional, mas agora eu me pergunto se não é melhor assim.

Não faço ideia do que ela gostaria de falar comigo, mas, como não é urgente, deixo de lado sua mensagem e faço uma anotação mental para retornar para ela quando tiver tempo.

—Toc Toc! — Dr. Lopez diz do corredor quando ele abre a porta e entra no meu consultório sem se importar com o mundo. —Você tem um segundo?

Eu não olho para cima. —Não.

Implacável, ele entra para se sentar à minha frente. Eu acho que ele está meio tentado a levantar seus pés e entrelaçar seus dedos atrás da cabeça, mas ele sabe que isso está indo longe demais.

—Eu gosto do que você fez com o lugar. É caseiro aqui.

Ele está olhando fixamente para os meus diplomas emoldurados empilhados na parede atrás da minha mesa, ainda esperando para ser pendurados. Ao lado deles, há uma montanha de edições do *European Spine Journal* e antigos livros didáticos. O modelo de espinha dorsal ocupa a maior parte do meu sofá. Evidentemente, é uma bagunça. É por isso que encontro meus pacientes na sala de conferências para as consultas.

—É como entrar no laboratório de um cientista louco—, ele observa com um sorriso provocante. —Eu não ficaria surpreso em encontrar os segredos do universo aqui.

Ele está me fazendo perder meu precioso tempo. —O que posso fazer por você, Dr. Lopez?

—Oh certo, ocupado. Nós médicos nunca temos tempo suficiente, não é? Bem, estou prestes a obter muito mais disso na

verdade. Você já ouviu dizer que estou me aposentando, não é? —Um boato circula há meses, mas eu nunca pensei que ele realmente passaria por isso tão cedo. Ele tem mais cinco anos de cirurgia, dez se ele se esforçasse. —Sim. Laurie está bem animada. Ela tem todo tipo de planos para nós nos próximos meses, um cruzeiro pelo Caribe, férias com os netos. Seus pais moram aqui, certo?

Concordo com a cabeça quando começo a separar meus e-mails, separando os mais importantes e excluindo os de representantes de dispositivos médicos que não me importo de entreter.

—Sorte para eles. Eles estarão por perto quando você tiver filhos. Melhor ainda para estragá-los.

Crianças. Meu estômago aperta. Certo. Eu enrijeço e finalmente olho para ele.

—Parabéns pela sua aposentadoria—, eu digo, minha voz profissional e hostil. —É sobre isso que você queria falar comigo?

Ele sorri e enfia os dedos juntos no colo. Ele parece muito confortável em meu consultório, como se ele planejasse ficar aqui por algum tempo.

—Tipo você provavelmente já me ouviu mencionar sobre minha assistente cirúrgica uma vez ou duas?

Eu procuro no meu cérebro, mas nada vem à mente. —Se você falou, eu não me lembro.

Ele ri. —Nunca faz brincadeiras, Dr. Russell? De qualquer forma, Bailey é ótima, uma das melhores assistentes cirúrgicas que

já tive, mas, infelizmente, vou deixá-la com as mãos abanando em algumas semanas, quando me aposentar.

—Por que isso é problema meu?

Ele balança a cabeça e, em seguida, abana um —*Deixe-me ensinar-lhe algo*— com o dedo para mim. —Bailey não é problema seu, mas ela pode ser sua salvação. Kirt pediu o aviso para daqui duas semanas...

—Kirt nunca iria durar. Ele não tem estômago para cirurgia.

Literalmente.

—Bailey tem.

Eu arqueio uma sobrancelha e dou a ele a minha melhor expressão entediada. —Apenas diga o que você está insinuando ou saia do meu consultório. Eu tenho um monte de coisas para fazer antes que meu residente chegue.

Ele se levanta e se inclina, pressionando o botão no telefone do meu consultório que me conecta à minha secretária.

—Patrícia, você está na sua mesa ainda?

Um segundo depois, suas palavras saem na linha. —O que você quer? É muito cedo. Eu nem sequer tomei meu café ainda.

—Eu entendo e peço desculpas pelo inconveniente—, diz Lopez, sua voz cheia de deferência pela mulher que realmente usa as calças neste lugar. —Mas você se importaria em verificar rapidamente quantos assistentes cirúrgicos pediram para substituir o Kirt?

Eu entendi o que ele disse antes mesmo de um longo silêncio, seguido por uma risada de Patrícia. —Ninguém ainda, mas eu só coloquei o anúncio um par de dias atrás.

Dr. Lopez está usando um sorriso de merda. —Isso foi o que eu pensei. Obrigado Patrícia. Agora você pode aproveitar a sua xícara de café e eu não vou incomodá-la novamente.

Seu dedo se levanta do botão do intercomunicador e o silêncio preenche meu consultório. Nós nos olhamos por cima da minha mesa. Ele não poderia ser mais claro se ele estivesse agitando suas mãos descontroladamente para cima, apontando para um letreiro que diz, *Matt, seu idiota insuportável, ninguém quer trabalhar com você!*

Eu desvio o olhar primeiro e limpo minha garganta. —Entendi. Você pode sair do meu consultório agora.

Ele não consegue esconder um grande sorriso vitorioso antes de se virar para a porta e eu acho que ele finalmente vai me deixar em paz, mas depois ele dá um último conselho por cima do ombro. —Eu sei que você gosta de operar como um lobo solitário, mas os melhores cirurgiões sabem trabalhar em equipe. Você seria um idiota em deixar Bailey escapar pelos seus dedos. Ela foi meu braço direito durante os últimos quatro anos, e se as circunstâncias em sua vida tivessem sido diferentes, ela mesma teria sido uma ótima cirurgiã. Siga o meu conselho e contrate-a antes que seja tarde demais.

CAPÍTULO 5

BAILEY

Chegou a hora: a última semana do Dr. Lopez com consultório. Ele é obrigado a usar camisas havaianas sob o jaleco branco. Folhetos de férias cobrem sua mesa. A transportadora estará aqui na sexta-feira para arrumar seu consultório. Ele está com o pé fora da porta e eu ainda não tenho um novo emprego. Ele concordou que era melhor eu entrar em contato com um recrutador, e ela encontrou algumas posições em aberto. Infelizmente, nenhum deles se encaixava na situação. A maioria está muito longe. Alguns estão em outras cidades, sem mencionar que os salários não eram tão altos quanto o que eu ganho aqui. Eu arriscaria muito, transferindo Josie e ganhando menos, tudo na esperança de que o cirurgião com quem acabe trabalhando seja tão decente quanto o Dr. Lopez.

Nesse ponto, quase faz mais sentido trocar de especialidades. Digo isso ao Dr. Lopez na segunda-feira, enquanto almoçamos em seu consultório, e-mails impressos da recrutadora espalhados em sua mesa entre nós. Nós já encontramos algo errado com cada um deles.

Ele se sente profundamente ofendido pela ideia de eu sair da coluna vertebral.

—Você ficaria entediada em outro andar—, diz ele, bebendo água de coco enquanto a música luau toca em seu computador.

Eu dou de ombros, tentando chegar a outra especialidade que me interessaria. —Orto geral não seria tão ruim.

Ele estreita os olhos como se eu tivesse acabado de dizer que não me importaria virar em prostituta. —Lembre-me novamente por que você não quer assumir a posição com o Dr. Russell?

—Bem, em primeiro lugar, ele não me ofereceu isso.

—Porque você não se inscreveu.

—E também, eu ouvi as histórias de horror.

—Posso te dar um conselho?

Eu inclino a cabeça para o lado e faço um meio sorriso. —Você vai falar de qualquer maneira. Por que perguntar?

Ele corta a música e se inclina para a frente em sua cadeira. O tom da nossa conversa muda num instante. —Todos sabemos que cirurgias simples e bem-sucedidas são lucrativas. Há fusões rotineiras suficientes para manter essa prática à tona na próxima década. O Dr. Russell não vê dessa maneira, no entanto. Para ele, no segundo, em que um procedimento se torna rotineiro, isso significa que ele não está se esforçando o suficiente. Ele é nervoso e intenso na sala de cirurgia porque está se esforçando para melhorar, para *ser* melhor. Por que você acha que a galeria da sua sala de cirurgia só sobram lugares em pé? Por que você acha que as pessoas viajam do mundo todo para observá-lo enquanto opera? Não é porque ele está operando com segurança, e não é porque ele é um cirurgião educado. Eu entendo completamente se você não quiser trabalhar com ele. Inferno, eu não iria. Pense um pouco, garota. Na pior das

hipóteses, reavaliamos e tentamos colocá-la com um cirurgião do segundo andar.

Ele sabe o que está fazendo. O segundo andar é onde os cirurgiões de mão operam. Eu estaria auxiliando em procedimentos de túnel do carpo ambulatorial dia após dia, e eu iria bater minha cabeça contra a parede nos primeiros dias.

À medida que o dia avança e o prazo para tomar minha decisão se aproxima cada vez mais, tento ignorar suas palavras de sabedoria, mas não consigo. *Ele está se esforçando para fazer melhor, para ser melhor.* Certo. Isso é tudo muito bom, mas Kirt teve que tomar TUMS[3] como se fossem doces enquanto trabalhava para ele. Dizem as más línguas que o cara atualmente está em terapia para Estresse pós-traumático.

Ainda assim, uma pequena parte de mim se pergunta se Kirt poderia estar exagerando. Ocorre-me que deixei os rumores sobre o Dr. Russell manchar minha percepção sobre ele além do ponto da lógica. Quero dizer, a maioria deles nem tem credibilidade. Fazendo os representantes do dispositivo chorarem? Despedir assistentes cirúrgicos no meio de um procedimento? Que uma vez ele fora supostamente tão grosseiro com uma enfermeira, que ela processou a empresa por submetê-la a um ambiente de trabalho hostil e ganhou o caso. De acordo com a lenda urbana, ela mora em uma ilha particular perto de St. Barts. Até eu posso admitir que é provavelmente improvável.

Então, decido fazer algumas investigações por conta própria e arranjar tempo para ver o Dr. Russell operar. Dessa forma, eu vou

[3] Tums é um antiácido feito de sacarose (açúcar) e carbonato de cálcio (CaCO 3). Eles também estão disponíveis em uma versão sem açúcar. É um medicamento vendido sem receita, ele fornece alívio da azia e indigestão ("estômago azedo").

saber exatamente com o que eu poderia lidar, exceto, quando eu chego à sua cirurgia depois de eu embrulhar as coisas com o Dr. Lopez na segunda-feira, a galeria de exibição está tão cheia que eu nem consigo passar da porta. No dia seguinte, eu tento forçar minha entrada, e um sujeito particularmente, excessivamente zeloso me dá uma cotovelada nas costelas e rudemente sugere que eu deveria chegar lá mais cedo se eu quiser uma boa visão. Eu resisto ao impulso de pisar em seu pé.

Na quarta-feira, finalmente faço uma pausa. O caso do Dr. Lopez foi cancelado, então aproveito a oportunidade e vou até a galeria do Dr. Russell o mais cedo possível. Eu sou a primeira a chegar. Eu tenho lanches e um lugar na primeira fila. Eu também tenho maçã na bolsa, para o caso de algum estudante de medicina idiota achar que eles merecem mais do que eu.

Dentro de alguns minutos, a galeria se enche. Há conversas sobre o caso planejado e conversa fiada sobre alguma festa na noite passada, mas eu sento em silêncio, conversando com ninguém, esperando o show começar. A janela de observação se estende de um lado da sala ao outro, quase como uma tela de cinema. Estamos no segundo andar, olhando para baixo, para a equipe auxiliar que entra na sala de cirurgia.

Exatamente no horário, até o minuto, o paciente, um menino, é levado até a mesa de operações. Depois que a anestesia entra em ação, há uma onda de atividade quando as enfermeiras e os técnicos desfazem os conjuntos de instrumentos. Bandejas estéreis são dispostas e colocadas ao redor da mesa de operação e, em seguida, quando a cortina está cobrindo tudo exceto o centro das costas do paciente, o —Todo Poderoso— faz sua entrada.

A porta de vaivém é aberta e Dr. Russell entra em cena, com os braços dobrados a noventa graus, enquanto a água escorre para o chão.

Um silêncio cai ao meu redor.

Meu estômago gela como se eu estivesse assistindo um atleta olímpico entrar na arena. Todos na galeria e na sala de cirurgia estão focados nele. Sua presença é maior que a vida. *Ele é* maior que a vida. Não é necessariamente devido ao seu tamanho, embora ele seja alto e de ombros largos. É mais na maneira como ele se comporta, na inclinação desafiadora de seu queixo.

Com a máscara cirúrgica e os óculos de proteção, a mandíbula esculpida, a boca intrigante e o olhar azul penetrante estão fora de vista. Se eu for honesta, posso fechar meus olhos e visualizá-los facilmente.

Uma enfermeira corre com uma toalha estéril para secar as mãos. Então ela levanta um avental para que ele possa colocar seus braços. É amarrado atrás das costas e as luvas são cuidadosamente adicionadas a seguir. É engraçado, realmente, com todo o equipamento cirúrgico ligado, ele deveria parecer uma bolha amorfa, mas na realidade, ele está tão formidável quanto eu já vi.

É o cabelo. Assim como com o Dr. Mc Dreamy, muito do seu poder está nessas madeixas castanhas curtas e ligeiramente encaracoladas. Seu fascínio não pode ser entorpecido por aquela touca azul-claro.

O início de cada cirurgia sempre começa com uma chamada, ou, como chamamos, um intervalo. É uma maneira de garantir que

todos na sala estejam na mesma página e que os cirurgiões não operem acidentalmente no membro errado, ou pior, a pessoa errada. Assustador, mas... isso acontece.

O técnico de neuromonitoramento sentado em um computador no canto da sala faz o check-in, depois a enfermeira circulante e o representante do dispositivo. Continuam a andar por aí, e tento me imaginar parada ali ao lado dele, orgulhosamente proclamando ser Bailey Jennings, a assistente cirúrgica do Dr. Russell, e um arrepio percorre minha espinha. Não estou convencida de que estou à altura da tarefa.

Hoje ele tem um residente ao lado dele na mesa de operações. As duas semanas de Kirt expiraram e, aparentemente, o Dr. Russell ainda não encontrou um substituto.

O anestesiologista se levanta e fala com confiança. —Estamos fazendo uma geral com um tubo endotraqueal. Antibióticos foram administrados. Temos duas unidades de sangue disponíveis.

Então todos os olhos se voltam para o Dr. Russell, já que é a vez de ele dirigir-se à sala. Sua voz explosiva nos alcança facilmente na galeria e, como tudo mais, inspira temor. Além disso, se eu for honesta, um pouquinho de medo.

—Nosso paciente é Jeffrey Lewis. Onze anos de idade. Ele está aqui hoje para uma excisão da hemivertebra. Ele também tem um dispositivo colocado em L3 e L4 de um procedimento anterior. Nós iremos remover e substituir esse dispositivo. Todos concordam?

Eles fazem que sim.

O anestesiologista declara o tempo de início cirúrgico. Então, sem um momento de hesitação, o Dr. Russell recebe uma lâmina dez. Ela brilha sob as fortes luzes da sala de cirurgia. Ele respira fundo e então, com determinação, ele começa. O bisturi encontra a pele.

Nas próximas horas, não movo um músculo. Eu não me incomodo. Eu duvido que eu respire profundamente. As pessoas entram e saem da galeria, mas não presto atenção.

Alguém novo enche o banco atrás de mim e se inclina sobre o meu ombro.

—Há quanto tempo ele está nisso?

Não tiro os olhos do Dr. Russell enquanto respondo: —Três horas, da última vez que verifiquei.

Agora, provavelmente foram quatro, cinco, dez - quem sabe?

—Porque que está levando tanto tempo? Deveria ter sido uma simples excisão, certo?

—O paciente estava com problemas no dispositivo e o Dr. Russell está com um trabalhão para tirá-lo.

—Quem é aquele cara no canto parecendo que está prestes a ter um colapso nervoso?

—O representante do dispositivo da Newton Corp. Aquele que se gabou pela sala, está aqui com o novo dispositivo da SpineTech.

É um desastre completo. Todos na sala de cirurgia prendem a respiração. Passam-se longos e tensos minutos enquanto ouvimos o

Dr. Russell destruir o representante do dispositivo da Newton por colocar em perigo seu paciente.

O representante tenta em vão se defender. —Os engenheiros são os que controlam as falhas de projeto.

Eu interiormente dou um gemido. É melhor manter a boca fechada. Neste ponto, ele deve sair em lágrimas e pedir perdão. Embora, talvez não... o Dr. Russell não parece o tipo de cara que lida com homens crescidos chorando muito bem.

—Você também não trabalha para a empresa? — Dr. Russell grita enquanto ele ajusta sua postura e pede à enfermeira para inclinar sua fonte de luz para que ele tenha uma visão melhor do campo cirúrgico. Ele continua a lutar para remover todos os fragmentos quebrados do dispositivo defeituoso da espinha do paciente enquanto o representante contínua. Eu quero pular de pé, apertar o botão do intercomunicador da galeria e gritar para ele calar a boca. Ele só está cavando um buraco maior. Em breve, ele estará morto.

—Mesmo com suas falhas, o paciente estava interessado no sistema...

—O paciente também está interessado na merda do caminhão de bombeiro! — Dr. Russell explode. —E não tente culpar os pais também. Estes dispositivos foram proibidos pela FDA há dois anos e nunca deveriam entrar no mercado em primeiro lugar. Sua empresa sabia que eles estavam com defeito. — Então ele se vira para o residente, ajudando-o e pede por sucção.

Sento-me ali completamente sem palavras, sem saber ao certo por que tenho vontade de correr e me preparar para poder ajudar.

Eu nunca passei por uma cirurgia com o Dr. Lopez que foi meio traumático. Cada pessoa naquela sala de operações está inquieta e nervosa, com cuidado para evitar que a raiva do Dr. Russell recaia sobre eles.

Estou na beira da minha cadeira. Mesmo que eu esteja irritada com o representante da Newton pelo jeito dele, eu não concordo com a maneira como o Dr. Russell está lidando com isso. Seu temperamento é feroz. Posso ver como ele seria um pesadelo para trabalhar e, no entanto, fico até o ponto final, até que o doutor Russell sai da mesa de operações, arranca o avental e as luvas e bate a mão na porta de vaivém. O paciente sai da sala e eu ainda estou sentada ali, sozinha na galeria, apavorada.

A festa de despedida de Lopez é hoje à noite. O NEMC fez de tudo e alugou um salão de baile em um hotel chique. Eles vão abrir o bufê do jantar em breve, e eu já fiz uma avaliação secreta. Eu tenho um plano de ataque: vou pegar o macarrão com queijo e óleo de trufas *e* o purê de batatas.

Enquanto isso, garçons estão passando com pequenos petiscos. Eu aceito tudo e me pergunto se cometi um erro usando um vestido sem bolsos. Se eu pudesse fazer isso discretamente, eu colocaria algumas dessas taças embrulhadas em bacon na minha bolsa para Josie. Temos sobrevivido com o mínimo ultimamente, porquê ainda não encontrei outra posição. Minhas poupanças podem ter que nos sustentar por algumas semanas, embora eu realmente espero que isso não aconteça.

Eu coloco o pensamento de lado. Tudo o que tenho feito é me preocupar e me candidatar a empregos e contar cada centavo que sai do meu bolso. Hoje à noite eu vou me divertir! Eu vou arrancar um desses camarões empanados de uma bandeja que estiver passando, deixar derreter na minha boca e fingir que a vida vai dar certo. Ok, nossa. Isso é *bom. Eu realmente tenho que enfiar um daqueles no meu sutiã para Josie. É a coisa mais deliciosa que eu já comi.*

Eu me viro para encontrar o garçom antes que ele chegue muito longe. —Senhor

—Kiddo[4]! — O Dr. Lopez sorri e caminha entre mim e meu objetivo final: roubar todos os camarões daquela bandeja de prata.

—Oh, ei, Dr. Lopez. — Eu tento não soar tão desanimada quanto sinto quando o garçom desaparece na multidão. —Eu não sabia que você tinha chegado.

Ele ri e me bate suavemente no ombro. —Você não precisa parecer tão triste. Você vai encontrar outro chefe como eu um dia.

Não é por isso que fiquei triste, mas *agora* é por isso que estou triste.

—Pelo menos ainda temos uma última cirurgia pela manhã—, eu digo com um sorriso indiferente.

—Vou até deixar você escolher a lista de reprodução.

[4] Garota/o.

Ah caramba, lágrimas estão surgindo nos cantos dos meus olhos. Eu usaria meu guardanapo amassado para limpá-los, mas ele estava coberto de molho de camarão.

—Vamos mudar de assunto ou nós dois vamos chorar. — Ele ri. —Eu já te disse que você está muito bem? Eu não tenho certeza se já vi você em qualquer coisa além do jaleco e seu cabelo está solto.

No trabalho, só uso rabo de cavalo altos e jaleco. Hoje à noite, provavelmente pareço uma humana diferente. Graças a Josie, minha sombra está esfumaçada e misturada perfeitamente, como se eu fosse uma influência de beleza do YouTube. Eu me sinto bem.

—Você não está nada mau também, Dr. Lopez.

É estranho ver todo mundo do trabalho usando roupas mais requintadas. O convite exigia que nos vestíssemos bem, então eu tive que tirar algo do fundo do meu armário, um vestido de festa que eu comprei alguns anos atrás para um evento formal. É preto e simples e, felizmente, atemporal. Infelizmente, é um pouco mais apertado na área do seio do que costumava ser, mas espero que não seja completamente indecente. Os olhos de Josie se arregalaram quando ela me viu, no momento em que eu estava saindo de casa.

—UAU! Quem diria que você é tão quente—?

—Não é demais? — Eu perguntei, tentando puxar o decote.

—Você está de brincadeira? Se eu tivesse seios assim, nunca usaria roupas.

—É assustador porque eu nem acho que você está brincando. Além disso, eu não tinha esses quando eu tinha a sua idade também. Ainda há esperança para você.

Agora, é claro, eu me sinto estranha pensando em meus peitos enquanto converso com meu chefe prestes a se aposentar, mas isso é apenas a vida.

—Eu gostaria de apresentá-la ao Dr. Russell hoje à noite quando ele chegar aqui.

—Ele não está aqui ainda? — Eu faço a pergunta inocentemente, embora eu saiba muito bem que ele não está aqui. Eu me posicionei perto da porta desde que cheguei por dois motivos. Um, porque acho que é onde a fila do buffet vai começar, e dois, porque eu queria ver o Dr. Russell assim que ele chegasse.

Ainda estou esperando.

Estou preocupada que ele não apareça. Ele não parece ser o tipo de cara que prioriza as festas da empresa, mesmo para um colega como o Dr. Russell.

—Não, mas ele me disse que estaria aqui.

—Eu o vi operar esta manhã—, eu menciono, soando muito mais arrogante do que me sinto.

Sua testa arqueia com interesse. —E?

—E foi uma cirurgia muito intensa. Demorou algumas horas a mais do que deveria devido ao implante defeituoso. Todos na sala de cirurgia estavam mijando nas calças.

Ele dá de ombros como se isso não fosse nada para se preocupar. —Eu ouvi que a cirurgia foi um sucesso.

—Foi, mas... talvez eu tenha stress suficiente na minha vida sem ir trabalhar para alguém como ele.

—Talvez sim. — Ele olha para o lado, dá uma tapinha nas costas de um cara que está passando e então acena para outro convidado. —Como eu disse, o segundo andar ainda é uma opção.

Eu reviro meus olhos. —Vamos, fala sério.

Seus olhos olham de volta para mim e ele balança a cabeça. —Estou falando sério. Acredite em si mesma. Você é exatamente o tipo de assistente cirúrgico que o Dr. Russell precisa, e olhe, ele está entrando bem atrás de você.

Meu estômago aperta.

Meus olhos se arregalam e, embora eu queira, não consigo me virar.

Um calafrio corre pela minha coluna, sabendo que ele está atrás de mim. Minha mão aperta meu guardanapo enrolado. Isso parece mais sinistro do que deveria. *Ele é apenas um cirurgião*, eu me lembro. *Apenas um homem! Você já viu homens antes!*

Eu lentamente arrisco um olhar sobre meu ombro esquerdo, totalmente preparada para ser derrubada pela visão dele, mas não. *Jesus.* Eu não estava preparada o suficiente.

Terno escuro. Cabelo escuro. Alto e forte. O Dr. Russell está parado na porta do salão, examinando a multidão friamente e decidindo se alguém ou alguma coisa vale a pena. Eu imagino se eu

conseguiria se o Dr. Lopez não se encarregasse de chamar sua atenção. Ele levanta o braço e balança para frente e para trás, sinalizando para seu colega. —Dr. Russell!

Seus olhos azuis se voltam para nós e minha barriga esfria. É apropriado que os olhos dele sejam da cor do gelo. Eu bato no meu braço implorando por uma jaqueta imaginária que eu possa puxar em volta de mim. É um reflexo. Por algum motivo, quero me acovardar. Se eu pudesse me safar, daria um passo atrás do Dr. Lopez. Em vez disso, levanto o queixo e me endireito contra a explosão ártica de sua aproximação.

—Você está atrasado—, brinca o Dr. Lopez.

Dr. Russell dá de ombros, seus olhos ainda examinando. Ele ainda não olhou para mim. —Papelada chamando.

—Não se preocupe, você não perdeu o jantar.

—Bom. Eu não almocei e estou morrendo de fome.

Então percebo porque ele estava examinando a sala: ele estava procurando por comida. Uma garçonete passa e ele a detém, pegando dois bolinhos. Enquanto isso, os olhos da garçonete se arregalam. Sua língua molha seu lábio inferior. É tudo provavelmente inconsciente da parte dela. Eu quero me aproximar e dizer a ela que entendi. *Garota*, eu entendi. Ele aproveitou o tempo para fazer a barba e há beleza nos contornos afiados de sua mandíbula. Eu acho que se eu passasse o dedo por ele, seria tão suave quanto seda.

—Eu estava preocupado de você perder minha festa—, brinca o Dr. Lopez.

A ponta da boca do Dr. Russell se inclina e a garçonete finalmente percebe que sua presença aqui não é mais necessária. Ela relutantemente segue em frente.

—Como eu poderia? Você fez Patrícia deixar umas quarenta anotações na minha mesa me lembrando.

Eles falam como se eu não estivesse aqui. O Dr. Russell não parece me notar parada ali, mas isso não me impede de estudá-lo. Nós nunca tivemos uma razão para estar tão perto. Eu o vi de várias salas de conferência. Eu vi a parte de trás de sua figura alta enquanto ele desaparecia por um corredor. Uma vez, eu quase esbarrei nele entrando no elevador. Ele estava preocupado demais com a leitura de um arquivo, então eu me afastei e desviei do caminho. Não houve desculpas, nenhum reconhecimento dele. Eu tive que reprimir o desejo de pronunciar um amargo, *Com licença!*

Essa proximidade é nova e inebriante. Depois de vê-lo operar esta manhã, eu passei a admirá-lo (ou temê-lo) ainda mais.

—Isso é porque eu estava ansioso para você conhecer Bailey.

Merda.

Esta sou eu!

A mão do Dr. Lopez bate no meu ombro e ele me empurra gentilmente na direção do Dr. Russell, como se eu fosse uma oferenda. Os olhos do Dr. Russell finalmente caem em mim e sou avaliada com um olhar de indiferença frio. Olhos azuis encontram os meus por apenas um momento. Ele nem sequer olha uma segunda vez. A expressão em seu rosto é ilegível e austera. Eu poderia muito bem ser o chiclete na sola do sapato dele.

—Ela é a assistente cirúrgica que vem trabalhando comigo—, diz o Dr. Lopez, olhando para mim com orgulho.

Minhas bochechas coram e eu estendo a mão. —Prazer em conhecê-lo, Dr. Russell.

Ele aceita meu aperto de mão e, por alguns segundos, minha palma está completamente envolvida pelo calor de sua mão. Estou apertando a mão que operou sem falhas esta manhã. Esta é a mão que mudou a vida daquele menino. Esta é a mão que inspira admiração em muitos.

Minha respiração fica presa na garganta enquanto tento manter minha inteligência sob controle. Uau, eu acho que ele e eu podemos estar tendo um momento real... então outro garçom passa e Dr. Russell deixa cair a minha mão e caminha em sua direção para que ele possa pedir água.

Então, silêncio.

Estou ciente de que é aqui que a conversa deve acontecer. O Dr. Russell deveria fazer perguntas na esperança de me conhecer: de onde eu venho, há quanto tempo trabalho no NEMC, se estaria disposta a aceitar um emprego com ele.

Em vez disso, grilos.

Dr. Lopez limpa a garganta.

—Bailey teve a chance de assistir a sua cirurgia esta manhã.

Seus olhos se estreitam em algo sobre o ombro do Dr. Lopez. —Que merda de bagunça. Eu bani permanentemente os representantes da Newton da minha sala de cirurgia.

—E o paciente? — Eu pergunto. —Como ele está?

Um vislumbre de surpresa atinge os olhos pálidos do Dr. Russell, e quando ele olha de volta para mim, parece que ele está realmente me vendo pela primeira vez. —Ele está bem, se recuperando rapidamente, mas isso é bom para as crianças, seus corpos são resilientes.

Isso é algo, uma conversa real, mas acaba antes mesmo de começar quando o Dr. Goddard passa por trás do Dr. Russell e agarra os seus ombros com força, tentando desequilibrá-lo.

—Matty boy, eu não achei que veríamos você aqui hoje à noite. Sem bebida?

Dr. Russell sacode-o e balança o pescoço. Se ele tivesse penas, elas estariam levantadas.

Dr. Goddard não parece se importar que nenhum de nós esteja feliz em tê-lo aqui. Ele estende a mão e rudemente puxa o braço de um garçom que passa. —Pegue para meu amigo Jack e Coca-Cola, sim?

O garçom acena com a cabeça. —Imediatamente senhor.

Dr. Goddard se vira para nós, seu olhar viscoso pousando em mim. O que eu tenho certeza que ele assume ser um sorriso sedutor se desenrola em sua boca. —E quem é essa criatura delicada?

Criatura delicada?

O quê... Oh... Inferno.

Eu levanto meu queixo e estreito meu olhar. —Bailey Jennings. Sou uma assistente cirúrgica no hospital.

Seus olhos se arregalam com reconhecimento e então ele faz uma leitura lenta do meu vestido. Droga, eu sabia que era muito apertado. A apreciação colore seus olhos quando ele finalmente volta para o meu rosto. —Pena que essa posição na minha equipe não acabou dando certo, embora talvez eu possa embaralhar algumas coisas...

O final de sua sentença não foi dito: *agora que percebo que gostaria de dormir com você.*

O garçom volta correndo com um Jack, Coca-Cola e a água, esta última, que o Dr. Russell originalmente pediu. Ele aceita os dois com um agradecimento, mantém a água e deixa o Jack e Coca-Cola em uma mesa de coquetel nas proximidades. Um pouco da bebida cai sobre a borda.

—Ah, vamos lá. Nós íamos fazer um brinde por nosso amigo aqui—, Dr. Goddard geme.

Dr. Russell enfia a mão no bolso e bebe a água com toda a confiança do mundo. —Eu não bebo a noite antes de cirurgias.

Dr. Goddard me joga uma piscadela provocante. —Meu colega aqui é tão chato, mas garanto a você que não sou chato. O que você acha, Bailey? Ainda procurando por uma nova posição?

Suas palavras deixam claro que a posição está de fato *debaixo* dele.

Se eu estivesse mais perto, eu iria sutilmente enterrar meu calcanhar no pé dele.

Estou prestes a lhe dizer que prefiro limpar banheiros em uma parada de caminhões para ganhar a vida, mas o Dr. Lopez pigarreia e dá um passo à frente, quase cortando a visão do Dr. Goddard sobre mim. —Na verdade, Bailey vai trabalhar com o Dr. Russell a partir de segunda-feira.

—Eu vou.

—Ela o *quê*

Nós falamos ao mesmo tempo, e então o Dr. Russell volta sua atenção para mim, seus olhos cheios de acusação como se eu fosse a pessoa que acabara de anunciar que estaríamos trabalhando juntos.

Minha boca cai aberta. —Eu *não*. Não tenho certeza

O Dr. Lopez é rápido em continuar. —Os pequenos detalhes não foram bem elaborados. É um novo desenvolvimento. Dr. Goddard, você se importaria de vir comigo? Minha esposa tem perguntado sobre você a noite toda e eu sei que ela vai ficar triste se ela não conseguir dizer oi.

Dr. Goddard se ilumina com a ideia de que alguém realmente solicitou sua presença, e ele está muito feliz em ser levado embora.

Eu estou de pé com o Dr. Russell e amaldiçoando o Dr. Lopez na minha cabeça.

—Eu não sei por que ele disse isso—, eu digo, mexendo nos meus calcanhares e desejando que um garçom passasse para que eu pudesse pegar uma taça de champanhe e me afogar nela.

Suas sobrancelhas escuras estão franzidas em confusão. —Eu nem sabia, te ofereci uma posição?

—Não. *Não.* — Eu esfrego minha mão para cima e para baixo no meu antebraço. —Dr. Lopez está apenas tentando garantir que eu encontre uma nova posição antes que ele saia e, por algum motivo, ele acha que trabalharíamos bem juntos.

Ele grunhe e olha para longe. —Isso seria a primeira vez.

Ele sem dúvida se refere à quantidade de assistentes cirúrgicos que vieram antes de mim.

—Acredite, não estou convencida de que seja uma boa ideia. Como o Dr. Lopez disse, eu assisti sua cirurgia, você foi brutal com o representante do dispositivo.

—Você acha que eu deveria ter facilitado para ele? — Ele solta uma risada amarga. —O relatório de toxicologia mostrou que meu paciente tinha níveis letais de cobalto em seu sangue. Ele estava sendo envenenado pela coisa que deveria estar curando-o. Você acha que *eu* fui brutal—?

Seus olhos são duas chamas quentes.

Eu dou um pequeno passo para trás.

Eu não sabia que era tão ruim assim. Eu não sabia que o dispositivo estava *envenenando* ele.

—Brutal não era a palavra certa—, eu admito, a voz trêmula.

Ele balança a cabeça, claramente terminando por aqui. —Faça-me um favor e diga ao Dr. Lopez que isso não funcionará. Você precisará encontrar outro cirurgião para trabalhar.

Ele se vira e está prestes a ir embora quando eu estendo a mão e agarro seu braço para detê-lo. Em um instante, meu medo é encoberto por uma boa e saudável dose de raiva com a ideia de ele me rejeitar. A *MIM!*

Eu riria se não estivesse vendo vermelho.

—Você está *brincando*? Você percebe que eu sou a melhor assistente cirúrgica que o Dr. Lopez já teve? Você teria *sorte* de me ter trabalhando para você, e sim, talvez eu tenha errado um momento atrás, mas isso não significa que eu estivesse errada. Você é brutal e sabe disso. Você não pode manter um bom time ao seu redor porque você anda por aí como se fosse a segunda vinda de Cristo. Eu tive que ouvir todos os seus assistentes cirúrgicos enquanto eles se afundavam e choravam, e eu sempre achei que eles estavam exagerando o quão terrível você é, mas acontece que eles estavam certos. — Eu percebo que ainda estou segurando seu braço, e eu empurro para trás como se ele fosse um fogão quente. O paletó dele está amarrotado da minha mão, mas ele não se importa. Sua atenção está voltada para mim como nunca esteve antes. Meu tom se torna duro e inflexível. —E não se preocupe, eu direi ao Dr. Lopez que isso não vai dar certo, mas na manhã de segunda-feira quando você entrar na sala de cirurgia, você vai olhar para a esquerda e vai *desejar* ter um assistente cirúrgico tão bom quanto eu ao seu lado. — Eu rio e balanço a cabeça como se ele fosse a maior decepção que eu já vi. —Tenha uma boa noite, Dr. Russell.

Então me curvo e acidentalmente (de propósito) bato meu ombro nele antes que ele veja.

—Ei, você—, eu falo com um garçom que esta ao telefone do lado de fora da porta. —Esses são os camarões empanados?

Ele balança a cabeça silenciosamente, os olhos arregalados ao ser pego de folga no trabalho.

—Dê-os para mim.

—O quê?

Ele está com medo. Ele procura um gerente, mas somos apenas nós.

—Você me ouviu. Encha-os na minha bolsa, agora!

E é assim que deixo a festa de aposentadoria do Dr. Lopez: carregando duas dúzias de camarões empanados. Josie e eu devoramos cada um em nosso pijama enquanto as reprises de *Grey's Anathomy* passam sucessivamente.

CAPÍTULO 6

MATT

Nunca alguém falou comigo como Bailey fez ontem à noite, não um colega, não outro frequentador do hospital, e, definitivamente, não um assistente cirúrgico. Reconheço que, no início, fiquei impressionado por ela ter coragem de usar esse tom comigo, mas o choque e o constrangimento deram lugar a uma dose saudável de interesse e, curiosamente, uma pequena dose de respeito. Eu não consigo tirar o discurso dela da minha cabeça. Eu deveria ter prestado mais atenção a ela antes que ela saísse. Lembro-me dela sendo pequena em comparação ao Dr. Lopez. Lembro-me da sensação de sua mão delicada apertada no meu bíceps. Mais importante, eu me lembro de suas palavras afiadas.

Eu sempre achei que eles estavam exagerando o quão terrível você é, mas acontece que eles estavam certos.

Não lhe faltou ousadia. Eu tenho que admitir.

Na manhã seguinte, encontro Patrícia em sua mesa lendo uma revista de tricô e pergunto pelo arquivo da funcionária Bailey. Ela faz uma pausa, virando o meio da página, e então ela olha para mim por cima dos óculos de leitura.

—Para quê você quer isso? — Ela pergunta com uma ansiedade mal disfarçada. —Eu gosto dessa garota. Não vá fazê-la desistir.

Eu reviro meus olhos. —Apenas dê para mim.

É raro Patrícia gostar de alguém. Se ela sente a necessidade de defender Bailey, isso já fala muito sobre seu caráter.

Ela resmunga um pouco mais e então relutantemente se levanta para recuperar o arquivo do RH. Quando ela traz para o meu consultório alguns minutos depois, eu tenho que puxar com força para tirar da mão dela.

Agradeço a ela e coloco o arquivo aberto em minha mesa. Não sei o que espero encontrar - um dossiê delineando sua vida? Detalhes sobre seus gostos e desgostos? Existem apenas algumas páginas. Aprendi seu nome completo: Bailey Anne Jennings e sua idade: 26 anos. Pelo pouco que me lembro, ela parecia mais jovem na noite passada.

Eu examino seu endereço e de repente sinto que estou perseguindo-a, mas na realidade, qualquer empregador faria isso. Eu quero saber mais sobre a pessoa que estou pensando em contratar. Sobre a educação, diz que ela terminou alguns anos de faculdade antes de desistir, optando por concluir um programa de assistente cirúrgico. Eu viro para a última página e na parte inferior, percebo que não há ninguém listado como seu contato de emergência. Há apenas algumas letras riscadas como se ela tivesse começado a escrever antes de pensar melhor.

Essa linha em branco é um tiro para o meu coração frio e insensível.

Eu fecho o arquivo e empurro de lado. Bebo meu café, procuro e-mails. Abro o arquivo novamente, releio o endereço dela e digito-o no Google Maps. Ela não mora em uma boa área da cidade, mas também não é exatamente a favela. Eu apago meu histórico de

navegação e ligo para Patrícia pelo intercomunicador para pegar outra xícara de café. Ela me diz que se eu falar assim com ela de novo, vou receber uma dose saudável de veneno de rato na minha próxima xícara de café.

Eu não posso encontrar seus olhos quando ela o traz para mim. Eu não posso explicar esse sentimento enervante. É como se alguém estivesse pressionando todo o peso no meu peito e tornando difícil respirar.

Meu residente chega logo depois e eu empurro o arquivo de Bailey na gaveta de cima da minha mesa como se estivesse escondendo um segredo sujo. Ele me trouxe café, mas eu não posso beber. Eu já tomei muitas xícaras esta manhã e me sinto nervoso. Vou ter que mijar no meio da minha cirurgia se não tomar cuidado.

—Você teve uma boa noite, Dr. Russell? — Ele pergunta com uma energia alegre.

—Você não está aqui para ser meu amigo. — digo. —Você reviu o caso hoje?

Ele está visivelmente abalado com o meu desabafo. Eu posso ver em seus olhos que ele quer me chamar de idiota, mas ele não vai. Ele não tem coragem. Ao contrário de Bailey.

Quando terminei minha cirurgia, é hora do almoço. Meu estômago está roncando, mas há algo que preciso cuidar antes de comer.

Eu tenho dificuldade em encontrar o salão da equipe. Presumi que estava no mesmo andar do salão dos médicos, mas fica no 7° andar. Eu me sinto como um idiota por ter vagado sem rumo por quinze minutos.

Eu posso ouvir o barulho e a conversa do corredor. A porta está aberta, mas não entro. Eu pairo pela borda e examino a sala procurando por ela. Parte de mim se pergunta se eu vou ser capaz de ir busca-la no meio de todas essas pessoas, e então eu congelo.

Lá.

Ela está sentada na mesa do centro, cercada de pessoas. A garota popular. Ela está sorrindo e mergulhando uma cenoura em manteiga de amendoim, o que parece absolutamente repugnante para mim. Alguém a cutuca de lado para chamar sua atenção e ela olha para mim no exato momento em que meu rosto revela minha desaprovação de sua escolha culinária. Cenouras devem ser mergulhadas em ranch e hummus, nada mais.

Seus olhos se estreitam. Ela acha que eu estou olhando com desaprovação para ela, e bem... eu estou.

Eu aceno com a cabeça em direção ao corredor, dando-lhe um comando não dito: *Venha aqui.*

Ela não se move.

Eu poderia entrar, mas existem regras contra isso. Nenhum médico é permitido na sala dos funcionários, e nenhuma equipe auxiliar é permitida na sala dos médicos. Regras são regras. Se eu entrar, sou capaz de receber uma lata de sopa na minha cabeça.

Um silêncio caiu sobre a sala enquanto os olhares de todos oscilavam entre nós.

Seus olhos piscam para a parede lateral e eu sigo. Ah, sim: a imagem do diabo. Eu sorrio. Eu achava que o Dr. Goddard estava mentindo sobre isso, mas lá estou eu, no quadro de avisos com chifres do diabo e uma cauda. No topo da minha cabeça, alguém escreveu: *Hotshot*.

É realmente muito engraçado.

Eu olho para ela e falo alto e claro, garantindo que todos na sala me ouçam. —Bailey, eu preciso falar com você por um momento.

Alguém tem a ousadia de suspirar.

Finalmente, ela suspira e se levanta, deixando seu almoço exatamente onde está. Ela não acha que isso vai demorar muito. Aposto que ela acha que toma as decisões como ela tentou fazer noite passada. Adorável.

Ela é uma tartaruga enquanto se dirige para mim.

—Ainda hoje seria bom.

Seus olhos castanhos pálidos me queimam quando ela passa, sai para o corredor e segue em frente. Ela não para até alguns metros de distância, e apesar de eu apreciar o fato de que ela está colocando distância entre nós e os ouvidos curiosos do salão, eu estou irritado porque agora eu que estou *seguindo-a.*

Assim que Bailey se sente como se tivesse ido longe o suficiente, se vira para mim, cruza os braços e inclina o queixo para cima. —O

que você quer, fala logo. Eu só tenho quinze minutos do meu horário de almoço.

Lá vai ela novamente com suas exigências. Como ela conseguiu ficar na equipe do Dr. Lopez por anos? Ela não vai durar uma semana na minha.

Eu me aproximei e olhei para ela, rapidamente observando os detalhes que não consegui perceber na noite passada. Jovem é a primeira palavra que vem à mente. Ela é quase infantil, com o rosto fresco e sardas que cruzam sobre a ponte do nariz e no topo das maçãs do rosto definidas. Ela tem um nariz pequeno e lábios rosados apertados em uma linha com raiva. Seu cabelo loiro claro está puxado para cima em um rabo de cavalo alto. Os fios indisciplinados suaves emolduram seu rosto. Deixando o cenho ameaçador de lado, ela deveria estar interpretando o papel principal em um filme infantil, em vez de ficar de pé no hospital vestindo roupas cirúrgicas.

Estou curioso.

—Onde você encontra uniformes tão pequenos?

Ela recua confusa. Eu nunca vi um tom de olhos castanhos como os dela. Eles são de uma cor tão vívida quando ela olha para mim como se quisesse afundar uma adaga em meu coração. Ah *certo*... a cor da raiva.

—*O quê*?

Eu rio enquanto esfrego minha mão na minha testa. Estou doente? Sonhando? Tendo um surto psicótico?

—Você interrompeu meu almoço só para me perguntar isso?

Eu consigo me recompor e pergunto: —Há quanto tempo você está com o Dr. Lopez?

Ela cruza os braços e desloca o olhar sobre meus ombros, levando um segundo para se recompor. Quando ela responde, seu tom é agudo, mas legal. —Quase quatro anos.

—Ele fala muito bem de você.

Ela encolhe os ombros. —Nós nos dávamos muito bem.

—Você gostaria de continuar trabalhando com coluna vertebral?

—Preferencialmente.

—Você já ajudou em um caso de escoliose pediátrica?

—Não, o Dr. Lopez só opera em adultos, fusões principalmente.

Essa é exatamente a minha preocupação.

—Eles demoram duas ou três horas no máximo. Minhas cirurgias podem durar três vezes esse tempo.

Ela se força a encontrar meus olhos e fico chocado. Um momento atrás, ela parecia prestes a explodir, mas agora parece entediada, quase como se estivesse prestes a me dispensar. É um truque. Eu gostaria de poder pressionar dois dedos na pele de porcelana logo abaixo do seu pescoço e sentir seu pulso. Eu aposto que está acelerado. Não tem como ela estar tão calma quanto finge estar.

—Estou confusa—, diz ela, seu tom de voz não revelando nada além de curiosidade. —Você está me oferecendo um emprego ou tentando me avisar?

Essa é a questão do dia. Metade de mim está convencido de que trabalhar com ela seria um desastre completo. Meu trabalho é estressante o suficiente. Infelizmente, também estou precisando de um assistente cirúrgico decente, alguém pronto para a tarefa.

Eu acho que Bailey poderia ser essa pessoa.

Eu suspiro e dou um passo atrás. —Seu primeiro caso é segunda-feira de manhã. Peça informações à Patrícia e aprenda os passos de uma osteotomia de subtração pedicular e como a vida de uma criança depende disso, porque acontece. Estou te dando uma chance.

Então eu me viro e vou embora.

Sinto-me um pouco enervante virando as costas para o inimigo. Eu acho que ela vai gritar alguma coisa para mim em um esforço para obter a última palavra, mas não há nada além de silêncio enquanto vou para a escada. Eu puxo a porta de metal pesado e desapareço no interior.

Sei, sem sombra de dúvidas, que ela estará lá na segunda de manhã.

Eu sorrio enquanto subo as escadas de dois em dois.

Acabei de arranjar uma assistente cirúrgica nova e brilhante.

CAPÍTULO 7

BAILEY

Eu chego ao trabalho na segunda-feira de olhos brilhantes e cabelos espessos. Meu cabelo e maquiagem parecem impecáveis. Meus aventais estão engomados e vestem como uma luva. Minha garrafa térmica de café está na mão e eu tomo até que eu tenha cafeína suficiente para me manter alerta, mas não tanto que eu tenha que correr para o banheiro a cada cinco segundos. Eu faço o tipo de primeira impressão que as pessoas sonham. Dr. Russell me puxa de lado após a cirurgia para elogiar minha ética de trabalho, e seus olhos parecem especialmente azuis. O que é isso? Ele vai me dar um beijinho para me mostrar sua apreciação? Isso foi totalmente inesperado, mas estranhamente... emocionante. Eu quero esse beijo. Eu posso odiar suas maneiras, mas não odeio seus lábios, seu rosto ou seu cabelo.

Essa argumentação que fizemos no corredor na sexta-feira foi uma preliminar se é que eu já senti isso.

Eu quero tanto esse beijo. Eu subo na ponta dos pés, e quando isso não é suficiente, eu envolvo minha mão em volta do seu pescoço e puxo para baixo, para baixo, para baixo, então faço biquinho e seguro firme.

Pouco antes de nossos lábios se encontrarem, uma forte batida começa a ecoar pelo corredor do hospital. Eu recuo e o sonho desaparece.

Josie está batendo na minha porta. —Acorde, sua idiota! Você vai se atrasar!

NÃO.

NÃO!

Meus olhos se abrem e eu alcanço meu telefone na mesa de cabeceira. São 7:27 da manhã.

A cirurgia do Dr. Russell está marcada para as oito horas, em ponto.

Eu empurro meu cobertor para o lado e pulo da cama.

—Por que você não me acordou ?!

—Porque achei que você já estava no trabalho! Você nunca está aqui neste horário!

—Merda! Merda! Meeeeerda!

Eu luto.

Eu quero chorar e bater meus pés e amaldiçoar os deuses por essa injustiça, mas eu realmente apenas amaldiçoo o Dr. Russell. Isso é tudo culpa dele. Ele entrou na minha cabeça na sexta-feira, me assustando sobre estar preparada. *Aprenda os passos de uma osteotomia de subtração pedicular e como a vida de uma criança depende disso, porque acontece.* Oh, tudo bem, sem pressão ou qualquer coisa!

Eu tinha memorizado, até sábado de noite, todo o passo a passo do procedimento, mas ainda sim eu estudei ontem o dia todo

também. Eu fiquei acordada até tarde, revisando o histórico do paciente e guardando todos os detalhes na memória. O procedimento iria ser difícil, dez vezes mais difícil do que qualquer coisa que eu já tinha feito com o Dr. Lopez. Meus nervos estavam a flor da pele, então eu me forcei a estudar mais e continuei estudando até que minha visão ficou confusa e as linhas do texto nas páginas se transformaram em bolhas de tinta. Eu queria saber a cirurgia de frente para trás. Eu queria poder identificar cada peça do protótipo com meus olhos fechados.

Quando finalmente fui para a cama, já passava das primeiras horas da manhã, e agora olha para mim, vou chegar atrasada! Eu pulo em um pé enquanto puxo minhas calças. Eu coloquei meu jeans. Apenas metade do meu cabelo está preso.

Eu corro para as coisas que eu acho que vou precisar: chaves, bolsa, telefone, sapato. *Onde está o outro?!*

Isso não está acontecendo. Este é outro sonho. Eu nunca me atrasei. Eu não sou uma pessoa que se atrasa. Em todos os meus anos trabalhando com o Dr. Lopez, isso nunca aconteceu. Estou tão totalmente ferrada.

Josie joga um bolinho embrulhado na minha cabeça enquanto eu corro para a porta. Eu a pego antes que caia no chão e enfio na minha bolsa.

—Não se preocupe, vou começar a procurar outros trabalhos para você! — ela grita às minhas costas e, em vez de revirar os olhos e pensar, *que Josie vai me mandar para um túmulo prematura*, eu acho, *ótimo! Isso realmente seria maravilhoso porque eu tenho 110% de necessidade.* Mesmo sabendo que vou ficar desempregada em

breve, decido pegar um Uber do que esperar um ônibus, sabendo que não tenho tempo para o transporte público hoje. Estou tremendo e à beira das lágrimas quando nós deparamos com o trânsito caótico.

Hoje de todos os dias, as ruas da cidade estão um transtorno.

—Será que você pode subir na calçada por um quilômetro e meio ou três? Só para contornar esse acidente?

O motorista acha que estou brincando e ri com vontade. Eu quero subir no assento e empurrá-lo para fora para que eu possa ficar atrás do volante, no estilo *GTA.*

Eu me pergunto quantos anos de prisão você consegue por sequestrar o carro de alguém.

Meus joelhos estão saltando como se eu estivesse pronta para correr, e eu faço assim que o Uber para no hospital. Eu pulo do banco de trás, corro pelo saguão, corro para os lances intermináveis de escadas e deslizo para o quinto andar como se estivesse no gelo. Estou tão perto da linha de chegada. Eu posso ver a sala de operações no final do corredor, a que eu deveria ter começado a preparar cerca de trinta minutos atrás.

Estou respirando como um velho senil na linha de chegada de uma maratona.

As pessoas inadvertidamente entram no meu caminho e eu grito para elas saírem do meu caminho.

—Saia! Saia!

Eu tenho tempo para me recuperar, digo a mim mesmo. Não vou deixar que isso comece a arruinar minha única chance de impressionar o Dr. Russell. Eu configurei um Centro Cirúrgico rapidamente antes, e eu sei como fazer isso em alta velocidade. Eu verifico a placa cirúrgica enquanto passo e confirmo que sim, a cirurgia foi adiada por vinte minutos (*não entre em pânico!).* Mas ainda vai acontecer.

Na sala quatro, estou esperando o pior: um CC confuso e desorganizado que precisa ser completamente revisado, mas felizmente minha sorte se transforma. A enfermeira do Dr. Russell já está lá dentro preparando a sala. Ela é alta, com cabelo extremamente curto e óculos redondos. Ela é mais velha que a maioria das enfermeiras cirúrgicas e quando ela me vê entrar na sala, eu estou totalmente preparada para ela me mastigar por estar atrasada.

—Oh meu deus, eu sou tão...

Ela levanta a mão e me corta. —Se você quiser sobreviver ao seu primeiro dia, vai parar por aí, dar a volta e vá se preparar. Eu faço isso. O Dr. Russell sabe que você está atrasada. Eu não pude evitar quando ele veio aqui e viu que você não estava, mas nós podemos salvar isso. Vai. *Depressa*—!

Minha boca cai aberta em estado de choque.

Eu acho que... acho que ela é minha fada madrinha.

Eu corro e faço o que ela diz, correndo direto para a máquina de venda automática. É uma engenhoca enorme no final do corredor. É onde todos nós pegamos nossos uniformes antes de

cada cirurgia, e é onde nós os devolvemos quando terminamos para que eles possam ser higienizados. Penso no comentário idiota do Dr. Russell na sexta-feira: *Onde você encontra uniformes tão pequenos?*

Bem aqui! Você é um idiota.

Porém, eu tenho que enrolar o elástico algumas vezes para que eles se encaixem perfeitamente, mas ele nunca saberá disso.

Corro de volta para a sala, ajeitando meu rabo de cavalo para que fique um pouco mais alto na minha cabeça antes de cobri-lo com uma touca cirúrgica. Eu solto um suspiro e apoio minhas mãos nos meus quadris. Eu enxuguei as lágrimas das minhas bochechas, as mãos trêmulas, mas estou tão perto de conseguir isso.

—Onde você me quer?

A enfermeira acena em direção à porta dos fundos da sala de cirurgia, aquela que leva ao local onde o hospital armazena seus instrumentos esterilizados. —Entre e verifique se eles estão com tudo pronto para começar. As autoclaves estavam cheias antes e não quero que mais nada atrase esse procedimento.

Eu faço exatamente como ela diz e não declaro meu amor por ela como quero. Haverá tempo para isso mais tarde, como depois que a cirurgia acabar sem problemas. Já vou comprar um presente para ela, algo épico, algo com chocolate derretido.

Isso é... se eu sobreviver a esta manhã.

CAPÍTULO 8

MATT

—Estamos olhando para um atraso de trinta minutos, nada mais.

A Sra. Valdez está torcendo as mãos. O marido dela está andando de um lado para o outro. Ambos estão preocupados. Fiona já deveria ter sido levada de volta ao centro cirúrgico, mas a equipe cirúrgica não a moveu. Eu entendo a preocupação deles. Eles viajaram 2300 quilômetros para estar aqui hoje. Sua filha está prestes a fazer uma grande cirurgia. Uma série de coisas pode dar errado, mas não vão, é claro, não vou permitir isso, mas os pais dela não sabem disso.

Eles não confiam em mim, e agora esse atraso está lhes dando ainda mais motivos para preocupação.

—Em casa, os médicos não tinham certeza sobre esse procedimento—, diz a Sra. Valdez, voltando-se para o marido e balançando a cabeça rapidamente. Ela está prestes a interromper essa coisa toda.

Eu dou um passo à frente e tento olhar diretamente em seus olhos. Eu preciso que ela ouça o que estou prestes a dizer. —Eu entendo, mas isso é porque esses médicos não têm as habilidades que eu tenho. Passei toda a minha carreira trabalhando em casos complexos de coluna pediátrica. Esta cirurgia é exatamente para o

que fui treinado para fazer. Prometo que sua filha está em boas mãos.

Há movimento atrás deles, na porta da sala. É minha enfermeira, Kendra.

—Estamos prontos—, ela fala enquanto gesticula como se estivesse dizendo, é hora do show

Eu aceno e interiormente suspiro.

Isso significa que Bailey finalmente chegou. Atrasada em seu primeiro dia.

Eu tenho outro cirurgião me ajudando hoje, Dr. Collins. Ele é um colega com quem trabalhei no passado. É um incômodo coordenar nossos horários, mas ele é bom e para esse caso, eu preciso de todas as mãos que conseguir.

Infelizmente, isso significa que Bailey não apenas desperdiçou meu tempo, o tempo do paciente e o tempo da minha equipe, mas também o do Dr. Collins. A sala de cirurgia está reservada para o resto do dia em outros procedimentos. Se este caso se atrasar, significa que o hospital está perdendo dinheiro e temos uma equipe cirúrgica inteira irritada por termos atrapalhado a sua agenda.

Eu quero demiti-la no local, mas não posso. Neste momento, tenho uma menina de sete anos que precisa da minha atenção total, então eu guardo o meu aborrecimento, tranquilizo a família uma última vez e, em seguida, peço desculpas e saio da sala para poder encontrar meu colega que está em uma sala de conferências, recebendo ligações. É quando eu o aviso que estamos prontos, deixando-o aliviado.

—Tenho um voo reservado às 15h, então espero que sua equipe não cause mais atrasos—, diz ele, sacudindo a cabeça ao me seguir até a sala de cirurgia.

—Você vai sair daqui a tempo.

Isso é tudo que vou dizer. Eu gosto do Dr. Collins porque ele é um bom cirurgião, mas ele é meio idiota. Nós não somos amigos e, embora ele tenha o direito de ficar chateado, eu não vou satisfazê-lo.

Nos preparamos lado a lado, e eu assisto pela janela enquanto eles colocam Fiona na sala e a colocam na mesa de operações. Ela parece minúscula lá em cima. Eles sempre parecem.

Eu posso ver o medo em seus olhos. Uma das enfermeiras tenta fazê-la rir, mas ela não consegue. Seus olhos vasculham a sala, tentando espiar as ferramentas que usaremos nela, mas estão escondidas de propósito.

Ela ainda está olhando em volta, tentando detectar qualquer coisa ameaçadora, quando a anestesia entra em ação. Um segundo ela está acordada, contando a partir de dez, e no outro ela está dormindo.

Está na hora de trabalhar.

Eu pressiono minhas costas para a porta de vaivém e entro na sala de operações para me juntar à agitação da atividade. Em um esforço para proteger o paciente do pior de tudo, os conjuntos de instrumentos e ferramentas não são dispostos até que eles estejam dormindo, mas também estamos em uma crise de tempo, porque nós queremos que ela fique desacordada pelo menor tempo

possível. Este dar e receber significa que todo mundo está correndo contra o tempo e com uma pressão extra. É uma dança, uma em que minha equipe costuma ser muito boa, e hoje não é diferente, exceto pelo novo membro da equipe.

Eu a vejo do outro lado da sala, ajudando o representante do dispositivo. Ele está segurando a caixa de instrumentos enquanto ela levanta cuidadosamente o conjunto estéril. Eu a examino rapidamente, à procura de sangue ou de um gesso recém-colocado, uma razão legítima para seu atraso, mas, infelizmente para ela, parece que está tudo bem.

—Qual de vocês é o culpado por atrapalhar esta cirurgia? — Collins pergunta para a sala.

Todo mundo congela e então seus olhares se dirigem para Bailey enquanto ela se vira lentamente, se preparando. Com a máscara dela, tudo o que posso ver são os olhos castanhos preocupados dela.

—Sinto muito sobre o atraso—, diz ela, com voz mais forte do que eu esperava que fosse.

Ele aponta o dedo em sua direção. —Você pagará pelo meu voo se eu tiver que reservar um outro.

Seus olhos se arregalam. Ele não está falando sério; é uma ameaça vazia. Ele quer que ela saiba que está chateado, mas agora *eu* estou chateado. Esta é a minha maldita sala de cirurgia e temos um paciente que precisa de toda a nossa atenção.

—Eu já assegurei que você pegaria seu voo.

Com um aceno do meu braço, como se dissesse: *Vamos em frente*, minha equipe volta à ação. Há uma agitação quando todos terminam de se instalar. Kendra entrega ao Dr. Collins e a mim toalhas estéreis para secar as mãos e depois faz um rápido trabalho de ajudá-lo com seu avental. Enquanto isso, Bailey está demorando demais com os conjuntos de instrumentos. Eu ainda estou aqui esperando por sua ajuda.

Ela se inclina para sussurrar algo para o representante do dispositivo.

Eu limpo minha garganta. —É para hoje, Bailey.

Ela levanta a cabeça e se vira para me encarar. —Dr. Lopez costumava fazer com que sua enfermeira o ajudasse com esse avental.

—Sim, bem, meu assistente me ajuda.

Ela corre para tirar o avental da mochila que Kendra está segurando aberta para ela. Ela segura. Eu dou um passo à frente e deslizo meus braços para dentro, em seguida, viro para que ela possa fechar ao botão das costas. Ela limpa a garganta e eu dobro meus joelhos para que ela possa alcançá-lo. Eu mal ouço um silencioso —obrigado— antes que ela termine. Então a mão dela desliza ao longo da minha cintura, para pegar a primeira das duas cordas que amarram as laterais para mantê-lo fechado. Sua mão desliza ao longo do tecido do meu avental e eu respiro fundo, hiperconsciente de seus movimentos. Eu nunca prestei tanta atenção a um assistente cirúrgico enquanto eles amarravam meu avental. Sua mão é pequena e está demorando trinta minutos para encontrar a maldita coisa.

—Eu preciso que alguém mais faça isso?

Sem uma palavra, ela encontra a primeira corda e logo em seguida a segunda e rapidamente as amarra, e puxa apertado, como se ela estivesse tentando me punir.

—Oops—, diz ela, dócil como um cordeiro quando solta um pouco e amarra-o dando um laço.

Os enganos ridículos não param por aí. Quando me movo para a mesa de operação, Bailey corre para ficar do meu lado... e ao meu lado, quero dizer na metade da mesa. Vou ter que estender o braço e me inclinar para alcançar os instrumentos que ela irá me passar. Além disso, ela é baixa, muito baixa para a altura em que a mesa está atualmente definida, e ela percebe o fato ao mesmo tempo que eu.

—Dr. Lopez costumava manter a mesa um pouco mais baixa...

O Dr. Collins murmura, impaciente, em voz baixa.

Eu viro meu ombro e aceno para um técnico. —Pegue um desses degraus.

Alguns momentos depois, eles estão ao lado dos pés de Bailey e eu suspiro, tentando manter a calma depois de uma manhã infernal.

—Traga-os para mais perto—, eu falo impacientemente.

O técnico as arrasta ao meu lado e Bailey se aproxima e limpa a garganta. Agora ela está mais perto da minha altura e não tão longe.

Não querendo perder mais tempo, começo o tempo limite, e cada membro da minha equipe confirma que está pronto para o

procedimento começar. A chamada gira por todos da mesa de operação, o Dr. Collins se apresenta, e então é a vez de Bailey.

Parte de mim espera que ela se vire e saia da sala. Collins a envergonhou publicamente. Ela está sozinha, desperdiçou o tempo de todo mundo esta manhã. Se ela é metade do assistente cirúrgica que o Dr. Lopez afirmou ser, provavelmente está se recuperando agora.

Ela olha para mim e muito dela está escondida sob sua touca e máscara - as sardas, o sorriso, o cabelo loiro pálido. Tudo o que tenho são os olhos, e eles estão olhando para mim, revelando uma mistura de emoção que não consigo nomear. Para o mundo, nossa troca pode ser um milissegundo, mas entre nós parece uma longa pausa contemplativa.

Minha sobrancelha se levanta como se eu estivesse perguntando, *bem? O quê vai ser?*

Ela volta sua atenção para a mesa, e eu olho para o perfil mascarado enquanto ela diz para a CC inteira ouvir: —Bailey Jennings, assistente cirúrgica do Dr. Russell. Tudo está definido.

Bem então.

O dr. Collins pigarreia, claramente irritado por não ter uma chance melhor de falar com ela. Então eu falo, minha voz explode na sala silenciosa. —Hoje de manhã estamos operando uma menina de sete anos chamada Fiona Valdez. Ela e sua família percorreram um longo caminho para estar aqui em nossa sala de cirurgia. Vamos realizar uma osteotomia de subtração pedicular em um esforço para

remediar e atrasar a curvatura adicional. Nós vamos dar uma abordagem posterior. Todos concordam?

Um coro de vozes fala de uma vez e então eu estendo minha mão enluvada.

—Bailey, lâmina dez.

CAPÍTULO 9

BAILEY

Isso é ridículo. Eu sabia que sofreria as consequências por causa do meu atraso, mas deve ser meu dia de sorte porque eu tenho que suportar não apenas um cirurgião mal-humorado, mas dois. Eu pensei que o Dr. Russell era ruim, mas ele não se compara ao Dr. Collins.

Mais velho, alto, em forma. Nos cinco minutos que eu fiquei na mesa de operações com ele, ele já mencionou o fato de que ele —pedalava— duas vezes.

Eu decido ignorá-lo o máximo possível, principalmente porque ainda estou me recuperando da bronca pública que ele me deu quando entrou no CC, mas, aparentemente, a minha falta de interesse o incomoda porque logo após a primeira incisão ele encontra meus olhos sobre a mesa de operação e zomba. —Sabe, Dr. Russell, não sei se suportaria minha assistente cirúrgica atrasar um caso de duzentos e cinquenta mil dólares como este.

Ele diz isso mesmo, enquanto me olha nos olhos! Minhas bochechas ficam quentes. Eu quero bater nele para parar de falar. *Sim, eu estava atrasada, mas me desculpei e não há mais nada que eu possa fazer.* Em vez disso, volto meu olhar para o paciente, sabendo que não devo responder.

—Bem, então é bom que esta cirurgia esteja saindo do orçamento pro Bono do hospital—, responde Russell, com a voz

ainda mais fria do que o habitual. —Bailey, preste atenção. Eu preciso que você sugue mais.

Eu empurro para frente e grito para mim mesma ficar focada.

Poucos minutos depois, Dr. Collins decide voltar sua atenção para mim mais uma vez. Como um valentão da escola primária, simplesmente parece não conseguir o suficiente. —Há quanto tempo você está no time do Dr. Russell?

Por que, oh, por que ele teve que fazer essa pergunta?

—Este é o meu primeiro dia—, eu digo, a voz mal acima de um sussurro. Com a minha máscara, duvido que ele possa me ouvir, mas deve ter ouvido, porque ri como se eu tivesse acabado de dizer a coisa mais ridícula do mundo.

—Não está causando uma ótima primeira impressão, não é?

Eu quero dizer para ele se foder, mas eu não posso. Não é assim que isso funciona. Eu tenho que sentar em silêncio e manter o foco. Ele basicamente pode dizer ou fazer o que quiser. *Oh, o privilégio que vem com um jaleco branco.*

O Dr. Russell podia falar e vir em minha defesa. Ele poderia dizer ao Dr. Collins para fechar sua boca, mas não faz. Está focado no caso e não diz uma palavra a menos que esteja pedindo um instrumento ou dando uma ordem.

Na escala de Pior Cirurgia de todos os tempos, estou pairando em algum lugar perto de 9,5 e, em seguida, o destino decide subir até um perfeito 10 quando meu estômago começar a roncar.

Estamos apenas na metade. Percebo que esqueci completamente de comer o bolinho que Josie jogou para mim quando saí de casa.

Por um segundo, acho que ninguém ouviu.

Graças a Deus.

—Esse é o seu estômago, Bailey? — Dr. Russell pergunta, aceitando a chave de fenda pedical que eu entrego a ele.

Eu engulo e tenho cuidado para evitar contato visual. —Sim.

—Você tomou café-da-manhã?

Eu considero mentir, mas não há como negar os barulhos muito altos e zangados vindo do meu estômago, então eu meio que desvio a questão. —Eu estava com pressa ao sair de casa.

Ele balança a cabeça e, em seguida, com um tom uniforme e duro que envia arrepios na espinha, ele diz: —Nunca entre na minha sala de operações sem comer novamente. É descuidado. Este é um trabalho cansativo. Você fica de pé sobre uma mesa por horas, se retraindo e cauterizando. Se você desmaiar, coloca em risco meu paciente. Você entende?

—Sim senhor.

—O que é isso, o segundo ou terceiro ataque contra você, Bailey? — Dr. Collins pergunta com uma risada que me atinge. — Parece que você vai precisar de um novo assistente cirúrgico mais cedo do que você imaginava, Dr. Russell.

Não é a pior coisa que um cirurgião me disse, eu sei disso, mas é a gota d'água. Eu não sou boa em aceitar críticas. Eu prospero com

feedback positivo e tento o meu melhor para ser uma boa assistente. Eu não gosto de ficar em apuros, e eu definitivamente não gosto de ser repreendida na frente dos meus colegas.

É muito. Talvez eu possa levar um tiro ou até dois, mas não posso ficar na frente de um esquadrão de fuzilamento e fingir que não estou sendo destruída. Pior, cada pessoa nesta sala de cirurgia tem um assento na primeira fila para minha humilhação. Eu sinto os olhos de todos em mim, julgando. Eu sei que eles se sentem mal por mim, e então, porque meu cérebro me ama, eu me lembro de que há uma enorme quantidade de pessoas na galeria de visualização também. *Maravilhoso*.

Penso em todo o esforço que fiz para me preparar para este caso. Eu não queria deixar o Dr. Russell para baixo. Eu queria ser melhor do que todos os assistentes fracassados que vieram antes de mim, mas acontece que sou pior.

Sou grata pelos meus óculos de proteção enquanto uma lágrima percorre meu rosto. Ele encharca o canto da máscara azul cobrindo minha boca e eu grito para mim mesma para ser forte. Assim como no beisebol, não há choro na cirurgia.

Pare! Pare! PARE!

Exceto que as comportas agora estão abertas, e com certeza, eu não estou soluçando, mas meus olhos estão cheios de lágrimas, o suficiente para que eu tenha que piscar rapidamente para afastá-las para que não obscureçam minha visão. Isso é exatamente o que eu preciso: uma lágrima escorrendo do meu rosto no centro cirúrgico. Eu me derreteria no chão.

Ao todo, acho que estou fazendo um bom trabalho de esconder minha angústia, afastando alguns cheiros de forma que as lágrimas possam ser consideradas alergia, mas eu não consigo.

—Eu preciso de alguém para substituir você? — Dr. Russell pergunta.

Eu balancei minha cabeça, sabendo que se eu falasse, um soluço escaparia. Não darei a satisfação a nenhum deles.

Collins está me encarando. Ele sabe que estou chorando, e sua opinião sobre mim atingiu o ponto mais baixo de todos os tempos. Meus olhos se estreitam nele, *desafiando*-o a me chamar.

—Eu preciso que você se comunique—, diz Dr. Russell asperamente. —Minha atenção está no meu paciente. Se você precisa ser dispensada, então diga.

Eu quero gritar para ele me deixar em paz, mas não posso. Em vez disso, tomo suas palavras furiosas e afiadas e as uso para evaporar minhas lágrimas restantes.

—Eu estou bem—, eu mordo com uma voz chocantemente firme. —Você quer que eu peça à Kendra para começar a preparar a bandeja três?

—Sim.

Isso é tudo. Nenhum *obrigado por ser eficiente e atenciosa, mesmo quando dois cirurgiões dominadores a repreendem na frente de todos os seus colegas de trabalho.* Ou, *obrigado por salvar essa situação da melhor maneira possível, apesar de eu ter colocado tanta pressão em você que pode causar um colapso nervoso.*

Embora ambos estejam me tratando como uma assistente, *não* sou uma idiota. Assim como o Dr. Russell solicitou na sexta-feira, eu memorizei cada passo dessa cirurgia. Eu conheço todos os detalhes do caso de Fiona. Eu sabia que a coluna dela se cursava de um jeito particularmente complicado, o que é provavelmente o motivo do dr. Collins estar aqui para ajudar. Eu sei por que ele escolheu raspar aquela seção específica de vértebras em sua lombar e por que é muito importante que o Dr. Russell acerte exatamente, até o milímetro. Eu sei que, apesar deste dia ser o mais difícil e pior que já tive na sala de cirurgia, dificuldades a parte, estou gostando do caso. Estou completamente fascinada pela habilidade e perícia do Dr. Russell, o detalhe com o qual ele realiza essa cirurgia. É como se eu estivesse ao lado de Einstein enquanto ele trabalha com uma equação ou Muhammad Ali enquanto se prepara para entrar no ringue.

O Dr. Collins é completamente desnecessário.

O Dr. Russell está consertando sozinho a coluna dessa menina e, em poucas horas, quando ela acordar e perguntar a seus pais como foi a cirurgia, eles poderão olhá-la nos olhos e dizer que o Dr. Russell resolveu seu problema. Ele deu a ela o que ela mais quer: uma infância normal.

É uma pena eu ter estragado tudo.

Eu dormi demais. Eu arruinei minha única oportunidade. Então chorei na mesa de operações. CHOREI. Eu poderia muito bem empacotar meus estudos meticulosos. Eu sei disto.

Perto do fim da cirurgia, olho para o relógio e vejo que ainda não é meio-dia. O Dr. Collins fará o seu voo. O Dr. Russell compensou

o tempo perdido. Eu nunca estive tão aliviada. Ele me diz para fechar e fazer as suturas e depois sai da sala com o Dr. Collins na sua cola.

Eu sou a única que resta na mesa de operações. Nunca tomei uma respiração tão profunda e clara em minha vida.

Eu amo essa parte. Eu sou boa nisso. Minha mão está firme e meu trabalho está limpo. Cada sutura é colocada com cuidado e atenção para minimizar a cicatriz de Fiona.

Quando termino, Kendra complementa minha técnica, colocando a mão no meu ombro enquanto eu tiro minhas luvas e as atiro no lixo.

—Normalmente, o Dr. Russell é exigente quanto a suturas. Você fez um bom trabalho.

Eu dou um meio riso, meio grunhido. —Sim? E o resto?

Ela ri. —Vamos apenas dizer que foi divertido enquanto durou, certo?

Eu estou comendo sozinha no salão como uma perdedora. Tenho um saco intocado de pretzels e uma maçã. Estou tentando forçar um sanduíche na minha boca, mas está muito seco. Meu corpo está usando todos os meus fluidos para a produção de lágrimas. Cada mordida é uma luta. O que eu realmente quero fazer é jogar o sanduíche estúpido contra a parede, ou melhor ainda, na cabeça do Dr. Russell.

—Lá está ela! — Alguém chama da porta, e eu olho para cima para ver um grupo de assistentes cirúrgicos entrar no refeitório. Nós

sempre almoçamos juntos. Eles são meus amigos de trabalho, as pessoas que riram quando eu desenhei os chifres do diabo no Dr. Russell.

—Você sobreviveu ao seu primeiro dia! — Erika diz com um grande sorriso e dois polegares para cima.

Antes que eu possa protestar, ela e o resto do grupo se reúnem e reivindicam os lugares restantes na minha mesa. Eles acham que isso é uma comemoração quando na verdade é uma festa triste. Se tivesse música tocando, eu provavelmente tiraria.

—Sim, e eu não vou sobreviver a outro—, eu digo, toda cheia de tristeza e desgraça.

—Oh, vamos lá, não seja dramática! — Megan diz, empurrando meu ombro de brincadeira. Megan e Erika trabalham no andar da dermatologia, ajudando seus médicos com biópsias de verruga e depilação a laser. São geralmente alegres e rotineiramente deixam o hospital às 15:00. Megan me disse na semana passada que se sentia *muito* bem descansada. Eu as odeio mais do que gosto delas.

—Vamos te levar para beber e comemorar hoje à noite! — Erika declara como se fosse um acordo feito.

—Não. — Eu sacudo minha cabeça. —Honestamente, eu não estou de bom humor, não depois da manhã que eu tive.

—Ah, vamos lá. Não pode ser tão ruim assim. Você sabia que o Dr. Russell ia ser duro, mas se alguém pode lidar com ele, é você...

Minha mão dispara, exibindo o sinal universal para *cala a boca*, mas então vejo Patrícia na porta, examinando a sala. Ela não come

aqui; ela come em sua mesa para que possa folhear suas revistas de tricô. Eu sei disso porque presto muita atenção nela. É importante fazer parte dos protegidos de Patricia.

Quando ela me vê do outro lado da sala, balança a cabeça e vem direto em minha direção.

Eu imagino o que ela está prestes a dizer. Provavelmente, o Dr. Russell mandou um bilhete que ele gostaria que ela lesse na frente de todo o refeitório. *Sim, aqui diz que você é incompetente e uma grande decepção.*

Eu empurro meu sanduíche e aperto meus olhos fechados.

—Eu procurei por você em todos os lugares—, diz Patrícia, soltando uma respiração irritada.

Então há um barulho alto. Eu abro os olhos e percebo que foi o som de uma pasta de papel pardo batendo na mesa na minha frente.

—Isso é para a cirurgia do Dr. Russell na quarta-feira.

Eu libero uma risada amarga e triste, em seguida, tento devolver a pasta para ela. —Oh, eu não vou precisar disso.

Ela não a aceita. —Eu sei que o Dr. Lopez não fez você estudar arquivos de pacientes como este, mas o Dr. Russell insiste que seus assistentes cirúrgicos conhecem seus casos tão bem quanto ele.

Ela não entende. —Não é isso. Só não acho que vou estar no time dele na quarta-feira.

Seus sábios olhos cinzas me avaliaram por cima dos aros de seus óculos. É claro que ela acha que tenho alguns parafusos soltos.

—Bem, foi ele quem me pediu para passar isso para você. Se você está planejando parar, é melhor avisá-lo agora para que possa providenciar a ajuda de um residente na quarta-feira.

Meu queixo cai.

QUE?

—Ele te deu esse arquivo agora?

Ela balança a cabeça lentamente.

—Este fichário?

—Sim.

—Após a cirurgia?

—Sim.

—Agora? E ele disse para entregá-lo para *mim*? Bailey Jennings?

Ela se aproxima e me bate na testa. —Sim. Agora pare de fazer perguntas estúpidas.

Então ela se vira e sai do refeitório, resmungando baixinho.

Meus companheiros de mesa me encaram em estado de choque.

Erika joga as mãos para cima. —VEJA! VOCÊ CONSEGUIU!

Megan bate palmas. —Isso é motivo de comemoração! Bebe hoje à noite, comigo!

Estou tão chocada que nem tenho o bom senso de rejeitá-las.

Josie, em surpresa, grita pelo o telefone quando eu digo a ela que vou sair com os amigos e estarei em casa um pouco mais tarde do que o habitual.

—O que você vai vestir? — Sua voz atravessa o vestiário. As pessoas me lançam olhares estranhos.

—Uh... — Eu olho para as roupas que eu usava para trabalhar esta manhã. —Nada chique. Essa blusa preta que você odeia.

Ela geme. —Só por favor, não abotoe até o seu pescoço. Eu juro por Deus...

—Eu não abotoei, *XI*! — Eu me apressei e desabotoei os dois primeiros botões, feliz por ela não poder me ver pelo telefone. — Você acha que eu sou uma perdedora *total*?

—E o jeans? —

—Eles são os mais apertados que você me comprou com meu cartão de crédito sem minha permissão.

—Oh! Graças a deus. Sapatos?

—Tênis—, murmuro vergonhosamente. —Com grossas meias de lã.

Ela suspira profundamente. —Por que você insiste em se sabotar?

Eu olho para baixo e bato meus calcanhares juntos como Dorothy.

—Eles são confortáveis.

—Eles também são desagradáveis. Vou queimar quando chegar em casa.

—Ei! Eles não são tão ruins assim. E é melhor você estar dormindo quando eu chegar em casa. Pode ser tarde.

Ela segue em frente, me ignorando. —Seu cabelo está em um rabo de cavalo, não é?

—Claro.

—Você pode solta-lo?

—Não.

—Maquiagem? Por favor, me diga que você colocou um pouco de rímel esta manhã.

—Não. Eu sai apressada, mas guardo algumas coisas no meu armário. Vou colocá-lo se isso fizer você se sentir melhor.

—*POR FAVOR*.

—Bailey! — Erika chama meu nome do outro lado do vestiário. —Você está pronta? Queremos tentar pegar o final do happy hour.

Eu tiro-lhe um polegar para cima. —Josie, eu tenho que ir.

—Ok, tudo bem, mas é melhor você falar com um cara! *Qualquer cara*! O barman! O garoto do ônibus...

Eu desligo na cara dela e pego minha bolsa de maquiagem, dizendo a Erika que preciso de alguns minutos. Eu passei o rímel, misturei um pouco de blush nas minhas bochechas e passei um pouco de brilho labial. Eu pareço incrivelmente mais humana quando entramos no bar do outro lado da rua do New England Medical Center.

Smooth Tony's é uma lenda em todo o hospital. Ele resistiu ao teste do tempo, um pequeno bangalô desbotado no meio de arranha-céus e, o melhor de tudo, o próprio Tony Smooth ainda cuida do bar todas as noites. Erika e Megan estão na base do primeiro nome com ele, e ele conhece suas bebidas preferidas sem que elas tenham que pedir.

—E você, loirinha? — Ele me pergunta enquanto prepara os coquetéis delas.

Eu olho para as garrafas de licor alinhadas atrás dele, tentando lembrar o nome de uma bebida...*qualquer* bebida.

—Uh, eu acho que preciso de um segundo.

—Nós vamos pegar uma cabine antes que todas sejam ocupadas! — Erika diz, e eu fiquei sozinha, procurando em vão por um menu de bebidas.

—Ainda pensando? — Tony pergunta depois que ele ajuda outro cliente.

Eu franzo a testa. —O que você fez para minhas amigas? Talvez eu experimente um desses.

—Vodka com refrigerantes.

Eu aperto meu nariz. —Parece chato.

Ele ri e é profundo e saudável. —Vou te dizer uma coisa: por que eu não faço uma bebida e, se você não gostar, vamos tentar outra coisa.

Eu subo em um banquinho e dou um sorriso apreciativo. —Sim. Obrigado. Isso parece perfeito.

Então, é assim que eu fico sentada sozinha no bar, provando uma bebida que realmente tem um gosto muito bom.

—O que ele acabou fazendo para você?

A pergunta vem do cara sentado à minha direita. Eu me viro e minhas sobrancelhas se erguem. Este não é apenas um cara. Ele é um pedaço de mal caminho loiro com covinhas e um sorriso maravilhoso. Este é um cara que vale uma olhada dupla, até mesmo uma terceira olhada.

Eu sorrio e inclino meu copo em direção a ele. —Oh, uh... na verdade, não tenho certeza.

Eu olho para perguntar a Tony, mas ele já está atendendo outro cliente no outro extremo do bar.

O galã ri. —Parece um *Old Fashioned.*[5] Tem gosto de Bourbon—?

—Talvez. — Eu estreito meus olhos. —Mas só para esclarecer, o que é gosto de bourbon?

[5] Cocktail a Base de whisky.

Ele ri e balança a cabeça. —Primeira vez em um bar?

—*Não*— Minhas bochechas ficam vermelhas. —É a minha *terceira* vez.

Ele solta um sorriso de parar o coração e estende a mão para mim. —Eu sou Cooper.

Tenho o prazer de descobrir que ele tem um daqueles apertos de mãos fortes e masculinos, um que impressionaria qualquer juiz exigente. —Bailey.

—Bailey—, ele repete, testando antes de acenar como se estivesse chegando a uma conclusão. —Você parece uma Bailey.

Minhas sobrancelhas erguem-se curiosamente. —Oh sim? Por que?

—É um nome doce. — Ele encolhe os ombros. —Fofa. Alegre.

Seus olhos me examinam rapidamente, e acho que vejo um sinal de interesse em seus olhos azuis claros, que parecem estranhamente familiares.

—Bem, obrigado, Cooper. Você tem um bom nome também. Acho que minha melhor amiga, quando cresci, tinha um cachorro chamado Cooper.

Ele ri e se volta para o bar. —Foi um cachorro fofo, pelo menos?

Ele está flertando e eu praticamente posso ouvir Josie gritando comigo para flertar com ele, para não deixar esse momento escapar pelos meus dedos.

—Muito bonitinho. Um pequeno buldogue francês—, eu revelo com um grande sorriso.

Ele geme de brincadeira. —Oh, vamos lá, você não poderia ter me dito que era um Rottweiler enorme? Talvez um pastor alemão?

Eu ri. —Não. Ele era uma coisa minúscula. — Eu levanto minhas mãos a cerca de quinze centímetros de distância, piscando um olho fechado como se eu estivesse tentando obter a medida correta. — Aproximadamente deste tamanho.

—Ha ha— Ele inclina a garrafa de cerveja para mim. —Quer saber? Talvez eu tenha entendido errado. Talvez você não tenha o nome tão fofo depois de tudo.

Eu não posso acreditar na rapidez com que nos demos bem. Ele é engraçado e legal. Eu deveria me sentar com as meninas no canto, mas quando olho por cima do ombro, Erika bate palmas como se ela estivesse orgulhosa de mim e Megan grita: —Sim garota!

Felizmente eu não acho que Cooper a ouça sobre a música. Ele segue meu olhar, porém, Erika e Megan fazem um trabalho rápido de tentar parecer normal. Erika toma um grande gole de sua bebida e depois engasga. Megan tem que bater palmas nas costas dela.

—Você precisa se juntar a suas amigas?

Eu franzo a testa. O que eu devo falar? Não, prefiro conversar com você? Que tipo de pessoa deixa seus amigos para ficar com um cara fofo? ALGUÉM QUE NÃO VAI À ENCONTROS HÁ UM MILÊNIO.

Eu franzo a testa. —Eu não sei. Provavelmente. Não quero ser uma má amiga.

Ele sorri e acena com a cabeça. —Entendi. É legal. Eu estou realmente esperando por alguém mesmo.

Meu coração se despedaça. —Oh sim? Uma garota?

Uau. Tão sutil. Tão legal.

—Não. — Ele olha para o relógio e balança a cabeça. —Apenas um idiota sem consideração pelo tempo das pessoas.

—Oh— Eu desço do meu banquinho. —Bem... se você ficar *na mão*, sinta-se bem-vindo para se juntar a mim e as minhas amigas.

Ele sorri. —Obrigado, mas provavelmente vou sair em breve. Eu tenho um voo cedo amanhã.

NÃO. Isso significa que ele vai deixar a cidade. Minhas chances de vê-lo novamente estão diminuindo a cada segundo.

—Mas se você me der o seu número, talvez eu possa ligar para você algum dia?

Talvez ele poderia me ligar em algum momento?

Acho que nunca sorri tanto. Minhas bochechas podem se dividir bem no meio. Meu rosto trai toda a minha excitação, o que significa que Cooper também vê isso. Talvez a minha excitação seja contagiante, porque logo somos dois malucos sorridentes.

Ele puxa o celular, eu digito meu número e, assim por diante, tenho a possibilidade de amor no futuro.

Josie vai fazer xixi nas calças.

CAPÍTULO 10

MATT

—Ah, aí está ele, o homem do momento

Minha caneta continua e eu pressiono meus olhos fechados.

Cooper.

Merda. Eu esqueci completamente que eu deveria tomar umas bebidas com ele hoje à noite.

Eu olho para cima e meu irmão mais novo está de pé na porta do meu consultório com os braços cruzados. Ele parece chateado, o que é uma expressão rara para ele. Sua configuração de fábrica é o cara legal, descontraído. Suas penas não ficam ouriçadas com muita frequência, mas então, se eu tivesse sido esquecido pelo meu irmão imbecil, eu ficaria chateado também.

Eu olho para o relógio e me encolho. Uma hora. Eu o fiz sentar lá por uma hora. Eu me afasto da minha mesa e fico de pé.

—Não há desculpa. Eu sinto muito. Vamos, ainda podemos ir. Eu vou terminar isso mais tarde.

Ele balança a cabeça e me interrompe antes que eu possa pegar meu casaco. —Não se incomode. Eu já tomei duas cervejas enquanto esperava. Se eu tomar outra, vou me sentir uma merda de manhã.

Ele caminha até meu sofá de couro e empurra uma bagunça de dispositivos para fora, limpando um local para que ele possa se sentar. Eu atiraria em qualquer outra pessoa por mexer na minha bagunça, mas não em Cooper.

—A Papelada prendeu você? — ele pergunta.

Eu viro minha cadeira em direção a ele, me sento e me inclino para trás. —Sempre.

—Deve ter sido um dia agitado, se você ainda está com seu uniforme.

Ele tem razão. Geralmente, eu me troco após a cirurgia.

Eu esfrego minha nuca, massageando os músculos cansados. —O dia passou rápido pra mim. Foi agitado para dizer o mínimo.

Ele levanta a mão. —Me poupe dos detalhes.

Entendi. Cooper também está neste mundo, apenas em um ramo diferente. Ele trabalha em vendas para a Hasting Biosciences, a maior empresa de equipamentos médicos do país. Nós dois éramos atletas no ensino médio, estrelas do time de beisebol, mas ele ampliava sua popularidade e eu corria da minha, era mais confortável me concentrar nas minhas notas enquanto ele governava o refeitório. Essa personalidade extrovertida valeu a pena para ele; ele é o principal vendedor da região nordeste.

—Você perdeu uma boa oportunidade de sair e se relacionar com seu querido irmão—, diz ele, levantando e passando por mim para ir até minha mesa. —Eu parto amanhã para Cincinnati. Eu vou ficar fora por um tempo.

Ele abre a gaveta de cima da minha escrivaninha e se estica até encontrar o que está procurando: uma pequena bola de basquete.

—O que há em Cincinnati?

—Um médico em perspectiva.

—Peixe grande?

Ele caminha de volta ao redor da mesa e inspeciona o chão até encontrar o pequeno X feito de fita adesiva. Eu tive que refazê-lo algumas vezes, mas é mais ou menos no mesmo lugar em que o colocamos lá há alguns anos atrás.

—Maior peixe que eu já vi.

Ele mira, aponta a bola para o aro pendurado na parte de trás da minha porta, atira e erra por um fio.

Eu assobio e levanto para recuperar a bola. —Você vai voltar a tempo para o casamento da Molly?

—Quando é isso?

—Meados de novembro, eu acho.

É a minha vez agora, então eu volto para o X, aponto, e afundo a bola na rede.

—Pfft— ele sacode a cabeça. —Sorte, nada mais.

Eu sorrio e seguro a bola para ele. É o mínimo que posso fazer depois dele ficar me esperando para tomar uma bebida. —É melhor você voltar. Tias, tios, primos, todos estarão lá. Eu não vou durar

sem você. Além disso, eles gostam mais de você de qualquer maneira. Eles só me toleram.

—Ah, vamos lá, você vai me fazer corar. — Ele arranca a bola da minha mão, lança e pontua. —Oh, hey, eu esqueci de perguntar, você enviou a proposta de bolsa que você estava trabalhando?

Eu ri. —Sim, seis meses atrás.

—Quando você vai saber a resposta?

—Antes do feriado.

Meu coração acelera pensando nisso... as possibilidades, as vidas que isso afetaria.

Sua testa arqueia com interesse. —Acha que será capaz de desistir dessa vida confortável se a comissão escolher você?

—Eu vou conseguir—, eu respondo sarcasticamente.

Continuamos assim por um tempo, levando o jogo de basquete de brinquedo mais a sério do que deveríamos, mas somos assim um com o outro. Estou me concentrando tanto para conseguir o lance perfeito que não presto muita atenção quando ele começa a descrever a garota que acabou de conhecer no bar do outro lado da rua.

—Totalmente querida. Então você vê, não foi de todo ruim. Estou feliz por você não ter aparecido. Ela é doce. Loira, como eu gosto. Um pouco baixa, mas nela fica lindo. Ela colocou seu nome no telefone como Bailey, garota do Bar, como se eu não me lembrasse dela.

Eu ando para frente, jogo e acabo errando por uns bons sessenta centímetros quando me viro para encará-lo. —Espere, como você disse que ela se parece?

Ele franze a testa, confuso com o meu interesse repentino.

—Loira, alegre, sardas. — Ele encolhe os ombros. —Não é o seu tipo, não se preocupe.

Eu grunho. —Sim, você estaria correto em avaliar que ela não é meu tipo, considerando que ela trabalha para mim a partir desta manhã.

—De jeito nenhum. Não está menina.

Eu reviro meus olhos. —Os olhos dela eram realmente castanhos claros? Quase avelã?

—Eu não sei. O bar estava escuro.

—Ela tinha maçãs do rosto altas? Covinhas quando ela sorri?

—Merda. Bailey? Loira, despreocupada, Bailey trabalha para você? O que ela faz? Ela é enfermeira?

—Ela é minha assistente cirúrgica.

Ele desata a rir. Tons de riso com os olhos fechados e batendo nos joelhos saem dele.

—Não—, diz ele, enxugando as lágrimas dos cantos dos olhos. —De jeito nenhum.

Eu empurrei a bola contra o peito dele. —Você vai jogar a bola ou o quê?

Ele joga a bola de basquete sobre o braço do sofá com total desrespeito por onde ela vai acabar. Ela bate na parede, colide com a minha cadeira e faz uma última descida triste ao lado da lata de lixo. —Diga-me exatamente como isso aconteceu porque a última vez que ouvi de você, você não tinha um assistente cirúrgico. De acordo com você, ninguém sobreviveria.

—Dr. Lopez a empurrou para mim.

Ele balança a cabeça e se aproxima, pressionando a mão contra o meu peito. —Não, não, não. Não me engane. Você a contratou.

Eu dou de ombros e tento me mover ao redor dele, mas ele bloqueia meu caminho. Eu o deixo. Eu tenho alguns centímetros a mais que ele. Eu poderia facilmente dar a volta, mas eu não quero fazer isso parecer que é mais do que é, porque na verdade, não é nada. Meu irmão mais novo, o menino de ouro, tentou pegar Bailey. Grande negócio.

—Por quê?

—Ela estava no lugar certo na hora certa. Eu estava sem um assistente cirúrgico e ela estava sem um cirurgião. Funcionou.

Um sorriso lento e astuto se desenrolou em seu rosto, e tenho a súbita vontade de socá-lo.

—Bem, será estranho para você quando começarmos a namorar?

Eu me afasto, as sobrancelhas franzidas enquanto meu aborrecimento se transforma em algo um pouco mais sinistro. —

Namoro? O que você quer dizer? Você não acabou de conhecê-la há cinco minutos?

Ele encolhe os ombros e se afasta. De repente, ele é um idiota correndo a mão sobre minha mesa, tocando coisas que não pertencem a ele. —Sim, mas nos demos bem. Houve essa conexão instantânea. Você entendeu. Você provavelmente sente o mesmo quando recebe um novo dispositivo médico, esse tipo de excitação nas suas costas.

Suas sobrancelhas estão balançando sugestivamente.

—Isso é muito engraçado, Coop—, eu provoco, estendendo a mão para o ombro e apertando-o um pouco mais forte do que deveria. —Eu me pergunto se esse médico em Cincinnati seria adiado por um olho roxo?

Suas sobrancelhas se levantam. —Olho roxo? — Seu tom é inocência fingida. —O que? Eu pensei que nós estávamos apenas discutindo minha nova amiga e agora de repente você está me ameaçando com dano corporal. Esso não é você, Matthew.

Ele nunca me chama de Matthew. Ele acha que sabe das coisas. Vai ser estranho ter que explicar aos meus pais que eu acidentalmente assassinei seu filho favorito.

—Eu estou te avisando—, eu digo ameaçadoramente. —Desista.

—Desistir do que, exatamente? Você terá que ser específico, já que estou claramente confuso.

Eu solto seu ombro e volto para minha mesa, começando a arrumar minhas coisas para que eu possa dar o fora daqui. —Você está fazendo isso porque quer me irritar. Você quer me punir por fazer você se sentar naquele bar. Bem, conseguiu. Agora, deixe-a fora disso.

Ele ri e balança a cabeça. —Não, na verdade não é nada disso. Eu conheci uma mulher bonita hoje à noite e ela me deu seu número. Eu te falei sobre isso e ao invés de estar feliz por mim, você foi pessimista. É interessante, você não acha? Você se importaria se eu namorasse Patrícia?

Eu levanto meus olhos: *Não foda comigo*.

—Você está certo. — Ele concorda. —Ela é boa demais para mim. E quanto a Kendra?

—Pare com isso, Coop.

—Não, eu preciso saber, você não quer que eu namore com *alguma* de suas funcionárias ou você não quer que eu namore com Bailey?

—Você está sendo um idiota. Pare.

Ele levanta as mãos em sinal de rendição. —Você está certo. Bem. Lição aprendida: qualquer coisa que tenha a ver com Bailey, vou guardar para mim mesmo.

Eu não deixei o joguinho de Cooper chegar até mim. Ele é meu irmão mais novo. Ele nasceu para me atormentar. Ele acha que sabe

tudo, mas honestamente, não é grande coisa. Sair com Bailey. Eu não me importo.

Ele me manda uma mensagem no dia seguinte com uma captura de tela da conversa deles.

Cooper: Ei! É o Cooper.

Cooper: Oh, deixe-me esclarecer: o cara do bar, não o cachorro da sua amiga.

Bailey: Ha! Fiquei confusa por um segundo... obrigado por esclarecer. Como você está?

Cooper: Bom, acabei de desembarcar em Cincinnati para o trabalho. Está um frio da porra aqui.

Então ele enviou uma selfie estúpida dele do lado de fora com o capuz puxado para cima e os dentes batendo. Ela respondeu algumas horas depois.

Bailey: Oh meu Deus! Pobrezinho.

Cooper achou que isso era promissor.

Ah, ela sente muito por mim. ;) Foi seu texto exato para mim.

Minha resposta: *Aparentemente, não considerando quanto tempo levou para responder à você. Estranho, já que ela não trabalha às terças-feiras. Qual foi a desculpa dela?*

Cooper: Talvez ela simplesmente não seja escrava do celular dela como o resto da sociedade...

Eu não respondi, optando por voltar ao trabalho, mas ele mandou uma mensagem novamente.

Cooper: Só para ficar claro, de nós dois, eu sei muito mais sobre mulheres do que você.

Matt: Tudo bem.

Cooper: Eu tive três relacionamentos bem-sucedidos de longo prazo. Você teve um divórcio.

Matt: K[6]

Minhas respostas curtas devem tê-lo irritado porque ele continuou: *De fato, eu realmente sinto que Bailey e eu vamos nos dar bem. Vou convidá-la para sair quando eu voltar de Cincinnati.*

Eu não respondi.

Na manhã seguinte, tenho minha segunda cirurgia agendada com Bailey. Fica no quadro-negro às oito horas da manhã, mas, quando chego às seis, ela já está lá, encostada na parede do lado de fora do consultório, com uma garrafa térmica de café em uma mão e um recipiente Tupperware na outra. Eu olho para trás e para frente da minha porta, imaginando se ela está confusa.

—Você está esperando por mim? — Eu pergunto quando sei que ela pode me ouvir.

Ela se inclina para frente e balança a cabeça, seu comportamento mudando de relaxado para profissional assim. — Sim. Oi. Bom Dia.

[6] É uma versão mais curta da palavra "ok" que é usada em mensagem de texto.

Suas bochechas estão coradas, quase do mesmo tom que seus lábios. Sua jaqueta ainda está fechada até o pescoço. Eu me pergunto onde ela estava para ficar com tanto frio a caminho do hospital. Então o pensamento se dissipa quando o aroma distinto de pão assado me distrai. Minha se enche de água, igual cachorro quando quer sua comida.

Minha chave está na mão, pronta para ser usada.

Ela não se move. Seus olhos percorrem meu paletó, meu peito e meu pescoço, e sobe mais até que seus olhos castanhos se encontram com os meus. Ela tem que inclinar a cabeça para trás um pouco para encontrar meus olhos, e talvez eu estivesse inspecionando-a tanto quanto ela, porque ela pergunta: —Você está esperando por alguém? — e eu juro que a voz dela está um pouco ofegante.

Eu resisto ao impulso de sorrir. —Você está bloqueando minha porta. Eu não posso abrir.

Suas maçãs do rosto ficam ainda mais vermelhas e depois ela sai rapidamente do meu caminho. —Oh deus, desculpe. Claramente, eu ainda não tomei meu café.

—O que há aí? — Eu pergunto, apontando para o Tupperware. —Cheira bem.

—Este? Oh, bem... — ela levanta, faz uma pausa, e então olha para mim enquanto encolhe os ombros. —É um suborno.

Eu termino de destrancar a porta, então me afasto e arqueio uma sobrancelha em sua direção. —Um suborno?

Ela mastiga o canto do lábio inferior para não sorrir. —Sim. Pão de banana. Patrícia disse que era o seu favorito, então fiz um pouco para você no meu dia de folga.

Hã.

Interessante.

Ela deveria estar mandando mensagens para Cooper, mas em vez disso, ela estava cozinhando para mim.

—Você está tentando compensar o atraso de segunda-feira? — Eu pergunto, sem um pingo de humor no meu tom.

Eu abro minha porta e entro, deixando entreaberta para que ela possa me seguir se quiser. Ela entra.

—Sim. Exatamente. — Ela olha para o pote como se considerasse algo e depois me olha de volta, seu olhar encontrando o meu. —Desculpe o atraso. Não há desculpa, mas você dever saber que eu nunca cheguei atrasada e não pretendo me atrasar nunca mais. Acho que um pedido de desculpas não é bom o suficiente, então meu plano é lhe dar doces.

Então, para enfatizar, ela abre a tampa.

Porra, isso cheira bem. Como uma boa padaria. Tão boa quanto a cozinha da vovó.

Meu estômago ronca.

Ocorre-me como esta conversa é diferente dos meus relacionamentos anteriores com assistentes cirúrgicos. Quando Kirt entrou no meu consultório, seus joelhos tremeram. Ele evitou

contato visual e parou perto da porta como se para garantir uma fuga rápida. Em contrapartida, Bailey parece confiante, tão confiante, na verdade, que está olhando em volta do espaço, observando-a sem pressa. Ela sorri para alguma coisa e eu sigo seu olhar para a bola de basquete de brinquedo no meu sofá. Eu esqueci de colocá-la de volta na minha mesa na outra noite.

Eu começo a vasculhar alguns arquivos por nenhuma outra razão a não ser ter uma desculpa para desviar o olhar dela. Ela não está de uniforme ainda. Seus jeans são fofos. Sua jaqueta é rosa. Seu cabelo é louro dourado, angelical.

Cooper estava certo: ela não é meu tipo usual.

O fato de eu ter que me lembrar disso me irrita.

—O suborno é desnecessário—, declaro de repente, querendo deixar as coisas perfeitamente claras para ela. Suas sobrancelhas franzem e eu continuo: —Para você trabalhar para mim, para sermos uma boa equipe, não preciso gostar de você. Você não tem que cozinhar para mim. Basta aparecer na hora e fazer um bom trabalho. Que tal isso?

—Mas eu quero que você goste de mim—, diz ela, parecendo confusa com a ideia de que ela tem que se explicar.

Eu dou de ombros como se não fosse importante. —Se isso ajuda, eu realmente não gosto de ninguém que trabalhe aqui, exceto Patrícia, e acho que isso é apenas respeito mútuo.

—Então, para você, é melhor respeitar alguém do que gostar deles?

Eu olho para cima para ver a cabeça dela inclinada para o lado. Ela está me estudando com as sobrancelhas franzidas. Essa garota está me colocando sob um microscópio no *meu* próprio consultório e eu não gosto disso.

—Sim, eu acho que sim.

Sua boca suaviza e depois se inclina em um sorriso sedutor. —Então, não há esperança para nós? Como amigos?

Ela está me provocando e bem aqui, agora, há um sentimento de esperança crescendo no meu peito. Meu coração frio e morto pode não estar completamente fora de combate, afinal de contas.

Então, faço a única coisa lógica: afasto esse sentimento.

—Não. Não há esperança.

Não como amigos, e não como algo mais, embora eu me sinta estúpido, mesmo tendo que esclarecer isso para mim mesmo. Eu nunca consideraria Bailey atraente se Cooper não tivesse mudado ela de categoria para mim. Esses pensamentos errôneos são culpa dele.

Ela balança a cabeça e fico surpreso ao ver que ela não parece chateada. Na verdade, ela parece aliviada. Ela coloca a tampa de volta no Tupperware. —Então eu vou levar esse pão para a sala de descanso. Não vale a pena desperdiçar. Vejo você na cirurgia!

Então ela sai.

Ela sai do meu consultório e leva meu maldito pão de banana com ela.

CAPÍTULO 11

BAILEY

Um desperdício colossal do meu tempo. Eu me encolho pensando em quão cuidadosamente eu medi esses ingredientes ontem. Eu fiquei perto do nosso antigo fogão, com o rosto a centímetros do vidro, o suor descendo pela testa do calor que aquela porcaria emanava, só para garantir que o pão não queimasse.

A cozinha foi a minha maneira de tentar controlar a situação. Eu já havia memorizado os passos do procedimento para a cirurgia de hoje e ainda estava muito ansiosa. Como prova: meu despertador disparou às 5:15 da manhã de hoje. Então, meu antigo rádio relógio começou a tocar música pop e, segundos depois, o punho de minha irmã começou a bater contra a minha porta.

—EI! Você definiu o meu alarme? O sol nem está alto, você é psicótica. Deixe-me dormir! Eu sou adolescente! Meu cérebro ainda está crescendo!

Eu não tive escolha. Eu precisava ter certeza de que não dormia demais, então tomei todas as precauções necessárias, inclusive acordar minha irmã. Minhas roupas já estavam escolhidas no chão como se eu tivesse acabado se sair delas na noite anterior. Meus sapatos estavam desamarrados e prontos para calçar. Minha escova de dentes foi pré-carregada. Eu estava tremendo no ponto de ônibus quinze minutos depois de acordar.

Eu queria causar uma segunda impressão melhor que a primeira, e estava confiante nisso até chegar ao consultório do Dr. Russell e encontrá-lo vazio. O corredor estava quieto. Eu fiquei nervosa. Eu olhei para a minha Tupperware, imaginando se talvez não fosse uma boa ideia, afinal. *E se ele fosse alérgico a nozes?*

Ah, certo, eu não usei nozes.

Eu estava a segundos de fugir quando ouvi sua voz profunda e hostil no corredor.

—Você está esperando por mim?

Eu olhei para cima e quase engoli minha língua. Meu estômago apertou enquanto eu piscava um número cômico de vezes, tentando compreender como um robô poderia ser tão bonito. Ele estava vestindo um terno azul-escuro que ressaltava seu cabelo escuro e grosso. Seu casaco foi jogado sobre o antebraço. Sua mandíbula dura estava trancada enquanto ele me avaliava com desconfiança na sua abordagem.

De repente me senti tola e adolescente ali esperando por ele. Amaldiçoei minha roupa, desejando já ter trocado pelo meu uniforme. Meus tênis estavam desgastados. Seus oxfords marrons pareciam ter sido polidos alguns segundos antes. Minha jaqueta havia sido comprada em uma loja de produtos usados. Ele parecia sob medida em tudo.

Ele continuou andando até que ele estava bem na minha frente, e meu pescoço esticou para trás e para trás um pouco mais até que aquele olhar azul tirou o ar dos meus pulmões.

Eu não tive muito contato com homens como o Dr. Russell na minha vida. Estar perto dele em um corredor tranquilo era tão emocionante quanto andar em uma montanha-russa que desafia a morte... talvez uma que não tenha sido inspecionada há algum tempo, feita de madeira frágil e barras de ferro estridente. Eu tinha quase certeza de que não sobreviveria ao passeio, mas algo me fez querer subir de qualquer maneira.

Ele também estava me estudando e gostaria de saber o que estava acontecendo naquele microprocessador dele.

—Você está esperando por algo? — Eu perguntei.

—Você está bloqueando minha porta. Eu não posso abrir.

Fiquei mortificada da cabeça aos pés. Eu queria jogar o pão nele e correr pelo corredor. Obriguei-me a tentar manter as aparências enquanto o seguia em seu escritório, mas essa era uma ideia estúpida. *Você já está nervosa? Entre na cova do leão.* A primeira coisa que notei foi que a sala tinha seu cheiro. Eu não tinha percebido que ele tinha um aroma distinto até aquele momento, fresco e amadeirado. Eu tinha uma vontade estranha e súbita de me esfregar em seu sofá de couro, na esperança de que isso se prolongasse em mim depois que eu saísse.

Perfume à parte, seu consultório era uma bagunça total, o que eu achei estranhamente encantador. Não havia recipientes velhos de comida por perto, nenhum lixo transbordando. Em vez disso, era confuso como uma cozinha muito querida. Dispositivos médicos espalhados. Arquivos empilhados em sua mesa. Suas estantes de livros estavam cheias até a tampa com textos médicos, e o excesso

empilhado no chão. Se eu tivesse uma memória fotográfica, teria memorizado cada um deles.

Pelo menos eu me diverti invadindo seu espaço porque o resto da experiência foi uma *droga*. Vamos apenas dizer que não foi minha melhor exibição (eu disse a ele que estava tentando suborná-lo!) e então as coisas pioraram quando ele recusou o suborno. Sem pão, sem amizade, sem nada. Aparentemente, meu pão de banana não era tão tentador quanto eu esperava que fosse. Eu realmente achava que o Dr. Russell iria aceitar. Qual americano que come glúten em sã consciência recusas produtos caseiros?

Eu jogo o pão de banana no balcão da sala de descanso e resisto à vontade de esfaqueá-lo.

—*Oh*! Alguém fez pão de banana? — Shelly pergunta da porta. Ela se vira e grita pelo corredor. —Ei, Larry, tem pão de banana aqui!

Em poucos minutos, colegas de trabalho estão ao meu redor como abutres. Eu os vejo comer meu pão, absorvendo cada enfáticos gemidos e suspiros.

—Bailey, isso é *muito bom*—, diz Larry com um pequeno balanço de seus ombros.

Seu elogio é bom, mas não é o que eu queria. Dr. Russell deveria estar lambendo seus dedos agora, mas em vez disso ele virou a mesa contra mim.

Eu não preciso gostar de você.

Quem diz isso para alguém?!

Um psicopata, é que diz. Todo mundo quer ser amado. Incluindo ele.

Eu sei disso.

Eu não vejo o Dr. Russell até ele entrar na sala de cirurgia. Ele confere com o anestesista, faz o check-in com o representante do dispositivo e depois segue direto para mim. Eu já estou segurando seu avental, esperando por ele, luvas estéreis e máscara no lugar. Cada mecha do meu cabelo está enfiada debaixo da minha touca cor-de-rosa, a que eu não tive tempo de pegar na segunda-feira.

Ele percebe e balança a cabeça enquanto coloca o avental.

—O que? — Eu pergunto.

—Nada.

Eu não acho que ele é um fã de rosa. É melhor ele rezar para não ter uma filha amante das princesas algum dia.

Eu chego para amarrar o avental em suas costas. Assim como da última vez, parece um pouco mais íntimo do que deveria. É a proximidade. Estou a centímetros de distância de sua bunda e, embora não tenha orgulho de mim mesmo, olho para baixo. É ótima.

Hoje somos só nós, nenhum cirurgião secundário me fazendo chorar, então fico em frente a ele na mesa de operações. Não consigo decidir qual posição é melhor. Na segunda-feira, eu estava ciente de todos os seus movimentos, com cuidado para não esbarrar acidentalmente nele enquanto eu trabalhava. Agora, eu tenho uma visão melhor das partes dele que poderiam facilmente amolecer um

coração: seus surpreendentes olhos azuis, corpo alto e cabelo preto *quase* invisível por baixo de sua touca cirúrgica. Seu tom de pele bronzeada parece agradável mesmo sob o brilho severo dessas luzes fluorescentes. Eu acho que ele poderia ser um destruidor de corações, no exato momento em que ele grita uma ordem para o representante do dispositivo. Ah, certo, não há um Casanova em pé na minha frente; é o Dr. Beep Boop Robot. Eu nem tenho certeza se há um coração batendo embaixo dessas roupas.

Seu olhar dispara para mim. Aparentemente, não o estou observando tão secretamente quanto eu pensava. —Você está prestando atenção à cirurgia? — ele pergunta, irritado.

—Sim.

Tecnicamente não é mentira. Claro, eu estava meio que o cobiçando, mas era no contexto da cirurgia. Eu ainda estou me acostumando com o fato de que eu posso observar alguém como ele dessa proximidade. É uma experiência inebriante.

—Diga-me qual instrumento eu vou precisar em seguida.

Eu sorrio sob minha máscara. —A cureta lombar de prisma, 13/75 polegadas.

Ele é muito treinado para revelar qualquer surpresa, mas eu juro que acabei de ganhar um pouco do respeito dele. Eu quero correr ao redor da sala com a mão estendida, coletando high-fives.. Em vez disso, eu confiro para confirmar que o retrator ainda está colocado corretamente, lembrando do seu discurso em seu consultório. *Basta aparecer na hora e fazer um bom trabalho.* É mais

importante ganhar seu respeito do que sua afeição e, se esse é o caso, pelo menos eu sei onde estou.

Exceto que ainda há uma coisa me corroendo.

Entrego a cureta e depois falo gentilmente. —Eu gostaria de saber, por que você me deu uma segunda chance depois que eu cheguei tarde na segunda-feira? Parece que me lembro de você dizendo muito severamente que eu só teria uma chance.

Por um momento, ele está quieto enquanto continua trabalhando. Os sons da cirurgia nos cercam: os bips rítmicos do oxímetro, o zumbido surdo do Bair Hugger[7] soprando ar quente nas pernas do paciente, as conversas acontecendo ao nosso redor.

—Você está analisando muito sobre isso—, diz ele, fazendo uma pausa. —Eu preciso de uma cureta um pouco maior. Existe uma no kit?

Eu encontro uma e troco a que ele está segurando.

—Eu estou? Analisando muito sobre isso?

—Você veio altamente recomendada—, continua ele, satisfeito com a nova ferramenta. —Eu não tinha outras opções. Agora, se você fizer o favor de parar de falar, preciso me concentrar.

É uma tática; ele não precisa se concentrar mais do que ele já está. O Dr. Lopez conversava em todos os procedimentos que fez, e sei que o Dr. Russell é um cirurgião melhor do que a maioria. Ele provavelmente poderia operar com os olhos fechados, então se ele

[7] Sistema de gerenciamento de temperatura utilizado em hospitais e centros cirúrgicos para manter temperatura corporal do paciente.

diz que precisa se concentrar, na realidade, ele simplesmente não quer terminar a conversa.

Tudo bem.

Passo o resto da cirurgia pensando no que aprendi em seu consultório mais cedo. Se o Dr. Russell preferia respeitar alguém do que gostar dele, é óbvio que ele preferiria o mesmo para si mesmo, como se ele fosse um rei que preferisse ser temido em vez de ser amado. Há algo de triste nisso. Deve ser uma existência solitária andar por aí aterrorizando a todos, uma parte de mim se pergunta se é um mecanismo de defesa.

Eu sei que eu não deveria me importar. Eu deveria esquecer isso. Ele foi muito claro comigo em seu consultório... Mas parece que não consigo desistir. Eu quero saber mais. Talvez antes eu não me importasse, mas ele recusou meu pão de banana, caramba. Ele disse que não queria ser meu amigo! Eu preciso de respostas.

Eu decido que a melhor pessoa para perguntar é Patrícia. Ela trabalha para ele há anos. Ela tem que saber mais sobre ele do que qualquer outra pessoa no hospital. Eu a encontro sentada à sua mesa no almoço. Há uma caneca de chá, uma pequena salada Cesar e uma nova edição do *Creative Knitting* espalhada na frente dela. Ela nem se incomoda em olhar para cima das páginas enquanto passamos pela costumeira conversa fiada: *oi, como você está, como vai o seu dia.* Finalmente, chego ao coração da conversa.

—Então você está muito perto com o Dr. Russell, hein? — Eu pergunto, levantando minha perna para sentar na beira da mesa dela.

Ela limpa a garganta em desgosto e eu imediatamente me movo. Ok, ainda não estamos lá. Anotado.

—Quero dizer, você está com ele desde que ele começou aqui, certo?

Ela bufa. —Eu sou a única que poderia atura-lo.

—Então você admite que ele é difícil de trabalhar?

—Quase impossível.

—Mas isso tem que ser uma encenação. Ele não é realmente assim na vida real, é—?

Como ele pode ser? Quem tem energia para encarar uma situação de controle total todos os dias da sua vida?

—Eu só vou dizer isso... — Ela vira uma página de sua revista e aponta para baixo. —Quanto mais dura a concha, mais suave o coração.

Uau. *Patrícia*. Quem diria que ela tinha jeito com as palavras? Parece algo que deve ser impresso em um cartaz inspirador ou algo assim. Então eu olho para baixo e vejo que ela, na verdade, roubou a frase de um travesseiro bordado em sua revista.

Tanto faz.

—Então você acha que ele é um amor de pessoa no fundo?

Ela olha para mim sobre a borda de seus óculos. —Ele tem que ser, você não acha? Para fazer o que ele faz por essas crianças todos

os dias? Sem mencionar as coisas que ele está fazendo com essa concessão.

—Que concessão?

Ela sacode a cabeça. —Você terá que perguntar a ele sobre isso. Eu não conheço todos os detalhes.

Então, ela voltou sua atenção para a revista e voltou a ler, agradeço e me mando.

Eu não consigo parar de pensar em sua avaliação enquanto eu almoço. É verdade: o Dr. Russell costuma operar três crianças por semana, o que significa que já impactou centenas de vidas em sua curta carreira.

Ele não pode ser de todo ruim.

Ele não pode ser o vilão que todos pensam que ele é.

Aqui está um texto de Cooper esperando por mim quando eu verifico meu telefone no vestiário depois do trabalho.

Cooper: Ei Bailey! Tudo bem?

Ele enviou horas atrás, quando eu ainda estava em cirurgia. Eu me sinto mal por fazê-lo esperar tanto tempo por uma resposta.

Bailey: Saindo do trabalho, desculpe! Eu estou bem, apenas exausta, ha.

Cooper: Sim, aposto. Aqueles cirurgiões atropelam você.

Bailey: Não é tão ruim :) Eu gosto do meu trabalho.

Cooper: E o seu médico? Ele é legal? Eu trabalhei com alguns terríveis.

Meus dedos cairiam se eu tentasse explicar todo o portfólio de emoções que sinto pelo Dr. Russell, condeno-o.

Bailey: Ainda estou decidindo. Meu antigo médico acabou de se aposentar e eu realmente gostava dele. Eu acho que com esse novo médico vai melhorar quando encontrarmos o nosso ritmo.

Ele e eu trocamos mensagens até de noite. É bom que ele pareça estar me perseguindo, mas eu não estou nessa página ainda. Eu não tenho ideia de quanto tempo ele ficara em Cincinnati, eu não tenho certeza se estou mesmo em um bom momento para namorar alguém agora. Eu explico isso para Josie depois que ela vê meu telefone acender com o nome dele enquanto estamos dobrando a roupa e exige saber todos os detalhes do nosso relacionamento.

—Estou confusa, como você poderia *não* estar disponível? Você teve zero encontros recentemente. ZERO.

Eu concordo. —Sim eu sei disso. É só que... — deixei a minha frase se prolongar porque não sei como explicar. Cooper é muito fofo e simpático e quer me conhecer. Mas meu coração não palpita quando penso nele. Eu não me transformo em uma bola de excitação quando vejo um texto com o nome dele. —Eu não sei. — Eu me levanto do sofá. —Eu preciso começar a fazer o jantar.

—Mas Cooper ainda está esperando por uma resposta!

Toda essa coisa de mandar mensagens para um cara quente não é tão bom quanto deveria ser.

—Você pode responder? Só não me faça parecer muito ansiosa, — eu digo quando começo a pegar os ingredientes da geladeira para a noite do taco.

—Então eu não deveria mandar meia dúzia de emojis de cara de beijo? — Ela sorri e inclina a cabeça para o lado como um cachorrinho adorável quando eu olho para ela por cima do meu ombro. —Brincando.

As mensagens vão e voltam enquanto eu corto cebolas. Cooper pergunta sobre meus planos para a noite e eu digo a ela para ser vaga. Ele não precisa saber quão embaraçosa e inexistente é minha vida social.

—Eu disse a ele que você iria sair com suas amigas e fazer — *Body shot*. — Quais são as fotos do corpo eu coloco?

—Josie!

Ela me ignora. —Ah, coitado. Ele diz que está comendo sozinho em seu quarto de hotel.

Alguém cozinhando e limpando para mim? Adoraria.

Poucos minutos depois, meu telefone toca com um e-mail recebido e Josie pergunta: —Quem é o Dr. Russell?

Me dá um frio no estômago e eu deixo cair o bloco de queijo que estava na metade da trituração. —QUE?!

Seus olhos se arregalam em choque. —Oh meu Deus! É *ele*! O cara gostoso do site!

Eu nunca me movi tão rápido na minha vida. Estou de pé e pulo a ilha da cozinha, tirando o telefone da mão de Josie antes que ela tenha tempo de piscar.

—Jesus—, ela reclama. —Você quase arrancou meu dedo!

Meu coração bate forte contra minhas costelas enquanto eu desbloqueio meu telefone e abro o aplicativo de e-mail. Meus dedos estão cobertos de queijo, deixando a tela do meu celular embaçado, mas não me importo. Ele me mandou um e-mail! *Por quê?* Eu poderia vomitar ou gritar. Minhas emoções saíram dos trilhos.

Ele nunca me contatou fora do trabalho. Este poderia ser um pequeno passo na direção certa. Meu dedo está tremendo enquanto eu bato para abrir o e-mail dele e sei que Josie o vê.

Então eu li o maldito e-mail e eu me tornei um balão triste e desinflando. É apenas uma mudança de última hora para a cirurgia que temos na sexta-feira. Ele nem sequer se dirigiu a mim pessoalmente. Três outras pessoas em nossa equipe cirúrgica foram notificadas.

—O que diz? — Josie pergunta, pegando um saco de ervilhas do congelador para aplicar em seu dedo. —E por que o médico quente está mandando e-mails para você?

—Oh... hum... — Eu olho para baixo. —Eu meio que trabalho para ele agora. — O saco de ervilhas bate no meu peito e eu tropeço para trás como se tivesse sido baleada. —Ow!

—Você trabalha para ele? — ela pergunta incrédula. —Desde quando?

Ela pega as ervilhas e está prestes a jogá-las em mim novamente quando eu tento arrancá-las de sua mão. O saco se abre e minúsculas esferas verdes se espalham ao nosso redor como confetes.

Nós duas congelamos. Sua cabeça inclina para o lado enquanto ela espera que eu desabe.

—Desde esta semana—, eu finalmente ofereço, parecendo indiferente. —É novo. Pode não dar certo.

Nós duas caímos de joelhos para começar a coletar ervilhas.

Ela estreita os olhos em descrença. —O que ele enviou para você?

—Material de trabalho chato.

—Oh— Ela está triste com isso também. —Você agiu como se fosse outra coisa. — Seus olhos saltam de volta para os meus. —Você *quer* que seja outra coisa?

—Eu não sei. — Eu tenho que jogar um punhado de ervilhas no lixo para que ela não possa ver meu rosto. —Eu acho.

—Como algo pessoal?

Meu telefone toca novamente com um texto recebido de Cooper e aproveito a oportunidade para redirecionar Josie. Enquanto ela responde a ele, eu continuo limpando e encaro o fato de que há uma grande diferença entre como eu me sinto quando recebo uma

mensagem de Cooper e como me senti quando pensei que o Dr. Russell poderia ter me enviado algo diferente de trabalho.

Minha excitação foi parar nas nuvens. Quero dizer, Jesus, quase quebrei o dedo da minha irmã. Eu derramei legumes congelados em minha cozinha.

Eu sei que só me importo tanto por causa da forma como as coisas estão entre mim e ele. Nosso relacionamento de trabalho parece um vulcão prestes a explodir a qualquer momento. É como se ele mal pudesse me suportar. Não só isso, ele colocou uma parede entre nós, o que só me faz querer conhecê-lo ainda mais. É bobo. Ele é meu chefe. Eu nunca me importei se o Dr. Lopez me mandou um e-mail, mas essa é uma situação completamente nova.

O Dr. Lopez gostava de mim. Ele foi legal comigo. Ele falava comigo durante a cirurgia e me perguntava sobre a minha vida.

Eu não posso imaginar um dia em que o Dr. Russell tente se envolver em uma conversa fiada. Na verdade, a ideia é ridícula.

—Cooper realmente parece interessado em você—, Josie olha do chão enquanto ela varre a última das ervilhas, sua voz assumindo um tom de esperança. Ela está tentando me animar, e isso me deixa com raiva porque eu preciso ser animada. Que interesse eu tenho em me preocupar com o Dr. Russell? Isso não faz sentido. A última vez que eu verifiquei, eu não podia realmente suportá-lo, e agora de repente eu estou chateada, porque ele não me notou e recusou a minha oferta de amizade.

Não faz sentido. Eu não quero ser sua amiga!

A única explicação lógica é que eu só quero que ele goste de mim. Isso é tudo. Eu quero levar uma picareta para suas defesas e lascar lentamente até que um dia ele olhe para cima e perceba, *Huh, Bailey, ela não é tão ruim assim.*

Parecia um plano bom o suficiente, então eu iria me dedicar a ele e começar a trabalhar nisso.

Nas próximas duas semanas, sou uma empregada modelo. Então chego cedo, estou focada, sou respeitosa, educada e ansiosa por aprender. O Dr. Russell e eu temos mais seis casos juntos em que eu o auxílio à perfeição. As enfermeiras notam, o anestesista me elogia, e os representantes do dispositivo me confidenciam que o Dr. Russell nunca teve cirurgias tão perfeitas.

Estou preparando um lugar no meu armário onde o meu certificado de Funcionário do Mês será colocado. Eu pratico em frente ao espelho, tentando parecer exatamente a combinação certa de chocada e apreciativa, mas no final, é risível. Eu me esforço para tentar ganhar o respeito do Dr. Russell, e todos percebem, exceto Dr. Russell.

De alguma forma, sua atitude em relação a mim só piorou.

Ele é arrogante comigo sem motivo, zangado se eu cometer o menor erro. Por exemplo, se eu demorar muito tempo arrumando um instrumento na bandeja do dispositivo, ou se eu não responder rápido o suficiente quando ele fizer uma pergunta, ou se eu tiver a audácia de pedir uma pausa para ir ao banheiro durante um procedimento de oito horas. A maioria dos cirurgiões permitia que

seus assistentes fizessem uma pausa ou até mesmo -*Deus não permita* -trocar com alguém novo. Eu pensei que estava mostrando comprometimento por ficar com ele, mas acho que não.

Eu nunca o vejo fora da sala de cirurgia. Ele já tinha saído quando eu terminei de me limpar após a cirurgia. Eu tentei pegá-lo nos corredores, mas se ele não está em cirurgia, ele está trancado em seu escritório. Patrícia me avisa para não o incomodar.

—Eu nunca o vi assim. Algo deve estar acontecendo fora do trabalho—, ela me diz na quarta-feira. —Se eu fosse você, eu evitaria.

Eu não aceito o conselho dela.

Eu não posso ficar longe dele. Ficamos em frente um ao outro em uma mesa de operações por horas a fio e não fiz nada para justificar esse tipo de atitude da parte dele.

Meu trabalho foi impecável. Eu fui uma empregada modelo. Ele pode ficar quieto e profissional. Ele está autorizado a não querer ser meu amigo, mas ele não pode ser rude!

Então, eu passo por sua sala e bato na porta do escritório, cruzo os braços e espero que ele me deixe entrar.

Ele não faz.

Eu pressiono meu ouvido na porta e ouço se há alguma conversa por telefone. Não há nenhuma.

—Dr. Russell, eu poderia ter uma palavrinha com você, por favor?

Asseguro que meu tom é regular e calmo, mas ainda assim, ouço um gemido aborrecido seguido pelo rangido de uma cadeira, passos e depois a porta se abre.

Ele olha para mim com olhos fixos e calculistas. Seu uniforme foi substituído por um terno cinza fino. Seu cabelo está perfeitamente despenteado. Eu ignoro esses detalhes e me concentro na parte importante: o quanto eu o desprezo.

—O que você precisa? — ele pergunta.

Certo. Que tom encantador para falar com sua nova empregada.

Eu resisto ao desejo de me acovardar e, em vez disso, levanto o queixo e encontro seu olhar de frente. Minhas mãos estão nos meus quadris, no que espero ser uma pose de poder.

—Eu gostaria de falar com você sobre o meu desempenho no trabalho.

Suas sobrancelhas franzem. —Desempenho no trabalho?

—Sim. Há algo mais que você gostaria de mim? Chegar uma hora mais cedo? Um tempo de resposta ainda mais rápido? Uma bexiga maior—?

Ele não acha meu sarcasmo divertido.

—Seu trabalho está bom. — Ele recua e começa a fechar a porta, mas eu a bloqueio com o pé.

—Se meu trabalho está bom, por que você está sendo tão rude comigo? Você não me perdoou por chegar atrasada no primeiro dia?

Porque acho que meu trabalho desde então mostrou com que seriedade estou aproveitando esta oportunidade.

Ele olha para o meu pé e depois de volta para mim, com expressão paternalista firmemente no lugar.

—Bailey, você gosta de preencher papéis com o RH? Porque se você não se mexer, eles vão ter muitas perguntas para nós dois, ou seja, por que me senti obrigado a prender o seu pé na porta do meu escritório.

—Oh bom—, eu digo, jogando minhas mãos em derrota. —Agora você está ameaçando com dano corporal.

Eu juro que há *quase* diversão brilhando em seu olhar antes dele tirar meu pé do caminho de sua porta com seu oxford extravagante, em seguida, fecha na minha cara.

—Que demonstração de profissionalismo, Dr. Russell—, grito para a porta fechada.

Enquanto me afasto, furiosa como sempre, Patrícia sacode a cabeça. —Eu te avisei.

As coisas só aumentam na sexta-feira.

O Dr. Russell parece mais mal-humorado do que o habitual. Seus olhos azuis são gelados e duros, olhando para mim do outro lado da mesa de operações. Eu não tenho ideia do problema dele, mas estou determinada a avançar, a afastar sua energia antagônica e fazer o trabalho que ele está me pagando para fazer, mas não é tão fácil assim.

—Bailey, se você está determinada a levar uma eternidade com a cureta, eu vou contratar alguém para entregá-la para mim.

Eu mordo minha língua e resisto à vontade de atirar o instrumento em seu rosto.

—Eu queria ter certeza de que era do tamanho certo—, eu digo, entregando-a com cuidado e voltando minha atenção para a minha pinça de cauterização.

—Bem, seu esforço foi em vão. Esta não é a certa.

SIM É, VOCÊ EGOMANÍACO BABACA.

—Você gostaria de uma diferente? — Eu pergunto, minha voz tão gentil que quase chega a ser passiva-agressiva.

—Sim, Bailey—, ele fala devagar, como se estivesse preocupado que eu não possa compreender palavras simples. —Eu gostaria da *correta*.

A sala de cirurgia está absolutamente parada. Claro, todo mundo faz uma demonstração de fingir que trabalha, mas na realidade, seus ouvidos estão fixos em nós, esperando para ver o quanto de sua besteira eu estou disposta a aceitar.

Sem dúvida, eles estão antecipando uma iminente investida, mas eu aproveito o que só pode ser descrito como a paciência de um santo, tomo uma respiração profunda, digna de yoga, e respondo docemente: —É claro. Deixe-me pegar para você imediatamente.

Eu acho que consegui. Eu o derrotei em seu próprio jogo, mantendo a calma, até virar e meu cotovelo colidir com a bandeja estéril de instrumentos que estava descansando precariamente ao

meu lado. Em um flash, ela cai no chão e há metal em todas as direções. Dispersão de implantes. Os parafusos pedais desaparecem abaixo da mesa de operação.

Minha boca está aberta atrás da minha máscara.

Uma das enfermeiras ofega.

O anestesista espreita por trás de sua cortina e seus olhos se arregalam em choque.

Dr. Russell vira rapidamente para o representante do dispositivo. —Nós temos outro conjunto estéril?

Eu juro que o queixo do homem treme quando ele balança a cabeça. —Não é completo.

Meus olhos se fecham e me preparo para o impacto. Palavras mordidas do Dr. Russell estão prestes a chover sobre mim como um cerco inimigo. Eu não vou sair viva.

—Pegue tudo e pegue na autoclave. Agora.

Sua voz é fria e precisa, como a lâmina de uma faca afundando no meu ventre. Eu puxo minhas luvas, caio de joelhos e começo a rastejar pelo chão da sala de cirurgia o mais rápido possível.

Dr. Russell late para Kendra para ajudá-lo a cobrir o paciente.

Isto é mau. Isso é realmente ruim chorar e implorar por perdão.

Acidentes como esse aconteceram uma ou duas vezes durante uma das cirurgias do Dr. Lopez, mas *eu* nunca fui a causadora, e

sempre tínhamos um conjunto de instrumentos de apoio preparados para o caso.

Eu realmente quero ceder ao desejo de chorar, mas isso só pioraria as coisas.

Não há como sobreviver a isso. Ele vai me despedir assim que esta cirurgia terminar. Isso tem que ser um novo recorde. Kirt - o gigante soluçante - durou pelo menos dois meses. Eu vou durar poucas semanas.

Estou tremendo enquanto me apresso em recolher todo o equipamento no chão. Dr. Russell rosna para os técnicos para ajudar. Há meia dúzia de nós rastejando ao redor da sala de cirurgia, e eu juro que se uma única lágrima cair dos meus olhos eu nunca vou me perdoar. Todo mundo está esperando que eu desmorone, mas eu me recuso a deixar isso acontecer.

Eu mantenho minha postura com uma força sobre-humana. Eu tranco meus sentimentos e fico focada. Eu conto os instrumentos e confirmo com o representante do dispositivo que coletamos tudo. A autoclave leva apenas 45 minutos. Estamos muito atrasados. A cirurgia termina com resultados impecáveis, e eu ainda estou completamente dormente, como o Dr. Russell me diz para fechar, tira as luvas o avental e sai da sala.

Eu o vejo ir, solto um suspiro assim que a porta de vaivém se fecha atrás dele.

Eu não posso acreditar como eu fui azarada. Eu tentei o meu melhor e trabalhei duro, mas no final, o universo e o Dr. Russell pareciam estar contra mim.

—Bailey? — Kendra pergunta gentilmente. —Você está bem para fechar?

Eu concordo. —Claro.

Pode ser a última coisa que eu faço no New England Medical Center.

CAPÍTULO 12

MATT

Eu enfie as mãos debaixo da torneira, deixando a água morna enxaguar a espuma da minha pele quando a porta da sala se abre. Kendra espia em volta e faz uma careta.

—Você tem um minuto, Dr. Russell?

Há uma montanha de trabalho entre mim e meu fim de semana. Eu tenho muito o que fazer e não tenho tempo suficiente para fazê-lo. Normalmente estou no consultório tanto no sábado como no domingo, de segunda a sexta, mas sou menos eficiente. Patrícia não está. Não há nenhum residente correndo com um Starbucks, e eu geralmente tenho que lidar com a equipe de limpeza. Eles passam rapidamente quando me veem andando pelo corredor, e eles nem se incomodam em bater na minha porta mais. Eu não quero ninguém no meu consultório reorganizando as coisas. Há um método para minha loucura e sou perfeitamente capaz de tirar meu próprio lixo.

Este fim de semana é diferente, no entanto. Amanhã é o casamento de Molly, e eu realmente tenho que sair do consultório em uma hora decente, se eu quiser pegar meu terno do alfaiate antes que ele feche sua loja.

Eu não teria que me apressar se a minha cirurgia não tivesse atrasado, graças ao erro de Bailey.

—O que você precisa?

Eu me viro e pego uma toalha.

Ela entra e deixa a porta se fechar atrás dela. —Isso realmente poderia ter acontecido com qualquer um. — Ela está falando sobre o acidente de Bailey. —E eu não acho que você deveria puni-la por isso. Você pode não ter notado, mas ela é boa. Estas últimas semanas foram um paraíso comparado a quando você estava trabalhando com o Kirt.

Eu jogo minha toalha na lixeira, e ela deve sentir que estou prestes a ficar sem paciência porque ela se esforça para continuar.

—Ok, sim, esse erro atrasou sua cirurgia hoje, mas geralmente com Bailey ao seu lado, você reduz drasticamente os seus tempos de procedimento.

Estou ciente.

—Então, fora hoje, ela é a melhor assistente que você teve. Por favor, não seja duro com ela.

—O que você acha que eu vou fazer? Demiti-la?

Seus olhos se arregalam de medo. —Por favor, não faça. Ela facilita meu trabalho também. Eu não estou mais sobrecarregada.

Eu suspiro e passo por ela. —Obrigado pela perspicácia, Kendra, mas Bailey não vai a lugar algum. Eu te asseguro. Tenha um bom fim de semana.

Enquanto eu leio alguns e-mails em minha mesa, fico aborrecido ao saber que a frente fria que os noticiários estavam

falando essa manhã finalmente resolveu aparecer. Está chovendo muito, o que significa que o tráfego depois do expediente de sexta-feira será mais infernal do que o normal. Vou ter que pegar minha papelada e terminá-la em casa para poder pegar meu terno a tempo.

Eu uso meu banheiro pessoal para trocar meu uniforme, pego meu casaco e pego os arquivos que quero levar comigo. O elevador está lotado, mas todo mundo me dá um bom espaço, um privilégio de ser universalmente antipatizado é que nunca tenho pessoas invadindo meu espaço pessoal.

As portas do elevador se abrem e eu estou prestes a virar à esquerda em direção à garagem quando vejo Bailey parada do lado de dentro da entrada do prédio, com os braços ao redor da cintura. Ela trocou de uniforme e está vestindo jeans e o mesmo casaco rosa fofo que a afoga completamente. Eu me pergunto se ela está esperando por alguém para buscá-la. Por que mais ela estaria pairando perto da porta da frente? Então ela limpa furiosamente sua bochecha e percebo que ela está chorando.

Porra.

Eu olho a porta da garagem. Estou a segundos de distância da liberdade.

Eu olho para ela a tempo de vê-la sacudir a cabeça para o telefone, enfiar no bolso e, em seguida, estender a mão para a mochila como se estivesse prestes a marchar direto pela porta da frente. Exceto, que não há carros na frente, apenas uma chuva torrencial e estrondos, céus escuros.

Inferno.

—Bailey—, eu digo, minha voz carregando facilmente pelo chão de mármore. —Espera.

Ela se vira e revira os olhos, claramente irritada ao me ver vindo em sua direção. Ela rapidamente limpa suas bochechas e levanta a mão para me acenar. —Eu estou de folga do trabalho. Eu não quero falar com você agora. Se você quiser me demitir pelo que aconteceu mais cedo, terá que fazê-lo na segunda-feira. Eu estou indo para casa.

—Como?

Seus lindos olhos castanhos cheios de lágrimas se estreitam em confusão. —Como o que?

—Como você está indo para casa? Você estacionou na rua ou algo assim—?

Suas sobrancelhas relaxam quando ela percebe que eu não estou prestes a repreendê-la. —Oh— Ela se vira para a janela. —Eu vou pegar o ônibus. — *O ônibus?* —A parada é um pouco à frente na rua.

—Você não tem um carro?

Ela endireita sua espinha. —Não. Eu não tenho.

Terei que investigar o que estamos pagando a ela, com certeza ela não deve ter problemas em comprar um carro para levá-la para o trabalho.

—Ok, bem, então que tal um Uber ou algo assim?

Seu tom não se acende quando ela responde: —Eu costumo pegar o ônibus. Está tudo bem.

Eu procuro por um guarda-chuva e franzo a testa quando vejo suas mãos vazias. —Você vai ficar encharcada e está congelando lá fora.

Ela ri e começa a recuar. —Não é da sua conta. Não se preocupe comigo.

Sim, bem, infelizmente, eu me preocupo com ela. Nas últimas três semanas, tudo que fiz foi *me preocupar* com ela.

Cooper é o culpado. Ele alimenta meu aborrecimento diariamente, atualizando-me sobre seus textos e se gabando sobre como o relacionamento deles está se desenvolvendo. *Relacionamento*, acho isso risível. Eles não foram a um encontro. Eles nem falaram ao telefone. Se a métrica para um —relacionamento— reside unicamente no número de mensagens de texto trocadas, então a partir desta semana, estou em um relacionamento com meu alfaiate, meu entregador do UberEats e minha empregada. Minhas mãos estão cheias.

—Bem, eu não vou deixar você esperar no ponto de ônibus neste tempo. Vamos lá, eu vou te levar.

Sua risada feminina e suave ecoa em volta do saguão.

—Obrigado, mas eu prefiro andar.

O que ela realmente quer dizer é, *obrigado, mas prefiro morrer.*

—Não é realmente um pedido. Você não é boa para mim se tiver que ficar doente na segunda-feira porque pegou pneumonia.

Seu olhar brilha com uma nova camada de ódio. —Você de todas as pessoas sabe que não se pega pneumonia apenas por estar frio e molhado.

Ela tenta se desviar de mim, mas eu pego sua mochila e puxo do ombro dela. Eu não posso colocá-la porque ela tem as alças ajustadas para caber em uma criança, então eu a seguro na minha mão e começo a andar. Ela pode me seguir ou não. Eu digo a mim mesmo que não me importo de nenhuma maneira.

—Dr. Russell... —, ela diz atrás de mim, seus pés batendo levemente no mármore enquanto ela se apressa para acompanhar.

—Você está de folga, não está? Me chame de Matt.

—*Doutor*—, diz ela incisivamente. —Por favor, me dê minha mochila antes de eu ligar para a segurança.

Eu rio porque, na verdade, ela é hilária. Ninguém jamais ameaçou chamar a segurança para mim antes.

—É Matt, e se você for chamar a segurança, certifique-se de pedir pelo Tommy. Ele é mais jovem e tem uma boa chance de me pegar antes que eu saia daqui com sua mochila rosa JanSport. O que você tem aqui?

Não pesa nada.

—Minha lancheira. Uma garrafa de água. Alguns Tupperware vazios.

Tupperware

Eu olho para trás para ver como ela está. Ela está andando rápido atrás de mim. Eu realmente sou muito mais alto que ela?

—Você trouxe mais pão de banana?

Ela balança a cabeça e quase precisa correr. —Patrícia não comeu a última vez e me senti mal.

—Eu não comi nenhum da última vez também—, eu falo.

Ela bufa. —Sim, bem, eu não me sinto mal com isso.

Eu me viro para frente novamente para que ela não possa ver meu sorriso. Lá vai ela novamente com essa honestidade brutal. Na sala de cirurgia, ela está em perfeita conformidade. Em qualquer outro lugar, não.

Nós descemos as escadas até o primeiro nível da garagem e eu nos conduzo para a área reservada aos médicos. Ela se dirige para um Audi preto, vira e espera que eu me junte a ela.

Eu sorrio. —Esse não é o meu carro.

Ela acena com a cabeça. —Certo, claro. Eu vejo agora.

Ela vai para uma Ferrari amarela brilhante que pertence a um dos cirurgiões plásticos. A placa da vaidade lê: SXY DOC88. —Aqui estamos.

—Nem mesmo perto.

—Oh, tudo bem. Entendi. Você não é chamativo. Talvez aquele Range Rover cinza ali?

Eu pressiono o botão de desbloqueio no meu chaveiro e minhas luzes traseiras piscam. Lá está ele, o carro que eu dirigi desde que eu estava na faculdade de medicina.

—Você está brincando. *Um Prius*?! O próprio Satanás dirige um Prius?! — Ela se vira como se esperasse encontrar alguém com quem pudesse compartilhar esse momento. Tudo o que ela encontra sou eu.

Eu dou de ombros. —Economiza gasolina.

Ela pisca exageradamente. —Eu não poderia ficar mais chocada se você tivesse amarrado um cavalo em uma charrete.

Eu rio e abro a porta de trás para jogar sua mochila. —Entra. O tráfego vai estar um inferno.

Entramos, deixamos a garagem e pegamos trânsito em silêncio.

Por fim, pergunto: —Onde você mora?

—No lado oeste. Bem em frente ao Franklin Park.

—Boa. Eu tenho um assunto que preciso tratar, ali perto. Se importa se eu fizer isso antes de te deixar?

—Bem, vendo como você roubou minha mochila e me forçou a entrar no seu carro, acho que realmente não importa o que eu quero.

Entendo. Ela ainda está fazendo beicinho. Isso é bom. —Bom. Ainda bem que estamos na mesma página.

Ela não acha que sou engraçado.

Eu bato o polegar contra o volante e tento manter minha atenção na estrada e fora dela.

Já faz muito tempo que outra pessoa entrou neste carro além de mim, há muito tempo que não encontro alguém tão interessante quanto Bailey Jennings. Eu tento estudá-la sorrateiramente. Ela parece menor agora que está sentada imóvel. Poderia caber duas dela naquele banco. Eu olho para baixo e sorrio quando vejo que não há telefone no colo dela. Ela não precisa enviar uma mensagem para Cooper e informá-lo sobre o dia dela? Ela deveria dizer a ele que ela está atualmente no inferno sendo levada para casa por seu chefe excêntrico, o chefe que a fez chorar.

Eu solto minha gravata, desconfortável com o quão apertado parece de repente.

Estamos a alguns quilômetros de distância do hospital quando ela finalmente cria coragem para falar. —Sem contar o que aconteceu hoje, eu fiz alguma coisa para te ofender? — *Oh boa! conversa profunda.* —Você pareceu aborrecido comigo nas últimas semanas e eu não consegui descobrir o porquê.

—Você sabe, na verdade, eu estava esperando que pudéssemos apenas sentar em um silêncio amável durante toda a viagem. — Seu olhar tenta atravessar meu crânio, então eu me arrependo. —Você considerou que pode não ter nada a ver com você?

—Sim—, ela responde imediatamente, —mas isso não faz sentido, porque você parece ficar mal-humorado apenas comigo. Você não grita com Kendra quando ela leva mais de um segundo para pegar algo na sala de cirurgia. Você praticamente rosna quando olha para mim.

Verdadeiramente, esse não e o caso. Se for, eu não notei.

—Tem algumas coisas acontecendo agora—, eu admito, dando-lhe uma pequena ideia.

—Relacionado ao trabalho? — ela pressiona.

—Algumas são sim. Eu deveria receber resposta sobre uma proposta de concessão, mas a comissão está atrasada.

—Patrícia mencionou algo sobre isso.

—É estressante, sem falar que eu peguei mais casos recentemente. Com mais casos vem mais consultas, documentos, pré-operatórios, pós-operatórios....

—Eu entendo, você é um cara ocupado, mas isso ainda não explica exatamente por que você parece querer jogar seu estresse e raiva em cima de *mim*. Você não pode ir à academia ou algo assim? Socar um saco de areia—?

Eu sorrio. —Eu acho que você quer dizer um saco de pancadas.

—Foi o que eu disse. O que mais? Você disse que parte do seu estresse está relacionado ao trabalho. As outras coisas são pessoais?

Eu dou seta e troco de pista, não tenho certeza se quero seguir esse caminho com ela. Uma parte de mim quer admitir que estou chateado por ela estar trocando mensagens e flertando com meu irmão, exceto que ela não sabe que Cooper é meu irmão. Eu perguntei a ele sobre isso no outro dia e ele disse que não surgiu *organicamente* na conversa. Que diabos isso significa? Eu disse a ele para colocar na conversa *artificialmente*. Simples assim. Ele disse que faria logo, mas não queria assustá-la. Como se ser meu irmão

significa que ele está contaminado por associação. Honestamente, sua lógica não fazia absolutamente nenhum sentido para mim, mas mantive minha palavra para não falar para Bailey. Além disso, nunca houve uma chance de falar sobre isso. Eu só a vejo na sala de cirurgia.

Até agora. Até que eu a colocar no banco do passageiro do meu carro e fingir que era normal. Eu posso sentir o perfume dela. Eu noto toda vez que ela se move em seu assento, tentando se sentir confortável ou ela está tentando ficar o mais longe possível de mim?

Sua bochecha está prestes a ser esmagada contra a janela.

Não deveria me incomodar que eles estejam mandando mensagens de texto, então digo a mim mesmo que não, como se eu fosse mudar minha postura sobre o assunto apenas pela força de vontade.

Cooper pode fazer o que ele quiser e eu continuarei com a minha vida normalmente. Esse é o meu plano, exceto que acho que não está funcionando. Aparentemente, eu tenho sido um babaca no trabalho. Imagine isso.

—Vamos mudar de assunto—, eu digo, estendendo a mão e ligando o rádio como se isso ajudasse. Isso não é nada que os principais sucessos de hoje não possam resolver.

Ela afasta minha mão e a abaixa. —Não, vamos chegar ao verdadeiro motivo pelo qual você me odeia.

Eu franzo a testa. —Eu não te odeio.

—Oh, ok, desculpe, você simplesmente não *gosta de* mim. Qual é a diferença?

Eu não digo nada e o carro está num silêncio tenso. Eu mudo de pista e saio da autoestrada quando a música termina e outra começa. Ela cruza os braços em um suspiro pesado.

—Eu acho que deveria desistir. Isso não está funcionando.

Parece que alguém acabou de me dar um soco.

—O que? Por quê? — Eu olho rapidamente em sua direção enquanto também tento manter meus olhos na estrada. Eu não quero perder a entrada. —Por causa do que aconteceu na sala de cirurgia hoje?

—Sim, bem, não. Quero dizer, é parte disso. Eu sinto que sua presença na sala de cirurgia é muito intimidante. Todos os meus movimentos são aumentados e julgados. Você me faz sentir que não sou rápida o suficiente ou inteligente o suficiente para acompanhar você. — Ela levanta as mãos em derrota. —Talvez a gente não seja uma boa equipe. Eu pensei que poderia lidar com a pressão, mas agora percebo que trabalhar com o Dr. Lopez não era nada comparado a estar no seu time. Dr. Lopez era sol e arco-íris e listas de reprodução cheias de The Beach Boys, e você é...

—Eu sou o que? — Eu exijo.

Acho que ela sussurra: —Assustador—, mas não tenho certeza se a ouvi bem.

Eu viro à esquerda, em seguida, estaciono e agora estamos do lado de fora da minha alfaiataria. Eu preciso sair, mas agora sem

chance, eu não posso simplesmente deixá-la aqui depois do discurso. Eu coloco o carro no estacionamento e me viro para encará-la.

Ela está olhando para frente, embora eu saiba que ela não pode ver nada com a chuva batendo no para-brisa.

—OK. Tudo bem. — Eu limpo minha garganta. —Chegou ao meu conhecimento que eu poderia ser o problema.

Ela joga a cabeça para trás e ri, ri e ri. Seu cabelo loiro cai pelas costas. Seus longos cílios escuros se espalham pelas maçãs do rosto acentuadas. Sento-me perfeitamente imóvel olhando para ela, com as mãos cerradas porque, por alguma razão, tenho o desejo de estender a mão e tocá-la, passar nas sardas, na ponta do nariz, passar a ponta do dedo pelo lábio inferior atualmente esticado em um sorriso às minhas custas.

Jesus, o poder que ela exerce em mim.

Finalmente, ela se reúne e se vira para mim, lágrimas de riso acumuladas ao longo de seus cílios. 'Eu posso ser o problema.' Uh, *você acha? — Suas palavras gotejam com sarcasmo.*

Eu balancei minha cabeça e me forcei a desviar o olhar. Maldição de chuva. Eu preciso sair desse carro.

—Espere aqui. Eu não vou demorar muito.

Eu não me incomodo com um guarda-chuva quando eu vou para fora e entro na loja. Eu pego o meu terno alguns minutos depois, feliz que o alfaiate teve tempo para embrulhar em um saco plástico para garantir que ele permanecesse seco. Eu, no entanto,

não estou. Pareço um cachorro molhado quando bato a porta e me viro para pendurar o terno no banco de trás.

—Você está encharcado—, diz Bailey, afirmando o óbvio.

Ela deve ter se recomposto enquanto eu estava dentro porque não há mais sinal de riso em seus olhos. Seu olhar castanho dourado passa rapidamente por mim e eu olho no espelho retrovisor para ver o que ela vê. Cabelo encharcado caindo em minha testa, olhar irritado e uma careta, eu pareço um vampiro emocional. Com um grunhido, eu tiro meu paletó e o jogo para trás antes de enrolar minhas mangas até meus cotovelos. Minha camisa está tão molhada quanto o meu casaco, mas com o calor no carro, ele deve secar logo.

—Qual o seu endereço? — Eu pergunto sem rodeios.

—Eu gostaria de terminar a nossa conversa.

—Não. Veja, peguei meu terno e agora vou levar você para casa. É assim que isso funciona.

Sua mão estende para tocar meu antebraço, e é delicada, quente e de porcelana branca. Eu olho para baixo, meio que esperando que ela se afaste, mas ela não faz.

—Eu não deveria ter rido quando você admitiu que você pode ser o problema.

Oh, entendi. Ela acha que feriu meu orgulho, como se eu fosse uma criatura frágil e temperamental.

Eu odeio que eu possa ser.

—Se você quer que eu continue trabalhando para você, você vai ter que falar comigo.

—Eu não dou a mínima se você ficar. — Estou chateado porque ela acha que me descobriu. Com um toque suave e um tom doce, ela acha que vai abrir minha concha e eu vou contar alguns segredos profundos e sombrios para ela.

Sua mão aperta meu braço dolorosamente e, em seguida, cruza os braços e olha pela janela do passageiro. —8745 Oak Drive. Me leve para casa. Agora.

Eu estou em uma encruzilhada. Eu quero sair por cima, preservar o que sobrou da minha dignidade e tirar Bailey do meu carro, mas depois penso em como será chato chegar no trabalho na segunda-feira e admitir para Patrícia e Kendra que Bailey desistiu porque eu não pude deixar o meu ego de lado.

—Me leve para casa —, diz ela novamente, cada palavra mordida.

—Eu nunca vou ser o cara legal na sala de cirurgia—, eu digo de repente, as palavras saindo de mim antes de eu mesmo decidir que eu quero dizê-las. —Eu não vou colocar uma playlist de Beach Boys e brincar. Com a cirurgia de escoliose pediátrica, você não está tornando uma coluna reta novamente. Você pega uma coluna que trabalha como uma mola e a transforma em uma rocha. É uma medida preventiva, não uma cura. Não há uma razão definitiva para isso acontecer com algumas pessoas e não com outras. Não por culpa própria, meus pacientes recebem uma sentença de vida de dor e sofrimento.

Ela não se move, então continuo falando para sua nuca.

—Sou apaixonado pelo que faço e, às vezes, isso se reflete na forma como eu trato a minha equipe.

—Nem todos. Só eu—, ela esclarece.

—Estou te mantendo em um nível mais alto.

Ela bufa e balança a cabeça. Eu quero puxar seu rabo de cavalo e forçá-la a se virar e olhar para mim. Eu quero que ela encontre meu olhar e veja por si mesma que estou fazendo o máximo que posso. Eu não posso tocá-la enquanto estou tão agitado. Então, ao invés disso, eu me concentro na tempestade se formando do lado de fora da janela dela e tento ignorar o doloroso aperto no meu peito. Isso é difícil para mim. Não gosto de me afundar no lado escuro do meu trabalho, mas ela me arrastou até aqui e não pode voltar atrás agora.

—Diga-me, você já teve a vida de uma criança em suas mãos, Bailey? — Minha voz é fria e insensível. —Você já teve que entrar em uma sala de espera depois de uma cirurgia de dez horas, olhar uma mãe nos olhos e explicar a ela que não há nada mais que você possa fazer por seu filho? Que se você continuar tentando, vai rasgar a espinha da sua filha? Que ela não será capaz de andar, não importa quantas cirurgias ou seções de fisioterapia ela aguente—?

—Você já teve uma criança com parada aos dez anos de idade na sua mesa? Já acidentalmente cortou um nervo e quase paralisou alguém? Você acha que eu sou um bastardo frio. Você quer que eu seja educado e gentil com você. Você quer que eu dê uma tapinha na sua cabeça e te dê uma estrela dourada por fazer o seu trabalho. Eu não vou. — Eu paro brevemente.

—Cresça.

CAPÍTULO 13

BAILEY

Se eu pudesse sair do carro do Dr. Russell na estrada sem sofrer nenhum ferimento grave, eu o faria. Assim, eu me sento ao lado dele em silêncio, tremendo com as emoções incalculáveis até pararmos na frente da minha casa. Não há palavras trocadas quando eu viro para banco de trás e pegar minha mochila e a seguro contra o meu peito para que não fique completamente encharcada. Nós não nos olhamos. Nós mal respiramos. Eu agarro a maçaneta da porta, considero agradecer a ele por me levar para casa ou me desculpar por qualquer coisa que tenha acontecido, mas no final, eu não digo nada antes de sair correndo na chuva. Estou correndo porque está chovendo, mas também estou correndo porque quero me afastar dele o mais rápido que puder.

Eu abro a porta da frente da nossa casa com muita força e a fecho atrás de mim com mais força, espreitando pela janela a tempo de vê-lo sair. Eu o vejo ir e meu coração bate no meu peito como uma debandada de cavalos selvagens.

—Você não vai acreditar! — Josie grita atrás de mim.

Eu pulo com o susto e viro para vê-la segurando o laptop que compartilhamos. O aplicativo da mensagem está aberto e quando me aproximo, vejo que ela está tendo uma conversa com Cooper sem que eu saiba.

Merda. Eu não chequei nossos textos o dia todo.

—Josie!

Ela acena a mão para me cortar. —Sim, ok, *tecnicamente* eu tenho mandado mensagens sem sua permissão explícita, mas ele está de volta à cidade e ele te convidou para um encontro amanhã!

Minha barriga se enche de pavor. —Por favor, me diga que você...

—Disse a ele sim?! Duh! E você não vai acreditar! Você vai a um *casamento*!

Seus olhos, o mesmo tom castanho claro que o meu, enchem-se de estrelas como se um casamento estivesse a par com o Oscar.

Oh meu Deus. Quantas vezes eu vou me sentir em pânico e choramingar em um dia? Eu não posso acreditar que ela fez isso. Claro, Cooper é legal, mas não tenho certeza se teria concordado em sair com ele e definitivamente não para um casamento!

Eu pego o computador e rolo furiosamente pelos textos, tentando recuperar o atraso. A conversa deles é inócua e meio chata. Eles falam sobre o tempo (*Tão frio, certo? Brrr!*) e seu voo de volta de Cincinnati (*O cara ao meu lado está roncando tão alto!*). Josie usa muito mais emojis do que eu. Quase todas as frases são pontilhadas com três ou quatro. Jesus, se eu fosse ele, nunca mais me mandaria uma mensagem, mas Cooper não desistiu.

Infelizmente.

Lá, no fundo, vejo com meus próprios olhos que ele me convidou para acompanha-lo em um casamento, e Josie estupidamente aceitou em meu nome, com quatro rostos

sorridentes de corações em meus olhos. Eu pareço uma esquisita desesperada.

Pior ainda, Cooper prossegue explicando que não será um grande evento.

Eu viro minha atenção toda para ela. —É o casamento da prima dele! Isso significa que toda a sua família estará lá!

Suas sobrancelhas se contraem como se ela não visse o problema.

—Ele disse que seria pequeno—, argumenta. —Veja lá? — Apenas cinquenta pessoas, nada muito louco.

—Isso é pior, Josie! Isso significa que não há como eu fugir do radar!

—Ooooh, sim. — Ela balança a cabeça, o lábio começando a tremer. —Agora eu vejo o seu ponto de vista.

Eu jogo o computador no sofá e começo a andar. Em um bom dia, isso me estressaria. Hoje, mal consigo parar de arrancar meu cabelo.

—Como podemos desfazer isso?

—Nós não! — Ela diz, tentando cortar o meu caminho e agarrar meus ombros, mas eu não a deixo. Eu preciso continuar me movendo ou posso entrar em combustão espontânea. —Ele é muito legal e você mesmo disse que achava que ele era fofo! Então é meio estranho um primeiro encontro, e daí? Pode ser muito divertido!

Paro de repente, coloco as mãos nos joelhos e me forço a não vomitar.

Sua mão bate na minha parte inferior das costas. —Você quer que eu tire você disso?

—Sim! *Por favor*!

Ela geme. —Você deveria dizer não! É tarde demais. Eu aceitei o encontro em seu nome e agora ele está todo animado. Você vai mesmo deixar o coitado ir sozinho a um casamento? Só perdedores fazem isso—!

Isso é uma bagunça e, infelizmente, não é totalmente culpa de Josie. Eu sou a idiota que pediu a ela para começar a enviar mensagens para ele em primeiro lugar. Eu olho para ela e ela está de pé diante de mim, cabelo loiro amarrado em um coque, bochechas manchadas de vermelho de vergonha. Ela está torcendo as mãos e tentando muito não chorar.

—Eu não tenho um vestido, Josie. — Eu suspiro com a derrota.

—O brechó da rua de cima ainda está aberto por mais duas horas—, ela diz suavemente, a borda da boca se curvando com o início de um sorriso.

—E sobre…

Eu paro, percebendo que não tenho outra desculpa.

Ela corre para frente e envolve seus braços ao redor da minha cintura. —Nós vamos te dar um vestido! Eu vou fazer o seu cabelo e maquiagem. Eu tenho praticado em mim mesma o dia todo. Bem, isso explica a sombra pesada; eu pensei que era um pouco demais

para um dia de semana a tarde. —Você vai se parecer com a Cinderela indo para o baile!

Referências como essa me lembram que, de certa forma, Josie ainda é muito jovem. Ela quer acreditar nos contos de fadas, e eu sei que não tenho escolha. Eu vou ao casamento mesmo que a experiência me deixe permanentemente com cicatrizes.

No dia seguinte, sento-me obedientemente na frente do espelho do banheiro enquanto minha irmã faz o meu cabelo. Eu tenho um rosto cheio de maquiagem extravagante que eu nunca faria sozinha. Meus olhos nunca pareceram tão brilhantes graças à combinação de sombras que ela aplicou meticulosamente na última hora. É sutil e bonito. Eu deveria me sentir como um milhão de dólares, mas não sinto nada além do nó de tensão na boca do meu estômago.

—Por que parece que você não confia em mim? — ela diz, ligando a chapinha sobre minha cabeça ao acaso. Eu me encolho para evitar ficar queimada. *Eu não sei, talvez porque você está prestes a queimar minha testa.* —Eu tenho praticado esses cachos por semanas e você vai ficar incrível!

Eu tento relaxar meus nervos, mas não adianta. Eu me senti ansiosa desde que o Dr. Russell me deixou ontem. Eu mal dormi. Continuei repetindo suas palavras e cheguei a duas conclusões. Um, ele estava certo. Não faço ideia do tipo de estresse com que ele lida o dia todo, todos os dias. Eu posso baixar minha cabeça e focar no trabalho um pouco mais, mas; dois, ele também tem que admitir

culpa. Ele não pode continuar me usando como um saco de pancadas.

Eu não tenho ideia do que farei na segunda de manhã. Devo abordar o que aconteceu no carro e pedir desculpas pela minha atitude? E se ele não está disposto a mudar, eu quero continuar trabalhando para ele?

Josie acha que estou quieta e ansiosa por causa do casamento. É por isso que ela está tomando cuidado extra com meu cabelo e maquiagem. Parece muito bom. Sua obsessão por vídeos de beleza no YouTube valeu a pena.

—Aí esta! — Ela abaixa a chapinha. —Agora só precisamos escovar os cachos para que pareçam macios, como se você fosse uma estrela de cinema antiga de Hollywood!

Eu tenho energia suficiente para dar a ela um fraco sinal de positivo.

As compras do vestido ontem tiraram muito de mim. O brechó que nós fomos caminhando na chuva está em uma área mais agradável da cidade assim estava cheio com vestidos de estilistas. Eu pensei em apenas entrar e pegar a primeira coisa que víssemos, mas Josie transformou isso em um mini desfile de moda. No final, depois de muito sofrimento da minha parte, *ela* se decidiu por um vestido de festa azul-gelo com uma elegante renda floral. As mangas compridas se agarram aos meus braços até os meus pulsos, e a saia fluida bate na metade das minhas coxas. As costas nuas dão um toque de sensualidade sem parecer indecente.

Eu vou congelar se o casamento for do lado de fora.

Ela dá os últimos retoques no meu cabelo e depois recua com um sorriso orgulhoso. —Linda. — Eu sorrio para o meu reflexo mais por ela do que por mim. Meu coração não está aqui, não importa o quanto eu tente. —Pena que não pudemos comprar um novo casaco. O seu rosa não combina com isso.

Ela está certa. É muito casual, mas é tudo que tenho no momento.

—Eu vou tirá-lo quando entrarmos—, eu prometo a ela. —Não se preocupe, não vou estragar todo o seu trabalho duro.

A campainha toca alguns minutos depois, enquanto eu estou sozinha no banheiro, dando-me uma conversa estimulante que se concentra mais em tentar tirar Dr. Russell da minha mente do que em meu encontro iminente. Eu fecho meus olhos e vejo seu cabelo escuro e molhado, o jeito que sua camisa úmida grudava em seus bíceps quando ele voltou para o carro, suas mãos grandes segurando o volante enquanto ele me levava para casa em silêncio, e o desdém em sua voz quando ele me disse para crescer.

Se eu me concentrar, juro que ainda posso sentir o cheiro dele. Seu carro possuía o mesmo aroma inebriante de seu consultório, mas no espaço menor era ampliado. O cheiro se agarra à minha memória como aquelas gotas de chuva estavam agarradas a ele.

—Bailey! Você está pronta? — Josie grita da sala de estar. — Cooper está aqui!

Eu abro meus olhos e encontro meu olhar no espelho, tentando um sorriso fraco e desajeitado antes de balançar a cabeça e desistir. —Sim! *Estou indo*!

Cooper está me esperando na porta e fico surpresa ao ver como ele é bonito. Faz semanas que nos conhecemos no bar, e o Smooth Tony's estava nebuloso e escuro. Minha memória não lhe fez justiça. O cabelo dele é loiro acinzentado escuro, grosso e muito bem arrumado. O terno dele é azul marinho e a gravata azul clara está presa por um clipe de prata. Ele está vestido todo sério e confiante de um jeito que faz com que eu me sinta uma criança em comparação.

Seus olhos deslizam por mim e aparentemente merecem sua aprovação, mesmo com meu casaco rosa, porque ele sorri largamente e dá um passo à frente para beijar minha bochecha.

—Você está ótima. Quando você me disse que ia vestir azul, eu queria combinar.

Estou um pouco confusa até perceber que Josie deve ter mandado uma mensagem para ele sobre minha roupa. Eu viro meu olhar para ela e ela pisca antes de nos expulsar pela porta.

—Não tenha pressa! Eu tenho tudo que preciso. Vou me enterrar na Netflix e na pipoca.

—Não fique acordada até tarde—, eu avisei.

Ela ri. —Claro. Na cama às 10:00, você conseguiu. Ei, foi um prazer conhecer você, Cooper!

—Você também, Josie.

Ele sorri de volta para ela e não me surpreendo ao ver genuína afeição em seus olhos. Josie ganha todo mundo. Ela poderia entrar

em negociações de paz no Oriente Médio e ter essa situação resolvida em pouco tempo.

—Sua irmã se parece com você—, ele observa, ele me leva até a calçada em direção a um BMW preto brilhante ronronando no meio-fio.

Eu hum.

—Ela é doce.

—Não deixe seu disfarce te enganar. Ela é astuta—, eu aviso com um aceno de cabeça.

Quando ele abre a minha porta e pega a minha mão para me ajudar a sair do meio-fio, Cooper me informa que estamos um pouco atrasados.

Estou imediatamente preocupada. —De quantas horas estamos falando?

—Oh, apenas alguns minutos. Nada para se preocupar.

Ele está mentindo, claro. Quando eu insisto em ver o convite, percebo que estamos muito atrasados, falta poucos minutos para noiva fazer a caminhada para o altar. Inferno, há uma chance de chegarmos quando o pastor pergunta se alguém se opõe.

—Meu voo de volta de Cincinnati atrasou. Todos vão entender—, prometeu depois de estacionarmos. Ele pega minha mão e me leva para a pequena igreja.

Eu odeio estar atrasada. Eu particularmente odeio estar atrasada para um evento como este, e meus piores medos são

percebidos quando Cooper abre a porta para a capela e todas as pessoas presentes se viram para olhar para nós. Olhos piscam com expectativa. Uma criança pequena pergunta se somos nós que vamos nos casar. E sim, realmente parece que somos a noiva e o noivo indo em direção ao altar. Minhas bochechas queimam. Eu quero tirar minha mão da dele, girar e andar de volta para fora, mas é claro que não posso. Eu engulo e olho para o chão, desejando que a cor escorra do meu rosto. Eu estou parecendo o Rudolph.

A situação não incomoda Cooper no entanto. Eu olho para cima para ver que ele está sorrindo largo, acenando e dando tapinhas nos ombros enquanto caminhamos pelo corredor em um ritmo irritantemente calmo. Ele é o príncipe Harry acenando para o seu povo.

Eu quero sentar na parte de trás, no primeiro banco que passamos.

—Que tal aqui? — Eu digo rapidamente, puxando-o para a esquerda. O lado da noiva, o lado do noivo, no chão, no banco; quem se importa? Eu só quero sentar!

—Minha família está na frente. Parece que eles nos guardaram lugares.

Oh bom. Em seguida, ele me dirá que vamos nos levantar no altar durante a cerimônia. *Você já celebrou um casamento antes, certo?*

Eu não posso fazer contato visual com ninguém por onde passamos, porque não só estamos atrasados, como também estou entrando em um pequeno e íntimo casamento no braço de um cara

que mal conheço. Inferno, eu nem sei o sobrenome dele. Todo mundo está definitivamente me julgando da cabeça aos pés, e agora eu gostaria de ter abandonado minha jaqueta inchada no vestíbulo quando Cooper se ofereceu para pendurá-la, mas eu não queria nos atrasar ainda mais.

—Cooper, aí está você! Eu estava preocupada que você não conseguiria—, diz uma voz polida e feminina. Pertence à mulher em pé e acenando para nós. Ela tem o mesmo cabelo loiro e sorriso descontraído que o meu encontro. Ela está vestindo um vestido escuro cor de ameixa com um cachecol de cashmere amarrado elegantemente em volta dos ombros. Ela é, obviamente, a mãe de Cooper.

Eu gostaria que estivéssemos nos encontrando em circunstâncias diferentes, mas eu sorrio para ela do mesmo jeito. Seu próprio sorriso se amplia em resposta e uma pequena sensação de alívio passa por mim logo antes de o mundo escorregar de baixo dos meus pés.

Estamos nos virando para banco quando congelo.

Cooper esbarra em mim por trás e quase caio para frente como um dominó. Ele agarra meu cotovelo para me endireitar, mas não posso sentir seu toque porque estou olhando para uma invenção da minha imaginação, ou talvez seja apenas meu pior pesadelo.

—Dr. Russell? — Eu pergunto, voz mal acima de um sussurro.

Meu chefe fica de pé, com os mais de um metro e noventa dele. Minha boca está aberta. Meu coração dispara com uma parada brusca no meu peito. Ele não é nada além de escuridão; seu cabelo,

seu terno, seu comportamento, tudo, exceto por seus olhos azuis, que são o tom exato do meu vestido.

Seu olhar se inclina para Cooper. —Você está brincando comigo? Você a trouxe?

Ele fala como se eles se conhecem.

Espera.

Meu olhar se volta para Cooper.

Eles se conhecem?!

Um órgão pesado começa a ecoar pela capela, anunciando o início da cerimônia. Cooper me conduz para frente e me puxa para baixo, de modo que a parte de trás das minhas coxas bate na madeira dura do banco.

Sua mãe se inclina para frente e aperta os olhos para o Dr. Russell. —Você conhece o encontro de Cooper?

Ao mesmo tempo, a mão de Cooper bate no meu ombro. —Aqui, deixe-me pegar seu casaco.

Eu me inclino para frente e o deixo puxar.

Tudo está acontecendo tão rápido.

—Sim mãe. Trabalhamos juntos—, responde o Dr. Russell simplesmente, voltando-se para mim.

—Como isso é...

Minha frase desaparece no exato momento em que ponho os olhos no homem do outro lado da mãe de Cooper, a última pessoa do grupo deles. Seu cabelo preto pode estar salpicado de brancos e os óculos empoleirados na ponta do nariz prejudicam as semelhanças, mas não há dúvida de que estou olhando para o pai do Dr. Russell.

Equações redemoinham na minha cabeça. Então, se essa mulher é a mãe de Cooper... e esse homem é o pai do Dr. Russell então... $E = mc^2$?

—Matt é meu irmão—, Cooper sussurra rapidamente em meu ouvido antes de colocar meu casaco no banco do outro lado dele.

A palavra colide em mim com a sutileza de um caminhão.

IRMÃO. Como parentes, como virei sanduiche entre o meu encontro e meu chefe. Irmãos. O homem que eu deveria gostar e o homem que não consigo tirar da cabeça. Isto não faz sentido algum. Eu tenho muitas perguntas e não posso perguntar por que há uma cerimônia de casamento acontecendo ao nosso redor. A mãe da noiva e a mãe do noivo estão resplandecentes, em cor-de-rosa e brilhante e estão sendo conduzidas pelo corredor para que possam ocupar seus assentos dois bancos a frente do nosso.

Seria rude falar agora, então eu mordo minha língua e tento olhar para frente. *Bem. Concentre-se em Jesus.*

Não funciona

Estou bem ciente de que estou tremendo enquanto os homens ao meu redor estão sentados perfeitamente imóveis. Isso não é tão

chocante para eles quanto é para mim. *O que o Dr. Russell disse quando me viu pela primeira vez?*

—Você a trouxe?

Então ele ficou surpreso ao me ver aqui, mas não surpreso ao saber que eu conhecia Cooper.

Que diabos isso significa?

Eu posso sentir o olhar do Dr. Russell em mim. Ele quer que eu me dirija à ele, mas não vou. Eu mudo um pouco a posição e agora sua coxa pressiona contra a minha. Ele não se afasta e eu não sei o que fazer. O tecido rendado do meu vestido se amontoa entre nós, mas isso não importa. Suas calças estão queimando minha pele da mesma forma, e está tão quente que estamos quase nos fundindo agora, porque não importa o quanto eu grite comigo mesma para me afastar. Não posso. Isso não é possível.

A mão de Cooper envolve a minha do outro lado e ele aperta tranquilizadoramente.

Um momento depois, a mão do Dr. Russell aperta o seu programa do casamento.

Eu franzo a testa e ele deve ver porque ele oferece o programa para mim, como se eu quisesse isso, o programa estúpido. A parte de trás dos nossos dedos mal se tocam quando eu pego e, no entanto, o contato atravessa meu coração como se ele tivesse me puxado contra a parede e me beijado.

Me beijado.

Eu sufoco uma risada.

Cresça.

Eu posso não ser capaz de afastar a minha perna da dele, mas eu viro meu corpo, então estou inclinada em direção ao corredor, em direção a Cooper. Meu longo cabelo cai sobre meu ombro e posso sentir o olhar do Dr. Russell na parte de trás do meu pescoço e minhas costas nuas. Por que eu escolhi este vestido? Ah, certo, não foi minha escolha.

Eu não posso acreditar que isso está acontecendo. O passeio de carro de ontem foi intenso para dizer o mínimo. Eu pensei que teria mais 24 horas para pensar no que dizer a ele. Agora aqui estamos nós, coxa a coxa em um casamento. E tem aquele cheiro de novo, sua colônia. Quero comprar todas as garrafas existentes e despejá-las no vaso sanitário.

Cooper percebe que eu estou olhando, sorri e sussurra: — Desculpe.

Eu não digo uma palavra.

Haverá tempo de sobra para explicações depois da cerimônia, quando não houver um milhão de pares de olhos curiosos focados em mim.

CAPÍTULO 14

MATT

É a hora do coquetel entre a cerimônia e a recepção, uma hora em que planejo beber meu peso corporal em álcool, na esperança de que isso me distraia do fato de que Bailey está aqui neste casamento com meu irmão.

Ela está bem ao meu lado, ouvindo Cooper tentar explicar sua saída desta situação. Eu tomo outro gole da minha bebida e já estou tentando sinalizar um garçom que está passando para que eu possa pedir outro.

Bailey está com raiva, embora eu não esteja surpreso. Meu irmão lidou com a situação de forma deplorável e agora, de alguma forma, estou no meio do que parece perigosamente perto de um triângulo amoroso com o qual não quero ter nada a ver.

—Então você vê, é bem simples. Bailey, você entrou no bar com alguns de seus amigos. Eu estava lá esperando por Matt. Ele não apareceu e eu não podia deixar passar a oportunidade de conhecer você.

Cooper está parado na minha frente como um cachorro com o rabo entre as pernas. Os olhos de Bailey poderiam abrir um buraco em sua cabeça se ele não fosse cuidadoso. —Ok, tudo bem, mas você sabia na época que eu trabalhava para o Dr. Russell?

Novamente com a besteira do Dr. Russell. Nós estamos fora do trabalho.

—Matt—, eu corrijo.

Ela me lança um olhar rápido e penetrante que me deixa com queimaduras de terceiro grau.

Cooper ajusta o colarinho da camisa, claramente desconfortável. —Eu descobri mais tarde naquela noite.

—Então por que você não me contou? Estamos mandando mensagens por semanas. — Ela sacode a cabeça. —Isso só parece estranho agora.

Cooper dá um passo à frente, seu tom assumindo uma fala suplicante. —Eu ia lhe contar, mas depois me ocupei com o trabalho, e esta noite parecia uma oportunidade tão boa quanto qualquer outra.

Honestamente, não me importo de ficar aqui. É como assistir a um acidente de trem lento. Eu meio que gosto de vê-lo se contorcer. Eu me movo para tomar outro gole da minha bebida, mas paro quando os olhos de Bailey se fecham em mim novamente.

—E você também sabia? Por que *você* não me contou?

Eu rio e balanço a cabeça. —Acho que não. Esta luta não é minha. Se você vai ficar com raiva de alguém, deve ser do seu encontro.

Ela cruza os braços, claramente em desacordo. —Ontem, quando você estava me levando para casa, você poderia ter me contado sobre Cooper. Houve muito tempo.

Eu termino de trazer meu copo para minha boca em vez de responder. A bebida queima um pouquinho na descida, mas não é nada comparado ao seu olhar varrendo-me, de olho no terno que peguei ontem enquanto ela esperava no carro. Parece ofendê-la tanto quanto meu irmão e eu fizemos.

—Espere, o que você disse? — Coop pergunta indignado. — Levou-a para casa?

Isso é ótimo!

Cooper está zangado agora, e não posso deixar de rir. —Relaxe, Coop. Estava chovendo e eu não queria que sua preciosa garota fosse para casa andando. Você pode parar de olhar para mim como se quisesse me matar.

—Isso é uma palhaçada. — Bailey joga as mãos para cima e vai embora. —Vocês dois podem resolver isso. Vou tomar uma bebida.

Quando percebo que ela não pode mais nos ouvir, eu vou em direção a Cooper, então estamos cara a cara e ele não pode desviar o olhar. —O que diabos você estava pensando quando resolveu trazê-la aqui como seu encontro? Isso é um jogo para você?

Ele ajeita os ombros e ergue o queixo. —Não é um jogo é um *experimento*. Eu sabia que você ficaria bravo se eu a trouxesse, então não pude resistir. Você agiu tão estranho comigo por eu ter falado com ela. Eu queria ver por mim mesmo como você agiria se ela viesse hoje à noite, e minhas suspeitas estavam corretas.

Eu arqueio uma sobrancelha. —Oh sim? Por favor me esclareça.

Ele sorri presunçosamente. —Você gosta de Bailey. Quando apareci, você não ficou chateado por ela estar aqui. Você estava chateado por ela estar aqui *comigo*.

Eu o empurro com força. Ele perde o equilíbrio e tropeça para trás.

Minha reação nos surpreende. Claro, nós fomos ásperos quando adolescentes, mas nunca entramos em algo físico como adultos.

—Você está agindo como um idiota—, eu digo, dando um passo para frente novamente. Estou começando a ficar puto.

Ele me encontra no meio do caminho e vai direto na minha cara, o dedo batendo no meu peito. —Talvez sim, mas pelo menos eu não sou um idiota miserável. Você está tão acostumado a ficar sozinho, nem sequer reconhece uma oportunidade de ser feliz quando está olhando para uma.

Um dos nossos tios subitamente se coloca entre nós, rindo sem jeito. —Tudo bem por aqui, rapazes?

—Perfeito—, diz Cooper, segurando as mãos em inocência. —Agora, se você me der licença, eu vou procurar o meu encontro.

Deixei-o ir embora, passei a mão pelo paletó e tentei afastar a psicologia de Cooper, tentando criar raízes em meu cérebro. Ele acha que eu me transformo em um homem das cavernas no que diz respeito à Bailey, e ele acha que é porque eu tenho sentimentos por ela. Talvez eu não queira meu irmão fodendo com minha empregada. Talvez seja uma dor de cabeça que eu prefiro evitar.

Isso é estúpido.

Eu pego outra bebida de um garçom que passa. É champanhe borbulhante e embora eu prefira jogar o copo contra a parede para liberar um pouco dessa raiva reprimida, eu a tomo de uma vez e então coloco a taça de volta na bandeja do garçom. Seus olhos estão arregalados. Eu sou provavelmente o primeiro convidado que ele viu devolver uma taça de champanhe hoje à noite.

Eu termino minha outra bebida e a entrego também.

—Uh, senhor... posso te dar outra bebida?

Eu balancei minha cabeça e passei por ele, sem saber exatamente para onde estou indo até encontrar Bailey do outro lado da sala no bar conversando com meus pais.

Hilário. O que no mundo eles poderiam estar conversando?

Cooper não está à vista, mas tenho certeza de que ele reaparecerá perto de Bailey em breve e fará outra coisa para aumentar minha irritação, como beijar sua bochecha ou envolver um braço ao redor da sua cintura. Ele segurou a mão dela durante a cerimônia. Fodido ridículo. Eu não gosto de PDA[8], e sentimentalismos. Ele fez isso para me deixar louco, ele admitiu isso, e ainda assim eu não o perdoo. No mínimo, isso me deixa mais irritado. Bailey sabe que ela é um peão em seu jogo?

Não parece. Ela se vestiu esta noite. Seu cabelo loiro sedoso está solto e encaracolado. Sua maquiagem acentua cada uma das suas características impecáveis. Ela não coloca tanto esforço em sua aparência para o trabalho, e realmente, não é necessário. A

[8] Demonstração pública de afeto.

maquiagem e a roupa são legais, e com certeza, ela está virando cabeças hoje à noite, mas na verdade eu prefiro sua aparência de rosto fresco. As maçãs do rosto, o cabelo loiro claro, o sorriso maravilhoso, ela tem um tipo de charme virginal que brilha por conta própria.

Só por um momento, dedico-me à ideia de vê-la como faria com qualquer outra mulher. Eu ignoro as complicações do nosso relacionamento e penso apenas em sua personalidade ardente, sua confiança e força na sala de cirurgia. Eu arrasto meus olhos para baixo de seu vestido azul apertado e as pernas tonificadas. Uma dor ardente me prende, mas depois é encharcada com uma boa dose de culpa. Bailey não é apenas uma mulher. Ela é minha assistente cirúrgica e não quer que eu a examine.

—Matt! — minha mãe diz quando ela me vê se aproximar. — Bailey estava nos explicando que vocês dois trabalham juntos. Eu não fazia ideia!

—Receio que a tenhamos importunado com perguntas—, meu pai acrescenta, enviando um sorriso apreciativo para Bailey. — Principalmente sobre como você é como chefe.

—Eu não sou tecnicamente o chefe de Bailey—, eu explico com um tom duro. —Eu não assino seus contracheques.

Minha nuvem negra afoga temporariamente o bom humor de todos, mas Bailey a salva. —Só esta semana, tivemos uma cirurgia especialmente cansativa. Dr. Russell conseguiu fazer um procedimento que poucos cirurgiões no país poderia tentar.

Os olhos de meus pais estão acesos com admiração. Eu nunca falo sobre o meu trabalho com eles. —Não foi tão emocionante—, eu esclareço, um pouco embaraçado com a atenção.

A mão da minha mãe bate no meu ombro. —Oh pare. Agora, Bailey, o que você faz durante a cirurgia? Eu nunca ouvi falar de um assistente cirúrgico.

—Ela é como meu braço direito. Fechando, suturando a incisão, passando-me instrumentos. Eu não seria capaz de operar sem ela.

Estou olhando para a minha bebida quando digo tudo isso, mas o silêncio ensurdecedor é demais para ignorar. Eu finalmente olho para cima e Bailey está olhando para mim com os olhos arregalados e chocados. Minha mãe está me observando com um sorrisinho curioso. Meu pai, graças a Deus, está bebendo cerveja e mantendo os lábios fechados.

Eu suspiro e passo a mão pelo meu cabelo. —Bailey, posso falar com você por um segundo?

Antes que ela responda, dou um passo à frente, coloco a mão em seu braço, logo acima do cotovelo, e a conduzo a uma mesa de coquetel vazia do outro lado do salão.

—Devagar—, ela insiste. —Você está quase correndo e eu não posso me mover tão rápido nesses sapatos.

Eu suspiro e diminuo meu ritmo, ciente de quão firmemente estou segurando seu braço, não dolorosamente, mas inflexível do mesmo jeito.

Quando que chegamos à mesa, eu a sento de um lado e ando até estarmos frente a frente.

—Só para ficar claro—, diz ela, tom agradável desaparecido. — Eu estava sendo educada na frente de seus pais.

Claro.

—O que Cooper disse sobre esse casamento quando ele te convidou para vir ao casamento? — Eu pergunto, todo formal.

Suas bochechas ficam vermelhas e ela torce as mãos. —Hum, eu não sei... só que seria uma pequena cerimônia. Sem pressão, esse tipo de coisa.

—Ele não mencionou sobre mim?

—Obviamente não. — Seu tom endurece. —Mesmo que ele definitivamente deveria ter feito.

Eu concordo. Os próximos minutos serão extremamente dolorosos, mas tenho que ser honesto com ela sobre a situação ou vai explodir na minha cara. Cooper pode querer brincar com as emoções das pessoas, mas ele não precisa enfrentar Bailey no trabalho na segunda de manhã. Eu sim.

—Você tem sentimentos por Cooper? — Eu pergunto, minha cabeça inclinada para o lado, os olhos estreitados.

Suas sobrancelhas se levantam. Ela olha para longe. — Sentimentos? Ah...

Ela está apenas fazendo careta de desdém e eu quero sorrir, mas sou forte suficiente para sufocar a vontade. —Foi o que eu

pensei, e é muito bom, porque Cooper só trouxe você aqui para me deixar com ciúmes.

Nada como ter a verdade disparada de um canhão.

Seus olhos castanhos claros estão focados na mesa de coquetel e há uma emoção incalculável lá dentro. Ela está ferida pela revelação? Ou apenas curiosa para ouvir o resto da história?

Eu suspiro e continuo apesar de sua reação. —É muito complicado e estúpido ter que explicar, mas essencialmente, Cooper colocou na cabeça que eu não gosto que vocês dois namorem. Ele supôs que eu tenho um desejo ardente de ficar com você, e ele pensou que trazer você aqui esta noite seria a maneira perfeita de testar sua teoria.

Suas sobrancelhas se contraem enquanto ela balança a cabeça. —Essa é a coisa mais ridícula que eu já ouvi. — Pelo menos concordamos em algo. —Desejo ardente? Por *mim? Pfft.*

Seu olhar se eleva para o meu e um punho agarra meu peito.

Então, ela faz a última coisa que eu esperava: ela sorri.

—Honestamente, eu não posso nem ficar brava que ele tenha me convidado sob falsos pretextos. Não fui eu que concordou com este encontro.

O que?

Agora eu me inclino para frente, esperando por respostas.

—Era minha irmãzinha. — Ela encolhe os ombros. —Eu realmente odeio mensagens de texto, então ela começou a fazer isso

em meu nome e ficou um pouco empolgada. Eu nem sabia sobre esse casamento até depois que ela concordou que eu iria.

Alívio inunda minhas veias. —Você está brincando.

Ela morde o lábio inferior para abafar o sorriso e balança a cabeça. —Não. Ela acha que eu preciso sair e namorar mais. Cooper acabou sendo o primeiro cara a mostrar algum interesse.

—Isso não pode ser verdade.

Em um flash, seu sorriso se foi. —Bem, é isso. Não somos todos famosos cirurgiões de coluna com cabelos grossos e a personalidade do Sr. Darcy.

Eu franzo a testa. —'A personalidade do Sr. Darcy'... do que você está falando?

—Oh, vamos lá. — Ela acena a mão na minha direção. —Eu não tenho energia para alimentar seu ego. Você é um médico e você é atraente e se você entrasse em um aplicativo de namoro, seus polegares cairiam da quantidade de mensagens que você receberia em 24 horas. Eles teriam que adicionar um novo servidor apenas para lidar com o excesso de tráfego.

Eu viro para ela com um sorriso incrédulo. —Quantas bebidas você já tomou? — Ela não gosta da minha piada, revirando os olhos e se afastando, mas eu agarro seu pulso. —Espera.

Estamos lá de novo: pele na pele. Nós temos feito isso a noite toda. Seus dedos roçaram os meus quando lhe entreguei meu programa de casamento. Nossas coxas pressionaram juntas durante a cerimônia. Eu segurei seu cotovelo quando a trouxe para esta

mesa. Agora, eu peguei o pulso dela, e é tão delicado que tenho medo de machucar se não for cuidadoso.

—Geralmente estamos usando luvas—, eu digo, de repente, soando como se eu estivesse fora da minha mente.

—O que?

Eu olho para a minha mão. —Na sala de cirurgia, quando você me entrega instrumentos, estamos usando luvas. É por isso...

Isso parece tão íntimo.

Eu engulo as palavras e solto a mão dela.

—Eu acho que deveria ir para casa. Esta noite foi um desastre total.

Eu me arrependo de soltá-la quando ela começa a se afastar.

Estou estragando tudo, mas não há um caminho claro adiante. Eu a deixo ir? Peço para ela ficar? Nós trabalhamos juntos e ela veio com meu irmão e nenhuma parte desta noite faz qualquer sentido.

—E se meu irmão estivesse certo? — Eu digo de repente. —E se a experiência dele funcionasse?

Ela se vira e seus olhos colidem com os meus. Eu vejo como o significado de minhas perguntas afunda e PUTA MERDA *o que eu fiz? Por que disse isso?!*

—Aí está você! — A voz de Cooper explode atrás dela. Seu timing é impecável quando ele se aproxima de nós e deixa cair as mãos nos ombros de Bailey. Ela recua, mas ele não percebe. —

Vamos, eles querem que todos entrem no salão de baile. O jantar está começando! —

CAPÍTULO 15

BAILEY

Oh sim, apenas o que eu estava esperando: uma refeição de cinco pratos seguindo a conversa mais estranha da minha vida. Eu não estou com fome. Meu estômago foi substituído por um nó de tensão e, no entanto, aqui estou sentada em uma mesa de banquete com Cooper e toda a sua família. A curto prazo além de fingir uma doença repentina, não há maneira de escapar de ficar sentada aqui por uma hora ou mais. Eu continuo tentando chamar a atenção do garçom para que eu possa de alguma forma sinalizar para ele envenenar minha comida, ou pelo menos me entregar uma bebida com uma dose pesada. Infelizmente, ele acha que estou flertando, ele me passa seu número quando ele retorna.

O Dr. Russell está sentado à minha frente, meditando sobre o estilo do Sr. Darcy e chamando a atenção de todas as mulheres presentes que não são relacionadas a ele pelo sangue. Mesmo assim, acho que algumas de suas primas também estão no páreo. Agora, a garçonete enchendo o seu copo com água está tão concentrada em seu cabelo que ela não percebe que sua taça transborda. O que há com o cabelo preto, com cara de quem te beija até que você fique sem ar e seu cérebro vire geleia?

Ela sai do transe um pouco antes de a água começar a se acumular na mesa.

A mesa de banquete é comprida, mas não é suficientemente larga. Se não tiver cuidado, nossos joelhos vão esbarrar um pouco. Já aconteceu duas vezes e a sensação de suas calças acariciando minha perna é nada menos do que erótica. Acho que a única maneira de sufocar um gemido é enchendo minha boca com pão. Consequentemente, o nó no meu estômago foi substituído por uma enorme fatia de pão.

As outras convidadas do sexo feminino não são as únicas que olham para o Dr. Russell. Considerando que estou sentada bem em frente a ele, não tive escolha a não ser olhar para ele por baixo dos meus cílios e coletar dados como se eu fosse um cientista e ele fosse uma espécie recém-descoberta de gostosão. Aqui estão meus pensamentos:

1) Seus olhos são o azul mais claro, como aquele general White Walker em *Game of Thrones*. Comparação de montagem, considerando que eles também compartilham uma personalidade semelhante.

2) O fato de ele ter tirado o paletó e pendurado na cadeira atrás dele está ok, mas ele realmente precisava enrolar as mangas de sua camisa? Nós não precisamos nos sujeitarmos a esse nível de pornografia de antebraço enquanto jantamos.

3) Ele é um companheiro de jantar realmente terrível. Eu acho que ele disse três palavras para as pessoas ao seu redor. Eu sei disso porque tenho um ouvido direcionado diretamente para ele. Se ele engolir, eu noto.

4) Ele não vai encontrar meu olhar, não importa o quanto eu tente. Eu acho que ele se arrepende do que ele me disse antes.

Eu não consigo decidir se eu quero que ele se arrependa do que ele me disse.

Essa é uma porta que eu nunca considerei abrir antes desta noite.

—Então, Bailey, há quanto tempo você é assistente de cirurgia?

A pergunta vem da Sra. Russell, que está sentada à minha esquerda. Ah sim, estou cercada por Russells por todos os lados. Isso seria um pesadelo se a Sra. Russell não fosse uma das pessoas mais gentis que eu já conheci. Para continuar as comparações de *Game of Thrones*, ela seria Samwell Tarly: gentil, prestativa e sempre pronta para um lanche. Ela está me ajudando a acabar com a cesta de pão.

—Alguns anos agora. Eu realmente gosto, mesmo que não seja o que eu inicialmente pensei em fazer.

—Sério? A medicina nem sempre foi o objetivo final?

—Não, foi. Eu só pensei que eu acabaria em um papel diferente. Eu comecei fazendo cursos de pré-medicina, mas a vida mudou um pouco meu caminho. — Suas sobrancelhas se enrugam de pena e eu rapidamente acrescento: —Eu realmente gosto do que faço agora.

—Cooper me disse que você cuida da sua irmã mais nova? Foi isso que forçou você a redirecionar?

Redirecionar, que bom eufemismo para o caos daquele tempo em minha vida.

—Sim, mas verdadeiramente, é melhor assim. Eu amo ter Josie morando comigo.

Espero que ela pergunte por que meus pais não estão na foto, e tenho medo de contar a verdade. O conto é sombrio: gelo escorregadio em uma estrada escura. Meus pais estavam indo para casa de uma festa quando meu pai perdeu o controle do veículo. Eu recuo na memória do carro destruído.

Felizmente, a sra. Russell conduz a conversa em uma direção diferente.

—Quantos anos você tinha quando se tornou a guardiã da sua irmã?

—20

—Meu Deus. — Ela sacode a cabeça com pena. —Você teve que crescer tão rápido.

Eu dou de ombros. —Talvez, mas me ensinou muito. Eu não me ressinto de ter que cuidar dela.

Sua mão bate no meu antebraço e seus olhos encontram os meus, e fico envergonhada de estar de repente ficando sufocada. É essa gentileza em seus olhos me fazendo sentir como se tivesse encontrado a fenda na minha armadura, a minha parte mole e suave que eu tento tanto esconder.

—Eu não sabia que você cuidava da sua irmã—, diz o Dr. Russell do outro lado da mesa, sua voz profunda cortando a conversa ao nosso redor.

Ainda mantendo meu olhar fixo na Sra. Russell. Eu não sabia que ele estava ouvindo. Com todas as conversas acontecendo ao nosso redor, teria sido difícil para ele me ouvir claramente.

Infelizmente, quando eu finalmente tenho coragem de olhar, aqueles olhos azuis de White Walker estão me estudando atentamente. Não há dúvida de que ele ouviu todas as palavras. O medo enche meu estômago. Eu quero voltar a alguns minutos atrás, quando ele estava me ignorando, porque do jeito que ele está olhando para mim agora, é como se ele também estivesse vendo meu ponto vulnerável. Que situação perigosa. Ele já exerce tanto poder, e eu acabei de entregar ainda mais.

Cooper ri alto à minha direita e o som me tira desse momento. Eu sou grata, pelo menos, ele está agindo como se estivesse em um casamento, enquanto o resto de nós vai profundamente em uma sessão de terapia. Eu não preciso de mais uma plateia ouvindo meus problemas familiares.

—Eu gostaria que você tivesse me dito—, diz o Dr. Russell, suas sobrancelhas escuras enrugadas de preocupação.

Eu limpo minha garganta, tentando aliviar a tensão. —Você nunca perguntou sobre a minha vida fora do hospital.

Ele parece impressionado com o meu comentário, e eu imediatamente me arrependo do jeito que soou. Sua mãe ainda está ouvindo, afinal. Eu realmente não acho apropriado castigá-lo na frente dela.

—E—, eu esclareci, —não é algo que eu falo muitas vezes.

Depois disso, o jantar dura mais uma hora insuportável. Sento-me em silêncio, Dr. Russell toma algumas bebidas e a Sra. Russell leva a conversa para todos nós. Eu praticamente pulo da cadeira

quando eles limpam o último prato, esbarrando no garçom que me deu seu número.

—Ei, uh... eu não tenho certeza se você veio com alguém esta noite...

Oh meu Deus.

Eu ando em torno dele e corro para o banheiro, e mesmo que eu queira passar na frente da vovó da noiva e uma pequena menina pulando para frente e para trás de uma perna para outra, eu não faço. Eu me inclino contra a parede e espero a minha vez para que eu possa me trancar em uma baia e ficar o tempo que eu quiser, por favor.

Sentada em um pedaço de papel cobrindo o vaso sanitário, eu verifico o Uber e lamento a ridícula taxa que aparece. Vai demorar um pouco para chegar aqui. Eu sabia que o custo para chegar em casa seria caro, mas isso é como se eu pudesse pagar com favores sexuais. Andar a pé também não é uma opção, porque está *-139* graus do lado de fora e meus membros congelariam e quebrariam no primeiro quilometro.

—Ei! Vamos lá! Existem apenas três cabines! — Alguém grita antes de bater com força na minha porta.

—Oh! Desculpa! Estou com diarreia.

E então eu puxo um vídeo do YouTube de Niágara Falls para que eu possa terminar de pesquisar minha saída em paz.

Infelizmente, depois de uma boa dose de busca desesperada, não tenho outra opção a não ser sorrir e aguentar por um pouco mais de tempo até convencer Cooper a me levar para casa.

Quando eu desocupo meu santuário e volto às festividades, espero que ele fique preocupado com minha ausência prolongada. Sem dúvida, nenhuma notícia da minha condição se espalhou pelo salão de festa, mas estou aborrecida ao descobrir que por acaso estou em um encontro com o irmão Russell que ama atenção. Neste exato momento, ele está no meio da pista de dança fazendo uma transição suave entre a garota da flor como uma bailarina e dançando ao lado da mãe da noiva. Há um círculo de pessoas batendo palmas ao redor dele e oh meu Deus; ele está fazendo a minhoca. Três damas de honra pairam por perto, lambendo as babas.

Eu me viro exatamente na direção oposta. Algumas pessoas foram feitas para dançar, e algumas pessoas foram feitas para ser antissocial. Eu caio solidamente na segunda categoria.

Eu rondo a sala pelas laterais, feliz por finalmente ter um momento para mim mesma, mas então vejo o Dr. Russell sentado do lado de fora no frio. Ele não podia estar mais longe das festividades, a menos que se retirasse fisicamente das instalações.

Eu vejo quando ele leva uma bebida aos lábios e dá uma longa tragada. Então ele coloca a cabeça no encosto da cadeira e olha para o céu noturno. Eu pressiono minha mão no vidro e confirmo que está tão frio quanto eu pensei.

Homem estúpido.

Ele vai ficar com frio. Eu deveria deixá-lo.

Por que eu me importo?

E, no entanto, viro-me e caminho de volta para a mesa de jantar para pegar nossos casacos. Sua lã é grossa e, sem dúvida, cara, e eu quero tanto envolvê-la em mim, mas coloco meus braços nas minhas próprias mangas rosa e resisto à tentação.

Na porta do pátio, respiro fundo, apreciando um último segundo de calor antes de sair e o ar ártico explodir meu rosto. Minhas extremidades se transformam em gelo. Eu perco a sensação nas minhas pernas nuas.

—Jesus, você é louco ?! — Eu grito, correndo para ele rapidamente. —O que você está fazendo aqui fora?

Ele não se vira, apenas levanta o copo como se estivesse explicando.

—Sim, entendi: você está tentando se matar. Você tem feito isso a noite toda, com certeza você está perto agora.

Ele ri. —Mais um drink deve fazer isso.

Sua resposta é mais preguiçosa do que o habitual. Ele está definitivamente bêbado e eu estou definitivamente prestes a morrer quando outra rajada de vento me atinge.

Eu dou a volta na cadeira, coloco a jaqueta no colo dele e corro de volta para dentro o mais rápido que minhas pernas podem me levar. Eu não sinto mais pena dele. Ele está com sua jaqueta. Vou caminhar direto para aquela lareira agradável, me sentar na confortável área de estar e abrir o aplicativo Kindle no meu telefone.

Quando me aproximo, percebo que não sou a única com essa ideia. Uma jovem garota está lendo uma brochura desgastada e está tão concentrada nela que nem percebe.

—Este assento está disponível? — Eu pergunto, apontando para a cadeira em frente a ela. Ela balança a cabeça sem olhar para cima e uau, essa garota é o meu tipo de pessoa.

Eu me sento lá, aquecendo e lendo no meu celular, feliz por ninguém me incomodar, até que um par de chaves aparecendo na minha linha de visão. Eu os acompanho até uma grande mão e depois um braço coberto de lã grossa. Ainda mais longe, meu olhar se choca com o do Dr. Russell.

—Me leva para casa?

Eu torço meu nariz em desgosto. —Você não pode dirigir sozinho?

—Essa possibilidade voou pela janela cerca de quatro bebidas atrás. Lily, posso roubar sua amiga?

A menina dá de ombros e vira uma página. Essa traidora. Eu aqui pensando que estávamos formando um pequeno clube do livro. Onde está sua lealdade?

—Você não pode perguntar a outra pessoa? — *Alguém mais?*

Talvez a Lily tenha um patinete motorizado que ela poderia amarrá-lo.

Ele deixa cair as chaves e elas caem no meu colo. —Não. Eu sei que você quer sair também. Isso é chamado de matar dois coelhos

com uma cajadada só. Agora vamos. Eu já disse a todos que estamos saindo, então você não precisa se dar ao trabalho de se despedir.

Bem. Tudo bem. Meu telefone está prestes a morrer de qualquer maneira.

Embora ele diga que não preciso, quero dizer adeus a todos porque não sou uma completa idiota. Não há como Cooper me deixar ir tão facilmente. Sem dúvida, ele se transformará em um amante desdenhado quando descobrir que vou embora com o irmão dele.

—OK. Dirija com cuidado! — ele chama do centro da pista de dança, entre duas damas de honra.

Oh, certo. Bem... ele deve ser muito bom em esconder seu lado territorial.

Pelo menos a sra. Russell está triste por me ver partir.

—Espero que possamos vê-la novamente em breve, Bailey—, diz ela, soando como se ela realmente quisesse dizer isso. Infelizmente para ela, as chances de que isso aconteça são quase nulas. Um de seus filhos está fazendo o robô e esqueceu que eu existo, e o outro está perto da porta, ansioso para sair daqui e de perto de mim.

No estacionamento, ele anda alguns passos atrás de mim, bêbado como um gambá.

Eu nunca o vi assim. Ele é sempre tão irritado e tenso. Aposto que ele assiste TV de terno à noite. Quando assiste exatamente a um episódio de um documentário ou de uma programação educacional

digna de uma soneca, ele escova cada um dos dentes por exatamente 15 segundos e depois se deita na cama com um pijama completo, roupão, chinelos e touca de noite.

Eu ri da imagem antes de perceber que na vida real Dr. Russell não está mais me seguindo. Por nenhuma boa razão, ele mudou de rumo e está andando na direção das lixeiras no final do estacionamento.

—Onde você vai?! — Eu choro, correndo atrás dele.

Ele ri. —Não me lembro da cor do meu carro.

—Obviamente.

Embora eu tenha a vantagem sóbria, suas pernas são facilmente duas vezes mais longas que as minhas. Quando finalmente chego a ele, estou respirando com dificuldade. Como um tratador que tenta lutar com um urso selvagem, tenho o cuidado de não me aproximar demais para o caso de ele decidir desmaiar e me sufocar no processo. Em vez disso, eu fico atrás dele, as mãos em seus bíceps enquanto eu meio que empurro, meio que cutuco na direção certa. Não é fácil. Com ele resistindo, é como se eu estivesse tentando mover uma pedra.

Nós fazemos isto alguns passos antes dele ver algo no chão que captura seu interesse e se inclina adiante para agarrar isto. É uma flor crescendo no concreto. Ele pega e oferece para mim. —Aqui, por favor, um sinal da minha gratidão.

Eu puxo a pequena coisa branca da mão dele, enfio no bolso e reviro os olhos. —Tudo bem, tudo bem. Obrigado. Agora vamos, estamos quase lá.

Seu Prius está a poucos metros de distância, mas ele se vira para olhar por cima do ombro e seu lábio inferior se projeta como se estivesse desapontado. Eu deveria desprezá-lo pelo que ele está me fazendo passar, mas mesmo inebriado, ele é ridiculamente gostoso. Seu cabelo escuro está um pouco desgrenhado, sua gravata puxada solta.

—Você não gosta disso, não é? Eu vou comprar rosas para você. Pare em uma floricultura a caminho de casa.

Ai Jesus. Como eu cheguei aqui?

Eu destranco o Prius dele e tenho um inferno de um tempo para ele entrar. É como se ele tivesse esquecido como seus membros funcionam. Sua mão voa para mim e eu tenho que me abaixar.

—Você tem que ser tão grande?

Eu acidentalmente bato sua cabeça enquanto eu o forço para baixo e ele geme, mas consigo colocá-lo lá dentro e afivelo seu cinto. Tenho que deslocar o banco do motorista para a frente cerca de *seis metros* antes de poder chegar ao acelerador, mas, alguns minutos depois, estou na estrada com o endereço dele no aplicativo de mapas do meu telefone.

Estou tão perto da liberdade que posso sentir o gosto.

—Bailey, Bailey, Bailey—, diz ele, cabeça rolando para trás e para frente em seu encosto de cabeça. —Por que você me odeia?

Ok, talvez não tão perto.

Eu olho e seu feitiço de garoto me atinge com força total. Sua cabeça está voltada para mim. Seus olhos me imploram para ceder,

embora eu não tenha ideia do que eu estaria cedendo. Sua boca está voltada para baixo em uma carranca triste. Sua mão está estendida, palma para cima, descansando no console como se ele estivesse esperando por mim para segurá-la. Eu agarro o volante com força extra.

—Eu não te odeio, Dr. Russell.

Ele geme como se estivesse com dor enquanto redireciona seu olhar para fora do para-brisa. —Meu nome é Matt. Não sei por que você insiste em...

—Ok, *ok*. — Eu sou rápida para apaziguar ele. —*Matt*

Ele suspira. —Diga de novo, mais devagar.

Em vez disso, ligo o rádio, coloco-o em uma estação do país e explodo o volume o mais alto possível sem danificar permanentemente nossa audição. Não há mais possibilidade de conversa para o restante do percurso porque um caubói está cantando sobre seu coração dolorido no máximo de decibéis.

Sua casa é em um bairro chique, mas não é uma mansão de estuque desagradável com 45 banheiros. É uma casa de fazenda moderna de um andar com tijolos brancos, grandes janelas e uma porta preta brilhante. Levei-o diretamente para ela, da mesma maneira que o levei pelo estacionamento da capela (protegendo meu rosto), e quando chegamos ao tapete de boas-vindas, limpei as mãos e dei um passo para trás.

—Tudo certo. Bem, boa sorte. Até mais!

Ele deixa cair a cabeça para a porta da frente e não faz nenhum movimento para entrar.

—Tudo bem, deixe-me destrancar esta porta e... agora vá para dentro.

Eu o cutuco nas costas com o dedo, mas está claro que ele não tem intenção de sair da sua varanda. Eu poderia deixá-lo lá, mas está ficando mais frio a cada minuto e eu não quero necessariamente sua morte na minha consciência.

Então é assim que eu me encontro na casa do Dr. Russell - quer dizer, na casa de Matt - ajudando-o pelo corredor até seu quarto.

Seu braço paira sobre meus ombros e eu o arrasto para frente como se ele fosse um soldado ferido. Minhas pernas estão tremendo com o peso. Cada quarto que passamos, eu tento parar.

—Não não. — Ele sacode a cabeça. —Esse é o meu escritório. Continue. Isso é um banheiro. Não consigo dormir lá.

—Você está prestes a dormir aqui se não me ajudar um pouco. Eu juro que você está arrastando seus pés de propósito.

Finalmente, chegamos ao final do corredor e eu chuto a porta do quarto dele. Eu estou esperando que ele esteja em completa desordem, assim como o seu escritório, mas em vez disso, é artisticamente decorado. Limpo e arrumado. Sua cama king-size tem lençóis brancos e um edredom cinza fofo. Quatro enormes mapas emoldurados em preto e branco estão pendurados em uma parede. Há uma planta no canto que parece ser regada regularmente. Eu meio que esperava que ele dormisse em pé, ao lado da central elétrica em que ele se liga toda noite. O fato dele ter

um quarto tão acolhedor e aconchegante faz coisas estranhas no meu coração.

Eu preciso sair daqui.

—Você acha que pode lidar com isso a partir daqui?

Sua mão se arrasta ao longo dos meus ombros e na nuca quando ele se afasta de mim. Ele se vira e encontra o meu olhar. —Espera. Você fugiu de mim a noite toda. Apenas fique por um segundo.

Estamos de pé a poucos metros de distância em seu quarto, olhando um para o outro.

Estou ciente de cada respiração que tomo.

—Eu preciso ir para casa.

Ele sacode a cabeça. —Não. Fique aqui. Não vou tentar nada, juro.

Suas sobrancelhas se apertam juntas, como se ele realmente quisesse dizer o que ele promete.

Eu rio como ele acabou de sugerir algo absolutamente absurdo. —Você está muito bêbado e não tem ideia do que está dizendo agora.

Na verdade, ele não vai se lembrar de nada disso pela manhã. Duvido que ele até perceba quem eu sou no momento.

Ele grunhe amargamente e se vira para a cama. Ele se abaixa para se sentar na beirada e deixa cair a cabeça entre as mãos.

—Eu sei que você pensa que sou *mal*. Um homem que grita com você na sala de cirurgia por cada pequeno erro. Talvez seja verdade. Talvez eu não seja um bom homem. — Ele olha de volta para mim, e a luz da lua filtrando através de sua janela captura os contornos afiados de seu rosto, as partes dele que mais me intimidam. —Eu tive uma esposa. Você sabia disso?

Meu coração dispara, tentando acompanhar suas mudanças de assunto erráticas. Ele está me convidando para passar a noite em um minuto e depois se abre sobre o casamento dele no momento seguinte. Eu deveria me virar e fugir, mas meus pés ficam enraizados no lugar. Não há como eu sair quando ele estiver disposto a oferecer informações que sua mente sóbria esconde.

—Você é divorciado?

Ele balança a cabeça e olha para longe. —Nós nos casamos jovens, logo depois da faculdade. Victoria estava comigo durante a escola de medicina e parte da residência. Ela gostava da ideia de ser esposa de um médico, mas não da realidade disso. Eu estava ocupado trabalhando 80 horas por semana. Ela se sentiu negligenciada.

Eu fico perfeitamente em silêncio, esperando que ele continue.

Ele balança a cabeça e arrasta as mãos pelos cabelos. —Ela me deixou e ficou fora por oito dias e a única coisa que notei foi que havia mais espaço no nosso closet. A próxima vez que eu a vi, perguntei se ela se livrou de alguns de seus sapatos. Ainda me lembro de sua risada melancólica.

É estranho. Eu não posso imaginá-lo com uma esposa, mesmo agora. Antes de hoje à noite, ele era bidimensional para mim. Ele existia como cirurgião e nada mais. Agora, ao vê-lo neste quarto, ouvindo falar sobre seu passado, de repente me deparo com a ideia de que há um coração batendo embaixo desse traje, que talvez ele tenha desejos e vontades que se estendem além da sala de cirurgia.

Eu sinto que ele está esperando por mim para condená-lo por seu divórcio, então eu suspiro e dou um pequeno passo à frente. —Você não é mal só porque você teve um casamento fracassado. Você estava em residência, provavelmente foi um período difícil para vocês dois.

—Talvez, mas ela se casou novamente e está grávida agora—, diz ele, as palavras saindo torcidas e doloridas. —Ela vai ter uma família e em todos os anos desde o nosso divórcio, eu não tive sequer um relacionamento sério.

—Isso é porque você é casado com o seu trabalho.

Seus olhos se aproximam de mim e ele não hesita antes de responder: —Sim, bem, talvez isso não seja mais suficiente.

E então ele cai de volta em sua cama com um baque pesado.

CAPÍTULO 16

BAILEY

Eu fique imóvel, esperando ele voltar à consciência, mas não, ele é um homem bom e está morto para o mundo.

Oh bom sofrimento.

A metade inferior de seu corpo está pendurada na cama e ele ainda está usando seu casaco de lã e terno. Estou preocupada que ele vá vomitar em seu sono e morra. Eu deveria deixá-lo, bem feito para ele por me colocar nessa situação em primeiro lugar. Olho em volta como se tentasse decidir o que fazer, mas há realmente apenas uma coisa a fazer, a única coisa decente: sair agora e fazer uma oração para que ele sobrevida a noite.

Só brincando.

Eu suspiro relutante, em seguida, passo para frente para tirar os sapatos. Quando desato os cadarços, falo em voz alta, dizendo coisas que nunca teria coragem de dizer se ele estivesse acordado.

—Eu te odeio por fazer isso comigo. Esta deveria ser uma noite divertida. Eu poderia voltar ao casamento agora, dançar com Cooper e me divertir para caramba. Claro, eu absolutamente odeio dançar, e sim, eu não sou realmente assim, mas quem sabe, casamentos fazem coisas engraçadas para as pessoas.

—Além disso, como você se atreve a me pedir para dormir aqui com você?! E se eu não tivesse bom senso para perceber que você

não estava falando sério? Você pode dar esperanças à uma garota dizendo coisas desse tipo!

Assim que seus sapatos estão no chão, levanto as pernas para cima da cama e avalio os resultados. Seu corpo está curvado em um ângulo estranho. Ele provavelmente não está tão confortável em seu terno, mas não tem como eu tirar a roupa dele. Além disso, com seu peso em cima deles, não consigo exatamente puxar os cobertores para baixo. Seu casaco deve mantê-lo aquecido o suficiente. Eu abotoo, só para ter certeza.

Depois que tenho certeza de que ele não vai cair da cama, vou até a cozinha dele e roubo uma tigela e um copo de seus armários. Eu encho o copo com água e coloco ao lado da tigela em sua mesa de cabeceira. Então, penso melhor e encontro um balde em sua garagem para que eu possa jogá-lo no chão ao lado de sua cama. Se ele vomitar, eu *não* vou limpar.

—Eu não acho que você é mal, necessariamente, embora você seja casado com o seu trabalho, e é provavelmente por isso que sua esposa deixou você. Eu realmente não a culpo. Ela provavelmente *foi* negligenciada. Patrícia me diz que às vezes você dorme em seu consultório no trabalho. Aposto que em seus dias de residência você dormiu no hospital com mais frequência.

Eu balancei minha cabeça e percebi agora que ele está dormindo em sua cama com água estrategicamente colocada e uma tigela *e* um balde no caso de ele vomitar, meu trabalho está feito. Eu preciso sair, exceto quando eu tiro meu telefone da minha bolsa para chamar um Uber, eu o acho descarregado. MORTO. Foi tudo aquilo enquanto demorava no banheiro e lia junto ao fogo.

NÃO. NÃOO.

Depois de algum rápido pensamento de Nancy-Drew[9], eu recupero o telefone de Matt do bolso de seu casaco, mas ele está bloqueado. Eu tento invadir usando sua impressão digital, mas não adianta. Eu preciso da senha. Que inferno novo é esse?!

Seu telefone permitirá que eu faça uma ligação para o 9-1-1, e eu realmente considero isso.

—Olá, sim, esta é uma emergência muito séria.

Josie está provavelmente preocupada comigo, mas não há nada que eu possa fazer. Matt não tem telefone em casa. Eu procurei de cima a baixo. Eu considero bater na porta de um vizinho para pedir para usar o telefone, mas é tarde e mesmo que seja um bairro legal, há pessoas malucas em todo lugar. Eu não estou tentando acabar no porão de ninguém hoje à noite.

Então uma ideia me atinge: DUH, ligarei meu telefone ao carregador de Matt e esperarei que ele carregue. Eu estarei a caminho de casa em algum momento.

Seu carregador está em sua mesa de cabeceira, então eu coloco meu telefone sobre ela e, em seguida, deslizo para o chão para que eu possa descansar minhas costas contra sua cama. Eu tiro a jaqueta e uso como cobertor, então me levanto e roubo um travesseiro para poder ficar confortável. Cheira como ele e eu me esforço para não deixar o cheiro me envolver, mas não adianta. Eu estou em seu quarto, ouvindo sua respiração firme e usando seu travesseiro para embalar minha cabeça. Estou em seu espaço pessoal e tenho

[9] Filme de adolescente que adora bancar a detetive.

liberdade total. Eu poderia bisbilhotar qualquer lugar que eu quisesse. Eu poderia me virar e abrir a gaveta de sua mesa de cabeceira. Eu tremo com o pensamento de encontrar preservativos ou alguma outra prova de que ele é um homem vivo, respirando com necessidades sexuais, necessidades qualificadas.

Eu coloquei fita de advertência e bloqueio de estradas ao redor desses pensamentos e volto minha atenção para a janela na minha frente. A cortina bloqueia a maior parte da luz lá fora, mas ainda consigo ver uma lasca da lua. Eu estou admirando isso quando um bocejo se liberta. Minhas pálpebras parecem tão pesadas. As duas taças de champanhe que eu tomei durante o jantar me deixaram com sono extra. Talvez aquele garçom tenha me dado uma dose pesada depois de tudo. Eu luto para manter meus olhos abertos, sabendo que meu telefone estará ligado em breve, mas não adianta. Meus olhos se fecham e digo a mim mesma para ficar acordada... para checar se meu telefone está carregado... para...

Eu tenho o mais delicioso sonho. Eu sou uma princesa e há um dragão me mantendo presa em uma torre medieval. Felizmente, há um príncipe musculoso com os olhos mais azuis e os cabelos mais escuros. Ele é corajoso e cavalheiresco e consegue usar uma armadura. Todas as outras princesas da terra acham que ele é gostoso, mas ele é meu príncipe. Ele veio para matar meu dragão e me resgatar da torre. Depois de um duelo intenso em que ele sai vencedor, ele finalmente chega ao meu quarto no pico mais alto, e ele me levanta em seus braços. Acho que estamos saindo da torre, mas ele me leva para a cama. Não faz sentido - precisamos ir na

direção oposta, sair da sala. Eu realmente preciso ir para casa. Eu digo ao príncipe que minha irmã está esperando por mim, mas ele insiste que eu fique nessa cama macia e quente enquanto ele me enfia debaixo dos cobertores.

Ele se move para ir embora e eu digo: —Você não está esquecendo alguma coisa? — Então faço barulhos exagerados com meus lábios. *Porque olá! Este sonho não é classificado como LIVRE.* Eu quero um beijo, caramba, mas o príncipe apenas ri e vai embora.

Pfft. Minha cara, conseguir um príncipe pudico.

Esta é a última parte do sonho de que me lembro antes de acordar em um quarto que cheira a sândalo e pinheiro, deitada em lençóis que são muito mais macios do que qualquer coisa que eu possa pagar. Demoro três segundos para perceber que ainda estou na casa de Matt e, pior ainda, estou na cama dele! Oh deus, isso significa que ele deve ter me pegado e me colocado aqui em cima. Ele era o príncipe - e eu implorei para ele me beijar!

Eu me endireito e olho ao redor da sala. Ele não está na cama comigo. GRAÇAS A DEUS. Eu saio de debaixo das cobertas e fico em pé. Com uma respiração instável e nervosa, eu olho para baixo. *Oh, ufa.* Felizmente, ainda estou no meu vestido da noite passada, embora esteja um pouco torto. Eu pego meu telefone do carregador e o ligo. Josie me ligou 37 vezes.

Eu ligo de volta imediatamente.

—OH MEU DEUS. EU PENSEI QUE VOCÊ ESTAVA MORTA! — é a primeira coisa que ela diz quando a chamada é conectada.

Eu seguro a mão sobre a minha boca, com medo de fazer muito barulho. Eu não sei onde Matt está. Ele poderia voltar a qualquer momento.

—Ouça, eu estou viva. É uma longa história, mas logo estarei em casa.

Ela geme. —Bom, estou feliz, mas são 5:45 da manhã e vou voltar a dormir.

A ligação termina abruptamente.

Ok, bem, pelo menos isto está resolvido. Eu ando na ponta dos pés e recolho minhas coisas. Minha jaqueta está no chão. Meus sapatos estão ao lado da cama. Matt deve tê-los tirado para mim como eu fiz para ele, e eu tremo pensando nele desfazendo a pequena correia em torno do meu tornozelo. Por alguma razão, isso parece mais íntimo do que quando tirei os sapatos dele, mas talvez eu esteja lendo demais.

Assim que peguei tudo o que precisava, vou na ponta dos pés até a porta do quarto dele. Se eu sair sem ser notada, posso simplesmente pedir um Uber na rua, ou quem sabe, eu sempre poderia pedir carona para casa com algum caminhoneiro. Ontem à noite, eu estava preocupada com pessoas malucas. Agora, eu estou tão envergonhada de como eu me comportei que um bom e velho sequestro não parece mais tão ruim.

Eu ouço um barulho atrás de mim e congelo, olhando devagar por cima do ombro, como se esperasse que Freddy Krueger aparecesse. Um segundo depois, Matt sai de seu banheiro, escova de dentes de um lado para o outro em seus dentes. Ele está vestindo

calças cinza e sem camisa e eu pisco um número incalculável de vezes, como se meus cílios batessem forte o suficiente para me levar para fora dessa situação.

—Bom—, diz ele com um aceno rápido. —Sua vez.

Então ele se vira e volta para o banheiro para poder cuspir a pasta de dentes e enxaguar a boca. Meus olhos piscam para a janela dele e me pergunto se posso atravessar a sala e sair antes que ele termine. Mas não, um segundo depois, ele está de volta em seu quarto, passando por mim para entrar no corredor. Agora ele está sem escova de dentes e ainda sem camisa. Eu me delicio com a visão de suas costas bronzeadas e ombros largos e bíceps musculosos, mas quando ele olha para trás para olhar para mim, eu viro meu olhar para o teto tão rápido, eu acho que torço um músculo no meu olho.

—Vamos, eu vou fazer café da manhã.

Eu ri. —Por um segundo, pareceu que você disse a palavra 'café da manhã', mas isso não pode estar certo.

Ele franze as sobrancelhas em confusão. —Você não está com fome?

Eu levanto minha mão. Por que estamos falando de comida, apesar de tudo? Não há detalhes mais importantes que precisamos resolver? Como, oh, *não sei*, quando demos o grande salto de inimigos para companheiros de café da manhã sem camisa? —Espere aí... eu dormi no chão do seu quarto ontem à noite?

Ele franze a testa e se vira, encostando um ombro na parede e cruzando os braços. Seus abdominais são insanamente tonificados. —Sim você dormiu.

—E você me pôs em sua cama e me colocou debaixo das cobertas?

—Sim, mas depois eu dormi no sofá. Nada aconteceu.

Minhas bochechas queimam porque ainda há mais uma coisa que eu preciso esclarecer. Eu corro as palavras em uma respiração. —Bom, tudo bem. Além disso, sonhei que pedi um beijo - isso não aconteceu, certo?

Seu rosto se transforma completamente quando sua boca se abre em um sorriso devastador. —Não, isso definitivamente aconteceu. E foi fofo. Você fez biquinho e tudo mais.

Assim como eu pensava. Eu cruzo meus braços e abaixo minha cabeça e rapidamente vou em frente passando por ele. Dirijo-me direto para a porta e acho que, se conseguir o impulso suficiente, nem precisarei parar para abri-la, posso apenas atravessar a madeira em linha reta.

Sua mão estende para pegar meu ombro e ele me puxa de volta. —Espere, eu disse que era fofo. Você não precisa ficar envergonhada.

—Envergonhada não é a palavra certa. Traumatizada é melhor. Vou precisar de terapia.

Ele me oferece um meio sorriso e meu olhar pula de um lado para outro entre ele e seu cabelo bagunçado digno de desmaio.

—Bem, não é muito pior do que eu fiz. Ficar bêbado, forçando você a me colocar na cama - eu não acho que tenha sido tão inconsequente desde meus dias de faculdade.

De alguma forma, duvido que ele estivesse tão bêbado até então.

—Você me contou sobre sua ex-esposa—, eu admito em um esforço para colocar tudo na mesa o mais rápido possível.

Ele parece menos do que entusiasmado. —Ah

—E você me disse que o hospital ia me dar um aumento enorme.

Ele ri e balança a cabeça. —Estranho. Não me lembro dessa parte.

Então, da mesma maneira que o levei para o carro dele e para a sua casa ontem à noite, ele coloca as duas mãos nos meus ombros e me empurra na direção de sua cozinha. Não tenho escolha a não ser permitir que ele me encaminhe para sua mesa e me deposite em uma cadeira. Já há uma jarra de café recém-preparada esperando no balcão, e ele me serve uma caneca enorme.

—Creme? — ele pergunta.

—Por favor, e não economize.

—Açúcar?

Eu arqueio uma sobrancelha. —Você não vai me ensinar como é ruim para minha saúde?

Ele sorri. —Eu estou fora do trabalho.

—Então sim, por favor. Só um pouco.

Matt fazendo aquela xícara de café é sem dúvida a coisa mais sexy que eu já vi um humano fazer. É como quando você vê um cara quente segurando um cachorrinho. Sozinhos, as duas coisas são adoráveis. Juntos, eles são imbatíveis. Eu tento conter meu entusiasmo embora. Não há necessidade de babar em sua mesa de madeira de fazenda. Eu não tenho o suficiente em minhas economias para substituí-la.

Ele me traz a caneca e me faz sentir o gosto.

—Bom? — Ele pergunta, observando minha reação.

Seus músculos abdominais tonificados estão a menos de 30 centímetros do meu rosto. Eu faço um sinal de positivo, em vez de falar.

Com um aceno de cabeça, ele volta para a geladeira e começa a colocar os ingredientes no balcão: cogumelos, espinafre, queijo, ovos.

Isso tudo parece tão extraordinariamente normal, o que me deixa ainda mais desconfortável. Por que ele está se comportando como se fosse outra manhã de domingo? De repente, me senti sufocada. Eu não posso fazer isso.

—O que exatamente estamos fazendo aqui? — Eu pergunto. — Agora mesmo?

—Você está tomando café e eu estou fazendo omeletes. — Ele se abaixa para abrir uma gaveta em sua geladeira e eu olho para sua

bunda por dois segundos antes de perceber o que estou fazendo e desvio o olhar. —Você quer presunto no seu?

—Sim, claro, mas esse não é o ponto. Você poderia, por favor, parar de se mexer por um segundo? — Eu fico em pé e cerro minhas mãos ao meu lado.

Ele finalmente recebe a dica e se vira para mim.

—Você disse coisas ontem à noite que não pode retirar—, eu começo, tentando manter minha voz tão firme quanto possível. —Você disse que a experiência do seu irmão poderia ter funcionado. O que isso significa—?

Ele solta um suspiro profundo, como se o assunto fosse assustador para ele. —Acho que devemos ter essa conversa depois de termos comido.

Eu resisto ao impulso de bater meu pé. —Não. Eu quero conversar agora. Enquanto eu estava colocando você na cama, você disse ainda mais coisas! Talvez fossem apenas divagações bêbadas, mas pareciam mais, como se você estivesse realmente se abrindo para mim.

Aí está. A verdade está espalhada pelo chão da cozinha dele, e estou esperando que ele pegue e descarte como quiser. Tudo o que ele tem a dizer é que ele estava bêbado. Então podemos empurrar todos esses sentimentos estranhos para debaixo de um tapete e voltar a ter um relacionamento de trabalho que é frágil na melhor das hipóteses.

Ele se inclina contra o balcão e cruza os braços sobre o peito. —Eu lembro de tudo o que eu disse.

Seu olhar é pesado e intenso.

Eu quero desviar o olhar, mas minha próxima pergunta é muito importante. —E você se arrepende disso?

Não há hesitação, nem retrocesso da parte dele. Ele apenas responde com confiança: —Não. Na verdade, eu confirmo tudo isso. O que eu admiti para você ontem à noite sobre como isso me deixou com ciúmes ao ver você chegar ao casamento com meu irmão isso era verdade.

Meus olhos saem da minha cabeça.

—Oh...

Eu não tenho ideia do que dizer em resposta a isso. Eu não estava preocupada e ri, foi meio alto. Eu iria seguir o fluxo com ele. Sim, sim que noite estranha. *Você poderia colocar o meu omelete pra viagem? Obrigada. Tchau.*

Ele suspira e volta para a ilha, começando a quebrar ovos em uma tigela.

—Você se importaria de cortar o espinafre? — ele pergunta. — Eu preciso de comida antes de continuarmos.

Quem se importa com espinafre em um momento como este?!

Mas, eu faço como me disse, em frente a ele em sua ilha de cozinha e ajudando-o a preparar o café da manhã. Eu tomo meu café e tento esquecer que ainda estou usando um vestido de coquetel e maquiagem de ontem. Ele não parece se importar, pelo menos eu não acho que ele faz. Eu o pego me estudando enquanto coloco minha xícara em cima.

—O que? — Eu golpeei sem rumo no meu rosto.

Ele balança a cabeça com um sorrisinho secreto. —Nada. Vamos comer.

—Ok, mas primeiro... pelo amor de Deus, você tem que colocar uma camisa.

CAPÍTULO 17

MATT

Eu não posso acreditar o quanto eu estraguei as coisas. Eu acho que eu realmente a aterrorizei. Bailey está sentada na beira da cadeira, dando pequenas e rápidas mordidas de omelete. Seus joelhos saltam sob a mesa. Sua mente está trabalhando feito louca, o que é compreensível; muita coisa aconteceu nas últimas 24 horas.

Eu acordei ontem e Bailey ainda era categorizada como colega de trabalho em minha mente.

No final da noite, ela caiu em potencial interesse amoroso.

Eu realmente não entendi o que isso significa, mas nós poderíamos descobrir isso juntos se ela tivesse coragem de encontrar meus olhos.

Quando admiti que me deixou com ciúmes ao vê-la chegar ao casamento com meu irmão, ela parecia apavorada. Sua resposta dizia tudo.

—*Oh...*

Seu rosto empalideceu. Seus olhos se arregalaram. Eu queria gritar rapidamente, *Oh HA HA. Só brincando!* como um idiota.

Agora, ela empurra sua comida ao redor, sem realmente comer.

—Você não gosta disso?

—Ah não. Eu gosto!

Eu vejo quando ela dá uma grande mordida e se força a engolir.

Não acho que seja uma boa ideia continuar discutindo meus sentimentos no momento. Ela está cansada. Há bolsas sob seus olhos, e me sinto mal por ela ainda estar com o vestido da noite passada. Eu ofereço roupas para mudar e ela age como se eu tivesse acabado de propor casamento.

—Não! Oh meu Deus. Não. Obrigado embora...

Certo.

Então, vamos apenas sentar aqui em silêncio.

Depois de alguns minutos mais tensos e desajeitados, terminamos de comer e eu levo os pratos. Quando termino, me viro para encontrar Bailey em pé no limiar da cozinha segurando sua bolsa e jaqueta. Ela está pronta para ir.

—Você se importaria de me levar para casa? Eu posso pegar um Uber, mas eu pensei em pedir apenas no caso...

Eu franzo a testa. —Claro. Sim. Deixe-me pegar meus sapatos.

Eu odeio parecer estar atrapalhando. Ela não precisa sair correndo, mas não é muito apropriado pedir-lhe que fique também. Não é tão chocante que ela esteja pronta para fugir quando eu considero a linha do tempo dos acontecimentos da noite passada. Ela apareceu para o casamento da minha prima como o encontro do meu irmão. Eu disse a ela que isso me deixou com ciúmes. Então eu fiquei bêbado e divaguei indefinidamente sobre o meu deprimente divórcio e solidão. Ela não veio para minha casa de bom grado. Ela

teve que atender a um idiota bêbado. Não é surpresa que ela conte os minutos até que ela saia da minha presença.

Eu a levo para fora e abro a porta do lado do passageiro do meu carro para ela. Ela me agradece e se apressa para sair do frio. Eu me movo para o lado do motorista, mas quando me sento, meus joelhos colidem com o volante. É como se meu carro tivesse encolhido três tamanhos durante a noite.

Bailey abafa uma risada. —Oh sim, desculpe. Eu tive que mudar o seu assento para que eu pudesse alcançar os pedais.

Sua risada dá um nó no meu estômago e eu me lembro de que isso não tem que ser tão ruim. Claro, uma parte de mim quer se virar para ela no primeiro sinal de parada e falar abertamente: *Bailey, acho você atraente e quero convidar você para um encontro.*

Simples assim. Infelizmente, não acho que ela diria sim.

Eu estou olhando para ela pelo canto do meu olho. Ela está batucando as mãos nas pernas, pronta para pular do carro a qualquer momento.

Quando chegamos em sua casa, ela se vira e me agradece pelo passeio. —Eu realmente agradeço.

Eu passo a mão pelo queixo. —É o mínimo que eu poderia fazer depois que você cuidou de mim na noite passada.

—Não foi tão ruim quanto você pensa. Sou eu quem te implorou para me beijar enquanto dormia, lembra?

Suas bochechas ficam vermelhas com a lembrança.

Eu tenho que lutar contra um sorriso. —Como eu disse, foi fofo. Eu sabia que você estava sonhando.

—Sim.

Seu olhar se move para a minha boca. Ela deveria sair e caminhar até a sua casa. Não temos mais nada a dizer um ao outro, mas ela não se move. Ela se vira para mim e eu franzo minhas sobrancelhas.

Ela é pequena e ainda assim sua presença enche meu carro. Sua jaqueta é tão ridiculamente rosa e grande. Suas bochechas estão rosadas do ar frio. Eu inalo e sinto o cheiro do perfume dela. Seus olhos estão se afogando em emoções que ela não fala. Eu quero ordenar que ela fale, mas ela está mordiscando o lábio inferior e eu não quero que ela pare de fazer isso também.

Ela se vira para a porta e toca na maçaneta, como se estivesse pensando em sair. Então ela olha de volta para mim.

Os próximos milissegundos passam como uma pequena eternidade. Meu coração bate dolorosamente no meu peito. Minhas mãos deixam o volante e ela se inclina um centímetro para mim. É quase nada, na verdade. Acho que ela talvez nem perceba, mas esse centímetro é um apelo e não hesito. Eu deslizo uma mão em seu cabelo e a trago para mim.

Isso é uma loucura.

Eu preciso liberá-la e deixá-la ir.

Eu fiz o suficiente.

—*Matt*

Meu nome é um feitiço e não há esperança agora.

Minha voz está rouca quando falo. —Eu vou…

Beijar você.

E eu faço. Nossos lábios se encontram suavemente a princípio, e eu me preparo para o inevitável empurrão em meu peito, o movimento de sua cabeça quando ela se vira e me oferece sua bochecha, mas depois ela suspira contra minha boca e eu sou um homem sem autocontrole. Eu quero essa garota e, neste momento, ela está sentada no meu carro, empunhando minha camisa e me puxando para ela. Minha cabeça inclina para o lado e nossos lábios se encaixam como se fossem feitos um para o outro. Sua boca se abre apenas o suficiente para que eu possa testar seu sabor. Minha língua toca seus lábios e meu estômago aperta em resposta.

Uma das mãos dela desliza para cima e ao redor do meu pescoço. Ela passa os dedos pelo meu cabelo e geme como se estivesse querendo fazer isso por semanas.

Um beijo inocente se transforma em mais e eu quero arrastá-la para o meu colo, mas este espaço é muito apertado para esses tipos de atividades extracurriculares. Foda-se o meio ambiente, da próxima vez, vou comprar um Hummer.

Estamos nos beijando e com fome um do outro e ela está tentando falar, mas eu não vou deixá-la.

Eu tenho uma mão emaranhada em seu cabelo sedoso. Eu arrasto a ponta do meu dedo sobre a pele sensível da nuca e ela estremece. Meu pau cresce em minhas calças. Eu poderia nos empurrar um pouco mais. Eu poderia abrir o zíper do vestido e tirá-

lo dos ombros. Esta poderia ser uma manhã que nunca esqueceríamos e talvez ela saiba disso porque está recuando agora, recuperando o fôlego.

Seus lábios estão inchados e vermelhos.

O vestido dela está ligeiramente torto em seu ombro porque eu estava puxando, querendo que ele fosse embora, querendo arrastar minha mão pelo ombro e clavícula suaves, abaixando até sentir a pequena curva de seu seio. Seu peito está corado e combina perfeitamente com suas bochechas. O resto dela ainda é de porcelana, e é uma combinação adequada: morangos e creme. Eu quero lambê-la da cabeça aos pés.

Sua mão pressiona contra seus lábios como se ela estivesse verificando se eles ainda estão lá.

Eu puxo a mão dela para que eu possa me inclinar para frente e beijá-la novamente. É para ser sugestivo. Eu pego seu lábio inferior suavemente entre os meus dentes e o movimento diz: *Nós poderíamos fazer isso o dia todo, Bailey, se você me deixasse.*

Seus olhos se arregalam e ela empurra para trás, fora de alcance. —Oh meu Deus.

É tudo o que ela diz, mas as três palavras trazem o mundo real desmoronando ao nosso redor. Estamos no meu carro, sentados do lado de fora da casa de Bailey. Ela vai sair logo, correr para dentro e presumivelmente aproveitar o resto do seu domingo. Amanhã, ela voltará ao New England Medical Center e será minha assistente cirúrgica, em frente a mim na mesa de operações, fora dos limites de várias maneiras.

Ela arrasta a mão pelo rosto, e é quando percebo que ela está olhando pela janela, atrás de mim. Eu percebo então que o —*Oh meu Deus*— ela proferiu não foi em reação ao nosso beijo. Flores frescas de esperança nascem no meu peito.

—Nós temos companhia—, ela anuncia, mordendo um sorriso.

Eu me viro e, com certeza, vejo o rosto de uma adolescente pressionado contra uma grande janela na frente da casa de Bailey.

—Essa é minha irmã. — Ela geme de vergonha. —Ela provavelmente viu tudo.

Eu sorrio e aceno. Os olhos da garota se arregalam antes que ela saia de vista.

—Ela se foi agora.

—Okay, certo. — Ela resmunga. —Ela provavelmente está procurando um ponto de vista melhor. É melhor eu entrar antes que ela encontre um par de binóculos ou algo assim.

Lá se vai a ideia de dar-lhe uma manhã que ela nunca esquecerá.

Eu a acompanho até a porta sob o disfarce de cavalheirismo, mas, na verdade, estou ansioso por mais alguns minutos com ela. Eu não posso pegar a mão dela ou puxá-la de volta para um beijo; não parece apropriado agora que estamos aqui fora. Seja qual for a magia que estava no meu carro se foi. Eu coloco minhas mãos nos bolsos do meu casaco em uma tentativa de mantê-los ocupados, e então antes que eu perceba, estamos à sua porta.

Em segundos, ela vai embora e eu vou ter um domingo inteiro para mim. Farei o que sempre faço: malhar, ir até o consultório, preparar-me para o caso de amanhã. Vou pegar o trabalho e inflar para preencher cada fenda da minha vida, para não ter que me concentrar em tudo o que falta.

—Aqui estamos. Lar Doce Lar. — Seu tom é autodepreciativo. Ela acha que não vou gostar de onde ela mora. É verdade, é um bairro mais antigo e as casas estão um pouco degradadas, mas certamente não é nada para se envergonhar. Na verdade, parece um bom lugar para chamar de lar. Há uma guirlanda de Natal pendurada na porta da frente e um tapete de boas-vindas vermelho brilhante com *HO HO HO* impresso no centro. Eu percebo que não coloquei uma única decoração, mas por que eu iria? É apenas em meados de novembro.

—Eu gosto disso... a casa, quero dizer.

Ela não pode me olhar nos olhos, mas ela balança a cabeça e balança para trás em seus calcanhares. —Bem, obrigado pelo passeio. Eu convidaria você para entrar, mas... sim... — Ela se agita com as chaves. —Eu só vou te ver amanhã.

Então ela se vira para entrar.

—Bailey...

Ela sacode a cabeça com força, me cortando. —Cuidado com o que você diz, Josie provavelmente está pairando do outro lado da porta.

—Oh, vamos! — uma voz diz de dentro. —Você está brincando comigo?

A porta se abre e de repente eu estou olhando para uma versão em miniatura de Bailey. Ela tem as mesmas sardas, o mesmo cabelo loiro pálido, embora o de sua irmã esteja empilhado em um coque em cima de sua cabeça. Ela está de cara feia para nós, mas é fofa, como um bebê tigre praticando seu rugido.

Ela está vestindo pijamas incompatíveis e em sua mão há um copo de plástico vazio. Quando ela me vê olhando para ela, ela empurra atrás das costas.

—Eu estava tomando um pouco de água—, explica ela, fingindo inocência.

Bailey geme e passa por ela para entrar. —Não, você não estava. Você estava tentando usar aquele copo para nos ouvir melhor.

Sua irmã age como se a ideia de ela nos espionar fosse escandalosa. —Eu não estava. Eu nunca faria algo assim com minha própria carne e sangue.

—Uh huh, então por que eu vi seu rostinho pressionado contra a janela um segundo atrás? — Bailey pergunta enquanto ela pendura sua jaqueta em um gancho perto da porta e joga sua bolsa em uma mesa próxima.

—Eu pensei ter ouvido o caminhão de sorvete chegando.

Bailey solta uma gargalhada. —Você está tão cheia disso!

—Não estou. E *espere*! Por que eu sou a pessoa sob investigação? Vocês dois estavam se beijando em plena luz do dia! Aposto que a Sra. Murphy também viu!

Elas continuam indo e voltando, completamente inconscientes de que eu ainda estou de pé no capacho. Estou fascinado com a conversa delas e o calor da casa delas. Há decorações de Natal em todos os lugares, enfeites e uma série de flocos de neve de papel que vão de um lado da sala de estar para o outro. Eu mal consigo ver um pequeno pinheiro, de tão enfeitado e com bastões de doces.

Eu passo para o lado para ter uma visão melhor e a atenção de Josie se volta para mim.

—Espera! Você não é o cara que buscou Bailey ontem à noite.

Eu sorrio. —Não. Aquele era Cooper, meu irmão.

—Mas... — Ela balança a cabeça. —Não, isso não pode estar certo, porque eu reconheço você... — Ela inclina a cabeça para o lado, me estudando atentamente antes de engasgar e seus olhos se arregalarem com reconhecimento. —Você é o Dr. Russell! O médico gostoso!

Bailey pula para frente e agarra a lateral da porta da frente. —Ooookay então. Bem, o Dr. Russell tem que ir agora. Josie, tire o seu pé. Estou tentando fechar a porta. Não, não, ele tem que sair, para... — ela empurra a irmã para fora do caminho —de me impedir de fecha-la!

Com um *impulso*, Bailey recupera o controle e fecha a porta, exceto uma última polegada. Um de seus brilhantes olhos castanhos me encara de dentro. Eu só posso ver uma fatia de sua boca, a boca que estava pressionada contra a minha minutos atrás.

—Bem, obrigado novamente—, diz ela, toda sorrisos falsos e fingindo gentileza. —Eu vou, hum...

—BAILEY VOCÊ ESTAVA FAZENDO SEXO COM O DOUTOR GOSTOSÃO! — Josie grita atrás dela.

O olho de Bailey se arregalou e sua bochecha ficou vermelha. — Hookay então, ignore ela. Vejo você no trabalho! Agora tchau!

Então a porta bate e Bailey grita com a irmã para parar de gritar e eu fico de fora no frio com um grande sorriso no meu rosto.

Meu último pensamento antes de me forçar a voltar para a rua é que gostaria de passar o resto do dia com elas. Seria o domingo mais divertido que já tive em muito tempo.

CAPÍTULO 18

BAILEY

Dizer que esse fim de semana foi uma montanha-russa de emoção é como dizer que o sol é meio quente. Na sexta-feira, derrubei instrumentos, adiei a cirurgia e chorei no trabalho. Matt me levou para casa e me disse para crescer. Eu tinha 99% de certeza que iria desistir. No sábado, eu participei sem saber de um casamento com seu irmão, mas acabei indo para casa com ele e dormindo em sua cama. No domingo, eu fiquei com ele. Eu estava babando em cima dele, me fazendo de boba. Minhas mãos estavam no cabelo dele. Minhas cordas vocais estavam produzindo os gemidos mais ridículos e sacanas. Ele provavelmente pensou que eu nunca tinha sido beijada antes. Agora é segunda-feira e espera-se que eu vá para a sala de cirurgia, como *todo mundo! Tudo está às mil maravilhas!*

EXCETO QUE TUDO NÃO ESTÁ AS MIL MARAVILHAS.

Uma garota não pode ter um minuto para processar esses acontecimentos? Meu corpo já passou por luta ou fuga tantas vezes que não tem certeza do que estamos fazendo. Ficando? Chorando? Declarando nosso amor? Fugindo de seus avanços? Estamos no amor ou na guerra?

Quando pressiono meu dedo no pulso, meu cérebro volta com uma mensagem de erro: *muito rápido para computar.*

Mesmo que Matt não seja tecnicamente meu chefe (o conselho do NEMC), ele *é* meu superior e cirurgião e um pouco intimidante. Envolver-se com ele parece uma receita para o desastre. Eu já vi o suficiente de *Grey's Anatomy* para saber que tenho que lidar com essa situação delicadamente. Isso não vai me deixar nervosa. Não pode haver sussurros nos corredores ou olhos fumegantes sobre a mesa de operações. Eu vou virar fofoca. Se isso vazar (e vai), então vai ser nos meus termos.

É por isso que estou sentada fora do escritório do RH na manhã de segunda-feira. É muito cedo. O escritório está escuro, mas tudo bem; eu serei a primeira pessoa que Linda verá quando chega. Ela é a única responsável pelos recursos humanos de todo o hospital. Eu raramente a vejo nos corredores do prédio, e quando acontece, ela geralmente fica nervosa, andando em um ritmo rápido e murmurando com raiva sob sua respiração. Muitas vezes há uma mancha em sua camisa. Eu só vi o cabelo dela parecer selvagem e desleixado. Com o número de empregados que este lugar tem, acho que ela tem as mãos ocupadas. Eles realmente deveriam contratar alguém para ajudá-la. Eu vou dizer a ela quando eu a vir, só por isso estou do lado dela.

Há movimento à minha direita e eu olho para cima para vê-la andando pelo corredor. Sua cabeça está para baixo, focada em seu telefone enquanto ela se aproxima.

Eu fico de pé e coloco um grande sorriso no rosto.

—Linda! Oi bom dia.

Ela pula de susto, em seguida, olha para mim. —O que? O que é isso?

Não é exatamente uma recepção calorosa, mas eu não deixo isso me deter. —Oh, bem, eu sei que é cedo, mas eu estava esperando ter alguns minutos do seu tempo para falar sobre algo?

Eu nunca vi o coração de alguém quebrar diante dos meus olhos.

—Você está falando sério? É segunda-feira. O sol nem está alto.

Então ela balança a cabeça e passa por mim para destrancar a porta do escritório. Ela acende a luz e... Uau. Eu pensei que o escritório de Matt estava bagunçado, mas o dela leva o bolo. Existem arquivos e papéis em todo lugar. Sua mesa mal é visível.

Ela coloca sua bolsa e seu café em uma mesa lateral e continua até um arquivo alto no canto.

—A quem pertence a ofensa?

—Ofensa? Não. Bem, a *situação* é entre o Dr. Russell e eu.

—Tudo certo. De que formulário você precisa? Ela puxa a gaveta de cima aberta. —Assédio sexual? Ambiente de trabalho hostil?

—Formulário?

Ela puxa uma porção deles: laranja, verde, azul, vermelho, roxo, um para qualquer e toda ofensa. Oh Deus.

Eu pulo para frente e levanto minhas mãos. —Não é desse jeito.

Ela é cética.

—Ele se forçou em você ou colocou você em uma situação em que você não estava confortável?

Bem, aquele console do Prius *estava* cavando em minhas costelas enquanto estávamos nos beijando ontem.

—Não. *NÃO.* — Eu sacudo minha cabeça com veemência. — Nada disso. Foi completamente consensual... *prazeroso*, até mesmo.

Ela deixa cair os formulários em sua mesa e arqueia uma sobrancelha, claramente confusa pela minha presença em seu escritório.

Eu decido explicar o que aconteceu no fim de semana, embora dando uma versão abreviada. Ainda que eu prefira não fazê-lo, eu até mesmo reluto em mencionar a sessão dos amassos em seu carro, mantendo a conversa para menores de dezoito anos.

Quando termino, os olhos dela se estreitam e noto as bolsas embaixo deles, o cabelo despenteado. Talvez eu não devesse ter vindo.

—Então... você está aqui apenas para me deixar saber que vocês dois se beijaram consensualmente e foi 'agradável'? — Ela fala devagar, como se estivesse falando com uma criança.

Eu suspiro. Boa. Ela entende. —Exatamente. Apenas no caso de ser contra as diretrizes da empresa, ou algum tipo de regra delineada no manual do funcionário, esse tipo de coisa.

—Não é.

Oh.

Hã.

Ela coloca os formulários de volta no arquivo e fecha.

Por incrível que pareça, estou desapontada por ela não proibir o relacionamento. —Existe alguma maneira que você poderia verificar para mim?

Seus olhos cortaram a montanha de papelada em sua mesa. Seu computador apita com três novos e-mails recebidos. Uma mulher desliza até parar em sua porta, respirando pesadamente, e anuncia que duas enfermeiras estão na garganta uma da outra no terceiro andar.

Ela geme e se move para contornar sua mesa para que possa cuidar da situação.

Eu tento impedi-la de passar por mim. —Então não há nada que você possa me dar? Nenhum formulário chamativo? Nenhum aviso na minha ficha de funcionários? — Eu dei um risinho, *ha ha, ajude uma irmã de fora.* Mas não. Ela sai e eu sou deixada em pé no escritório do RH, contemplando a sensação de torção no meu estômago.

Só agora estou percebendo que queria que nosso relacionamento fosse contra as regras. Eu não consegui dormir na noite passada porque eu continuava revivendo o beijo de Matt, cada detalhe incrivelmente perfeito disso, e isso não está certo. Eu gostava da minha vida antes do beijo. Eu só tinha que me preocupar em ser boa no meu trabalho e cuidar de Josie. Eu não gosto desses sentimentos dentro de mim, a sensação de enjoo, o medo do que poderia acontecer se nos deixarmos levar. Eu não posso me dar ao

luxo de uma aventura rápida. Minha vida é complicada o suficiente como é.

Droga

Eu preciso de um desses formulários. Fale sobre um companheiro perfeito, uma separação limpa. Eu poderia ter dado a Matt um discurso muito eloquente sobre a valorização de minha posição aqui, demais para quebrar as regras, mas essa senhora do RH não me deu nada. Nem mesmo uma regra.

Eu decido que tenho que resolver o problema com minhas próprias mãos.

Matt está em seu escritório quando eu vou procurá-lo. Nós temos um caso em poucas horas e ele provavelmente está fazendo as rondas com seu residente, mas isso não deve demorar muito.

Ele está sentado atrás de sua mesa, parecido com o Dr. Matthew Russell, o principal cirurgião de coluna, *gostosão*. Acho que ele cortou o cabelo ontem. Seus cachos escuros estão aparados nas laterais, mais grossos e elegantemente desgrenhados no topo. Eles querem se enrolar, mas não são longos o suficiente. Ele está vestindo seu jaleco branco. Por baixo, sua camisa é azul claro um tom mais escuro que os olhos. Ele fez a barba esta manhã, o que significa que não há nada entre mim e aquela mandíbula perfeitamente lisa.

Seu foco está em um arquivo aberto em sua mesa. O lado de seu dedo se arrasta para frente e para trás ao longo de seu lábio inferior enquanto ele lê.

Eu me lembro porque estou aqui e digo a mim mesmo para ficarmos juntos. Então, antes que sua imagem possa me hipnotizar de novo, eu bato em sua porta e limpo a garganta enquanto entro.

Ele olha para cima e seu sorriso de boas-vindas é como uma flecha no meu coração. Eu gaguejo até parar como se fosse um golpe físico.

Ele me avalia casualmente da cabeça aos pés antes de retornar ao arquivo.

—Bailey, bom dia.

Seu tom é quente e eu desejo que seu jaleco branco fosse mais largo. Aquele estúpido alfaiate dele realmente sabe o que está fazendo. Mataria ele soltar as costuras um pouco? Dê uma folga a uma garota.

Ocorre-me que estou em silêncio, falando sozinha na minha cabeça, e ele está esperando por alguma explicação sobre por que estou em seu escritório a esta hora da manhã.

Eu limpo minha garganta novamente e sacudo o pedaço de papel na minha mão.

—Sim, olá Dr. Russell. Peço desculpas pela interrupção. Eu só precisava dar isso para você.

Boa. Meu tom diz que eu sou todo negócio, e ele pega a dica. Mais ou menos.

Seu sorriso dissimulado diz o contrário quando ele estende a mão para aceitar o papel.

—Você verá que é um contrato—, explico.

Suas sobrancelhas se levantam com interesse e ele abafa um sorriso. Droga. Por que ele parece tão divertido com isso? Eu estou lhe dando papéis!

—Apenas para resumir, é um documento legal que afirma claramente que não podemos namorar.

Ele concorda. —Eu estou vendo. Até aqui não haverá nenhum toque ou beijo de espécie alguma.

Ok, sim, eu pesquisei o que era legal no meu telefone.

Ele continua: —'Daí em diante o Dr. Russell deve abster-se de quaisquer sorrisos ou flertes sugestivos'. — Ele balança a cabeça solenemente como se estivesse levando isso muito a sério. —Ah eu estou vendo. *De agora em diante*. Nesse caso…

—Sim, e depois continua dizendo

—'O requerente, Bailey Jennings, deve abster se de aparecer ou agir irresistivelmente para não tentar o Dr. Russell.

Eu não tenho certeza do que o requerente realmente quer dizer, mas eu precisava de uma palavra chique ali.

—O documento veio direto do RH—, explico.

Ele desfaz seu sorriso. —Ah sim, parece que realmente foi Linda quem redigiu.

Eu jogo meus punhos como se estivesse amaldiçoando os deuses. —Ugh, se houvesse algum outro jeito.

—Bailey. — Sua voz assume um tom sério e seus olhos são sinceros. Sinais de aviso tocam na minha cabeça. —Você não precisava fazer isso. Se você não quer ter nada comigo, então...

—Bom dia, Dr. Russell! — o residente canta canções atrás de mim. —Eu tenho seu café aqui, e não se preocupe, eu não adicionei nenhum creme a ele.

Sim! Que timing impecável. Eu poderia beijar o homem. Matt tem que colocar um alfinete em tudo o que ele estava prestes a me dizer. Bom, eu não quero saber. Eu quero fingir que ele é apenas um cirurgião e eu sou sua assistente, nada mais. Na verdade, tenho trabalho a fazer.

Eu faço um movimento para sair da sala. —Vejo você na sala de cirurgia!

—Você não está esquecendo de alguma coisa?

Eu olho para trás e vejo quando Matt rabisca na linha de assinatura do contrato e então segura para eu pegar. Eu dou um passo para frente e seu olhar nunca vacila. Quando tento arrancar da mão dele, ele não solta. Ele indica para me inclinar mais perto para que ele possa me dizer alguma coisa.

Eu não tenho escolha. Eu tenho que me inclinar ou arriscar que ele fale alto o suficiente para o residente ouvir.

—Eu não me arrependo do domingo e você também não deveria.

OLÁ! SABE COMO SUSSURRAR?

Eu forço uma risada sincera e falsa e balanço a cabeça. —Dr. Russell, você é tão engraçado. Eu não tenho ideia do que você está falando. Divirta-se nas suas rondas!

Então eu saio em uma corrida agradável e rápida e não paro até que eu esteja em segurança dentro da sala de descanso dos funcionários. Assim que eu tiver tempo, esse contrato será plastificado. Duas vezes. Se meu coração está reagindo assim de algumas palavras inócuas, imagine como eu me sentiria se ele tentasse me beijar de novo?!

Eu fico ocupada com a preparação para a nossa cirurgia, entrando no trabalho com toda a minha atenção. Parece que faz anos que eu estive em uma sala de cirurgia, quando na verdade, faz apenas dois dias. Eu me certifico de preparar tudo da melhor maneira possível, e como tenho alguns minutos para matar antes de começarmos, eu reviso o caso novamente, então eu sei de cor. Não haverá choro, nenhum instrumento derramado e nenhuma razão para Matt gritar comigo hoje.

Eu meio que espero que ele continue com a pequena charada de seu escritório quando ele entrar na sala de operações mais tarde. Na verdade, estou tremendo de antecipação. Eu dou uma olhada rápida na galeria e tem que haver pelo menos quarenta pessoas amontoadas lá como sardinhas, ansiosas em assistir a sua versão de Michael Jordan operando hoje. Espero que ele não diga nada para mim que eles possam ouvir. Eu levo meu trabalho a sério e não quero que minhas habilidades na sala de cirurgia sejam ofuscadas por fofocas picantes sobre se ele e eu estamos juntos, especialmente considerando que, na verdade, não estamos juntos.

Pelo menos ainda não.

Oh meu Deus PARE DE PENSAR EM SEXO.

Quando ele empurra a porta de vaivém, eu fico perfeitamente imóvel, embora internamente meus pensamentos sejam mais erráticos do que nunca. *Você teve sua boca naquele homem. VOCÊ GEMEU, VOCÊ PUXOU O CABELO, VOCÊ...*

Seus olhos varreram a sala e bateram direto em mim. Eu pego uma pitada de travessura por trás do olhar dele, mas foi embora antes que eu realmente olhasse direito. Ele termina o check-in com sua equipe e eu fico segurando seu avental e esperando que ele dê um passo em minha direção.

Sua máscara e farol estão no lugar. Eu só posso ver uma lasca de seu rosto e, felizmente, é o mesmo para mim. Eu gosto de me esconder atrás da máscara em dias como este quando minhas emoções estão bem na superfície.

—E você, Bailey? Está tudo pronto?

Eu concordo. —Sim.

Então ele se dirige a sala. —Tudo bem então. Nosso paciente hoje é Hunter Larson. Dez anos de idade. Ele foi diagnosticado com escoliose idiopática adolescente. Ele tem uma curva na coluna que vamos tentar corrigir com uma fusão posterior. Vou colocar hastes e parafusos pedais da C5 a L4. Todos concordam?

Seus olhos se fecham com os meus. Eu engulo e depois falo junto com todo mundo.

—Acordado.

Ele balança a cabeça e se aproxima da mesa de operações. — Então vamos começar.

Quando digo que o Dr. Russell está concentrado durante a cirurgia, estou falando sério. Nós não falamos sobre uma única coisa que não diz respeito ao paciente, a um instrumento ou a medicamentos. Ele executa uma fusão que pode fazer os residentes do primeiro ano caírem de joelhos e chorarem. Cada movimento dele é meticuloso e pensativo. Além disso, não há gritos, comentários maliciosos sobre o seu final, se eu não sou tão rápida quanto ele acha que deveria ser. Ele até fica para me ajudar a fechar, então nos limpamos ao mesmo tempo. Juro por Deus, as pessoas se levantam e batem palmas na galeria enquanto ele sai da sala de cirurgia. *Ele é muito bom*.

Estou um pouco admirada com ele, mesmo agora. Estamos sozinhos, nos limpando lado a lado. Eu sinto que estou ao lado de uma celebridade. Eu digo a mim mesmo para parar de roubar olhares em seus antebraços. Eles não são nada de especial. Eu repito: NADA ESPECIAL.

—Você foi bem hoje—, diz ele, quebrando o silêncio. Sua voz tem o mesmo efeito que um dedo correndo pela minha espinha.

Eu sorrio. —Cuidado, isso quase soou como um elogio.

Eu olho para ele por baixo dos meus cílios. Ele está sorrindo, mas sua atenção está em suas mãos enquanto ele as lava debaixo da torneira. —Estou tentando algo novo: deixar meus assistentes e enfermeiras saberem que aprecio seu trabalho duro.

Meus olhos se arregalam. —Você me deixa chocada.

Ele termina, pega uma toalha e descansa o quadril na pia para poder me avaliar enquanto seca as mãos. —Ok, agora que terminamos com isso, eu tenho uma pergunta.

Ah não.

Eu esfrego muito duro, bochechas cheias de cor. —O que?

Onde está aquele maldito residente agora?!

—Esse contrato dizia alguma coisa sobre nós sermos amigos?

Meu estômago se agita. —Oh, bem... sim. Isso foi no adendo dois. Eu quero dizer, *Linda* acha que tudo bem.

Ele ri e balança a cabeça. Eu não acho que ele saiba o que fazer comigo.

—Você é demais, Bailey.

Mordo o lábio inferior, tentando conter um sorriso.

—Só para seu registro... — Eu termino de lavar as mãos e ele me entrega uma toalha limpa. —Eu também não me arrependo do domingo. É apenas...

Ele levanta as mãos como se ele me impedisse. —Ei, não precisa explicar. O contrato fez um bom trabalho nisso. — Então ele estende a mão. —Amigos?

Tenho que aceitar, qualquer mulher em sã consciência aceitaria aquela mão estendida, mas no momento em que nos tocamos, meu estômago se aperta. É como se estivéssemos de volta no carro dele, rasgando as roupas um do outro, perdidos na luxúria. Parece tão

intenso só ter a palma da mão contra a minha e meus joelhos quase se dobram. Eu esqueço que ele está esperando por mim para falar até a covinha aparecer ao lado de sua boca. Ele sente o que estou sentindo. Ele sabe que não há como sermos apenas amigos, e é exatamente por isso que ele está propondo a ideia em primeiro lugar. Este é um jogo para ele, assim como o contrato foi um jogo para mim.

Seus olhos dizem, *eu sei que você quer que eu te beije, mas vou esperar minha hora e agir.*

Eu pensei que estava cuidando da situação, com esses papéis. Eu pensei que isso me daria o alívio que eu estava procurando desesperadamente, mas agora eu sei que é tarde demais.

O Dr. Russell me quer, e há uma boa chance de que ele me consiga.

CAPÍTULO 19

MATT

Eu não deveria ter assinado esse maldito contrato. Era falso, obviamente. Documentos juridicamente vinculativos geralmente não começam com a frase *A quem possa interessar*. No entanto, ainda é importante. Bailey obviamente se apavorou depois do nosso beijo. Entendi. Eu não flertei e a cortejei durante as semanas que passaram. Houve uma transição íngreme entre ir de colegas de trabalho distantes para lunáticos cheios de luxúria fazendo sexo no meu carro, eu rasgando suas roupas como um urso. Só porque eu estou pronto para mais, não significa necessariamente que ela esteja.

Quero ter certeza de que ela não se sente pressionada. Eu quero respeitar seus desejos e dar a ela o espaço que ela está claramente precisando. O problema é que não tenho certeza se posso. Antes de nos beijarmos, eu poderia ter considerado Bailey uma fantasia passageira, uma mulher bonita, sim, mas não necessariamente alguém com quem eu deveria me envolver - mas agora, é diferente. Como eu deveria esquecer como foi tê-la me beijando como se estivesse morrendo por isso, como se ela não conseguisse o suficiente?

Eu a peguei me observando na sala de cirurgia, os olhares furtivos que ela acha que eu não noto. Quando nossos olhos se encontram, suas bochechas se enchem de cor. Quando minha mão acidentalmente roça a dela enquanto ela me passa um instrumento,

ela age como se eu tivesse sussurrado algo docemente em seu ouvido.

Ela está uma bagunça. Depois da nossa cirurgia na segunda-feira, ela correu o mais rápido possível. Não há chance de puxá-la de lado ou ter um momento particular.

Na quarta-feira, ela vem me encontrar no salão dos médicos. Ela está de pé na porta, torcendo as mãos e captando a atenção de alguns dos meus colegas, não necessariamente pelas razões certas. Ela ainda está em seus uniformes da cirurgia e, embora não esteja tentando ser, ela é adorável. Rabo de cavalo loiro. Maçãs do rosto altas. Cílios escuros. Quando ela me vê, ela sorri, e agora ela não é apenas adorável, ela é incrivelmente linda.

Eu gostaria que ela tivesse que usar meu nome bordado em seu uniforme no tamanho fonte 48.

—Você pode entrar, você sabe—, eu digo quando me aproximo. —Ninguém vai gritar com você.

Ela ri, mas fica perfeitamente equilibrada exatamente onde está. Não tenho certeza se ela acredita em mim. —Okay, certo. Este lugar pode ter um tapete vermelho que leva a ele e um segurança ao lado da porta. — Seus olhos se arregalam por cima do meu ombro. —Oh meu deus, isso é uma fonte de chocolate no canto?

Eu me viro e com certeza, é. Estou um pouco envergonhado.

—*Jesus*—, ela diz baixinho. —Vocês recebem seus almoços servidos todos os dias?

Eu dou de ombros. —É mais fácil assim. Nenhum de nós tem tempo para arranjar isso.

Ela bufa e balança a cabeça. —Você sabe que a máquina de vendas em nosso salão nem sequer aceita notas de um dólar? Temos que ir trocar no posto de gasolina na rua se quisermos uma barra de chocolate.

Eu sorrio. —Você veio aqui para fazer campanha por uma nova máquina de venda automática?

—Não. — Ela revira os olhos e olha para o meu prato. —Qual é. É aquela torta de creme de Boston?

—Sim. Quer um pouco?

—Não, eu realmente não deveria... ok, talvez apenas uma mordida.

Eu entrego-lhe o prato. —Aqui, pegue. Eu vou pegar outra fatia. Sobre o que você queria conversar comigo—?

Ela mergulha seu dedo mindinho no creme e traz à boca para sentir o sabor. É inócuo, casual e, no entanto, estou olhando para os lábios dela enquanto eles chupam o dedo com tanta intensidade que é uma maravilha não pegarem fogo.

—Matt?

—O que?

—Você ouviu o que eu acabei de dizer?

—De modo nenhum.

Ela geme de brincadeira. —Eu estava perguntando se tem problema eu sair um pouco mais cedo na sexta-feira? Preciso levar Josie para uma consulta médica.

Eu franzo a testa e sacudo meus pensamentos errantes. —Claro. Eu vou arrumar alguém para te substituir se a cirurgia for longa. O que há de errado com a Josie?

—Oh nada. É apenas uma visita de rotina.

—Bom. OK. Você precisa de uma carona? Você pode usar meu carro.

Ela parece surpresa com a oferta. —Não. O médico dela não é longe da nossa casa, dez minutos de ônibus, no máximo.

—Me avise se você mudar de ideia.

Ela está olhando para mim como se eu tivesse acabado de lhe oferecer a camisa que estou usando.

—Por que você está olhando assim para mim?

Ela está sorrindo agora, completo, com covinhas, sorriso *eu sei de algo*.

—Você oferece seu carro para todos os seus funcionários?

Eu aceno sua insinuação. —Claro. Não é nada. Patrícia dirige o tempo todo.

Ela se arrepende. Nós ainda estamos pairando na porta do salão e há médicos tentando passar por nós, mas eles podem se foder porque eu não tive uma conversa honesta com essa mulher por três

dias e eu assinei um contrato idiota que me proíbe de beijá-la, mas neste momento, é tudo que quero fazer. Eu quero puxar o rabo de cavalo até que sua cabeça se incline para trás e seu queixo se incline para cima. Ela teria que ficar na ponta dos pés um pouco, mas eu me abaixaria e facilitaria para ela. Seria melhor que o último, eu sei disso. Eu não teria as restrições de um carro pequeno trabalhando contra mim.

Seu sorriso se apaga. Seus olhos se arregalam. Seus lábios se separam. *Ah sim, Bailey.* Eu assinei esse contrato estúpido, mas isso não apaga esses sentimentos. Você está molhando seu lábio inferior porque está pensando a mesma coisa que eu. Você está desesperada por isso e eu gostaria que você pudesse ver o tom de rosa em suas bochechas agora.

—Obrigado por entender, Dr. Russell.

Eu rio e balanço a cabeça. Sou o Dr. Russell de novo, como se uma mudança de nome me mantivesse a distância de um braço.

—Isso é tudo? — Eu pergunto, a sobrancelha arqueada.

Ela balança a cabeça e depois acena com a cabeça, vira e olha para trás. —Sim. OK. Obrigado pela sobremesa. Eu vou agora.

Ela começa a andar.

Eu me inclino para frente, para fora da sala. —O elevador é desse lado, Bailey.

Ela vira. —Certo. Eu sabia. Eu só vou para...

Ela não termina sua frase antes de ela prontamente sair correndo. Eu rio e volto para terminar meu almoço.

Ela não vai durar mais uma semana.

Eu termino a cirurgia na sexta-feira a tempo de Bailey não perder a consulta médica de Josie. Eu ofereço a ela meu carro de novo, mas ela insiste que não precisa. Está nevando lá fora, não uma nevasca, mas o suficiente para que eu não goste da ideia de ela e sua irmã fiquem esperando em um ponto de ônibus.

Eu verifico o tempo no meu computador em meu consultório, fazendo uma careta quando vejo a pequena imagem de flocos de neve caindo das nuvens a cada hora pelo resto do dia.

Eu amaldiçoo e deve ser bem alto porque Patrícia enfiou a cabeça no meu escritório. —O que foi?

—Nós não pagamos Bailey o suficiente? Por que ela não consegue comprar um maldito carro?

—Do que você está falando?

Ela está confusa, por razões óbvias.

Eu suspiro e tento voltar para a minha papelada para que eu possa sair do consultório em uma hora decente. Isso é um pouco hilário da minha parte. Eu finjo que quero me apressar e terminar para poder sair e aproveitar minha vida, mas esta *é a* minha vida. Nos últimos anos, passei mais tempo neste consultório do que na minha casa. Eu ignoro essa verdade dura e fria e abro com força o arquivo na minha mesa.

Durante a hora seguinte, trabalho por breves momentos entre verificar o tempo, olhar para o meu telefone, olhar pela janela e

depois me repreender por estar distraído. Nesse ritmo, não terminarei meu trabalho até segunda-feira.

O consultório se esvazia. Patrícia me repreende por ter ficado até tarde, quando ela vai embora e ainda assim eu sento, jogando minha bola de basquete de brinquedo no ar e pegando-a uma e outra vez. Está me ajudando a pensar. Além disso, está mantendo minhas mãos ocupadas. Por alguma razão insana, tenho o desejo de pegar o telefone e ligar para Bailey. O número do celular dela está em seu arquivo, que ainda está guardado na gaveta da minha escrivaninha. Eu escrevi em um *post-it* e colei na borda da tela do meu computador. Isso está me provocando.

Eu quero verificar e ver se ela chegou em casa bem.

O telefonema seria curto, apenas alguns segundos.

Pego meu telefone e ligo para o número dela antes de pensar melhor.

Ela responde depois de alguns toques.

—Olá?

Sua voz soa diferente.

—Bailey?

—Não. É a Josie. Bailey está no chuveiro. Quem é?

Eu me sento e reposiciono alguns papéis na minha mesa, sem saber como proceder. Eu deveria desligar, mas em vez disso respondo: —Aqui é o Dr. Russell.

—FALA SÉRIO. Espere. — Então, ela inclina a cabeça para longe do telefone e grita: —BAILEY SE APRESSE O DOUTOR GOSTOSO ESTÁ NO TELEFONE!

Há farfalhar em sua extremidade e conversa abafada.

—Eu não acredito em você—, diz Bailey, claramente, o suficiente para eu ouvir. Ela deve estar fora do chuveiro agora. —Você não é engraçada.

—Oh meu Deus. Ela acha que eu estou fazendo uma brincadeira com ela—, Josie diz para mim.

—Josie, você não é tão boa em atuar—, continua Bailey. —Eu sei que ninguém está no telefone.

Josie ri. —Eu juro que é ele! Aqui.

Há mais farfalhar e eu suponho que Josie está entregando o telefone para ela, porque, um momento depois, Bailey fala, e é muito mais fácil ouvi-la agora. —Ha ha, muito engraçado—, diz ela, parecendo confiante de que ela pegou Josie em uma mentira. —Olá Dr. Russell, estou *tão* feliz que você ligou porque eu estava apenas sonhando com você no chuveiro.

Eu rio e ela grita.

—*Há* alguém no telefone! — Ela grita.

—Eu te disse! — Josie responde.

Bailey limpa a garganta, tentando se recompor. Quando ela fala de novo, é calma e medida. —Hum, olá?

—Bailey? É o Matt.

—Oh olá, Dr. Russell. Por favor, ignore tudo o que acabei de dizer. Eu estava apenas brincando sobre o, err... devaneios.

Eu sorrio e decido brincar com ela. —Eu só liguei para ver se você chegou em casa bem por conta dessa neve.

—Mesmo? — Ela parece chocada.

—Parecia que estava ficando muito ruim lá fora—, eu digo, de repente autoconsciente. Eu olho pela janela e não há uma sugestão de neve no chão. Ela derreteu tão rapidamente quanto caiu.

—Sim. Segura e sã—, ela diz antes de falar inaudivelmente para Josie. Há um gemido pesado e depois uma porta batida. —Desculpe, eu estava pedindo para minha irmãzinha sair do meu quarto.

Eu me inclino para trás na minha cadeira e olho para o teto. —Ela atende seu telefone com frequência?

—Ela não tem telefone e devia estar navegando no Instagram quando você ligou. Ela é obcecada pelas irmãs Hadid.

—Quem?

—As modelos? Oh tudo bem. Eu não vou te fazer perder tempo. Estamos de volta em casa. Obrigado por me ligar.

—Espera! — Eu não quero que ela desligue. —Como foi a consulta de Josie?

Ela demora a responder, como se não tivesse certeza se queria fazer. —Bem. Embora ela goste de reclamar da minha comida, ela

está crescendo normalmente e tudo mais. Você honestamente ligou para falar sobre essas coisas ou tem alguma outra coisa?

Você quer a verdade? A verdade é que estou sozinho no meu consultório em uma noite de sexta-feira e talvez isso tenha sido suficiente para me satisfazer, mas agora, de repente, não é. Eu quero saber o pijama que você vai colocar agora que você saiu do banho. Eu quero saber o que você vai fazer para o jantar, se você vai assistir a um filme depois ou se você vai pendurar mais bastões de doces naquela árvore estúpida. Eu quero saber como é beijar você de novo, mas você não vai me deixar, então eu estou te ligando sob o disfarce de checar se está tudo bem e talvez eu seja mais transparente do que eu acho, porque eu não digo nada disso e eu tenho certeza que você ainda ouve, porque seu tom suaviza quando você fala de novo.

—Está tudo bem, Matt?

Eu empurro para frente e balanço minha cabeça. —Está sim. Vejo você no trabalho na segunda-feira.

Eu desligo o telefone.

CAPÍTULO 20

BAILEY

Depois que Matt desliga na minha cara, Josie e eu dissecamos sua ligação de todos os ângulos possíveis.

Talvez ele realmente quisesse ter certeza de que chegamos em casa bem.

Talvez ele tivesse algo importante para me dizer, mas ele se acovardou.

Talvez tenha sido apenas uma ligação amigável, nada mais.

Amigáveis. Amigos. Amigo. De repente eu odeio a palavra em todas as suas formas.

Passo o resto do fim de semana pensando nele quando não deveria. Eu considero o quão bom foi para ele oferecer seu carro e me deixar sair mais cedo na sexta-feira. Eu penso em como ele soava sexy ao telefone. Sua voz era rica e profunda, inesquecível. Eu faço torta caseira de Boston, saboreando-a pelo maior tempo possível só porque me lembra dele. É estúpido, eu sei. Quando Josie come o último pedaço no domingo à noite, eu quase choro.

Eu acho que estou perdendo a cabeça.

Eu me pergunto se reprimir a atração sexual pode me transformar em uma pessoa louca.

Honestamente, se eu soubesse que ele respeitaria meus desejos em relação a esse contrato, eu teria pensado nisso um pouco mais antes de forçá-lo a assinar. Eu fiquei impressionada. Muita coisa aconteceu em um curto espaço de tempo e talvez eu estivesse um pouco assustada. Eu queria uma chance para avaliar a situação com uma cabeça clara, mas minha cabeça está tudo menos clara. É mais confuso do que nunca, cheio de pensamentos de Matt e nosso beijo e aborrecimento sobre o fato de que ele está realmente cumprindo os termos desse contrato falso.

É segunda-feira e estamos no meio da operação e estou me esforçando muito para manter meu foco no procedimento, mas não é fácil. O caso de hoje é mais rotineiro que a maioria. Eu poderia ajudá-lo com meus olhos fechados, o que significa que minha mente está vagando de maneiras que não deveria estar. Eu quero saber como Matt passou o final de semana. Ele é um cara bonito. Seus uniformes não fazem nada para enfraquecer a força masculina e áspera que sai dele. Nesse cenário, ele é um deus. Eu me pergunto o que as mulheres pensam dele no mundo normal. Se ele fosse a um bar, não teria como voltar para casa sozinho. O pensamento faz meu estômago revirar. Eu me pergunto se ele alguma vez visita o Smooth Tony. É bem do outro lado da rua. Aposto que ele vai lá para relaxar depois de um longo dia. Afinal, é lá que ele ia encontrar Cooper todas aquelas semanas atrás.

Se ele se sentasse sozinho no bar, as mulheres se reuniriam com ele. Ele teria que expulsa-las com um pedaço de pau.

Eu me sinto enjoada e de repente preciso de respostas.

—Você teve um bom fim de semana, doutor Russell? — Eu pergunto, adrenalina correndo em minhas veias.

Ele olha rapidamente para o mim. Os óculos cirúrgicos não fazem nada para temperar seu penetrante olhar azul. —Tudo bem. Produtivo.

Produtivo?! O que isso significa? Ele dormiu com *mais* de uma mulher? Estou tonta.

—Oh sim? — Eu persisto. —Você teve muito trabalho?

—Sim. — Uma palavra. Eu o odeio. —Você pode me passar esse Bovie?

Eu faço o que ele pede, mas continuo minha busca porque agora sou um cachorro atrás do osso.

—Ah, bem, isso é bom. Aposto que você teve muito tempo para relaxar também... fora do consultório.

Sua testa arqueia, mas ele continua a focar sua atenção no paciente. —Parece que você está querendo me fazer uma pergunta, então pergunte.

Eu sacudo minha cabeça. —Não não. Só tentando ter uma noção de como você gasta seu tempo livre. Sabe, tentando ter uma conversa agradável.

Ele responde com um zumbido desinteressado e nada mais.

No final da cirurgia, sou uma bola de ansiedade e raiva reprimida. Se ele passou o fim de semana com outra mulher, quero saber disso. *NÃO. Eu não quero,* digo a mim mesma. Eu estou ficando louca. Eu o fiz assinar um contrato demonstrando todas as maneiras que ele não podia tocar, flertar ou me beijar, e agora eu sou a única indignada com a ideia de ele tocar, flertar ou beijar outra mulher.

Estou ciente de que fiz isso comigo mesma, mas o que isso importa, porque quando termino a desinfecção e vou até o corredor, vejo-o conversando com uma linda enfermeira.

Oh Deus. Eu vou vomitar.

Eu realmente vou. Ela está arrumada de uma maneira que nunca serei, para um dia de trabalho, cabelo enrolado, muito rímel. Eu muito consciente aperto meu rabo de cavalo enquanto eu continuo em direção a eles. Eu gostaria de poder virar na direção oposta, mas eles estão bem ao lado dos elevadores e a escada é assustadora como o inferno, então eu me endireito, ajeito meus ombros e continuo andando.

Ela chega mais perto dele e solta a voz para dizer alguma coisa, e meu olhar passa rapidamente a tempo de ver Matt sorrir para ela. Considerando os poucos sorrisos que ele dirigiu a mim em todo o nosso tempo juntos, quero fazer um buraco na parede.

Eu não tinha ideia que esse corredor era tão longo. Eu não posso acelerar porque vai parecer óbvio demais, mas eu juro que estou andando em uma esteira indo a lugar nenhum. Talvez eu pudesse meio que correr, meio pular e ninguém perceberia?

A mão da enfermeira toca seu antebraço e onde está o jaleco branco?! Geralmente ele está de terno ou de avental cirúrgico. Agora, ele está apenas usando aqueles uniformes de cirurgia e ela poderia arrastar a mão para cima e para baixo em seu braço bronzeado, se quisesse. *Talvez ela já tenha feito.* Meu rosto é uma máscara de horror com o pensamento.

Eu a escuto dizer em uma voz tímida e flertar: —Fiquei tão surpresa de ver você lá.

Sua resposta é inaudível.

Minhas mãos se fecham e eu caminho direto até os elevadores e pressiono o botão com tanta força que meu polegar dói. Por uma boa razão, eu o empurro uma dúzia de vezes.

—Vamos, vamos lá—, murmuro sob a minha respiração.

Uma presença imponente chega ao meu lado. O cheiro de Matt faz meu peito apertar. Ele está a um pouco mais perto do que deveria. Eu olho direto para o aço escovado refletindo nossas imagens distorcidas. Ele fica perfeitamente parado. Não há nada além de silêncio. Eu me pergunto se ele pode sentir o quanto estou nervosa. Eu tenho que forçar meus punhos a se soltarem. Os números no elevador piscam em lenta descida e, finalmente, as portas se abrem.

Eu entro e ele me segue. Quando as portas se fecham, não há nem um pouco de oxigênio no pequeno espaço.

Nós somos as únicas duas pessoas aqui. Eu aperto o botão do sétimo andar e ele não aperta nada. Eu vou para o canto, cruzo os braços e olho direto para a frente.

Matt também se vira e eu só consigo ver suas costas. Ele está na mais profunda calma. Eu me pergunto o que ele está pensando, n*ela*, sem dúvida.

Estou tremendo de raiva e de ciúme. Eu nunca me senti assim. Eu não sabia que era possível ficar tão irritada com algo tão

pequeno, e isso só me deixa mais irritada. Eu odeio ter me transformado nessa pessoa por causa de um homem que é claramente tão desinteressado que ele nem se vira ou se dirige a mim.

Eu cerro os dentes e palavras sinistras e antagônicas saem de dentro de mim. —Honestamente, se você vai flertar com a equipe do hospital, você pode fazer isso em algum lugar um pouco mais privado? Qualquer um poderia ter visto você. Não é realmente tão profissional.

Ele emite uma risadinha e balança a cabeça. Seu olhar fica fixo em frente.

Aparentemente, minha observação nem vale uma resposta.

—Onde ela ficou surpresa de ver você? — Eu pergunto, tentando envolvê-lo novamente.

O elevador para e as portas se abrem. Algumas pessoas entram e ainda não estamos no nosso andar, mas nossa privacidade se foi. Minha pergunta permanece no ar entre nós e agora não tenho esperança de uma resposta. Meu coração está acelerado e não há dúvida de que todos no pequeno espaço sentem a tensão latente entre nós. Eu vejo uma mulher me observando, e me pergunto se ela pode dizer que estou no meio de uma crise de ciúme.

O elevador não anda rápido o suficiente para o sétimo andar, quando as portas se abrem, quase caio, ansiosa pela liberdade. Eu engulo uma lufada de ar como se alguém estivesse segurando minha cabeça debaixo d'água. Uma mão bate no meu cotovelo e eu sou puxada dolorosamente para o lado do corredor, arrastada para

dentro do que parece ser um armário de suprimentos. A porta se fecha atrás de nós. Um esfregão fica entalado cuidadosamente sob a maçaneta da porta para que ninguém possa entrar... e ninguém pode sair.

Matt se vira para mim e eu dou um passo hesitante para trás. Com apenas um pouco de luz se filtrando do corredor, sua mandíbula dura e suas feições agudas parecem ameaçadoras e cruéis. Estou diante de um cirurgião impiedoso - o homem que faz homens adultos chorarem, o homem que aterroriza todos que cruzam seu caminho.

—Você me fez assinar esse contrato, Bailey—, diz ele, aproximando-se. —Você insistiu que não queria nada comigo, então por que você está agindo assim? Como se você estivesse com ciúmes—?

Meus olhos se arregalam. —Eu não estou!

É a mentira mais patética e transparente que eu já contei. Eu sou uma criança com uma tesoura e franja cortada proclamando que ela não tem ideia de *quem* cortou seu cabelo.

—Você me perguntou o que eu fiz nesse fim de semana. Por que você quer saber?

Eu olho para longe —Eu já disse a você, eu só puxei conversa.

—Você está mentindo. — Eu nunca ouvi a voz dele tão dura e desafiadora. —Eu encontrei com aquela enfermeira na mercearia. Ela estava fazendo compras com o marido e a filha.

Minhas bochechas queimam e eu desesperadamente espero que esteja escuro demais nesta pequena sala para ele notar.

Ele dá outro passo à frente e eu levanto minhas mãos para bloqueá-lo.

—Eu pensei que talvez vocês dois estivessem flertando—, eu admito, embora pareça um pouco tarde demais para a honestidade.

—E se estivéssemos? — Ele pergunta, seu tom inflexível como estava há pouco.

Ele me encurralou contra uma prateleira de metal. Ele está apertando minhas costas. A qualquer momento, alguém precisará entrar neste armário de suprimentos e perceberá que a porta está trancada. A maçaneta vai mexer e meu coração vai pular na minha garganta.

—Matt—, eu imploro, gentilmente. —Eu sinto muito. Eu não deveria ter ficado tão nervosa por nada. Foi imaturo. Eu sei disso. Agora deixe-me passar e prometo que não farei isso de novo.

O canto da boca se ergue em um sorriso ameaçador.

Eu me derreto.

—Bailey—, diz ele, estendendo a mão para enganchar o dedo por baixo do meu queixo. Ele inclina minha cabeça um pouco para que minha boca seja levantada para a dele.

Eu sou uma bola tremendo de ansiedade pelo o que está prestes a acontecer. Ele não pode me beijar novamente. Eu ainda estou me recompondo do primeiro.

—Eu te beijaria agora, se pudesse. — Meu peito está arfando enquanto ele continua falando. Nenhuma quantidade de ar é suficiente. —Eu me curvaria, assim como...

Sua boca paira sobre a minha. Eu sinto o toque mais simples de seus lábios. Todos os pelos do meu corpo se arrepiam. Minhas mãos se estendem e seguram a prateleira de metal porque, sem ela, sinto que vou flutuar.

—Você quer um beijo tanto quanto eu, e é por isso que está molhando o lábio inferior agora. É por isso que você está roçando seus quadris contra os meus. — Eu paro imediatamente de fazer as *duas* coisas. —Todo seu desejo está escrito em seu rosto. *Essa cara*...

Eu permaneço perfeitamente imóvel enquanto ele se inclina para trás e arrasta um dedo ao redor da borda da minha testa, descendo pela curva da minha bochecha e queixo, até que ele atinge a minha nuca e depois abaixa... direto para o decote V da minha blusa. Se ele achatasse a palma da mão, meu coração confirmaria cada palavra sua.

—Você está corada—, diz ele enquanto seu sorriso se torna condescendente.

—E você está errado—, eu insisto, a voz trêmula. —Você acha que eu quero que você me beije? Estou com *medo* de você. — Seus olhos brilham enquanto eu continuo: —Você tem todo o poder. Se isso não funcionar, serei obrigada a encontrar outro emprego. Quando a fofoca se espalhar pelo hospital, você parece um playboy e eu vou parecer a assistente cirúrgica que não conseguia manter as pernas fechadas. Não vou agir dessa forma até ter certeza de que é o que quero.

—E quanto a mim? E se for o que *eu* quero?

Sua mão curva em volta da minha garganta e seu polegar pressiona contra o meu pulso. A ação pode parecer ameaçadora, mas é gentil e intencional. Eu acho que ele quer me fazer entender, mas não faz. Seus olhos estão presos aos meus e há milhares de emoções passando entre nós: saudade, necessidade, desejo, ciúme, raiva e finalmente... impaciência. Eu congelo quando ele inclina a cabeça para baixo em minha direção novamente.

Meu coração dispara e minha respiração acelera quando eu me preparo para um beijo de roubar a alma, mas no último momento - pouco antes de sua boca encontrar a minha - ele se move e deixa a testa cair contra a prateleira ao meu lado. Seus olhos se fecham e ele sussurra meu nome como se estivesse com dor, então ele bate a mão na prateleira e se vira para a porta. O esfregão é jogado de lado e o som dele batendo contra o concreto reverbera ao redor do armário enquanto ele sai furioso.

Estou tremendo com o pânico residual.

Parece que uma bala passou zunindo pela minha orelha.

Eu deveria estar aliviada mais do que tudo, mas a única emoção que está inundando meu corpo no momento é a esmagadora decepção.

CAPÍTULO 21

BAILEY

Eu estou resistindo a Matt sob o disfarce de ser sensível e responsável. Eu digo a mim mesma que não posso satisfazer minhas fantasias só porque eu quero. Eu tenho que pensar no meu futuro. Eu tenho que fazer o que é melhor para Josie. Eu não tenho o luxo de viver apenas para mim. Não faz muito tempo que eu estava preocupada em ficar desempregada. Quando o Dr. Lopez se aposentou, fiquei apavorada com o que aconteceria se não encontrasse outra posição rapidamente. Lembro-me de como era essa incerteza e não deixarei que o desejo ardente turve meu melhor julgamento.

Para conter a tentação, eu proibi *Grey's Anatomy* em casa. Josie, é claro, protestou, mas eu não escutei.

—Eu não posso assistir! Eu odeio isso! Todos aqueles médicos estúpidos se beijando em armários de limpeza. Adivinha?! Na vida real, não é tão glamoroso. Essas prateleiras de metal realmente doem.

Ela olha para mim com os olhos arregalados e eu corro para corrigir minha declaração.

—Pelo menos, eu suponho que elas doam...

A semana seguinte é de tortura ímpar com asfixia e afogamento. Eu juro que Matt usa roupas que propositalmente acentuam sua

bunda. Ele é bronzeado e saudável enquanto o resto de nós é branco neve. Quando ele fala, sua voz soa tão profunda e convincente. E OK, OS OLHARES SEDUTORES TÊM QUE PARAR. Eu estou fervendo por dentro.

Eu não acho que Matt está se saindo melhor do que eu. Embora ele cumpra sua promessa de tratar melhor sua equipe, sob sua civilidade forçada, posso dizer que ele está uma bagunça. Ele pode não gritar ordens para nós, mas ele ainda está pisando como se estivesse com raiva do mundo.

Eu mantenho distância fora da sala de cirurgia, então não há chance de outra sessão quente no armário, mas é difícil evitar alguém o dia todo. Quando chego em casa depois da cirurgia, tenho stress pós traumático de olhar por cima do ombro e ouvir a voz dele. Estou pronta para desmaiar de exaustão, mas Josie só piora as coisas ao me perguntar sobre ele incessantemente. Agora que eu bani *Grey's*, ela está checando muitos romances jovens adultos da biblioteca, e ela lançou Matt e eu como os personagens principais. Suas perguntas podem parecer inofensivas para outra pessoa, mas conheço seus truques.

—A cirurgia foi bem hoje?

Sim.

—O Dr. Russell estava lá?

Claro.

—Ele parecia bonito em seu uniforme?

Certo.

Cada pergunta é um pequeno teste para ver como vou responder. Se eu disser que ele estava tão quente que eu quase chorei, ela vai me acusar de ter uma queda. Se eu disser que mal o notei, ela vai me acusar de mentir. Então, eu faço o que posso e tento parecer indiferente quando ele é educado, mas é claro, ela enxerga através disso.

—Você é tão cega para assuntos do coração, não é nem engraçado—, ela diz para mim uma noite durante o jantar antes de ir embora para continuar lendo, deixando-me com as consequências dessa granada emocional.

A única pausa que tenho é no final do dia, quando estou na cama. Eu me entrego desfazendo cada momento que tive com ele naquele dia, mesmo que ele estivesse agindo como um monstro enfurecido. É melhor que nada. Eu guardo cada palavra e olhar (ok, tudo bem, cada olhar) que ele aponta na minha direção, e eu sonho como seria se as coisas fossem diferentes, se houvesse menos riscos para mim.

Algumas semanas após o incidente no armário de suprimentos, ouvi-o falando entusiasmado com Patrícia no corredor. Eu estou com o meu almoço na mão, a caminho do salão da equipe quando vejo ele segurando um pedaço de papel para ela ler. Ele está radiante de orelha a orelha. Eu não o vejo tão feliz desde... bem, nunca. Eu congelo e o encaro, apaixonada por aquele sorriso e como ele transforma seu rosto. *Olá coração? Sim, sou eu, Cérebro. Por favor, controle-se.*

—É um e-mail da diretoria—, Matt explica cheio de orgulho. —Eles estão decidindo entre duas propostas - a minha e uma outra de um ortopedista na Califórnia.

Patrícia fala. —Fantástico. Quando eles terão a decisão final?

—Logo depois do Natal.

Claro, sua concessão, a coisa que eu tenho ouvido tão pouco e a coisa que deve estar pesando em sua mente. Sei que é muito importante para ele ser um dos dois finalistas. Estou tentada a ir até lá e pedir para ler o e-mail, mas então ele olha para cima e seu olhar se choca com o meu. Olhos azuis me fixam no lugar. Em um instante, seu sorriso desaparece. Seus olhos endurecem e qualquer esperança de parabenizá-lo murcha e morre. Eu me viro na direção oposta e me dirijo para a escada. Vibração assustadora ou não, é melhor do que passar por ele.

Estou ansiosa para o Natal com quantidades iguais de excitação e trepidação. No final desta semana, o departamento cirúrgico fechará os consultórios por dez dias inteiros para que possamos celebrar as festas, mas antes que todos se espalhem pelo país, o departamento fará sua festa anual de Natal. É sempre num lugar chique, um restaurante badalado ou um hotel fino - e a comida, vale muito a pena o tempo que eu tenho que ficar neste vestido desconfortável. Eu sempre vou pela comida. Historicamente, Matt não vai a esses lugares, e ha chances são de que esse ano isso se repita.

Não tenho certeza de como me sinto sobre isso.

Também não tenho certeza de como me sinto por não o ver esses dez dias. Claro, não será tão diferente do que é agora. Atualmente, não estamos nos falando fora da sala de cirurgia. Por

semanas, ele me tratou como ele trataria qualquer outro funcionário. Quando ele fala comigo é apenas sobre trabalho, seu tom é distante e indiferente. Ele não é rude, em si, mas comparado ao calor que recebi dele quando estávamos em termos amigáveis, é uma tortura.

Eu estou sentada com alguns outros assistentes cirúrgicos no salão da equipe durante o almoço, pegando meu sanduíche e tentando não ficar triste, quando Erika me empurra para o lado.

—Você tem uma visita.

Eu olho para cima, sigo o olhar dela até a porta e congelo quando vejo a imponente figura de Matt parada no limiar. Ele está vestindo seu terno e jaleco branco. Há arquivos debaixo do braço dele. Seu olhar penetrante está apontado diretamente para mim e meu estômago se enche de pavor. Eu me levanto e corro.

—Há algo de errado com Hannah?

Ela é a paciente que operamos esta manhã e estou preocupada se ele está aqui, é porque algo está dando errado com sua recuperação.

Suas sobrancelhas franzem e ele balança a cabeça. —Não. Ela está bem. Um novo caso acabou de entrar e eu preciso falar com você sobre isso.

Deixei escapar o ar que estava segurando e acenei rapidamente. —Oh, tudo bem. Claro. Deixe-me jogar o resto do meu almoço.

Ele segura uma caixa para viagem. —Está tudo bem, você pode terminar, vamos comer enquanto conversamos.

Então ele dá um passo para o salão e eu juro que a respiração de cada pessoa está presa pelo choque. Os médico não comem aqui. Eles têm fontes de chocolate e buffet. Temos utensílios de plástico e copos de macarrão.

Se ele está ciente da atenção de todos sobre ele, ele não parece se importar. Ele senta em uma mesa vazia no canto e solta os arquivos que estavam agarrados sob o braço. O silêncio no salão continua enquanto eu ando para reunir meu escasso almoço e me dirijo a ele. Todos os olhos estão em mim. Tenho certeza de que todos estão imaginando o que está acontecendo, por que ele se dignaria a nos agraciar com sua presença.

Eu desvio a atenção deles e tento me concentrar em Matt. Se ele está aqui, disposto a falar comigo, o caso deve ser muito importante.

Sento-me do outro lado da mesa e vejo que ele já colocou alguns papéis para eu ler, seu almoço esquecido, então sigo o seu exemplo e esqueço o meu também.

—Um colega meu em Chicago me mandou um e-mail nesta manhã sobre um caso urgente—, diz ele, entrando direto no trabalho. —Uma mulher de dezenove anos apresentando cifose extrema e compressão de sua coluna. Ela deveria ter feito uma cirurgia anos atrás, mas seus médicos e seus pais decidiram priorizar seus outros problemas de saúde.

Eu franzo a testa e me inclino para frente para ler seu arquivo. —Quais outras preocupações com a saúde?

—Leucemia. — Minha respiração engata e eu olho de volta para ele. Sua carranca é profunda enquanto ele continua, —Eles não

ignoraram completamente seus problemas na coluna. Ela está usando o aparelho há um ano e meio, mas não adianta...

—Ela é muito velha—, concluo.

Ele balança a cabeça com uma carranca sombria. —Se eles tivessem usado um aparelho quando ela era mais jovem, ela poderia ter uma chance de renunciar à cirurgia, mas agora é uma necessidade.

—Por que agora? Por que isso é urgente?

Ele empurra um documento para mim, mas a massa de palavras não significa nada para mim. Eu nem sei o que estou olhando. Então uma palavra no topo da página salta para mim: paraplegia.

—Porque a semana passada, June não pode mais andar. —Minha mão voa para a minha boca antes que eu possa pará-la. —A curvatura de sua coluna é extremamente severa. Ela se queixou de dormência e parestesia em suas pernas nos últimos meses. Na segunda-feira passada, seus sintomas se intensificaram a ponto de paraplegia. Ela perdeu toda a função motora nas duas pernas.

Tudo o que posso pensar é:*Pobre June.* Ter suportado leucemia, e agora ter que lidar com isso.

—O que pode ser feito?

Ele recolhe os papéis em uma pilha ordenada e vejo como pura determinação brilha em seu olhar.

—A paraplegia é um sintoma, não uma sentença de vida. Sua coluna precisa ser descomprimida para aliviar a pressão nesses

nervos. Espero que, depois que a inflamação diminuir, ela recupere a função motora.

—O seu colega em Chicago vai pegar o caso?

Ele sacode a cabeça. —Não é sua especialidade. Mesmo que fosse, o corpo de June passou pelo inferno com a quimio e a radio. Existem riscos adicionais. A maioria dos cirurgiões não aceitaria o caso.

Mas Matt vai. Ele tem que aceitar.

Seu olhar encontra o meu e ele deve sentir o que estou pensando, porque um momento depois, ele concorda. —Os pais dela estão trazendo-a aqui no próximo voo de Chicago. Se vamos fazer isso, vou precisar da sua ajuda.

Não há hesitação.

Eu aceno enfaticamente. —Sim. Claro.

Eu não tinha ideia com que eu estava concordando. No momento em que eu aceno, ele se levanta, me diz para juntar minhas coisas, e nós voltamos para o seu consultório. Patrícia está de pé em sua mesa quando nos aproximamos, escrevendo apressadamente em um bloco de notas com o telefone do escritório pressionado contra o ouvido.

Quando ela nos vê, ela diz à pessoa na linha para esperar, pressiona o telefone contra o peito e, em seguida, atualiza Matt. —Dr. Buchanan está na linha um. O Dr. Mills diz que ligará de volta quando ele sair da cirurgia. Dr. Goddard ainda não voltou do almoço,

mas vou tentar pegá-lo quando ele voltar. Sr. e Sra. Olsen irão pegar o voo com June de Chicago às 18h45. Eu tentei conseguir um quarto no hotel do outro lado da rua, mas já esta lotado. Estou falando com outro hotel agora.

Matt escuta e assente enquanto entra em seu consultório. — Bailey assuma a procura dos hotéis. Eu preciso que você termine de limpar minha agenda. Reagende todos os casos que você puder para o começo do ano. Eles protestarão - tenho certeza de que todos eles pagaram suas franquias, mas confirme que vamos negociar com suas seguradoras e descobriremos uma solução. — Ele continua, levantando a voz para que possamos ouvi-lo de dentro do consultório. —Eles não terão que pagar nada a mais. Eu cuidarei disso. — Ele se vira para mim. —Bailey, quando você terminar de reservar o hotel, você pode ajudar Patrícia a reprogramar meus pacientes?

Eu aceno e corro para pegar o telefone dela.

Não faço ideia do que estou fazendo. Eu preciso reservar um hotel para a família do paciente? Nós normalmente fazemos esse tipo de coisa?

—Quantas noites eles ficarão na cidade? — Eu pergunto, olhando rapidamente para frente e para trás entre eles.

—Comece com quatro—, Matt responde, tom firme e autoritário, antes de pegar seu telefone.

A tarde e à noite passam em um borrão. Eu mal tenho tempo de avisar Josie que não vou estar em casa para o jantar. É quase impossível encontrar hospedagem para os Olsens. Os hotéis estão

lotados, todo mundo está aqui para passar as festas com sua família e aproveitar as férias. Matt chega a ponto de gritar de sua mesa que eles podem —muito bem ficar com ele—, mas eu finalmente consegui para família um quarto a poucos quarteirões do hospital. O preço faz meu estômago revirar, mas Patrícia me garante que está tudo bem. Eu reservei com o cartão de crédito de Matt e comecei a reagendar os pacientes.

Matt tem um inferno de tempo com sua tarefa também. Entre nossos telefonemas, Patrícia me explica em tom sussurrado que ele não poderá fazer a cirurgia sozinho. Ele está procurando um neurocirurgião para ajudar. Com tudo o que June já sofreu, ele quer tomar todas as precauções.

Ele está ao telefone tentando pedir favores, mas como todo o resto, as férias estão impedindo as coisas. A maioria dos cirurgiões tem seus próprios casos para terminar antes do final do ano. Eles não podem reorganizar seus horários inteiros, largar tudo e voar pelo país para ajudar Matt.

Estou sentada na mesa de Patrícia, cruzando os nomes dos pacientes enquanto ligo e reprogramo suas consultas e compromissos pré-operatórios quando Matt grita para eu entrar em seu escritório.

Eu pulo de susto, jogo minha caneta e corro para dentro. Ele está andando pela sala, seu casaco branco há muito esquecido, as mangas da camisa enroladas até os cotovelos. Sua gravata está pendurada na parte de trás da cadeira e sua camisa está desabotoada o suficiente para eu ter uma pequena amostra de seu peito bronzeado.

Ele esfrega a testa como se estivesse tentando aliviar uma dor de cabeça de tensão e depois se vira para mim. Eu nunca o vi tão estressado. Suas sobrancelhas estão unidas. Sua mandíbula está trancada. —Eu preciso que você vá ver se o Dr. Perry ainda está em seu consultório. Ele está no terceiro andar. Se sim, diga-lhe que preciso falar com ele imediatamente.

Concordo com a cabeça e saio correndo da sala, totalmente preparada para ceifar qualquer um que passar por mim, mas o corredor está deserto. O consultório do Dr. Perry está escuro e vazio, o que parece estranho até eu olhar para o relógio e perceber que são oito e meia. Nós corremos tanto que nem percebi que era tão tarde.

Eu caminhando de volta para o consultório de Matt. Eu não quero dizer a ele que seu colega já foi para casa. Tenho a sensação de que ele pode acidentalmente (de propósito) atirar no mensageiro.

—Droga—, diz ele depois que eu falo, e então ele se vira para a janela. Ele apoia a mão contra o vidro e olha para a cidade coberta por um manto de neve. Estou dividida sobre o que fazer. Dar a ele privacidade? Oferecer palavras de encorajamento? Eu quero ajudar, mas não tenho ideia do que ele precisa. Ele está acelerado a noite toda. É uma maravilha que ele ainda tenha voz depois de todos os telefonemas que ele fez.

Eu permaneço imóvel do outro lado de sua mesa, dando a ele a chance de se acalmar enquanto eu desesperadamente tento pensar na coisa certa a dizer. Eu não quero soltar uma frase vazia como: *Não tenha medo! Tudo vai dar certo!* Porque sinceramente, eu estou um pouco nervosa aqui. Há uma boa chance de que isso *não* funcione.

—Dr. Russell—, diz Patrícia da porta, tirando os óculos e esfregando os olhos cansados. Preciso ir para casa antes que as estradas piorem. Vou recomeçar de manhã cedinho.

Ele não sai da janela. —Claro. Sim. Vá para casa e terminaremos amanhã.

Ela franze a testa e solta um suspiro resignado antes de voltar para sua mesa para pegar suas coisas.

Matt e eu ficamos ali em silêncio por um longo tempo, tempo suficiente para Patrícia sair, tempo suficiente para o silencioso consultório se fechar ao nosso redor. Eu tenho o impulso ridículo de contornar sua mesa e envolver meus braços em seu corpo e forçar um abraço, mas eu fico exatamente onde estou, esperando por ele.

Ele finalmente fala, voltando-se para olhar para mim brevemente antes de retornar ao seu trabalho. —Você deveria ir também. Está tarde.

Ele parece tão desolado e sem esperança, meu coração dói.

—E o que você vai fazer?

Ele acena para os papéis em sua mesa. —Ficar aqui.

Claro. Pode ser tarde, mas Matt ainda tem muito trabalho a fazer. Eu estico minhas costas e levanto o queixo, antecipando sua resposta quando respondo: —Então eu vou ficar também.

—Não, é tarde. Você deveria ficar com a Josie.

Assim como eu esperava. Sua rejeição não faz mal porque eu estava preparada para isso. Eu dou um passo para frente e me sento

em uma das cadeiras em frente à sua mesa. Ele não olha para mim e não volta ao trabalho. Sua atenção está presa num ponto em sua mesa enquanto ele tenta resolver um problema. Eu praticamente posso ver o peso do mundo em seus ombros.

Eu entendo a dica e me sento em silêncio, focada nas luzes brilhantes da cidade atrás dele.

—Talvez eu tenha sido louco por pensar que eu poderia fazer isso—, diz ele finalmente, sua voz quase inaudível. —Eu disse aos Olsens que eu poderia fazer isso e eu limpei minha agenda, e ainda... — Ele balança a cabeça e olha para mim, preocupação gravada em seu olhar. —Assim que eu chegar lá e vir com o que estou lidando, talvez eu não consiga ajudá-la.

—Tenho certeza de que você fez casos semelhantes—, me arrisco.

Ele arrasta a mão pelo cabelo, puxando as raízes, estressado e com raiva.

Eu não vou deixá-lo desistir de si mesmo. Se alguém pode fazer isso, é Matt. Eu me inclino para frente e pergunto com determinação: —Como posso ajudar?

—Você pode olhar cada um desses arquivos de casos que eu peguei e encontrar aqueles com Tomografia e Ressonância Magnética que são compatíveis aos de nossa pacientes. — Ele está sendo sarcástico. Ele não acha que eu sou louca o suficiente para assumir a tarefa, mas eu me levanto e me viro para as pilhas de arquivos no chão perto de seu sofá. Eles quase alcançam meu

quadril. —Bailey, eu estava brincando. Vai para casa. Eu farei isso depois.

É tarde demais. Eu tiro meu sapato e fico confortável. Eu ainda estou com as roupas da cirurgia. Elas estão um pouco folgadas na cintura e bem macias; eu posso me enganar e pensar que eles são pijamas. —Então, basta olhar para as Tomografias e Ressonâncias Magnéticas?

—Bailey—, ele adverte. —Você não precisa fazer isso.

Eu não respondo. Eu arrumei um pequeno lugar agradável em seu sofá, peguei uma pequena pilha de pastas, e comecei a trabalhar.

Ele me deixa a vontade, contudo ele pensa antecipadamente e pede uma pizza. Insisto que ele acrescente alguns biscoitos e chocolate quentes. Você sabe, para levantar o ânimo.

Eu não sou cirurgiã e não tenho a especialidade que Matt realmente precisa para este caso, mas ele me mostra exatamente o que procurar e não é tão difícil. Ele fica em sua mesa, trabalhando em silêncio. Estou com muito medo de perguntar o que ele está fazendo e, além disso, estou aqui para ajudar, não para ser uma distração. Nós comemos nossa pizza enquanto trabalhamos e eu luto contra um bocejo. Josie me manda mensagem dizendo que está cansada demais para esperar. Eu a lembro de trancar as portas antes de ela dormir. Quando coloco meu telefone de volta, olho para Matt por baixo dos meus cílios. Ele está esfregando a ponta do dedo ao longo do lábio inferior, olhos atentos em um arquivo. Ele está perdido em pensamentos, então ele suspira e balança a cabeça, mecanicamente fazendo uma bola de papel e jogando-a no lixo. Ele vira a página e continua lendo. Eu deveria voltar pro trabalho, mas

meus olhos estão cansados de olhar imagem após imagem e eles precisam de um descanso.

Ele é meu intervalo.

Ele de repente muda de posição, olha para mim e eu volto a atenção para o arquivo no meu colo.

—O que é isso? — ele pergunta.

Minhas bochechas queimam e eu procuro por alguma desculpa do porquê de eu estar olhando para ele. —Oh, eu só estava me perguntando se você tinha um cobertor, por acaso?

É um bom desvio, e não totalmente mentira. Eu estou com frio.

Ele se levanta e pega um cobertor perto de seu banheiro. Agradeço-lhe com um sorriso e vejo quando ele se vira para pegar seu laptop de sua mesa antes de voltar e ocupar a outra metade do sofá de couro.

—Minhas costas estavam ficando doloridas—, explica ele.

Eu aceno e fico quieta. Parece que pode ser íntimo nós estarmos sentados tão perto, mas o sofá é grande o suficiente para não correr o risco de nos tocarmos.

Eu começo a colocar o cobertor ao meu redor, só me dou conta de seu olhar em mim depois que eu já estou meio coberta.

Eu coro. —Oh, você quer o cobertor também? — Eu pergunto, segurando um canto para ele. Não é tão grande assim, e comigo monopolizando a maior parte, ele só seria capaz de cobrir alguns de seus dedos, talvez o tornozelo, se ele realmente puxasse com força.

Ele deve apreciar minha oferta escassa, porque sorri de diversão antes de balançar a cabeça.

—Eu estou bem. Pode ficar com ele.

Ele não precisa me dizer duas vezes. Eu envolvo esse cobertor macio em meu corpo e me delicio com o fato de que cheira exatamente como ele. Eu alcanço um arquivo de um caso e tento voltar ao trabalho. É difícil agora que meu estômago está cheio de pizza e biscoitos e estou mais confortável em seu sofá, com seu cobertor.

Eu não checo meu relógio há algum tempo porque tenho medo de ver a hora, mas sei que já é tarde. O sono está chamando meu nome, e eu faço o meu melhor para evitá-lo, mesmo me espreguiçando para despertar, quando meus olhos se fecham por conta própria. Só que não adianta. Eu digo a mim mesma que só descansarei meus olhos por alguns minutos, nada mais.

CAPÍTULO 22

MATT

É tarde. Meu cérebro está cansado. Bailey está no sofá, adormecida, e estou tentado a me juntar a ela. Eu preciso descansar um pouco antes de amanhã, mas ela está encolhida, ocupando a maior parte do sofá. Para uma pessoa pequena, ela realmente sabe como se espalhar. Eu chuto meus sapatos e ponho meu laptop no chão. Ela se agita e se aconchega mais embaixo do cobertor. Qualquer esperança de afastá-la um pouco voa pela janela.

Eu poderia dormir no chão, mas sei que meu corpo vai me odiar amanhã. O sofá é grande o suficiente. Eu a movo, então ela está alguns centímetros mais perto da borda e então preencho o espaço atrás dela. Agora seus pés estão perto da minha cabeça e vice-versa. É o único jeito disso funcionar. Eu continuo esperando que ela acorde, mas aparentemente, ela tem um sono pesado.

Estou com medo de que ela caia, então eu envolvo meu braço em volta dos joelhos e sustento meu outro braço sob a minha cabeça como um travesseiro. Não é tão confortável, mas é... legal. É a primeira vez que sinto certa calma desde que concordei em aceitar este caso.

Eu tenho uma reunião com a equipe jurídica do hospital pela manhã. Aparentemente, eles perceberam a situação e têm alguns problemas que gostariam de discutir antes que as coisas continuem.

Há uma boa chance de não gostar do que eles terão a dizer, mas vou me preocupar com isso de manhã.

Bailey se agita e se senta, enxugando os olhos.

—Matt? — ela pergunta sonolenta.

Eu hum.

—Você está confortável? Aqui. — Ela pega o cobertor e o espalha sobre mim. —Isso não é grande o suficiente para nós dois. Eu deveria ir para casa...

Ela começa a sair do sofá, mas eu mantenho meu domínio sobre suas pernas. —Não. — Ela faz uma pausa e minha atenção se eleva de sua boca para seu olhar questionador.

Está tarde. Eu não tenho que pensar em beijá-la, mas eu penso. Imagino como seria se ela pusesse seus lábios nos meus, como seria fácil desamarrar as calças e puxá-las pelas pernas.

—Eu não vou ficar se você continuar olhando para mim assim. — Eu arqueio uma sobrancelha e ela balança a cabeça. —Tudo bem, tudo bem, mas eu vou me virar, então nós dois estamos deitados na mesma direção. Meus pés provavelmente cheiram mal.

Eu sorrio, mas não reclamo. Eu levanto o cobertor e ajudo-a a mudar de lugar para que sua cabeça fique a alguns centímetros abaixo da minha. Ela brinca de nos manter um pouco distante. Mas o sofá não é grande o suficiente para isso. Eu estendo a mão e puxo-a para perto. Agora ela está aninhada no meu peito. Nossas pernas estão emaranhadas. Nossos corpos são moldados juntos e qualquer que seja a necessidade de sono que senti momentos atrás se foi. Suas

curvas suaves e a sensação da mão dela pressionada contra o meu coração envia um arrepio de adrenalina através de mim. Minha palma repousa contra a parte inferior de suas costas sob o disfarce de mantê-la no sofá, mas traz seus quadris contra os meus e agora ela pode sentir como ela me afeta. Nós não fizemos nada além de tocar e eu estou faminto por ela.

Seu olhar nervoso muda para o meu e há apreensão lá.

Se isso acontecesse em outro momento, se ela não estivesse com tanto sono, ela se afastaria e insistiria em colocar espaço entre nós. Eu quase sinto que estou tirando vantagem dela, mas ela está aqui, não está? Ela que insistiu em ficar e ajudar. Mesmo que a tentação esteja me matando, não vou seduzi-la. Minhas mãos vão ficar exatamente onde estão e eu só vou dar um beijo casto contra sua testa antes de dizer a ela para ir dormir.

—Boa noite Matt—, diz ela, sua voz suave e doce.

Eu fico acordado muito tempo depois de seus olhos se fecharem, estudando suas feições e deixando o ritmo de seu coração firmar-se. É o suficiente tê-la em meus braços. É a paz que eu desejava, a calma que faltava em minha vida desde aqueles primeiros anos com Victoria, e talvez nem mesmo isso. Eu não precisava de uma companheira quando era mais jovem, como preciso agora. Eu estava tão focado em me provar como estudante e residente, e depois como médico. Lamento a maneira como lidei com minha ex-mulher, mas não me arrependo de seguirmos caminhos separados. Não me lembro de ter ficado acordado e apreciado a presença de Victoria assim, sentindo-me grato por estar perto dela.

O rabo de cavalo de Bailey está solto e a maior parte de seu cabelo loiro se derrama ao redor dela. Eu posso sentir o cheiro do xampu dela. É feminina e doce e faz minha barriga doer com necessidade. Eu odeio que o amanhã seja um dia de trabalho importante. Eu quero acordá-la e perguntar a ela sobre sua vida, sobre as dificuldades dos últimos anos e o medo que ela deve ter sentido quando assumiu o papel de guardiã de Josie.

No sono, ela parece tão inocente e jovem, suas sardas pontilhavam em suas bochechas. Eu tenho a súbita necessidade de cuidar dela como se ela estivesse cuidando de sua irmã.

Quem cuida de você, Bailey?

Quem é seu tutor?

Bailey está acordada antes de mim na manhã seguinte e quando eu abro os olhos, ela está apressadamente tentando consertar sua aparência na frente das grandes janelas do meu escritório. Eu rio e fecho meus olhos novamente, desejando mais alguns minutos de sono.

—Você pode usar o meu chuveiro—, eu ofereço.

Eu não tenho que olhar para saber que sua cabeça está virada em minha direção. —Você está acordado!

Eu cantarolo e me enterro mais fundo sob o cobertor. —Não de bom grado.

—Espere... você tem um chuveiro aqui? — Ela zomba. —Você cirurgiões são muito mimados.

Eu gemo e me forço a finalmente me sentar. —Depressa se você vai usá-lo. Preciso me lavar antes da reunião com os advogados.

—E as suas roupas? Elas estão todas amarrotadas do sono. Eu acho que alguém - er... não *eu*, mas *alguém* babou na sua camisa um pouco.

Eu sorrio apesar de tudo. —Eu guardo um terno extra no armário. Esta não é a primeira vez que eu durmo aqui.

Eu sento no sofá, apoio meus cotovelos em meus joelhos e esfrego as palmas das minhas mãos contra os meus olhos cansados.

—Oh— Eu olho para cima para vê-la olhando para si mesma. —Alguma chance de você guardar um par de calcinhas lá também?

Risos saem de mim antes que eu possa evitar.

Ela levanta as mãos em derrota. —Oh bem, eu vou lidar com isso depois do banho. Você se importaria de correr para me pegar um novo conjunto de roupa? Não quero que ninguém me veja assim.

Ela parece adorável, mas eu não acho que é isso que ela quer ouvir no momento.

—Claro. De tamanho infantil, certo?

—Ha ha—, ela zomba, indo para o banheiro. —Por isso, espero que você me traga um pouco de café também.

Pego-lhe um novo conjunto de roupa e pego duas xícaras de café no salão dos médicos. Quando eu volto, Bailey ainda está no chuveiro.

Eu bato na porta. —Ei, eu peguei seu uniforme. Vou colocá-los aqui.

—Obrigado! — ela grita de volta. —Ah, e espero que você não se importe estou usando seu sabonete! Eu vou cheirar como um homem da montanha também!

Em um instante, o desejo queima os últimos vestígios de sono. Bailey está no meu banheiro, esfregando meu sabonete em todo o corpo nu. Em outra vida, eu abriria a porta e me juntaria a ela. Ela se viraria para mim e seus olhos castanhos pálidos iriam se arregalar em choque. Ela coraria da cabeça aos pés enquanto eu andava em direção a ela e pressionaria suas costas contra o azulejo frio. Ela seria tímida, mas nos beijaríamos antes e sei que ela ganharia vida para mim com um pouco de persuasão. Ela me encontraria no meio, moendo contra mim, envolvendo uma perna ao redor do meu quadril, quente e necessitada por mais. Eu a beijaria interminavelmente, provocaria e a adoraria até que um único toque pudesse faze-la gozar.

Meu pau ganha vida só de pensar nisso. Eu estou ficando louco por uma mulher que deixou claro que quer manter as coisas platônicas e profissionais. Eu respeitei esses desejos até a noite passada. Dormir naquele sofá juntos não era profissional, e eu me pergunto se ela se arrepende agora.

O chuveiro desliga e, alguns instantes depois, a porta se abre uns cinco centímetros e uma de suas mãos se projeta, procurando descontroladamente por seus uniformes. Considerando que ela não é corajosa o suficiente para abrir a porta mais um pouco e realmente procurá-los, ela não os encontra facilmente. Seus dedos não captam nada além do espaço morto e eu a ouço gemer.

—Um pouco para a esquerda—, eu digo, divertido.

Sua mão finalmente pousa sobre eles.

—Peguei! — ela grita triunfante.

Enquanto ela se veste, eu vou para a minha mesa para tomar meu café, para não parecer que estou espreitando como um esquisito. Estou fazendo um bom trabalho fingindo estar ocupado quando ela sai do banheiro completamente vestida com o cabelo úmido e um rosto fresco. Ela passa a toalha pelos cabelos e o sacode. Sento-me com meu café e paro no caminho até a boca, tempo suficiente para ela apertar o nariz em confusão.

—O que? — ela pergunta.

Meu olhar se arrasta para baixo de seu corpo e pega em seus pés descalços. Suas unhas são rosa brilhante e ela se mexe quando percebe que estou olhando.

—Você precisa de meias? Eu tenho um par para emergência.

Meias. Nada sexual sobre meias. Pelo menos é o que tento dizer a mim mesmo.

Ela aceita avidamente a oferta e, assim que eu as entrego, tomando o cuidado de nos dar cerca de um metro de espaço para respirar, eu desapareço no banheiro para tomar banho. Viro a válvula fria que os canos podem congelar. A água fria apaga meu desejo. Eu digo a mim mesmo para pensar na água gelada e não na boca quente de Bailey. *Porra.* Eu me ensaboo e enxaguo rapidamente, com pressa para começar a trabalhar. Eu tenho muito o que fazer para me manter ocupado hoje.

Claro, eu sou o idiota que esqueceu de levar suas roupas para o banheiro. Normalmente, eu sou o único no meu escritório, então não tenho que me preocupar com isso.

Eu me movo para a porta e a abro, prestes a avisá-la quando percebo uma sugestão de conversa. Ela está ao telefone.

—Sim, dormi aqui... Tivemos muito trabalho a fazer... Não, não dormi com ele! Nós pedimos pizza e trabalhamos. Não foi nada... Sim. Eu sei que você está em férias de inverno, mas tente fazer algo produtivo hoje. O que você fez para o café da manhã? — Ela geme. —Coma algum tipo de vegetal com o seu almoço, por favor?

Eu decido que é um momento tão bom quanto qualquer outro para pegar o meu terno. Ela está de costas para mim e está distraída conversando com sua irmã. Eu saio e me movo para o guarda-roupa.

—Eu prometo que vou estar em casa a tempo...

Sua voz de repente para e eu olho por cima do meu ombro para encontrá-la olhando para mim com os olhos arregalados e uma boca aberta. Eu olho para baixo para verificar e sim, minha toalha ainda está pendurada em torno dos meus quadris. Eu não estou me exibindo para ela, embora ela esteja olhando para mim como se eu estivesse.

A voz de sua irmã atravessa a sala silenciosa. —A tempo para o que? Ei! Você ainda está aí?

Bailey não consegue fechar a boca. Chocá-la não era minha intenção quando saí do banheiro só de toalha, mas é um efeito colateral conveniente. Sim. *Boa.* Eu não deveria passar vontade sozinho.

Seu olhar queima minha pele, pulando do meu bíceps para o meu abdômen para o meu peito. Sua língua corre o risco de sair de sua boca. Meus exercícios visam manter-me capaz na sala de cirurgia, mas eu os aprecio ainda mais agora que Bailey não consegue tirar os olhos de mim.

Eu ofereço a ela um pequeno aceno, e é o suficiente para sacudi-la do feitiço que minha nudez parcial a colocou. Ela se vira para encarar a parede e eu acabo de pegar minhas roupas.

—OLÁ VOCÊ ESTÁ MORTA? — Josie grita pelo telefone.

Bailey limpa a garganta. —Não! Eu não estou morta. Desculpa. Eu estava... ocupada por um segundo. — Ela parece confusa. —O que eu estava dizendo? Ah, bem, eu vou estar em casa na hora de fazer o jantar. Preciso ir agora, tchau.

Ela desliga quando eu volto para o banheiro. Embora fosse divertido, acho que me trocar aqui a enlouqueceria. Eu não estou tentando causar danos permanentes.

—Tudo certo? — Eu pergunto quando termino.

Ela não se vira para mim. Ela joga um polegar para cima por cima do ombro e acrescenta: —Você pode apostar.

—Você parece agitada.

—Só talvez avisar uma garota da próxima vez que você for andar por aí em nada mais que uma toalha—, diz ela, seu tom estridente e tenso.

—Você estava no telefone. Eu não queria interromper.

—Ok, bem—, diz ela, continuando a abordar a parede em vez de mim. —Se eu não puder encontrar seus olhos o resto do dia, não leve para o lado pessoal.

O que começou como uma manhã muito boa, dá uma reviravolta quando eu chego para a minha reunião com a nossa equipe jurídica interna. Quatro homens velhos de cara azeda com óculos grossos, camisas engomadas e rugas profundas se alinham em um dos lados de uma mesa de conferência enquanto eu me sento em frente a eles. Eu não tive muita exposição a eles ao longo dos anos. Eles trabalham para proteger os cirurgiões e funcionários do hospital, mas agora estão entre mim e meu paciente. O conselho deles continua falando sem parar:

—Este caso é um pesadelo legal.

—A responsabilidade não vale os potenciais benefícios para o seu paciente.

—Não podemos garantir que o seguro de negligência do hospital cobriria esse processo no caso de um resultado negativo. Seus outros colegas votaram contra a cirurgia.

Ah, sim, os outros três idiotas que deveriam cobrir minhas costas. O dr. Goddard, o dr. Richards e o dr. Smoot querem deixar meu paciente permanentemente paraplégico, seguindo o conselho de alguns gananciosos malvestidos.

Eles estão na sala também, sentados à esquerda dos advogados em seus jalecos brancos, embora no momento eles não merecem

exatamente usá-los. Eles são incapazes de encontrar meus olhos quando olho para eles. Se eu pudesse, torceria o pescoço deles.

—Eu não sabia que meus colegas haviam revisado o caso tão bem quanto eu—, eu falo. —Sem mencionar que um caso como esse não é exatamente a especialidade deles. Eu poderia ter uma dúzia de cirurgiões de renome que se especializam em fusões de escoliose no telefone que me apoiariam nisso.

—Dr. Russell, você não está pensando claramente.

A acusação vem do Dr. Richards. Ele finalmente acumulou coragem suficiente para falar por si mesmo, mas o olhar que dou em sua direção o faz voltar o olhar para a mesa de reuniões. Ele não diz outra palavra.

—Vamos lá, Dr. Russell—, diz o Dr. Goddard, soando exasperado quando ele assume a responsabilidade por seu amigo. —Há 10% de chance de você ser bem-sucedido neste caso? E os outros 90%? E se você a machucar ainda mais ou *pior*?

—Pense em como isso seria para a prática. Nós não precisamos de publicidade como essa. O noticiário local já pegou essa história. Eles estão te chamando de cirurgião herói, mas quando você falhar, como eles vão te chamar? Hã? — Ele balança a cabeça e olha para os médicos em ambos os lados dele por apoio. —Você acha que estamos dizendo não por que somos sem coração, mas você perdeu de vista suas próprias limitações. Você é tolo se acha que vai ajudar aquela garota.

—Sem mencionar o custo da cirurgia em si—, diz o Dr. Smoot. —Você está falando de uma figura bem acima de cem mil dólares.

Nosso departamento tem uma certa quantia reservada para casos pro Bono, e você maximizou isso, Dr. Russell. Como exatamente você planeja cobrir este caso?

Estou fervendo. Eu sabia que poderia haver alguma resistência dos meus colegas, mas não achei que eles iriam levar isso tão longe.

Eu me levanto e ofereço um sorriso de boca fechada para a sala. —Obrigado pela informação, senhores, mas minha paciente e seus pais devem chegar a qualquer momento. Se vocês me derem licença, não quero que eles fiquem esperando.

—Dr. Russell! — Dr. Goddard grita, mas eu não presto atenção nele.

Ainda estou tremendo de raiva quando termino de subir as escadas de volta ao sexto andar. Eu bato a porta da escada e entro no corredor. Bailey está andando a poucos metros de distância e quando ela me vê, ela sorri.

—Eles estão aqui! Eles acabaram de chegar! Patrícia os instalou na sala de conferências.

Quando me aproximo, a esperança cintilando em seus olhos só me deixa mais irritado.

—Bom—, eu respondo secamente. —Eles chegaram a tempo de eu informá-los que não haverá uma cirurgia. —

CAPÍTULO 23

BAILEY

Eu não achei que chegaríamos aqui: em pé na sala de cirurgia, a segundos de começar a cirurgia de June. A sala está quieta, tensa. O zumbido baixo e o bip periódico das máquinas são as a únicas coisas que quebra o silêncio. Eu estou olhando para Matt, esperando por um sinal.

Não é só ele e eu na mesa de operações hoje. Há um segundo cirurgião conosco, um amigo de Matt que completou sua especialização com ele, Dr. Mitchell. Ele pegou um voo noturno para estar aqui a tempo, e está trabalhando de graça. Na verdade, todos nós estamos; foi parte da negociação que o Dr. Russell fez com o hospital.

Os outros cirurgiões da coluna vertebral estão na galeria de observação agora, observando-nos como falcões. Seus advogados estúpidos sentam-se atrás deles tão alegres quanto os quatro cavaleiros do apocalipse, mas fora isso, a galeria está vazia. É estranho considerar que este é um caso característico na carreira de Matt. Os residentes deviam estar trepando uns sobre os outros para conseguir um lugar na primeira fila.

Matt segue meu olhar e balança a cabeça, adivinhando corretamente meus pensamentos.

—Eles não querem uma audiência no caso de eu falhar. — Ele ri sarcasticamente. —Na opinião deles, quanto menos testemunhas, melhor.

—Dr. Russell? O anestesista coloca a cabeça ao redor da cortina. —Existe uma razão para o atraso?

Nós já concluímos o tempo limite. Não há razão para estarmos aqui parados, mas não sou Matt. Eu não coloquei minha carreira na linha para levar este caso. Eu poderia ter lutado com unhas e dentes para ficar aqui com ele, mas se as coisas correrem mal, não é o meu nome nesse quadro de cirurgias. Não sou eu quem vai procurar os pais, procurando por boas notícias sobre a filha deles.

Matt limpa a garganta e olha para o relógio. —Certo. Se todo mundo estiver bem, vamos começar. Ele estende a mão, palma para cima em direção a mim. —Bailey, lâmina dez.

Eu fui a primeira a conhecer June quando seus pais a trouxeram para o hospital. Patrícia precisava voltar ao trabalho e eu era a pessoa mais indicada para acompanha-los. Fiquei surpresa com o quão feliz ela estava, sentada em uma cadeira de rodas ao lado de seus pais. Feliz e magra, tão magra que poderia ser carregada por um vento forte, mas havia uma ferocidade em seus olhos com os quais eu podia me identificar.

Eu fiquei naquela sala enquanto Matt explicava a eles os desafios que eles enfrentariam na realização da cirurgia. Não só veio com uma enorme quantidade de riscos, mas além disso, seria extremamente caro.

Depois de anos pagando por tratamentos contra o câncer hipotecando sua casa, pegando empréstimos e estourando os cartões de crédito, os pais de June não estavam em condições de oferecer muito, mas Matt estava determinado a não deixar que isso o impedisse.

No topo de tudo isso, nós ainda tínhamos o hospital para enfrentar. De volta ao seu consultório, Matt, Patrícia e eu trabalhamos incansavelmente, tentando chegar a uma solução que não envolvesse Matt ser processado pelo hospital. Eu poderia dizer que ele estava no seu limite, então eu falei, lançando uma sugestão simples e implacável.

—Por que os outros médicos e a equipe jurídica não a conhecem? São eles que não querem fazer a cirurgia. Por que você tem que dizer a ela que não? Faça-os fazer isso.

Demorou um pouco para convence-los, mas Patrícia e eu, conseguimos que os três cirurgiões estivessem na sala de conferências. Dr. Goddard foi o mais fácil de influenciar, embora tecnicamente eu prometesse a ele que seria só ele e eu lá e talvez houvesse alguns gestos sugestivos que eu não me orgulho.

Matt reuniu todos os outros, incluindo o chefe do departamento de cirurgia, a pessoa que pode decidir o que vai acontecer.

Eu avisei June como seria, mesmo depois de defender seu caso, o hospital ainda poderia dizer não, mas logo percebi que tinha subestimado sua vontade de superar os obstáculos que a vida lhe lançara.

Matt e eu ficamos do lado de fora da sala de reuniões com os pais dela. June pedira para falar com os outros médicos em particular, um feito que não tenho certeza se teria coragem de fazer se fosse ela.

Observei aqueles oito homens sentados em silêncio, ouvindo enquanto uma garota corajosa lutava por seu direito de fazer essa cirurgia. Eu assisti como lágrimas se reuniram em seus olhos, mas elas não caíram. Ela falou bravamente, mantendo-se firme apenas o tempo suficiente para ganhar seu caso.

Quando todos os três cirurgiões saíram daquela sala, eu soube que ela os convenceu a mudar de ideia. Eu sabia disso antes mesmo de o dr. Richards suspirar e antes que o dr. Goddard erguesse a cabeça e oferecesse a Matt um olhar resignado.

O chefe do departamento de cirurgia foi a última pessoa a sair e ele simplesmente disse: —Não vou deixar o hospital cobrir o custo dessa cirurgia.

—Eu nunca disse que seria por conta do hospital—, disse Matt calmamente, ciente de quão perto ele estava de ganhar. —Eu já tenho uma equipe, disposta a trabalhar de graça. Eu cobrirei o custo de suprimentos e quaisquer dispositivos usados durante o procedimento.

Ele balançou a cabeça e passou por nós, derrotado.

Eu queria socar o ar. Em vez disso, virei-me para Matt no exato momento em que ele se virou para mim, nossos olhos dizendo: *PUTA QUE PARIU! CONSEGUIMOS!* e naquele momento, eu poderia ter jogado meus braços em volta do seu pescoço e o beijado sem parar.

A cirurgia de June é longa e meticulosa. Eu já passei por cirurgias difíceis com Matt antes, mas isso é diferente. Eu nunca o vi tão tenso. Sua atenção aos detalhes só é superada por sua incapacidade de confiar em si mesmo. Eu posso ver isso na maneira como ele rola os ombros e quando ele inclina a cabeça de um lado para o outro, como se estivesse tentando se soltar. Ele deixou a dúvida de todos penetrar em sua cabeça. Ele está preocupado em cometer um erro. Eu quero sacudi-lo e lembrá-lo quem ele é: Dr. Matthew C. Russell, um super-herói em pânico, se eu já vi um!

Em vez disso, fico quieta e focada. Se algo der errado, não será por minha causa.

Seis horas depois, ele insiste que eu faça uma pausa e coma alguma coisa. Eu quero protestar, mas eu não quero desperdiçar nada do seu tempo ou energia discutindo, então eu faço como me manda e deixo outro assistente cirúrgico assumir o controle para mim. Embora Matt não o faça. Mesmo se ele pudesse, eu não acho que ele aceitaria descansar. Isto é o que ele sabe fazer, o que ele treinou seu corpo para suportar. Ele não vai sair da sala de cirurgia antes de June.

Depois que eu corro para o banheiro e pego uma barra de proteína, passo pelos pais de June na sala de espera. Não posso falar com eles, embora desejasse poder. A mãe de June me vê e eu ofereço a ela um pequeno sorriso. Eu não demoro muito, mas é suficiente para as coisas saírem do controle na sala de cirurgia. Quando saio do elevador, ouço palavrões e gritos e então percebo que é Matt gritando no corredor.

Eu saio em disparada, coloco uma máscara e bato minha mão contra a porta de vaivém a tempo de ele berrar: —Vá a um cirurgião vascular e chame alguém aqui. AGORA!

Merda. Isso significa que ele pegou uma artéria. June está perdendo sangue e todas as máquinas naquela sala de cirurgia estão apitando para fazermos alguma coisa. Eu me esterilizo o mais rápido que posso, em seguida, coloco um novo avental cirúrgico. Eu grito para alguém amarrar as costas para mim e minhas mãos são empurradas para luvas estéreis. Em alguns instantes, já estou de volta à mesa de operações, pegando o cabo de sucção do Dr. Mitchell para que ele possa ajudar melhor Matt.

—Sua anatomia não é livro —, Matt explica para mim, para si mesmo, para todos. —Não deveria ter havido a porra de uma artéria lá.

São alguns minutos tensos enquanto esperamos o cirurgião vascular chegar. Eu faço a sucção da melhor maneira possível, mas depois Matt assume para mim, preocupado que eu não esteja fazendo o corretamente. Eles adicionam outra unidade de sangue. As pessoas estão lutando e, finalmente, o cirurgião vascular chega.

—Eu estou ocluindo o vaso rompido, Dra. Brown—, Matt grita com impaciência enquanto ela entra. —Venha pra cá.

Ela é calma comparada com o resto de nós, mas eu suponho que tenha que ser para uma especialidade tão intensa.

Depois de alguns minutos de trabalho em silêncio, ela nos assegura com confiança: —O vaso está preso. — Então ela vira a cabeça um pouco para a esquerda para que seu farol ilumine melhor

o local da cirurgia. —Você—, diz ela, falando comigo. —Sucção aqui até que eu diga para você parar. Rápido, eu preciso dessa área limpa se vou suturar.

Eu faço exatamente o que ela me diz e sou recompensada com um aceno de cabeça.

—Estou surpresa que você não tenha lidado com isso sozinho, Dr. Russell—, diz Brown enquanto sutura a laceração na artéria. Eu vejo sua mão firme, surpresa com o quão meticulosos são seus movimentos. —Você poderia ter feito isso.

—Eu não queria me arriscar com esse paciente.

Eu olho para cima, tentando encontrar seus olhos, mas seu foco está em June. Compreendo. Ainda estamos no meio da batalha e há uma chance agora mais do que nunca de que isso não funcione do jeito que queremos. Esta foi uma incerteza até mesmo nas melhores circunstâncias, e agora, com isso... Eu não me deixo terminar o pensamento. Eu tenho que ficar otimista.

Penso naquela garota brigando na sala de reuniões e tento me manter calma para ela, tentando aguentar isso tão corajosamente quanto ela.

Eu tenho uma percepção durante a cirurgia com Matt, um momento do tipo *idiota mor barra eu sou um deus.* Eu tenho essa epifania principalmente porque há muito tempo para pensar durante uma cirurgia de oito horas, muito tempo para fazer um balanço de sua vida e decidir se você gosta da direção que está seguindo ou se precisa mudar o curso.

É óbvio para mim agora mais do que nunca que os sentimentos que tenho por Matt não vão desaparecer só porque eu quero.

Trabalhar com ele complica as coisas porque é difícil estar perto de um homem como Matt e não se permitir ter uma adoração de herói por ele. Na sala de cirurgia, ele é uma força a ser reconhecida. Um pouco de mim tem uma queda por suas habilidades cirúrgicas, mas o problema real é que fora da sala de cirurgia, ele é ainda melhor. É difícil ver o lado bom de Matt porque ele possui uma determinação, coragem, ego e *muitas* camadas de músculos (como evidenciado pela situação da toalha há alguns dias), mas há muito o que amar debaixo de tudo isso. Ele é um homem que luta por crianças que não podem lutar por si mesmas, um homem que doa seu tempo e dinheiro não porque ele quer notoriedade ou apreciação, mas porque algo dentro dele precisa fazer isso. Não tenho certeza se já conheci um humano mais altruísta.

É engraçado porque acho que se eu perguntasse se ele se achava um cara legal, ele diria que não, o que é exatamente o ponto. Ele não vê o que eu vejo, e talvez muitas pessoas também não, mas agora eu posso vê-lo: o verdadeiro Matt, a versão suave dele o que estava abraçado comigo no sofá.

De repente, eu quero ser a mulher que o recebe, dentro e fora da sala de cirurgia.

Eu o afastei no começo porque, pelos padrões de qualquer pessoa, era a opção mais segura e melhor. Por uma paixão passageira não vale a pena colocar em risco a minha carreira, mas agora estou confiante de que isso não é apenas uma paixão. Agora acho que posso ser estúpida se *não* comprometer minha carreira por ele.

Existem outros trabalhos de assistente cirúrgico.

Há apenas um Matt Russell, MD

CAPÍTULO 24

MATT

Eu sinto uma exaustão profunda em meus ossos. Eu poderia dormir agora e continuar por uma semana. Eu já fiz cirurgias difíceis, mas nenhuma delas chegou perto da de June. Eu quero um milk-shake comemorativo e um cochilo comemorativo. Eu estou me limpando sozinho, ordenando meus pensamentos e tentando convencer meu corpo que ele pode se acalmar. Eu forço outra respiração profunda. A luta acabou. June está sendo levada para uma sala de recuperação e, em alguns minutos, eu vou para a sala de espera e tenho o privilégio de informar aos pais que a cirurgia de sua filha foi um sucesso. Eu vou pular as partes onde meu coração estava batendo e que sérias dúvidas se infiltraram, quando eu peguei sua artéria e prendi com meus dedos para conter a perda de sangue, quando eu esperei ansiosamente enquanto pegávamos o raio-x final e mediamos a curvatura de sua espinha.

Sua coluna está como deveria, mas isso não significa necessariamente que ela recuperará a função completa das extremidades inferiores assim que a inflamação diminuir. O corpo humano é uma cadela mimada.

Nós temos que esperar pelo melhor.

Eu termino de enxaguar a espuma das minhas mãos e pego uma toalha. Bailey ainda está dentro da sala de cirurgia, ajudando a limpar. Eu sei que ela está tão cansada quando eu. Os últimos dias

não foram fáceis para ela, e ainda assim ela está lá rindo com uma das enfermeiras, fazendo a parte dela em organizar a sala para os casos que virão após o feriado. Ela não precisa ficar lá. Eu disse a ela para se limpar e ir para casa, mas ela insistiu em ajudar. Já faz três dias que ela dormiu comigo naquele sofá e desde então, ela esteve nas trincheiras ao meu lado, fazendo de tudo, desde preparar o centro cirúrgico até checar os pais de June.

Além disso, sei que ela vai para casa para cuidar de Josie. Ela mencionou que foi ao mercado depois do trabalho ontem, o que significa que ela pegou o ônibus daqui, até a loja, e depois para casa, e provavelmente chegou lá depois das nove. Quando lhe perguntei por que, ela deu de ombros e explicou: —Josie pediu espaguete com almôndegas. É o favorito dela. — Simples assim. Como se isso fosse corriqueiro.

Esta manhã, ela estava no consultório, com o café na mão e esperança em seus olhos. Ela estava animada para este caso. Ela balançou para frente e para trás na minha porta, ansiosa para ser colocada para trabalhar, e naquele momento eu percebi que ela ama este mundo tanto quanto eu.

Ela foi vital neste caso. Na verdade, ela é a única razão pela qual passei por hoje.

Observo enquanto ela acena para as enfermeiras e técnicos e passa pela porta de vaivém para se juntar a mim. Suas sobrancelhas levantadas me diz que ela está surpresa. Eu já deveria ter terminado, mas eu estava pensando.

—Como você está se sentindo? — Eu pergunto hesitante, jogando minha toalha no cesto ao lado da porta.

Sua risada curta é misturada com um suspiro pesado. Isso diz tudo.

—Este foi o dia mais louco da minha vida. Eu poderia cair neste lugar e nunca mais me levantar.

Eu rio e me encosto contra o batente da porta, lutando contra um suspiro audível. Não é uma cama, mas é bem legal. —É definitivamente inesquecível.

Ela se vira e pressiona a bochecha contra o ombro para olhar para mim. Sua boca está curvada em um sorriso pensativo. —Eu não acredito que você conseguiu.

Eu devolvo o sorriso, lutando contra o impulso de me aproximar. —Não fui só eu.

Ela ri e balança a cabeça, voltando-se para lavar as mãos.

Qualquer coisa além de comida e sono não deveria estar na minha cabeça, mas eu a quero. Eu sempre a quero.

—Matt, você é incrível. O que você faz para as pessoas... é... — Ela balança a cabeça e olha para as mãos. —Estou feliz por estar na mesma sala com você. Estou muito feliz por ter aceitado esse emprego.

Meu coração incha e tenho a súbita vontade de contar a ela sobre a concessão e tudo o que poderia acontecer se eles me dessem, mas não há tempo suficiente. Eu preciso ir falar com os pais de June. Eles esperaram o dia inteiro para ouvir sobre a filha deles e eu não os deixarei esperando por mais tempo.

Eu digo a Bailey e aceno para a porta. —Vem comigo?

Ela está surpresa com a sugestão. —Sério? OK! Eu nunca fiz isso antes.

Eu noto que tenho algumas chamadas perdidas da minha mãe quando chego em casa. Ela me pergunta sobre o Natal e exige que eu fale sobre meus planos. Eu esqueci completamente que estamos a poucos dias do feriado. Decorações vermelhas e verdes lotam todos os espaços disponíveis no hospital. O salão dos médicos está cheio de latas de biscoitos de gengibre, saquinhos de chocolate e bolinhos de frutas que meus colegas querem tirar de suas casas para não engordarem.

Minha mãe está me importunado para saber se vou ou não estar no jantar de Natal. Eu não decidi. Eu poderia usar o tempo para recuperar o atraso no trabalho. Parece infinitamente mais tentador do que suportar uma refeição com minha mãe me perguntando se eu estou vendo alguém e depois me fornecer dicas não tão sutis de como minha ex-mulher mudou e deve ganhar seu primeiro filho a qualquer momento.

Eu me pergunto como Bailey vai passar o feriado. Sua casa já foi decorada há semanas, então, claramente, ela celebra. Talvez ela tenha uma família grande com muitos primos, mas de alguma forma duvido. Pelo pouco que ouvi, parece que é só ela e Josie.

E mesmo com o dia que tive, tenho dificuldade em conseguir dormir naquela noite. Eu pensei que ia cair na cama e apagar, mas

estou olhando para o teto, uma mão no meu peito, a outra atrás da minha cabeça, ainda pensando em Bailey.

Não me lembro da última vez que tive sentimentos por alguém assim. É como se eu estivesse de volta ao ensino médio, como se Bailey fosse a garota inatingível e eu o nerd que não consegue convidá-la para um encontro. Eu deveria aceitar a derrota.

Aparentemente, ela ouve meus pensamentos em sua casa porque meu telefone acende na minha mesa de cabeceira e é ela.

Eu respondo no segundo toque, um sorriso no meu rosto e na minha voz. —Bailey.

—Hey—, diz ela, parecendo desconfortável. —Eu sei que é tarde, mas eu queria saber se você teve alguma atualização sobre June?

—Ela estava se recuperando bem antes de eu sair. Vou voltar na primeira hora da manhã.

—Oh—, diz ela com um tom interessado em sua voz. —Fantástico. Algum sinal de movimento nas pernas dela?

—Ainda não.

Há uma pausa na conversa, a transição entre a razão pela qual ela ligou e a razão pela qual nós dois ainda permanecemos no telefone.

—Sabe, hoje foi nossa última cirurgia antes do feriado—, ela fala, ela está dizendo, *eu não quero desligar ainda. Fale comigo.* —Dez dias sem cirurgias, como você vai se ocupar?

Eu hum. —Eu ainda vou estar no hospital a maior parte do tempo.

Ela ri. —Sério? Você precisa de umas férias mais do que ninguém. Eu meio que presumi que você iria para praia ou algo assim.

Eu sorrio com tristeza. —Eu não sou realmente o cara de férias na praia. Eu odeio areia.

Ela acha isso incrivelmente engraçado. —Na verdade, isso não me surpreende nem um pouco. Agora que você mencionou, eu não posso imaginar você tirando férias –*nunca.*

—Eu tiro—, eu protesto. —Só não na última década.

—Bem, você pelo menos vai para a festa de Natal amanhã à noite, não vai?

—Eu não tinha pensado nisso.

Eu não costumo ir. Pequenas conversas forçadas com meus colegas e seus cônjuges não me agrada.

—Bem, você deveria. Eu tenho um presente para você, — ela diz, sua voz assumindo uma vantagem levemente sedutora, embora possa ser apenas um desejo da minha parte.

—Você não pode trazer para o hospital?

—Talvez eu o esteja subornando para aparecer na festa—, ela brinca.

Eu cansei desse jogo de *isso nós podemos*, isso *nós não podemos,* é um jogo de merda que Bailey insiste em jogar.

—O que importa se vou estar lá ou não? — Eu pressiono, desesperado por honestidade.

—Não será o mesmo sem você.

Eu puxo minha mão pelo meu cabelo e resisto a um gemido. Parece que ela está sendo provocadora, me afastando ao mesmo tempo em que ela está me enrolando, mas Bailey não é assim. Ela está realmente sendo legal, me convidando para a festa porque ela me quer lá. Simples assim.

—Eu vou pensar sobre isso—, eu prometo, engolindo minha raiva. —Você vai levar alguém?

—Não—, ela responde rapidamente. —Espere, *você vai*?

Eu rio e decido por um capricho, que estou cansado de fingir. Ela fez a pergunta, ela vai descobrir a verdade. —Não, eu não vou levar ninguém. A única mulher que eu gostaria de levar fez que eu assinasse um documento do Word instruindo-me a ficar longe dela.

Eu sei que deveria continuar fingindo que não a quero, mas não posso. Todos os dias sou obrigado a trabalhar ao lado dela e todos os dias ela cava um pouco mais sob a minha pele, tão profundamente que não consigo me livrar dela nem se tentasse.

—Você está se referindo ao nosso *contrato* legalmente válido? — ela brinca.

Eu não rio. Na verdade, quase rosnei. —Chega, Bailey. Eu não vou mais seguir essa lista estúpida de exigências. Você ouviu isso? É o som de eu rasgando esse 'contrato' em dois.

Ela fica em silêncio, sem dúvida, contemplando o peso das minhas palavras.

Eu sorrio enquanto continuo, —Eu irei para a festa amanhã à noite. Na verdade, estou ansioso por isso agora. Não esqueça meu presente.

CAPÍTULO 25

BAILEY

Está nevando lá fora. Flocos grandes e gordos caem do céu e se acumulam no chão, transformando o estacionamento em um paraíso de inverno. Considerando que o interior do restaurante NEMC alugado foi recentemente reformado para combinar com o exterior. Os planejadores do evento não pouparam despesas. Há pequenas vinhetas de Natal em todos os cantos da sala, veados falsos e árvores de Natal e aqueles grandes presentes embrulhados sem nada dentro deles. Há comida e bebida suficientes para nos preencher dez vezes. Os chefes do hospital podem ter protestado contra gastar dinheiro com a cirurgia de June, mas aparentemente eles não têm escrúpulos em gastar muito dinheiro em um evento como este.

Eu sacudo o pensamento e tento entrar em um clima mais festivo. Há apenas mais alguns dias até o Natal! Eu peguei uma folga pelos próximos dez dias! PAPAI NOEL ESTÁ CHEGANDO!

Não adianta. Não há espaço para alegria quando estou em alerta máximo, examinando o lugar a cada cinco minutos para ver se Matt chegou enquanto eu não estava olhando. O evento está ainda mais cheio do que a festa de despedida do Dr. Lopez. Todos cirurgiões do hospital estão aqui com suas famílias. Crianças correm por todo lado, com muito açúcar e o fato de não terem aulas amanhã. Eu estou em um grupo com Megan e Erika e seus encontros. Eu não tenho um encontro. Bem, eu tenho a Josie. Eu olho e a encontro

exatamente onde a deixei: sentada em uma mesa sozinha, lendo um livro e com um camarão embrulhado em bacon. Eu vejo como um menino fofo da idade dela, o filho do dr. Richard, se não estou enganada, se aproxima para tentar envolvê-la na conversa e ela o afasta, sem se incomodar em levantar os olhos do livro. Pelo meu bem, estou feliz que ela esteja escolhendo Harry Potter aos meninos. Não estou pronta para desempenhar o papel de pai zangado e armado.

—Sem encontro hoje à noite, Bailey? — Erika pergunta.

Como ela se atreve a me desafiar na frente de todo o grupo?!

O que ela sabe é que sou uma perdedora sem amor e não tem a menor ideia que estou esperando pelo meu chefe ogro e gostoso.

—Não—, eu respondo, atingindo um tom casual. —Só minha irmã.

Eles olham para cima a tempo de vê-la roubar mais um camarão embrulhado em bacon em uma bandeja de passagem. *Rapaz somos parentes ou não?*

—E aquele cara loiro do Smooth Tony's? — Megan pergunta, inclinando a cabeça. —Ele era fofo e parecia estar interessado. Aconteceu alguma coisa com ele?

Há. *Cooper*. Cara, eles pesquisaram? Eu precisaria de um milhão de anos para alcança-los, então eu balanço minha cabeça e finjo que estou desapontada quando respondo: —Não, realmente não deu certo. Ele não estava pronto para um relacionamento.

É uma mentira tão boa quanto qualquer outra e, quando me lançam uma carranca de simpatia, dou outra olhada casual para a porta, meu coração pulando quando percebo o movimento. Infelizmente, é apenas o Dr. Goddard e sua esposa, seguidos por três crianças loiras andando em perfeita harmonia. Apesar de adoráveis, eles estão em roupas de Natal de aparência desconfortável que combinam perfeitamente com o terno do Dr. Goddard e o vestido de sua esposa. O efeito todo é um pouco ridículo.

—Então, como é trabalhar com o Dr. Russell? — Megan pergunta, apontando um sorriso conspirador para Erika antes de continuar: —Eu vou ser honesta, nós não achamos que você não iria durar.

Sem dúvida há algo melhor para falar. Talvez eu devesse ter continuado a discussão sobre Cooper. É melhor do que ter que olhar nos olhos delas e inventar uma resposta falsa, na *verdade, não é tão ruim assim. Ha ha. Sim, eu só tive que resistir nas primeiras semanas e agora nós realmente nos acertamos.*

Na verdade, aquele cirurgião idiota roubou meu coração e ele está prestes a entrar pela porta desse restaurante a qualquer momento e eu não estou pronta para encará-lo. Nosso telefonema ontem à noite deixou meus nervos em frangalhos.

—Você ouviu isso? Este som sou eu rasgando esse 'contrato' em dois.

Ha! Que pena, amigo, porque eu fiz cópias!

Eu ainda posso ouvir a determinação em sua voz. Ele realmente acha que vou jogar a cautela ao vento e ceder a isso... essa *luxúria* que vem crescendo dentro de mim nas últimas semanas.

Eu considero isso, é claro, quando ele chega. Um minuto, a porta está vazia e, no seguinte, Matt está caminhando com toda a confiança de um rei. Meu corpo inteiro endurece quando eu o olho da cabeça aos pés. É impossível não vê-lo em um terno preto sob medida. Sem gravata. Sua pele bronzeada se destaca contra sua camisa branca. Seu cabelo levemente encaracolado é preto e grosso. Cabeças se voltam em sua direção, a conversa para ao redor. É como se o próprio Deus estivesse entrando na festa.

Antes da cirurgia de June, sua reputação já era maior que a vida. Agora está completamente fora de controle. Cirurgiões de todos os andares do hospital correm para cumprimentá-lo e apertar sua mão. Eles batem em seu ombro e agem como se fossem melhores amigos.

Ele sorri levemente e faz um bom show cumprimentando a todos, mas seus olhos vasculham a sala procurando por... mim.

ELE ESTÁ PROCURANDO POR *MIM*.

Eu entro em pânico e volto para o grupo, de repente com 100% de certeza, eu preciso dar o fora daqui.

Eu não deveria ter vindo hoje à noite.

Meus nervos estão disparados.

Ele está um sonho com esse terno preto, e Josie me convenceu a colocar esse vestido curto e de seda, que parecia ousado e sofisticado, mas agora parece totalmente inadequado. Eu procuro

por uma jaqueta e foco no encontro de Erika. Ele é um cara grande, largo nos ombros, o casaco dele me cobriria inteira.

—Ei, amigo. — Eu digo *amigo* porque eu estava distraída enquanto ele estava se apresentando. —Você poderia me emprestar o paletó?

Ele cruza os braços protetoramente sobre o peito e, em seguida, responde fracamente: —Eu estou com um pouco de frio.

Que tipo de homens estamos criando neste país?!

Eu quero arrancar dele, mas eu não quero causar uma cena. Na verdade, quero fazer exatamente o oposto. Eu quero sair dessa festa sem que Matt perceba e correr para casa.

Por um capricho, pego uma taça de champanhe de um garçom que passa, tomo um longo gole e depois a devolvo. O grupo olha para mim enquanto eu limpo as costas da minha mão na minha boca.

O garçom está profundamente impressionado com minhas habilidades. —Hum, você gostaria de outro copo, senhora?

Eu quero cada taça em sua bandeja, mas isso não vai resolver o meu problema. Balanço a cabeça e agradeço-lhe antes de me dirigir ao grupo.

—Ouça, pessoal, eu não estou me sentindo muito bem.

—Provavelmente porque você acabou de virar uma taça de champanhe como se estivesse em uma festa de fraternidade—, interrompe Erika, profundamente desconfiada do meu comportamento estranho.

Eu nego. —Não. Eu estava me sentindo mal antes disso.

—O que dói? — Megan pergunta, preocupação escorrendo de seus poros. Ela é muito mais crédula do que Erika, claramente.

—Minha cabeça. — Isso não é suficiente para convencer Erika, então eu acrescento: —É meu...— De repente eu não consigo pensar em uma única parte do corpo humano. —Braaço? Sim, meu braço. Eu seguro no meu peito. —Eu vou para casa. Feliz Natal a todos!

Eu me viro e olho em volta para achar o melhor caminho. Há apenas uma entrada e Matt a está bloqueando, mas espero que, quando chegar até Josie, um de seus muitos admiradores o tenha levado para o salão e saio sem ele sequer saber que eu estava aqui. É a única opção que tenho. Eu me movo rapidamente, como se estivesse em uma missão secreta. Eu empurro meu cabelo sobre meu ombro esquerdo e o uso como uma cortina para proteger meu rosto, caso Matt olhe em minha direção.

Levo muito tempo para chegar ate Josie porque tenho que desviar de árvores de natal ou abaixar para ajeitar os meus sapatos, tudo para despistar.

—Josie! — Eu assobio quando corro para frente e fecho seu livro. —Rápido. Temos de ir.

Ela geme. —Você está de brincadeira?! Você acabou de dobrar minha página! E eu não tinha um marcador lá. Vai levar uma eternidade para encontrar onde eu estava.

—Eu sinto Muito. Eu realmente sinto. — Eu ando ao redor da mesa e coloco minhas mãos sob seus braços para puxá-la. —Vamos, vou comprar outro livro... *dez* livros... Somente...

Uma mão envolve meu bíceps e eu me assusto.

—Bailey—, Matt diz ao meu lado, frio e despretensioso. —Não está fugindo, não é?

Josie se afasta de mim para sentar de novo e Matt usa seu aperto no meu braço para me girar lentamente. Eu mantenho meu olhar cuidadosamente preso em seu peito. Minhas bochechas queimam. A diversão em seu tom deixa claro que ele viu cada pedacinho daquela pequena farsa. Estou mais feliz do que nunca, que não tentei aquela pirueta.

Eu engulo e aceno com a cabeça. —Eu estou. Você vê, meu braço está... — Eu olho para o meu braço inútil, perfeitamente funcional. —Machucado.

Parece lamentável até para os meus próprios ouvidos.

Ele ri acidamente, depois se inclina para falar com minha irmã. —Josie, se você nos der licença, eu preciso ter uma palavrinha com sua irmã.

—Não, ela não vai...

Josie abre o livro de novo e começa a folhear para encontrar a página, sem se incomodar com o aperto de Matt no meu braço.

—Você está desculpado.

Escolhendo Harry Potter em vez de sua própria carne e sangue?! Eu faria o mesmo, mas como ela se atreve?

Matt mantém a mão no meu braço enquanto ele me leva para longe da mesa e para um canto do salão parcialmente escondido por

uma das cenas de férias mais exageradas. Cervos maciços pulam no ar, brincando em árvores de Natal cobertas de branco. Pergunto a Matt se ele gosta da decoração e seus olhos se estreitam em mim.

Ah sim. As amabilidades se foram agora que estamos sozinhos.

—Você pediu ou não para eu vir hoje à noite? — ele pergunta, tom enganosamente calmo.

Eu engulo e olho para longe. —Eu pedi.

—Então, por que você estava prestes a fugir?

Não estou pronta para admitir a verdade, ou melhor, estou muito envergonhada.

Quando eu não falo, seu aperto no meu braço se solta e então ele me libera. Desapontamento me atinge no peito.

—Eu não farei isso, Bailey. Eu não vou te perseguir. Eu te disse na noite passada que o contrato acabou. Se isso te assusta, eu vou ouvir e respeitar. Você entende? Não vou forçar você a me querer.

—Me forçar a te querer?'— Eu ecoo de volta para ele, parecendo incrédula. Meu olhar se choca com o dele em indignação. —Você acha que ainda precisa forçar alguma coisa? Você está no meu coração, Matt! Em cada maldito canto e fenda. É por isso que estou correndo! É por isso que elaborei esse contrato bobo!

Ele pega minha mão e eu não percebo que estou tremendo até sentir o quão firme o seu aperto está em mim.

—O que você está dizendo?

—Eu não posso ser mais clara.

Ele ri, seu rosto traindo cada grama de sua alegria. Eu nunca o vi tão incrivelmente bonito. —Bem, você tem que ser porque eu não quero mais mal-entendidos.

Minhas sobrancelhas se estreitam. —Você honestamente espera que eu declare meus sentimentos por você aqui? Aquele cervo está me seguindo com os olhos. Todos nesta sala estão olhando para nós agora. Eles viram você me arrastando até aqui como um homem das cavernas, e tenho certeza de que estão esperando que algo aconteça, um beijo, ou um tapa, ou algo do tipo.

—Dos dois, eu sei qual eu prefiro—, ele responde friamente, sem se incomodar com a ideia de todos nos observando. Eu suponho que de alguma forma, ele está acostumado com isso.

Eu, no entanto, não estou.

Matt dá um passo à frente e enfia os dedos nos meus. O gesto é íntimo. Eu posso ouvir meu coração batendo nos meus ouvidos. Fico com um frio na barriga quando seu olhar vem em direção a minha boca. Ele vai me beijar bem aqui na frente de todos! Ele vai fazer isso! E essa é a razão pela qual eu o forcei a me seguir pelo corredor à nossa direita e arrastá-lo pela primeira porta que vejo.

É um banheiro. Bom! Eu tranco a porta e viro para enfrentá-lo, o dedo cutucando seu peito grande e viril. Evidentemente, dói mais em mim do que nele, mas ele precisa saber que estou falando sério.

—Você ia me beijar lá fora! — Eu digo, indignada. —Na frente de todos!

Sua mão estende e toca a frente do meu vestido, usando o material para me puxar para ele. Eu tropeço e caio nele. Ele é uma rocha, imóvel, mesmo quando eu me apoio nele. Suas mãos na minha cintura me mantêm firme. Suas coxas musculosas pressionam contra as minhas. Minhas mãos estão em seu peito, sentindo nas palmas cada respiração, cada batida pesada de seu coração acelerado. Seus dedos torcem o tecido do meu vestido e a seda toca contra a minha coxa, subindo mais alguns centímetros para as minhas pernas nuas roçarem suas calças do terno.

Eu me forço a olhar para o homem alto e assustador prestes a destruir meu mundo. Suas sobrancelhas escuras se juntam. Seus olhos azuis retêm uma tempestade de emoção enquanto ele olha penetrantemente para os meus, tentando encontrar a resposta para alguma pergunta não formulada.

Estou tremendo como se estivesse na beira de um precipício. Um único dedo poderia me empurrar. Eu cairia, e agora não há como saber o que me espera no fundo. Dor, amor, angústia, euforia, cada um é tão provável quanto o último e não posso fazer isso comigo. Eu não posso me entregar a um homem que tenha o poder de dominar minha vida tão facilmente.

Eu faço um pequeno movimento para me afastar no exato momento em que ele inclina a cabeça e captura minha boca em um beijo interminável e apaixonado. Seu forte aperto me mantém lá, pressionada contra ele. Eu me sinto drogada quando ele me beija de novo e de novo, suas mãos se movendo mais para cima, afagando, provocando e acariciando em todos os lugares ao seu alcance. Seu polegar se curva ao redor das minhas costelas e escova a borda dos meus seios através do meu vestido. Sua boca inclina sobre a minha

e eu estremeço. É sedução pura e simples. Estou indefesa e congelada, usando toda a minha inteligência só para ficar em pé, quanto mais beijá-lo. Minhas mãos não se moveram do peito dele. Eu esqueci como executar o simples ato de respirar.

Ele se afasta e levanta meu queixo para que ele possa me olhar. Seus lindos traços estão marcados pela necessidade desesperada. É o suficiente para quebrar meu coração quando ele coloca os lábios na minha têmpora, na minha bochecha, na delicada curva logo abaixo da orelha. Meus olhos se fecham enquanto eu sinto arrepios ricochetearem pela minha coluna.

—Me beije—, ele pede, suas mãos deslizando ao meu redor, me puxando contra ele, então não há espaço entre nós. —Bailey... *me beije*.

As palavras são tão eficazes quanto as cordas de fantoches. O anseio em seu tom libera tudo em meu coração. Seus lábios entreabertos encontram os meus novamente e desta vez, eu não estou congelada. Eu sou uma mulher pegando exatamente o que quer. Eu gemo com a necessidade quente, enroscando uma mão no cabelo grosso, no mesmo momento em que minha boca se abre e minha língua provoca a dele. Eu o beijo com um fervor apressado, de repente ansiosa demais para isso. Eu o beijo com todo o desejo que eu tentei reprimir, cada desejo acumulado nas últimas semanas.

Sua resposta é um gemido profundo e faminto que acende um fogo dentro de mim. Agora nos beijamos sem restrições. Sua mão envolve minha coxa e minha perna se ergue por conta própria. Meu vestido desliza até a minha cintura e sua mão se desloca mais para cima, arrastando minha coxa para que ele possa mantê-la envolvida

em torno de seu quadril. Meu estômago aperta em antecipação. O desejo crepitante me invade.

Nós nos beijamos até que nossos lábios estejam sensíveis, até que eu tenha que me separar dele para poder respirar, até que eu me sinta zonza e aérea de tanta necessidade. Se eu tivesse uma garrafa de água a mão, eu derramaria ela na minha cabeça. Todo lugar que ele toca, parece estar pegando fogo. Queima. Incendeia. Me excita até que eu queira rasgar minhas roupas, arranhar e morder de tão enlouquecida.

Minhas mãos estão em suas calças e eu estou mexendo no botão, como se eu dissesse *me dê, me dê, me dê.*

Eu quero que ele me empurre contra essa parede e termine meu período de seca de três anos. Eu quero finalmente saber o que é ter Matt se movendo em mim e perdendo o controle, balançando seus quadris contra os meus e... Eu estou dizendo tudo isso para ele. Cada palavra se derrama e Matt está amaldiçoando em voz baixa e puxando minha calcinha, tentando arrastá-la pelos meus quadris e por *Jesus.*

—Apenas rasgue essa maldita coisa! — Eu imploro, perto das lágrimas.

Ele faz e a coloca no bolso. *Droga*, essas eram uma das minhas boas calcinhas, mas quem se importa, porque os dedos de Matt estão entre as minhas pernas e eu o observei operar com aquelas mãos, mas é isso que elas realmente deveriam fazer. Isso é... isso é...

QUERIDO DEUS.

Sua mão desliza para frente e para trás e ele gosta de como estou pronta, o quanto estou muito, muito, muito molhada. Para ele.

Ele pressiona a boca na concha do meu ouvido e me diz o quanto sou gostosa quando seu dedo desliza dentro de mim.

Minha boca se abre e eu não tenho certeza se minha mandíbula não vai ficar danificada porque DR. RUSSELL tira o dedo lentamente e acrescenta outro, e esse bombeamento suave *não são mais* tão suaves. Eu estou moendo contra a palma de sua palma enquanto ele nos move para a esquerda e me empurra contra a parede. É quase humilhante a facilidade com que estou me desfazendo, com que facilidade dois pequenos dedos (*bem*, grandes) podem me fazer gemer como um gatinho.

—Eu quero você—, eu exijo agudamente, parecendo quase possuída de necessidade, mas ele pensa claramente, porque ele balança a cabeça e usa a ponta do polegar para girar no ponto exato que faz meus dedos enrolarem em seu cabelo e meus olhos apertarem.

Aquelas primeiras ondas de prazer começam a subir, mas ele as evita, trabalhando ainda mais, antes de seu polegar retornar, girando devagar o suficiente para me enlouquecer.

—Não há tempo—, ele insiste, sua voz aveludada e comandante antes de ele silenciar meus protestos com a boca. Seus dentes mordem meu lábio e ele é um pouco áspero, mas eu sabia que ele seria. Essa suavidade que ele esconde do mundo está perdida neste momento também. O homem fazendo coisas más para mim neste banheiro é o mesmo homem que inspirou aquela imagem do

demônio no salão. Este é o cirurgião com toda a confiança no mundo, o homem que me assusta tanto quanto me excita.

Ele se afasta e me observa com os olhos nublados, enquanto seus dedos continuam me matando lentamente. Seu sorriso fraco me diz que ele está satisfeito com cada um dos meus gemidos e lamúrias.

Exceto por um quadril me pressionando contra a parede e seus dedos entrando e saindo, ele não me toca. Ele fica assim, desprendido o suficiente para poder ver o que está fazendo comigo. Parece que estou me apresentando para ele. Talvez mais tarde, eu vou ficar envergonhada pela minha pele corada e lábios inchados, mas agora, eu gosto de seus olhos em mim. Eu gosto de deixá-lo fazer isso comigo.

Um punho pesado bate na porta do banheiro e eu pulo de susto.

Os dedos de Matt se curvam em mim.

A maçaneta da porta se movimenta quando uma voz profunda pergunta: —Tem alguém aqui?

O polegar de Matt gira mais rápido e eu mordo meu lábio inferior para não gritar.

Seu olhar encontra o meu e ele balança a cabeça, pressionando um dedo na boca.

Há outro golpe quando a pessoa fica mais impaciente. Eu quase grito, *QUE PRESSA, HEIN, AMIGO?!*

Esperei tanto tempo por esse momento, e a ideia de que isso poderia ser tirado em um instante me deixa mais desesperada do

que nunca. Meu peito sobe e desce em rápida sucessão. Minha mão bate no pulso de Matt e eu aperto com força. O gesto diz: *Se você parar, eu mato você.*

Seu sorriso o transforma em um demônio e ele pega a dica porque não há mais provocações lentas. Há apenas o polegar dele e os olhos dele em mim e —eu vou gozar—, sussurrado. Sua mão cobre minha boca no momento exato em que o pico de prazer se choca contra mim. Prazer após prazer. Os temores me arrepiam da cabeça aos pés. Eu choro contra a mão dele e ele sufoca o som da melhor forma possível, mas ainda provavelmente não é suficiente. O papa, minha professora da primeira série e minha avó podiam estar do lado de fora da porta do banheiro e eu não conseguiria ficar quieta.

A mão de Matt dificulta a respiração, mas esse orgasmo nunca acaba, e eu vivo nas nuvens agora. Eu me recuso a voltar à terra. Sua boca pressiona minha testa em um beijo casto e sua mão relaxa um pouco.

—Bailey? — Ele pergunta, seu tom cheio de diversão. —Eu vou mover minha mão agora.

Eu aceno para deixá-lo saber que não vou fazer nada louco, como proclamar, DR. RUSSELL ESTÁ ME FAZENDO GOZAR AQUI, PESSOAL.

Porém, só para ficar claro, uma parte de mim quer fazer isso.

Ele recua, lentamente puxando seus quadris para longe dos meus, e eu faço um balanço do meu corpo: meus membros ainda estão intactos, minha respiração está lentamente voltando ao

normal, minhas bochechas ainda estão vermelhas, e elas provavelmente ficarão assim enquanto Matt continuar olhando para mim com aquele brilho de conhecimento em seus olhos. Eu ajusto meu vestido, vou em direção ao espelho e me encolho. Minha boca diz que *eu estava fazendo sexo.* Meu cabelo está uma bagunça. Eu arrasto meus dedos e tento fazê-lo ficar o mais plano possível, mas não há como voltar ao normal.

Eu gemo enquanto a realidade afunda.

Estamos na festa de Natal da empresa.

Eu não estou usando calcinha.

Ainda há alguém esperando do lado de fora da porta.

—Como diabos vamos sair daqui? — Eu pergunto, olhando para o reflexo dele por cima do meu ombro.

Matt aparentemente já pensou nisso.

Quando estou bem, dou-lhe um sinal de positivo, e ele abre a porta apenas o suficiente para enfiar a cabeça para fora.

—Dr. Richards. — Ele estremece suavemente. —Eu preciso de ajuda. Eu estou vomitando sem parar - intoxicação alimentar ou algo assim.

—O que?! — Dr. Richards geme. —Você está bem? Você não comeu o patê de espinafre, né? Porra eu sabia que não deveria ter comido isso de novo.

—Não não. Apenas vá me pegar um pouco de água, por favor? E algo para acalmar meu estômago se você puder encontrar.

Dr. Richards resmunga algo em voz baixa e Matt observa cuidadosamente enquanto ele desce o corredor para completar sua missão. No momento em que ele está fora de vista e o caminho está livre, Matt se endireita, ajusta o paletó e me oferece seu braço.

—Vamos sair daqui.

Eu saio do meu transe.

—Honestamente, você entrou na profissão errada—, eu provoco. —Esse desempenho foi digno de um Oscar.

CAPÍTULO 26

MATT

Vamos ser claros: todo mundo sabe o que aconteceu naquele banheiro. O Dr. Richards é o único que acha que estou com problemas estomacais. Ao pegar a mão de Bailey e levá-la de volta para sua irmã, ele corre até mim com água e alguns antiácidos que encontrou na bolsa de sua esposa. O suor escorre pela testa enquanto ele pressiona a mão contra o estômago. —Agora que você mencionou, eu também não me sinto tão bem.

Bailey tem que sufocar sua risada com um ataque de tosse, e eu puxo-a antes que ela possa estragar nosso disfarce.

—Mesmo? — Eu castigo, incapaz de limpar o sorriso satisfeito do meu rosto.

Ela sacode a cabeça e cobre o sorriso. —Eu não consigo parar.

Ela ainda está tonta do orgasmo. Pelo menos um de nós está. Eu ainda estou tão duro, uma encostada macia da mão dela na minha virilha e eu estaria perdido. É patético. Eu preciso dar o fora daqui. Minha missão está terminada. Eu gozei, eu vi, eu conquistei. Bem, eu fiz os dois últimos.

—As pessoas ainda estão olhando para nós—, Bailey sibila baixinho.

—Hã. — Eu pareço entediado. —Eles estão?

—Você sabe que eles estão—, ela diz, colocando a mão livre ao redor do meu antebraço, protegendo metade do corpo dela atrás do meu. Alguns minutos atrás, ela queria ficar o mais distante possível de mim. Agora, de repente, ela não consegue ficar perto o suficiente. É a melhor reviravolta que eu já vi.

—Apenas sorria e pareça confiante. Eles vão seguir em frente. Olha, o Dr. Goddard e sua esposa estão lá fazendo papel de bobos. Ninguém nem se importa mais com a gente.

É verdade. Dr. Goddard está batendo o pé e insistindo para as crianças —ficarem em ordem decrescente por idade, não altura— para a foto com Papai Noel enquanto sua esposa grita com raiva. Ainda assim, metade da sala permanece focada em nós. Eu provavelmente deveria soltar a mão de Bailey. Isso não vai mudar nada. Em vez disso, eu aperto mais.

—Só para ficar claro—, diz ela, inclinando-se e baixando a voz para que só eu possa ouvir. —Dar as mãos em publico é como pegar um alto-falante e anunciar a todos que somos um casal. Se você quiser ser discreto, soltaria minha mão.

—Eu não vou soltar—, eu respondo confiante.

Sua boca forma um perfeito O.

Eu levanto meu queixo. —Você mudou de ideia?

—Sobre o que aconteceu naquele banheiro? — Ela brinca, com um sorriso preguiçoso.

—Sobre concordar em nos dar uma chance.

Ela ri. —Ooooh, eu não percebi que era isso que estava acontecendo lá. —Lanço um olhar provocante e ela move os dedos contra os meus. —Bem. OK! *Sim*! Vamos nos dar uma chance, mas se isso não der certo, você tem que dizer a todos que eu sou realmente boa de cama, superinteligente e que *eu te deixei.*

Ela está brincando, mas suas palavras ainda doem.

Ela tenta chamar minha atenção, mas eu a puxo. —Vamos, parece que Josie terminou seu livro e há um grupo de garotos tentando falar com ela.

—Oh bom! Vai espantar todos eles, vai? Ela não tem permissão para namorar até os 40 anos.

Eu estava preocupado sobre como as pessoas tratariam Bailey depois do nosso pequeno show. Eu provavelmente deveria ter dado a ela a escolha sobre onde e quando ela gostaria de informar as pessoas sobre o nosso relacionamento, mas... bem, as coisas acontecem. Nosso plano era partir logo depois de pegarmos Josie, mas haviam muitas pessoas ansiosas para ouvir notícias sobre June e sua recuperação. Eu nem tinha dito a Bailey o melhor: June fez teste para função motora e deu positivo e sensorial esta tarde. Ela ainda precisará de fisioterapia, mas não tenho dúvidas de que ela recuperará a função de ambas as pernas. Observo o rosto de Bailey enquanto digo isso ao grupo de cirurgiões ao nosso redor. Seus olhos se levantam e ela engole violentamente como se isso pudesse manter suas emoções afastadas. Eu quero envolver meu braço em torno dela e puxá-la para perto, dizer a ela que ela tem tanto a ver

com a recuperação de June quanto eu, mas meus colegas se aglomeram como um maremoto, ansiosos com perguntas.

Eu pratico polidez por um tempo, apreciando o quão azedo o rosto do Dr. Goddard fica toda vez que fazemos contato visual do outro lado da sala. O Dr. Richards e o Dr. Smoot são rápidos em consertar sua posição original sobre o assunto. —*Nós não tínhamos o mesmo pensamento que você, Dr. Russell.*

Com a quantidade de cobertura de imprensa no caso, o Centro Médico de New England não prejudicará pacientes cirúrgicos tão cedo.

Enquanto a noite continua, dou a Bailey todas as oportunidades para se libertar e salvar a si mesma. Ela poderia sair com os outros assistentes cirúrgicos ou encontrar sua irmã, mas em vez disso, ela fica ao meu lado. Meus colegas percebem. Eles tentam ser astutos sobre isso, mas eles estão definitivamente inspecionando o quão perto estamos. Eles prestam muita atenção quando eu sussurro algo em seu ouvido e Bailey sorri. Alguns deles até lançam uma ou duas perguntas sobre o caso de June e, para crédito de Bailey, ela não se encolhe. Ela levanta o queixo e mantém sua própria posição em um grupo de cirurgiões egoístas, tão confiante quanto no dia em que a conheci.

Ninguém pergunta sobre o nosso relacionamento de imediato. Eu acho que eles estão cuidando de suas vidas porque sabem que é melhor do que se intrometer.

Bailey acha isso hilário e me informa que eles estão realmente sussurrando sem parar nas nossas costas, mas ninguém é corajoso o suficiente para nos perguntar diretamente se estamos namorando

porque eles estão com medo de mim. Eu sorrio ao pensar. Há uma pessoa que é corajosa o suficiente para abordar o elefante na sala, no entanto.

Patrícia passa com um prato de sobremesas na mão. Ela faz uma pausa ao nosso lado, deixa cair o queixo e olha fixamente sobre os óculos para as nossas mãos unidas. Então ela emite um zumbido meio interessado e continua andando. É isso aí.

—Eu juro que ela sorriu um pouco—, Bailey insiste, observando-a se afastar por cima do ombro.

—Patrícia? Não tenho certeza se ela sabe sorrir.

A neve ainda está caindo quando finalmente conseguimos escapar da festa e eu insisto em levar Bailey e Josie para casa. Bailey está visivelmente quieta no banco do passageiro. Suas mãos estão enroladas em sua bolsa e eu posso ver a borda de um presente saindo do topo, *meu* presente. Josie, entretanto, senta-se no meio do banco de trás, fazendo de tudo para acompanhar todas as mudanças nas últimas horas. Para cada pergunta que um colega meu reprimiu na festa, Josie pergunta cinco.

—Então vocês dois estão realmente namorando agora? Como se fosse oficial do Facebook?

—Eu não uso o Facebook—, responde Bailey rapidamente. —Mas claro, sim. Você não pode voltar a ler agora?

—Eu terminei meu livro. Harry está de volta a Privet Drive no verão. Então, Matt, posso te chamar assim? Ou eu tenho que te chamar de doutor?

Eu ri. —Matt está bom.

—Certo. Matt, você teve muitas namoradas sérias em sua vida?

—Uma esposa. — Eu encontro o olhar dela no espelho retrovisor. —Isso conta?

—UMA ESPOSA?! — Josie fica indignada e eu tenho que reprimir uma risada quando Bailey deixa cair a cabeça entre as mãos e geme.

—Por que você não nos deixa aqui? — Bailey sugere. —Sim, tudo bem. Estamos a apenas quatro quilômetros da nossa casa?

Eu a ignoro e dou a Josie uma versão resumida do meu relacionamento com Victoria.

—Então foi há séculos atrás? — Josie pergunta assim que eu termino.

—Anos—, eu confirmo.

Ela balança a cabeça e se inclina para frente para que sua cabeça fique entre Bailey e eu.

—Bem, a Bailey aqui não teve um namorado sério nunca. Você disse a ele isso, mana? Parece algo que um cara gostaria de saber antes de se comprometer.

Bailey chega para soltar o cinto de segurança do carro, presumivelmente para que ela possa pular na estrada, mas eu sou muito rápido em volto a bloquear a trava.

—De fato, Josie—, eu sorrio, —ela não disse.

Josie assente. —Sim, quero dizer, se eu tivesse a idade dela e só tivesse saído... quantos caras são, Bailey? Dois?

—TRÊS—, ela corrige, cruzando os braços e olhando pela janela. —E eu não estou mais participando dessa conversa.

—Certo, quero dizer três não são muitos. Inferno, eu beijei três garotos só no jardim de infância.

Eu tenho que lutar contra uma onda de risos.

Continua assim todo o caminho até a casa delas. Josie fez o ato inocente, mas estou confiante de que ela sabe exatamente como atormentar sua irmã. Isso me lembra muito como Cooper e eu agimos quando estamos juntos.

Depois de alguns desvios por causa de neve pesada, eu finalmente chego na casa delas e paro na entrada da garagem.

—Quer entrar e tomar um pouco de chocolate quente? — Josie pergunta animadamente.

Eu olho para Bailey, imaginando o que ela quer que eu faça, e para meu alívio, ela sorri e encolhe os ombros.

—Eu iria sugerir a mesma coisa, mas ela acabou comigo.

Quando nós saímos e andamos pela calçada, Bailey pega a minha mão antes que eu possa pegar a dela. Nós seguramos tanto as mãos hoje, que eu deveria estar de saco cheio, mas não estou. Eu não consigo me lembrar da última vez que eu só quis segurar as mãos de alguém assim. Parece bobo, mas ainda assim eu não consigo parar com isso..

Nós deixamos nossos sapatos na entrada e Bailey se vira para a irmã dela.

—Josie, por que você não vai fazer o chocolate quente? Eu vou falar com Matt por um segundo.

—OK! Eu vou escolher um filme também!

Bailey sorri fracamente enquanto sua irmã entra na cozinha. —Desculpe, você provavelmente não achou que sairia com uma adolescente esta à noite.

—Eu acho ela engraçada.

Bailey revira os olhos. —Bem, por favor, não diga isso a ela. Agora vamos, eu vou te dar o *grand tour.*

Se é possível, a casa delas tem ainda mais decorações natalinas do que na última vez em que estive aqui. A árvore de Natal pela qual passamos está coberta com tantos enfeites que corre o risco de tombar. Há alguns presentes debaixo da árvore, não tantos quanto eu tinha quando cresci. Eu estreito meus olhos, tentando ver se algum deles é de Bailey, mas ela me puxa antes que eu possa dar uma boa olhada.

—O carpete é velho e manchado. Ignore isto. É dos anos 80, e só piorou quando criamos um cachorro por umas três semanas no ano passado. Não demorou muito para eu perceber que não poderia lidar com a criação de Josie *e* um filhote de cachorro que não fosse treinado. Quero dizer, Josie *mal* é—, ela brinca com um sorriso.

Se ela acha que eu estou olhando para o tapete dela, ela é louca.

—Agora isso—, ela diz, observando a parede com um brilho nos olhos. —Aqui nós temos um revestimento de madeira classe A.

—Que chique—, eu digo com um sorriso.

—Você não pode simplesmente ter este tipo de acabamento de alta qualidade em qualquer casa velha.

Eu rio e ando em sua direção para que eu possa envolver minhas mãos em torno de sua cintura e combinar nossos passos, enquanto ela continua andando de volta para seu quarto. —E o papel de parede estilo anos 70 no banheiro à frente? — Eu pergunto, cutucando meu queixo em direção a ele.

Ela dá um tapinha no meu peito provocativamente. —A coisa mais rosada e mais feia que você já viu.

Chegamos a uma porta ao lado do banheiro e ela se aproxima para girar a maçaneta, seus olhos voltados para mim enquanto ela faz isso. —Você está pronto para ver a atração principal? — Ela pergunta, balançando as sobrancelhas.

Eu sorrio e empurro-nos para frente até que a porta se abra e estou de pé no limiar do quarto de Bailey.

A primeira coisa que noto é a cama de solteiro. Eu tenho que sufocar um gemido. Mesmo? Uma cama de solteiro? Eu não faço sexo em uma cama de solteiro desde meu primeiro ano de faculdade, não que estamos prestes a fazer sexo. Ainda.

Ela segue o meu olhar e morde seu lábio. —É, eu tenho a intenção de melhorar. Não quero desaponta-lo ainda mais, mas, isso é duro como pedra.

Eu aceno e deixo cair minhas mãos enquanto passo por ela, ansioso para descobrir os segredos de Bailey Jennings.

Em vez de uma mesa de cabeceira, ela empilhou livros didáticos pré-medicina ao lado de sua cama para que ela possa descansar um copo de água e o que parece ser uma cópia *incompleta* do *When Breath Becomes Air,* um livro que li no dia em que foi lançado.

—Você está julgando—, Bailey acusa, cruzando os braços ao lado da porta.

Eu entro mais e faço um giro lento. —Eu não estou. Mesmo. — Eu olho para ela com um sorriso. —É justo. Você conseguiu bisbilhotar meu quarto quando eu estava bêbado. Agora eu deveria fazer o mesmo.

Ela ri e balança a cabeça. —Na verdade, eu não fiz. Eu estava com muito medo do que encontraria na sua mesa de cabeceira.

—Não há nada muito terrivelmente chocante. Um pacote de preservativos. — Eu dou de ombros despreocupadamente. — Algumas mordaças de bola.

Ela solta uma risada, e então seus olhos se arregalam e ela empurra a cabeça para o corredor.

—Oops. — Não estou acostumado a prestar atenção no que digo. —Eu não acho que ela ouviu. Além disso, estou brincando.

Bailey me deixa olhar em volta do quarto dela. Eu olho seus livros (ela tem bom gosto), testo sua cama (dura como pedra, como prometido), e depois paro quando percebo que não há muito mais. As paredes dela estão nuas, sem nenhuma decoração. Nem uma cabeceira a cama dela tem. O colchão de molas dela está no chão.

Josie grita da cozinha que o chocolate quente está pronto e *O Elfo* está começando na TV.

—Ninguém te ajudou a decorar? Eu pergunto enquanto volto para o corredor. Eu pergunto enquanto volto para o corredor.

Bailes desconversa. Eu ainda não tive tempo para isso.

Eu não comprei a resposta dela, especialmente quando passamos pelo quarto de Josie e vejo que está cheio até a borda. Ela tem duas estantes totalmente abastecidas com o que parece ser todo o conteúdo da seção juvenil da Barnes & Noble. Pôsteres de One Direction e um cara chamado Ansel Elgort cobre a parede acima de sua cama. Ela tem uma pequena escrivaninha, pufe e um tapete listrado azul e branco.

Isso confirma tudo o que eu já sei sobre Bailey.

Quando chegamos na sala de estar, Josie confiantemente reivindicou o meio do sofá. Ela tem um cobertor sobre as pernas, uma tigela de pipoca no colo e a caneca de chocolate quente

esfriando na mão. O controle remoto está posicionado na outra, apontado para a TV.

—*Vamos*, vocês dois—, diz ela, impaciente.

—Josie, por que você não chega para lá—, sugere Bailey, acenando para o lado esquerdo do sofá.

O nariz de Josie se contorce em protesto. —O que? Mas você sabe que eu gosto de ficar no meio. A almofada tem um belo recuo da minha bunda.

—*Josie*, — Bailey assobia, obviamente tentando transmitir algo para sua irmã, que a garota de quatorze anos de idade, perde completamente.

Seu lábio inferior se projeta. —Mas eu gosto de ficar no meio.

Então é isso. Bailey e eu somos forçados a sentar um de cada lado dela. Eu me vingo com uma risada enquanto nós nos encaramos por sobre a cabeça dela.

—Desculpe—, Bailey fala sem emitir um som sequer, me dando um meio sorriso derrotado.

Eu estendo meu braço ao longo das costas do sofá e escovo meu polegar para trás e para frente em seu ombro.

—Quieto! — Josie insiste. —O filme está começando!

A ironia é que a própria Josie fala através do filme inteiro, apontando seus personagens favoritos e explicando-me por que certas piadas são engraçadas, em seguida, olhando para ver se eu também estou rindo.

Eu rio porque não há mais nada a fazer. Esta noite não é nada como eu pensei que seria.

Eu pego Bailey olhando para mim de vez em quando. Há tensão entre nós, e durante partes mais lentas do filme, não posso deixar de reviver momentos da festa, especificamente cada segundo que passamos juntos naquele banheiro. Eu me mexi no sofá e me inclinei para tirar o casaco.

Então fico em pé para pegar água e Bailey se levanta para se juntar a mim, explicando a Josie que ela precisa me mostrar onde estão os copos.

—OK! Vou fazer uma pausa.

Bailey ri. —Oh bom.

A cozinha delas fica bem colada na sala de estar, pequena e tão velha quanto o resto da casa. Bailey vai até um armário e pega um copo, e vou por trás dela, com as mãos nos quadris, virando-a lentamente na minha direção.

Seus olhos se arregalam em choque, em seguida, seu olhar se dirige para a sala de estar. —O que você está fazendo? — ela sussurra.

Em resposta, eu inclino minha cabeça e a beijo lentamente. Minha boca reclama a dela e minhas mãos se curvam em torno de sua bunda, puxando-a para mim até que nossos quadris se encontram. *Porra.* Eu *preciso* dela.

Nosso beijo se torna mais quente enquanto eu tento transmitir todo o tormento que sinto, mas então a voz de Josie entra na cozinha e nós nos afastamos.

—Ei! — Ela grita. —Você poderia me trazer um pouco de água também, por favor?

Bailey se vira para o armário e pega outro copo. —Sim! Entendi!

Obviamente, não presto atenção ao resto do filme. Meu foco é em Bailey. Cada pequeno movimento que ela faz, toda vez que ela sorri ou ri. Estou hipnotizado, excitado e ligeiramente aborrecido. A hora de dormir de Josie não é as 8 da noite.

Eu suspeitava que a neve estava se acumulando lá fora, mas eu não pensei muito nisso. Quando o filme acabou e as xícaras de chocolate quente estavam vazias, eu enfrento o fato de que provavelmente não posso dirigir para casa. Nós três ficamos na porta, olhando para a entrada da garagem. Uma espessa camada de neve cobre meu carro.

—Você não deveria dirigir—, diz Bailey, batendo no vidro. —Olhe como as ruas estão cheias de gelo.

—Sim, aposto que as estradas estão tão ruins quanto. Você só tem que ficar aqui. — Josie assente antes de se virar para olhar para nós. —Mas, espere, onde ele vai dormir?

CAPÍTULO 27

BAILEY

—No sofá! — Eu grito com força demais. —Ele vai ficar no sofá, é claro.

Matt sorri com o quanto estou nervosa, mas me recuso a encontrar seus olhos. Essa charada inteira durou o suficiente. As últimas horas foram absolutamente insuportáveis. *Oh sim, por favor, vamos todos sentar e assistir a um filme juntos enquanto visões de Matt naquele banheiro dançam na minha cabeça. Que ideia sensata!*

Estou queimando por dentro e estou preocupada que Josie possa dizer alguma coisa. Eu juro que estou corada da cabeça aos pés, uma cereja de tamanho humano. Eu acho que torci minhas mãos durante toda a última metade do filme. Meu coração não diminuiu seu ritmo. Eu estou uma bagunça nervosa e excitada.

Amaldiçoo o tempo enquanto caminho até o closet no final do corredor, aliviada por ter, por acaso, lençóis limpos e um cobertor para Matt. Não há almofadas sobressalentes, então eu pego um na minha cama e corro para arrumar o sofá para ele.

—Eu posso ajudar—, diz ele, pegando os lençóis.

Eu balancei minha cabeça inflexivelmente. —Não. Eu faço isso. Por que você simplesmente não... fica ali, está bem?

Eu o coloco ao lado da árvore de Natal e juro que seus olhos estão cheios de diversão.

O espaço é necessário. Se não estivesse tão frio, eu o faria ficar do lado de fora. Se ele se aproximar de mim novamente, se ele tentar me beijar como fez na cozinha, vou dar a Josie um espetáculo que vai assustá-la por toda a sua vida. Minha irmãzinha não precisa ver isso. Ela ainda é tão jovem e ingênua. Ela até pergunta a Matt se ele quer algo para ler.

Ele deve parecer confuso porque ela continua: —Eu leio antes de dormir todas as noites e isso me ajuda a dormir. Aqui, vou buscar uma coisa para você.

Eu quase grito para ela ficar parada, mas ela já desapareceu no corredor. Matt caminha em minha direção e eu começo a trabalhar mais rápido. Aquele lençol e cobertor são colocados tão rapidamente que eu provavelmente deveria entrar em contato com o Best Western mais próximo, para trabalhar em tarefas domésticas.

—Obrigado por me deixar ficar—, diz ele atrás de mim, sua voz suave como um veludo.

Eu me viro e dou um rápido aceno à ele e uma reverência. Uma reverência, porque é que as coisas estão tão estranha essa noite.

Se Josie não estivesse aqui, teríamos feito sexo quatro vezes.

Eu sei disso. Ele sabe disso.

Deus, isso é terrível.

—Aqui está! — Josie diz, voltando para a sala com uma pilha de livros. —Você leu *Os Jogos Vorazes*? A série é meio antiga agora, mas é boa. Este é o primeiro livro.

Matt sorri e aceita, prometendo ler algumas páginas antes de dormir.

Eu me ocupo limpando os pratos e desligando a árvore de Natal e escovando os dentes. Eu visto uma camisola de flanela e botões e um par de meias felpudas. Só me ocorre depois que eu poderia ter escolhido uma roupa mais sexy para dormir, mas isso seria complicado, já que não tenho nenhum pijama sexy. Era isso ou uma camiseta grande demais.

Quando termino, me arrisco a ir ara a sala de estar.

Matt está sentado no sofá, em cima dos cobertores, verificando seu telefone. Sua camisa está aberta, mas além disso, ele não se trocou. Ele olha para cima e seu olhar pega a minha camisola. Eu olho para baixo para garantir que eu não perdi um botão ou qualquer coisa, mas não, tudo está no lugar. Eu poderia facilmente passar por uma criança de dez anos em uma festa do pijama.

—Fofo—, diz ele com um sorriso irônico.

Mordo o lábio inferior e finalmente penso em perguntar: — Você quer algumas roupas? — Eu olho como se estivesse avaliando-o. —Eu tenho uma camiseta grande que deve servir, ou talvez eu possa te fazer uma toga com um lençol?

Ele sorri. —Estou bem. Vou tirar minha camisa quando todos estiverem dormindo.

Josie termina no banheiro e depois vem para o meu lado.

—Noite Matt! Espero que você goste do livro. — Ele também lhe diz boa noite e ela se vira para ir para seu quarto, mas depois faz

uma pausa na porta e olha para mim. —Bailey, você não vai para a cama também? Vocês não vão ficar acordados até tarde sem mim, vão?

Ela está preocupada que vai perder a diversão, como se nós fossemos trazer bolinhos e uma bola de discoteca assim que ela estiver na cama.

Eu olho para Matt, tentando encontrar alguma razão para eu precisar falar com ele sozinho, mas nada vem à mente.

—Eu... — Tudo o que vejo é o seu rosto perfeitamente bonito sorrindo para mim. Ele acha isso engraçado. Ele ama o quanto estou me contorcendo. Eu suspiro, finalmente aceitando o fato de que esta noite não é a noite para Matt e eu. —Não, não vamos ficar acordados até tarde. Eu também vou para a cama. Noite Matt.

Josie passa o braço ao redor do meu como se estivesse me acompanhando pelo corredor. É tudo inocente. Eu realmente não acho que ela percebe o que está fazendo, mas é engraçado mesmo assim. Eu a coloco em seu quarto com ordens estritas de não ficar acordada até tarde. Ela me lança dois polegares para cima e depois pula em sua cama.

Entro no meu quarto escuro e solitário e fico de pé do lado de dentro da porta, sem saber o que fazer. Eu não posso dormir. Não posso voltar lá enquanto Josie está acordada. Com um suspiro, ando até minha cama e apoio meus travesseiros para que eu possa me encostar contra eles e ler. Bem, pretendo ler. Meu livro é um adereço inútil. Eu nem me incomodo em virar as páginas. Eu me sento lá, mastigando meu lábio inferior e pensando no que Matt poderia estar fazendo. Certamente ele não está lendo *Jogos Vorazes* como se

fosse uma noite qualquer. Eu me pergunto se ele tirou a camisa agora que Josie e eu estamos em nossos quartos.

Bom Deus, se aquele homem está lá fora sem camisa, no meu sofá, eu vou... Eu não sei... Eu não posso terminar o pensamento. Eu tenho que abanar meu rosto.

Já chega.

Eu largo meu livro, empurro a cama e saio para o corredor. A lâmpada de Josie ainda está acesa no quarto dela. Eu vejo a luz fraca espreitando por baixo de sua porta, então eu viro e vou para o banheiro. Eu fecho a porta e olho para o meu reflexo. Não foi uma boa ideia vir aqui. Estar neste banheiro me lembra de estar *naquele* banheiro com Matt.

Eu espirro água no meu rosto, seco-o e, em seguida, abro a porta.

Uma luz pálida brilha na sala de estar e eu dou um passo hesitante em direção a ela antes que o medo me atinja. *Não! Isso é estúpido!* Eu deveria aceitar o fato de que nada mais vai acontecer hoje à noite, deitar na minha cama e ir dormir.

Eu deveria fazer isso... Eu vou fazer isso... Eu tenho toda a intenção de fazer isso, exceto que eu não faço.

Eu ando na ponta dos pés até o final do corredor, tomando cuidado para ficar mais quieta quando passo pelo quarto de Josie, então me pressiono contra a parede e espreito minha cabeça pela esquina.

Matt está sentado na beira do sofá, com a cabeça nas mãos. *Jogos Vorazes* está esquecido na mesa de café em frente a ele.

Ele tirou a camisa, mas seu travesseiro e seus cobertores ainda estão exatamente onde eu os coloquei, intocados. Ele está sentado lá, arrastando as mãos pelo cabelo como eu estava fazendo agora. Ele parece agitado e não estou surpresa. Ele provavelmente está chateado porque nossa noite foi prejudicada pelo chocolate quente e *Elfo*.. Não é exatamente uma noite sexy...

Eu estudo os contornos de sua pele lisa e bronzeada, os músculos de seus ombros e bíceps. Ele é muito grande para esse sofá, para esta casa, na verdade.

Ele balança a cabeça como se estivesse decidindo algo e depois olha para cima. Eu congelo quando seu olhar colide com o meu.

Eu fui pega.

Bisbilhotando.

Eu pressiono meus lábios para não falar. Nenhum de nós diz uma palavra. Josie nos ouvirá se fizermos isso.

Ele ainda está inclinado para a frente com os cotovelos apoiados nos joelhos. Ele não se move enquanto olha para mim. Eu quero que ele me dê algum sinal de que ele está feliz em me ver de pé aqui, mas a única orientação que tenho que seguir é a tempestade se formando em seus olhos. Aqueles não são os olhos de um homem que quer deitar e ir dormir.

Eu dou um passo hesitante de trás da parede e ele se senta em linha reta.

Eu abraço meu corpo e dou outro passo em direção a ele. Então outro.

Ele não se move e ele não me encontra no meio do caminho.

Eu começo a tremer um pouco enquanto continuo andando, nervos me atravessando. Eu poderia ter errado em meu julgamento, mas é tarde demais para voltar. Eu já estou muito perto e no momento em que estou ao seu alcance, a mão de Matt dispara e me puxa com força entre as pernas dele. Suas palmas mornas seguram a parte de trás dos meus joelhos, e eu estou tão fora de mim que nem é engraçado. Seu rosto está no mesmo nível do meu peito. Meus dedos tecem seu cabelo espesso, desaparecendo nos fios escuros. Eu me inclino um pouco e ele joga a cabeça para trás. Nossos lábios roçam e é gentil a princípio, um beijo provocativo, que poderia ser mais se quiséssemos. Suas mãos roçam as parte de trás das minhas coxas e então seus dedos se apertam em minha pele. É o primeiro sinal de sua impaciência, seguido rapidamente por um gemido baixo. Ele inclina a cabeça e aprofunda nosso beijo; sua língua toca a minha, e eu tento juntar minhas coxas, se ele não estivesse atualmente separando-as. Ele se inclina para trás para que eu possa subir em seu colo, e faço exatamente o que ele quer que eu faça. Minha camisola amontoa-se em minha cintura e prendo meus joelhos em cada lado de seus quadris. Suas calças do terno roçam minha calcinha e não posso evitar de rolar meus quadris reflexivamente. A maneira como suas mãos apertam meus quadris me permitem saber que ele gosta disso. Ele me balança para frente e para trás contra seu comprimento enquanto sua boca provoca a minha. Estamos nos unindo e encontrando um ritmo.

Estou enlouquecendo.

Ele esta incrivelmente duro.

Suas mãos estão em toda parte: no meu cabelo, nos meus quadris, embalando minha cabeça para que ele possa inclinar meu queixo para cima e beijar meu pescoço. É tão inebriante quando seus dedos provocam o botão superior da minha camisola. *Sim*, eu acho. Estou mais do que pronta para sentir as mãos dele na minha pele nua, para ele me tocar em lugares que eu apenas imaginei, mas felizmente meu cérebro acorda antes de ficarmos muito empolgados.

Minha irmãzinha ainda está acordada, a dez metros de onde estamos nos agarrando. Se vamos fazer alguma coisa nesta casa, tem que ser no meu quarto, com a porta trancada e (de preferência) uma banda alta se apresentando no corredor.

Eu me afasto e quebro nosso beijo.

O olhar de Matt encontra o meu, suas sobrancelhas se juntam em confusão.

Ele acha que estou pisando nos freios.

Não, você é idiota.

Vou mudar de lugar.

Eu me arrasto do sofá, estendo a mão e puxo-o atrás de mim. Nós atravessamos a sala em meio segundo. Estamos no corredor, apertando os dedos na boca e abafando o riso antes de empurrá-lo para o meu quarto, fechar a porta e congelar.

Eu ouço qualquer som de Josie mexendo em seu quarto ou o barulho sutil de passos no tapete.

Um silêncio feliz me cumprimenta.

Eu sorrio e me viro para Matt.

Nós podemos nos safar dessa.

Eu fico na frente dele, a meio quarto de distância enquanto minhas mãos encontram os botões da minha camisola.

Eu realmente vou fazer isso? Eu me pergunto mesmo quando meus dedos começam a se mover por vontade própria. Meu estômago treme quando o primeiro botão é aberto. Então o próximo. O ar frio atinge meu peito e um arrepio envolve minha espinha enquanto abro o terceiro botão. Seus olhos correm para onde minhas mãos estão trabalhando e o ar frio é substituído por um calor abrasador. Minhas mãos começam a tremer e o quarto botão se mostra especialmente complicado.

Ele fica exatamente onde está, me observando enquanto me dispo para ele. Ele ainda está usando calças do terno, mas seus pés estão descalços. Seu cabelo está desarrumado, mas suas feições são tão afiadas e calculistas como sempre. Sem sua camisa, ele é uma parede de pele bronzeada e músculo rígido. Minha boca enche d'água e eu engulo, admirada com o efeito que ele tem em mim. Nenhuma palavra, nenhum toque, apenas ele, de pé no meu quarto, sombreado pelo luar.

—Continue—, ele pede, sua voz rouca e baixa, e eu percebo então que eu parei, preocupada demais em olhar para ele.

Eu forço a minha atenção até a minha camisola e acho o quinto botão. Os dois lados se abrem somente o suficiente para revelar um pouco do decote. Minha pele está brilhando como porcelana no

quarto escuro, e enquanto eu trabalho para abrir o sexto botão, Matt praticamente rosna e anda até mim.

Ele me alcança em dois longos passos, agarrando minha cintura com uma mão e usando a outra para empurrar o tecido de flanela do meu ombro direito. O material grosso raspa em minha pele sensível enquanto sua boca encontra a base do meu pescoço, minha clavícula e, em seguida, o centro do meu peito. Ele se curva diante de mim e beija ao longo da minha pele até que ele atinge a curva do meu peito exposto pela minha camisola. Seus dedos empurram a flanela de lado reverentemente, me mostrando. *Finalmente. Meu peito arfa enquanto ele olha para baixo, quase em reverência. Seu dedo traça meu mamilo e, em seguida, ele me puxa no mesmo momento em que o pega com a boca, chupando e beijando com um fervor que eu nunca senti. Meus joelhos cedem, mas ele me segura, arrastando sua língua através de mim.*

Calor se espalha pelo meu corpo enquanto continua me adorando. Quase parece que sou eu quem está fazendo a sedução, o que não poderia estar mais longe da verdade.

Ele é o único no controle, soltando outro botão da minha camisola, por isso é fácil empurrar do meu outro ombro. O tecido fica aos meus pés e estou de pé diante dele em nada além de calcinha de seda e meias vermelhas felpudas.

De pé diante dele assim, parece que há muito mais dele do que de mim. Suas mãos são maiores que as minhas. Ele é mais forte, mais velho, mais confiante. Ele se curva para beijar meu outro seio e minhas mãos percorrem suas costas, tentando sentir cada contorno de músculo, cada centímetro de pele aquecida.

Ele envolve suas mãos em meus quadris e me empurra para a minha pequena cama. Não adianta tentar acompanhar seus movimentos hábeis. Estamos recuando ao mesmo tempo em que suas mãos deslizam para dentro da minha calcinha e seguram minha bunda. Ele usa seu aperto para me trazer contra ele e seu comprimento duro mói em mim. Eu posso senti-lo pelas calças. Eu sei o quão pacientemente ele está esperando. Por horas... *semanas*.

Ele sussurra contra a concha do meu ouvido, me dizendo o quanto ele quer me sentir envolta dele.

Seus quadris rolam e meus olhos se fecham. Ainda há camadas de roupas entre nós, mas as faíscas estão lá, me avisando. Eu não quero gozar assim, apenas com seus quadris moendo contra os meus.

Mas eu vou, se ele continuar.

Eu imploro a ele que diminua a velocidade porque estou me desfazendo com muita facilidade, mas ele não se importa. Minha calcinha de seda roça a pele excessivamente sensível enquanto ele continua sua sedução. Sua mão desliza para baixo e ele passa os dedos sobre mim, em cima do tecido. Ele é implacável e eu estou brava com ele, louca por ele estar fazendo isso comigo quando estamos tão perto de sentir pele na pele, tão perto da coisa real.

Ele me beija implacavelmente e continua me provocando até meus dedos começarem a enrolar, até eu me render completamente ao começo de um orgasmo. Eu não me importo com nada agora que estou tão perto. Eu posso sentir os arrepios começarem a escorrer pela minha espinha e, de repente, ele me puxa para trás e me deita na cama. O choque do ar frio me empurra para longe da borda.

Se eu estava com raiva antes, agora estou em chamas. Eu subo e vou até ele, puxando as calças ao mesmo tempo em que ele as abre e empurra para baixo. Elas estão no chão e suas cuecas são as próximas. Eu perco o fôlego quando finalmente vejo seu comprimento. Minha reação deve ser engraçada porque ele ri e me empurra de volta para a cama.

—Não está tão brava agora? — ele brinca antes de sua boca encontrar a minha.

Um beijo.

Deus, parece que tem séculos desde que a boca dele esteve na minha, mas foram apenas alguns segundos. Eu me lembro por que estamos aqui, porque eu estou espalhando minhas coxas e implorando para que ele continue, para finalmente deixar isso acontecer. Minha raiva queima e não há nada além de uma necessidade que consome tudo.

—Precisamos ficar quietos—, ele avisa quando sua mão se arrasta pelo meu corpo. Seus dedos agarram a borda da minha calcinha e eu cavo minhas unhas em seus ombros. Ele empurra o topo do tecido e então a palma dele me cobre. Já estivemos aqui antes, seus dedos afundando em mim, mas desta vez é infinitamente melhor porque seu peso está em cima de mim, sua pele nua e aquecida cobrindo a minha.

Eu ofereço um pedido inaudível e ele balança a cabeça, inclinando-se para me beijar.

Seu dedo afunda dentro de mim novamente, se aprofundando mais.

—Você quase nos entregou mais cedo—, ele me lembra. —Talvez não devêssemos fazer isso.

Mesmo quando ele me ameaça, seus dedos se arrastam para fora e depois para dentro, me esticando, me provocando.

Meu orgasmo, aquele que ele roubou de mim um segundo atrás, vem rugindo de volta à vida, e se ele continuasse fazendo *aquilo*.

—Eu não vou dar um pio—, eu prometo quando o meu olhar encontra o dele. Meus dedos envolvem os lados de seus bíceps e eu uso toda a minha força para mantê-lo lá em cima de mim. Seus olhos estão encobertos enquanto ele olha para mim. Eu arqueio minhas costas e meus seios roçam em seu peito. —*Por favor*—, eu sussurro desesperadamente, e finalmente, um gemido silencioso sai dele e ele reivindica minha boca.

Minha calcinha é tirada e, graças a Deus, ele é rápido com a camisinha que ele pegou da carteira, porque eu estou morrendo lentamente enquanto ele se ajeita entre as minhas coxas, e entra em mim... devagar...bem devagar e então todo de uma só vez. Um gemido sai de mim quando eu finalmente gozo, daquela única e forte estocada. Fogos de artifício dançam por trás dos meus olhos fechados e a boca de Matt cobre a minha. Seu beijo é doloroso e mordaz e ele está com raiva de mim por quebrar minha promessa de ficar quieta. Ele me pune quando empurra com mais força de novo e de novo. Eu gostaria de poder dizer a ele que não estou no controle. Meu corpo é dele, esses membros e boca e esse ponto delicioso no centro das minhas coxas são seus para fazer o que quiser. Eu gostaria de poder dizer a ele que isso não é punição. Isto é um presente.

Ele se ergue em suas mãos e usa como alavanca para sua vantagem. Com um aperto confiante, ele levanta meu joelho dobrado para que minhas coxas se abram mais para ele. Uma de suas mãos pressiona minha perna no colchão e ele rola seus quadris, moendo em um ângulo que eu nunca havia experimentado antes.

Minha respiração está difícil, porque tenho uma mão na boca. Estou com medo de que eu involuntariamente vá gritar de novo. Minha outra mão está em toda parte, agarrando seus cabelos grossos, arrastando para baixo em suas costas. Sinto seus músculos se moverem e eu me entrego e aperto sua bunda dura enquanto ele empurra para dentro de mim de novo e de novo.

Sua boca está no meu ouvido e ele está se desculpando por não poder durar muito mais, que esta noite foi muito tortuosa e prolongada. Então ele se levanta e morde o lábio e se concentra em onde nossos corpos estão se encontrando. O suor se acumula em sua testa e eu estou tirando fotos para lembrar mais tarde: os músculos retesados de seu abdômen enquanto ele rola os quadris, a tensão em sua mandíbula enquanto ele tenta afastar seu orgasmo, a suavidade em seus olhos enquanto seu olhar se encontra ao meu.

Ele tira o cabelo do meu rosto e eu levanto o queixo convidando-o.

Ele se abaixa e me beija, lentamente, me provocando. Minha língua se enrola na dele e ele move as suas mãos para o meio das minhas coxas. Eu adoraria poder dizer que eu realmente lutei e tentei segurar aquele segundo orgasmo, mas a verdade é que depois de apenas algumas horas, Matt conhece o meu corpo bem demais. Seu dedão me esfrega num ritmo compassado com suas estocadas e

eu estou destruída. Eu não consigo aguentar outro. Você vai me matar, eu digo a ele.

Ele ri roucamente e deixa cair a boca no meu peito, levando o mamilo à boca. É a sua resposta, e é tão confiante quanto ele respondendo descaradamente, *sim, sim. Agora vem.*

Eu sei, e desta vez, eu consigo ficar quieta como um rato de igreja, principalmente porque estou preocupada em ver Matt gozar. Ele não consegue mais segurar e eu beijo sua bochecha, implorando para ele gozar também. Seus ombros se dobram e seu rosto cai na curva do meu pescoço. Seus quadris se movem e é quase doloroso o quão profundo ele está em mim. Os dedos dele se enrolam com os meus por cima de minha cabeça, ao mesmo tempo que ondas de prazer correm no corpo dele. Eu estou perdida nessa sensação, no delicioso êxtase de fazer um homem como Matt se desmanchar em pequenos pedaços.

Ele fica em cima de mim, com nossas respirações voltando ao normal e os detalhes da vida real começam a voltar para nós. Pela primeira vez desde que começamos, estou ciente de quão pequena é minha cama de solteiro. Matt está quase caindo. Meu corpo está preso dolorosamente entre a parede e ele.

Eu arrasto a mão por sua espinha e ele geme, mas não se move.

—Você vai cair—, eu o aviso com uma risadinha.

Ele se desloca para a esquerda e me cobre ainda mais.

—*Matt*

—Shh, eu estou dormindo—, ele brinca, puxando a mão para cima e encontrando meu peito.

—Oh, tudo bem. Isso não parece dormir para mim, senhor.

Ele levanta a cabeça e seus olhos se abrem. Ele olha para mim por alguns segundos e minhas realizações são as seguintes: Matt e eu acabamos de fazer sexo, o melhor sexo, e honestamente, parecia que estávamos fazendo amor. Sim, essa palavra de quatro letras se insinua em minha mente como um penetra de festa. *Ohhh, você só queria uma aventura casual? Porque eu pensei que seria mais divertido se nós caíssemos de cabeça.*

Suas sobrancelhas se juntam em questionamento e ele levanta a mão para limpar minha bochecha com o polegar. Oh querido Deus. Essas são lágrimas que ele está limpando.

Quando eu comecei chorar?!

—Eu machuquei você? — Ele pergunta, profundamente preocupado.

Eu balanço minha cabeça no meu travesseiro enquanto seu dedo se curva abaixo do meu queixo para que ele possa inclinar meu rosto para ele.

—Você está bem?

Eu concordo.

Ele me dá um sorriso de derreter calcinha. —Eu fui tão bom que você perdeu a capacidade de falar?

Eu tento esconder meu rosto em minhas mãos, mas ele não me deixa.

—Você quer que eu mude de assunto?

—Desesperadamente.

—Ok, mas se ajudar, você parece adorável agora.

Eu solto uma risada e seu olhar atira para a porta do meu quarto. Oh Deus, eu esqueci completamente que preciso ficar quieta. Eu sou muito ruim nisso. Eu pressiono um dedo nos meus lábios para que ele saiba que eu não vou estragar nossa noite novamente. Ele sai de mim e fica de pé, e *em um passe de mágica*, agora sou presenteada com uma magnífica visão de seu traseiro enquanto ele caminha em direção à porta do meu quarto. Ombros largos, cintura fina, traseira muito bonita. Em tudo, eu lhe daria um 10/10, e digo-lhe isso.

—Pare de olhar para minha bunda e venha. Eu preciso que você saia primeiro e confirme que a barra está limpa—, ele diz baixinho, olhando para mim por cima do ombro. Algo o faz parar e eu toco minha bochecha para ter certeza de que não tenho lágrimas residuais, mas não acho que seja isso. Seu olhar se arrasta languidamente pelo meu corpo e *oooh, certo. Estou nua.* Os homens são criaturas tão simples. Quando seu olhar finalmente encontra o meu novamente, eu tento ignorar o brilho travesso que vejo lá e, em vez disso, volto para a minha tarefa.

Eu me sento e sussurro: —O que acontece depois de verificar se a barra está limpa?

—Então nós entramos no banheiro e nos lavamos—, ele diz, como se fosse óbvio.

—Eu quis dizer *depois* disso.

Ele ri e balança a cabeça. —Então, vamos ver com que facilidade você pode colocar dois adultos em uma cama feita para formigas. —Eu devo parecer preocupada porque ele acrescenta: —Bailey, eu não vou dormir no sofá. Vou definir um alarme no meu celular e voltar para lá antes que sua irmã acorde. Ela nunca saberá.

Ele diz tudo isso enquanto caminha confiante de volta para mim. Eu faço um movimento para sair da cama, mas ele é mais rápido. Ele se abaixa e agarra meus joelhos, me puxando para que minha bunda esteja bem na borda. Eu acho que ele vai me ajudar, mas em vez disso, ele me empurra de volta para baixo com uma mão no meu peito.

Meu coração pula na minha garganta. —Eu pensei que nós íamos para o banheiro—, eu digo, a voz fraca.

Ele está olhando para baixo entre as minhas pernas, um olhar drogado em seus olhos. —Estamos... assim que eu terminar.

—*Matt*—, eu aviso, mas não adianta.

Ele sorri e fica de joelhos. —Tente não acordar toda a vizinhança dessa vez.

Eu joguei minhas mãos sobre a minha cabeça em derrota. Eu duvido que vamos dormir esta noite.

CAPÍTULO 28

MATT

Na manhã seguinte, a música natalina toca ao volume máximo, uma nova camada de neve reveste o chão do lado de fora, um bule de café fumegante espera ser servido e eu estou tentando tirar uma espátula de madeira da mão de Bailey.

—Entregue, Matthew, ou então me deixe ajudar.

Essa é sua provocação e não posso deixar de rir. Ela é minúscula. Eu poderia pegá-la com dois dedos e depositá-la em outro lugar.

Minha sobrancelha arqueia e, com um puxão, pego a espátula da mão dela e a seguro sobre a cabeça. De repente, eu me sinto como um valentão da escola. Eu vou prendê-la em um armário da próxima vez.

—Você não pode simplesmente ir desfrutar do seu café na sala de estar? — Eu aperto a mão no peito dela. —Vá se ajeitar no sofá e assistir a neve caindo. Isso não parece algo legal de fazer?

Isso é difícil para ela, eu fazendo o café da manhã. Em vez de me ouvir, ela fica na cozinha, perguntando se eu preciso de ajuda com qualquer coisa. Eu misturo ovos e frito um pouco de bacon, os quais eu tive que correr pela rua para comprar antes que ela e Josie acordassem. Sua geladeira tinha apenas quatro itens quando eu

chequei esta manhã, e nenhum deles parecia apto para consumo humano.

Eu ponho um pouco de pão na torradeira e ela corre, explicando-me como funciona.

—Ohhhh, eu entendo—, eu respondo, como se iluminado para a arte de fazer torradas pela primeira vez na minha vida. —Você coloca o pão nas duas pequenas fendas e empurra para baixo bem *aqui*. Consegui. Eu sempre achei que havia mais.

Meu sarcasmo não teve nenhum efeito nela. Ela vai para a geladeira. —Por que eu não faço um suco de laranja espremido na hora?

Ela se abaixa e procura nas gavetas vazias, sem dúvida tentando encontrar a laranja que vi antes. Ela estava mofando, tinha quase uma colônia inteira de fungos lá. Agora ela está no lixo.

—Bailey—, eu repreendo, deixando cair minhas mãos em seus ombros e direcionando-a para a sala de estar. Ela tenta cavar os calcanhares, mas meu tamanho torna uma briga inútil. —Quando foi a última vez que alguém cozinhou para você?

Ela franze a testa para mim, tendo que pensar muito. —Josie tentou me fazer panquecas há alguns meses, mas ela disparou o alarme de fumaça e, então uma dúzia de bombeiros apareceu. — Ela acena com a mão. —Foi uma complicação só.

Josie, que está sentada no sofá comendo cereal (que eu também comprei), sorri orgulhosa. —Foi realmente muito legal. Um deles me deixou experimentar seu uniforme.

Eu rio e volto para Bailey. Seus olhos dizem: *Por favor*, *deixe-me ajudar.* Balanço a cabeça, inclino o queixo e estou prestes a dar-lhe um beijo casto quando percebo que sua irmã está nos observando. Em vez disso, endireito-a e empurro-a suavemente para o sofá. — Sente. — Ela tenta se levantar. —*Não*. Eu disse, sente-se. — Eu recuo e levanto minhas mãos. —Fique.

—Você está falando comigo como se eu fosse um cachorro—, diz ela incisivamente.

—Se você fosse, talvez você realmente escutasse.

Ela estreita os olhos antes de eu voltar para a cozinha. Para o crédito de Bailey, ela fica parada durante os dez minutos que levo para terminar o bacon e os ovos. Eu faço nossos pratos, encho nossas canecas de café, e então arrumo a mesa.

Bailey está tocada pelo gesto. —Você não tem que fazer tudo isso—, diz ela, acenando para a comida e para o buquê de flores que eu peguei no caixa, por um capricho. Me senti um tolo mais cedo, como se talvez fosse um pouco demais, mas então Bailey saiu de seu quarto, esfregando os olhos de sono e arrastando os pés. Ela fez uma pausa, o rosto congelado, a boca aberta, e então ela perguntou muito lentamente: —São para mim?

Um milhão de respostas surgiram em minha mente, nenhuma das quais parecia apropriada naquele momento, então resolvi um simples —Feliz Natal.

Eu nunca vi alguém exagerar tanto com algumas malditas rosas. Ela as cortou cuidadosamente e colocou em um vaso. Elas

estão na mesa entre nós agora, e ela as está olhando enquanto dá uma grande mordida em seus ovos mexidos.

Josie opta por terminar seu cereal na sala de estar. Aparentemente, há algum tipo de maratona de filmes de férias na TV que ela não quer perder.

—Matt, isso é incrível. — Bailey sorri.

—Não é nada. Eu me faço café da manhã todas as manhãs.

Ela olhar para mim. —Você sabe o que eu quero dizer. Eu realmente gostei disso.

—Como você vai me agradecer? — Eu pergunto, esperando que Josie esteja muito apaixonada por seu filme cafona para pegar minha insinuação.

Os olhos de Bailey se iluminam. —Eu posso te dar seus presentes!

—Presentes, mais de um?

Ela salta da cadeira e sai correndo da sala. Um segundo depois, uma caixa embrulhada cai no meu colo. Há um laço rosa bem no topo.

—Abra, abra! — ela insiste.

Eu tenho um estranho desejo de protestar. *Se eu abrir isso agora, o que terei para abrir na manhã de Natal?* Mas então lembro que sou um adulto, não um menino de dez anos. Sem mencionar que não quero matar a excitação de Bailey. Eu começo a desembrulhá-lo e eu sou tão cuidadoso com o laço e o papel de embrulho que é como

se eu fosse para casa e colocar tudo em um álbum de recortes. Bailey percebe.

—Deus, você é meticuloso com *tudo*? Eu deveria saber que um cirurgião não iria apenas rasgar um papel de presente com total abandono.

—Ha há—, Eu zombo, esticando o papel de presente na mesa só para provocá-la. Então eu dobro ele em dois, e de novo, como se fosse um livro.

Ela está quase convulsionando com impaciência.

Há fita na parte superior da caixa. Eu levo minha mão em direção a ela e exijo —Bisturi.

Ela finge puxar o cabelo, claramente irritada com minhas piadas, então eu abro rapidamente, confuso com a forma que ela me encara.

Seu sorriso é autoconsciente. —É um pequeno placar, sabe, para a cesta de basquete em seu consultório.

Eu ri. —Impressionante.

Eu pego para ver como funciona e meu olhar pega a segunda coisa que Bailey colocou na caixa.

Uma foto minha.

Uma foto minha com chifres de diabo e um rabinho vermelho.

Ela molha os lábios antes de esclarecer: —Isso é, bem... você deve ter ouvido falar, mas é uma foto que estava pendurada no salão da equipe.

—Que presente criativo—, eu respondo secamente.

—Não é realmente um presente. — Ela inclina a cabeça em consideração. —Eu acho que tirá-lo foi tipo um presente, mas eu acho na verdade, eu, é... fui eu que colocou lá, pra começo de conversa, o que anula a história do presente. Você não acha? — Meus olhos captam os dela e ela oferece um sorriso desamparado. —Foi antes de eu trabalhar para você. Kirt estava chorando, realmente fazendo uma cena, então eu fiz isso para fazê-lo rir.

—Você desenhou os chifres do diabo?

Ela faz uma careta. —Culpada. Por favor, não me odeie.

Se eu for honesto, é realmente muito engraçado que Bailey tenha sido a culpada pela foto. Quero dizer, fala sobre uma reviravolta do destino.

—Você pode tirar uma foto embaraçosa de mim e pendurá-la na sala dos médicos, se quiser! — ela acrescenta apressadamente. —Só para igualar a pontuação.

Meu olhar se equilibra com o dela e eu respondo o mais seriamente possível. —Tudo certo. Você pode posar para mim depois do café da manhã.

Seus olhos se arregalam quando ela pega meu significado e ela cora da cabeça aos pés.

—Matt

Eu sorrio e coloco a foto de volta na caixa. —Estamos quites.

—Você não está bravo?

—De modo nenhum. Na verdade, eu amei meus *dois* presentes. Agora termine seu café da manhã. Preciso ir checar June, enquanto as estradas ainda estão limpas, e você pode vir comigo se quiser.

Ela procura o garfo. —Sim!

Os dias que antecederam o Natal passam rapidamente. Eu planejava tirar o máximo proveito de um consultório vazio para por em ordem o trabalho, mas de alguma forma isso não acontece. É fácil ver onde eu errei, e é em grande parte da minha incapacidade de dizer não para Bailey. Naquele primeiro dia, depois de verificarmos June, passamos por uma feira ao ar livre com vendedores que vendem presentes de Natal de última hora. Há um coral, food trucks e até um pequeno rinque de patinação.

—Temos que levar Josie! — Bailey exclama, o rosto e as mãos pressionados contra a janela do passageiro. —Ela vai adorar!

Então, claro, nós levamos. Mas, primeiro, paramos em minha casa para que eu tomar um banho e vestir roupas limpas. Depois que me enxugo, eu volto para o meu quarto com uma toalha enrolada na minha cintura e encontro Bailey arrumando algumas das minhas roupas em uma das minhas mochilas.

—O que você está fazendo? — Eu pergunto, olhando para baixo para ver o que ela está arrumando. Existem uns 45 pares de meias, mas não muita roupa.

—Achei que seria mais fácil para você ter algumas roupas na minha casa.

—Oh?

Ela se vira para mim em pânico, o rosto de repente pálido. —A menos que eu esteja errada? Oh merda... Isso era apenas uma coisa de uma noite?

Antes que eu possa responder, ela começa a virar a mochila e derramar o conteúdo na minha cama. Assim como eu suspeitava, são todas as meias. Pelo menos há uma variedade sortida.

Eu ri. —Não, Bailey. Eu ia mesmo arrumar algumas roupas e você começou bem.

Ela me observa enquanto eu entro no meu armário para pegar uma calça jeans e uma camisa de flanela.

—Espere, hum... antes de se vestir...

Sua voz se esvai quando ela esfrega o braço, limpa a garganta e olha para o teto. Eu carrego minhas roupas para o meu quarto e as coloco no banco em frente à minha cama. Eu sei que ela está sugerindo que façamos sexo, e a ideia dela pensar que eu ia sair da minha casa sem fazer isso primeiro é adorável.

Eu sorrio zombando. —Termine sua frase.

Ela se vira e torce o nariz, em seguida, fecha os olhos como se estivesse imersa em pensamentos. —Eu só ia dizer... porque você tem uma cama king size e só ficamos na minha cama de solteiro na noite passada... — Eu vou em sua direção e começo a puxar sua camisa para cima. Ela levanta os braços obedientemente e sua

camisa é jogada no chão. —Sem mencionar que a casa está vazia e Josie acha que ainda estamos com June... — Eu desabotoo sua calça jeans e começo a deslizá-la por suas pernas. —Realmente faz sentido que nós façamos sexo agora mesmo! — ela finalmente termina com uma expiração pesada.

Eu sorrio e me inclino para beijá-la.

—Engraçado, eu ia sugerir a mesma coisa.

Na manhã seguinte ao feriado, me forço a passar algumas horas no hospital. Preciso checar alguns pacientes e acompanhar o trabalho, mas isso não dura.

Bailey: Você já terminou?

Matt: Eu só estou aqui há algumas horas. Acabei de terminar com meus pacientes.

Bailey: Bem, nossa árvore de Natal está oficialmente morta. Aparentemente, há um número finito de decorações que uma pequena árvore pode suportar. Acho que teremos que pegar uma nova. Pobre coitada se dividiu em dois.

Então ela envia uma foto de Josie inclinada sobre a árvore, franzindo a testa e fazendo um sinal de reprovação.

Eu me pergunto se Bailey nunca tem um dia normal e chato. De alguma forma, duvido.

Naquela noite, nós dirigimos para uma fazenda de árvores e tivemos sorte quando vimos que todas as árvores estavam à venda.

—Duh! — Josie diz do banco de trás. —É véspera de Natal amanhã!

Eu nem percebi. Porcaria. Eu deveria ter ligado para minha mãe dias atrás, mas isso me escapou completamente. Ela provavelmente desistiu do meu lugar na mesa de jantar de Natal, ou se não, ela terá encomendado uma versão minha de papelão para colocar lá. Provavelmente seria tão jovial quanto costumava ser durante as férias.

Deixo Bailey e Josie para percorrer as árvores e dizer-lhes para encontrar uma boa, e então volto para o meu carro para ligar para minha mãe.

—Bem, se não é um milagre de Natal—, ela brinca logo que atende.

Eu sorrio. —Ei. Desculpe, está uma loucura esses dias.

—Eles não são sempre? Deixe-me adivinhar, você está no consultório agora, trabalhando mesmo que você esteja aproveitando as férias?

Eu esfrego a nuca e me viro a tempo de ver Josie apontando para a parte de trás do lote, onde eles guardam os monstros, e então ouço-a dizer ao atendente: —Estamos procurando por algo maior!

Oh senhor.

—Na verdade, eu estou em uma fazenda de árvores com Bailey e sua irmã.

—*Bailey*... — Ela diz o nome como se estivesse tentando sacudir sua memória.

—A mulher que estou saindo—, eu esclareci no mesmo momento em que ela exclama: —Sua assistente cirúrgica?! A mulher que Cooper trouxe como encontro para o casamento de Molly?

Eu vejo quando Josie aponta para o que eu juro ser a maior e mais larga árvore em toda a parte e depois pede ao atendente para embrulhar. Bailey se vira para mim e levanta as mãos como: *O que vamos fazer?*

Eu rio e balanço a cabeça. Há 110% de chance de eu ir dirigindo para casa com aquela árvore presa ao teto do meu Prius.

Minha mãe faz um barulho engraçado, *ora vejam que interessante*. —Então ela te tirou do consultório, hein?

Eu suspiro. —Parece que sim.

—Eu vou ser condenada. Você vai passar o dia de Natal com ela também?

Bailey deixou claro que eu seria bem-vindo. Bem, tecnicamente, Josie foi a primeira a insistir nisso. —*Você tem que ir! Bailey faz os melhores pães de canela do mundo! É uma tradição natalina!*

—Eu devo.

—Bem, porque você não as tráz para a casa. Serão apenas alguns de nós. Seu tio Pat e sua esposa estão chegando, e Molly e Thomas estão de volta da lua de mel, então também estarão lá. Cooper está em Cincinnati.

—Ok, deixe-me ver com Bailey e eu te falo.

Espero que Bailey não recuse a ideia de passar o Natal com a minha família eu não tenho coragem de falar com ela até estarmos na metade do caminho para casa. Está demorando mais do que o normal porque, com a árvore no teto, mal consigo ver o para-brisa.

—Mesmo?! Eu adoraria ir à casa dos seus pais no Natal! — ela diz, sorrindo. —Honestamente, o feriado pode ficar um pouco solitário com apenas Josie e eu, e é um incômodo fazer toda aquela comida para apenas duas pessoas. Nós geralmente pulamos direto para a sobremesa. Ela se vira para o banco de trás. —O que você acha, Jos? Você quer ir?

Josie se inclina para frente e apoia a mão no meu banco. —Que tipo de comida estamos falando? O peru padrão e recheio?

—E presunto também, provavelmente.

Seus olhos se estreitam em séria contemplação. —Haverá caçarola de batata doce?

—Sempre.

—Cozido de feijão verde?

Meu sorriso se alarga. —Definitivamente.

—Quantas opções de sobremesa, mais ou menos?

—Josie—, Bailey corta, olhos arregalados em alerta.

—Pelo menos meia dúzia—, eu me orgulho.

—Pãezinhos frescos?

Eu sorrio, sabendo muito bem que eu a conquistei. —Minha mãe usa uma velha receita familiar. Dizem que ela usa meio pedaço de manteiga para cada um.

Ela sorri e bate no meu encosto de cabeça duas vezes. —Tudo bem então. Eu vou usar as minhas calças largas. —

CAPÍTULO 29

BAILEY

EU estou tão alegre na manhã de Natal que poderia muito bem ser a Sra. Noel. Eu acordo antes do sol e tenho o cuidado de não acordar Matt enquanto eu saio da cama. Para o registro, ele é um grude com os braços, e eu tenho que puxar simultaneamente meu corpo debaixo de seu braço e deslizar um grande travesseiro fofo em meu lugar. Isso serve como uma luva.

Eu sou um pequeno Elfo fazendo o lance do Papai Noel enquanto ando na ponta dos pés pela sala de estar. Eu coloco meias na mesa de café para Matt e Josie. Matt é caseiro (Josie se divertiu ontem com letras de feltro e uma pistola de cola quente), e com certeza, é um pouco maluca - ela fez o MATT tão grande que teve que colocar o último T nas costas, mas é a intenção que conta. Encho ambas as meias com doces: bombons de cereja para Josie e o chocolate amargo que pude encontrar para Matt. Josie e eu gememos em protesto quando ele nos disse que era seu deleite favorito.

Uma vez feito isso, eu acendo a árvore e tiro o —presente de Papai Noel— de Josie. É tradição. Eu sempre embrulho algumas coisas para ela, mas o presente real, o grande *kahuna*. Sempre fica embrulhado na frente da árvore, esperando que ela corra, veja e grite de alegria. No ano passado, foi um Kindle. Este ano, eu economizei, juntei, e consegui comprar ingressos para ver *Harry Potter e a Criança Amaldiçoada* na Broadway. Vamos pegar um trem

para a cidade e fazer isso um dia inteiro. Estou tonta só de pensar nisso. Ela definitivamente vai gritar, talvez até chorar. Eu deveria configurar meu telefone para gravar tudo.

Depois que tudo está arrumado na sala de estar, eu vou para a cozinha, onde a verdadeira mágica acontece na manhã de Natal.

Acendo a luz e a sala silenciosa e vazia envia uma pontada diretamente ao meu coração. Eu tenho cuidado dos feriados. Depois de tantos anos sem meus pais, eu aprendi que é uma ladeira escorregadia me debruçar sobre a ausência deles nessa época do ano. Nos primeiros anos sem eles, Josie era tão jovem, para ela, não importava tanto que nossos pais não estivessem conosco, desde que houvesse presentes esperando por ela debaixo da árvore. As bugigangas da loja de um dólar iluminaram os olhos e um jantar com um peru congelado foi tão bom quanto qualquer outro. Enquanto isso, tudo o que eu queria fazer era me enrolar em uma bola e deixar de existir, mas com Josie confiando em mim, eu me recompunha e aumentava o meu espírito natalino.

Nos anos seguintes, começamos a incorporar cada vez mais meus pais às festividades. Isso não me assusta tanto quanto costumava. Agora nós penduramos os enfeites vintage da minha mãe na árvore, e toda vez que *Feliz Navidad* toca no rádio, nós cantamos com toda a força como o meu pai costumava fazer. Minha tradição favorita é assar pães na manhã de Natal. É algo que minha mãe e eu costumávamos fazer juntas. Ela e eu acordávamos primeiro e tomávamos cuidado para ficar o mais quietas possível enquanto íamos para a cozinha, para que não acordássemos meu pai e Josie.

Seus pãezinhos de canela revestidos de bordo eram de outro mundo. Até hoje, Josie fala sobre eles todos os dias de dezembro, discutindo isso até cansar, cada pequeno detalhe que os faz tão deliciosos. O pensamento me faz sorrir quando eu puxo o livro de receita de uma lata e passo meu dedo sobre ele. Eu sei que não deveria. As instruções da minha mãe estão escritas a lápis e já estão desaparecendo, mas eu simplesmente não consigo me controlar. Estar aqui agora me faz sentir mais perto dela, como se ela e eu ainda estivéssemos fazendo isso juntas.

Deus, eu sinto falta dela.

—Ugh, eu poderia jurar que já cheirava a pãezinhos de canela, mas devo ter sonhado.

Eu me assusto e viro para ver Josie parada na porta da cozinha, esfregando os olhos de sono. Seu cabelo loiro está preso em todas as direções e há uma pequena baba seca no queixo. Sua camisola diz: *Tudo que eu quero para o Natal é sua comida*.

—Ah não. Eu não te acordei, não é?

Ela envolve os braços em volta de si mesma para se aquecer e balança a cabeça. —Não. Eu estava muito animada para dormir.

Eu arqueio uma sobrancelha. —Você não entrou na sala ainda, não é?

Seus olhos se iluminam com a percepção de que há presentes com o nome dela esperando no outro cômodo. Ela se vira como se estivesse se preparando para correr.

—Espera! — Eu imploro. —Ajude-me a assar os pães primeiro. *Por favor*? Vamos ver seus presentes em um minuto.

Ela geme e eu posso dizer que ela realmente quer ir ver seus presentes, mas algo no meu tom deve faze-la entender o que eu não estou dizendo, sobre as memórias de andarmos na ponta dos pés com tanto cuidado, porque ela cede e caminha até mim. Seus braços envolvem minha cintura e ela descansa a cabeça no meu ombro.

—Feliz Natal, Bailey—, ela diz melancolicamente.

Eu me inclino e beijo sua testa. —Feliz Natal, Josie.

Estou animada para ir para a casa dos pais de Matt para o Natal, mas eu gostaria que ele tivesse falado um pouco antes, como talvez *antes de* todas as lojas fecharem. Eu gostaria de trazer algo para sua mãe: uma vela, uma toalha de chá... não sei. Eu nunca tive um namorado, então eu nunca tive que impressionar a mãe de um namorado, então eu vou fazer como acho que Reese Witherspoon ou Joanna Gaines fariam, e elas com certeza trariam um presente para Sra. Russell.

Matt me garante que não importa, mas quando eu insisto, ele cede e nós passamos em sua casa para pegar um vinho a caminho de casa. Eu me sinto muito melhor embalando aquela garrafa no meu colo. Josie também me ajudou a fazer biscoitos de bolas de neve depois do café da manhã, então entre os dois presentes, a sra. Russell terá que gostar de mim. Certo?

Pelo menos eu pareço apresentável. Eu estou vestindo um suéter de cashmere vermelho. Eu nunca tive nada de cashmere

antes e meu Deus, como esse material é macio? O suéter foi presente da Josie. Quando abri esta manhã, meu primeiro pensamento foi: *OMG EU AMEI.* Meu segundo pensamento foi: *Oh Deus, como Josie se deu ao luxo disso?* Eu poderia tê-la acusado de roubo antes que ela me mostrasse que estava tirando a neve da calçada da Srta. Murphy e tirando o lixo dela nos últimos dois meses para que ela pudesse comprar algo para mim. Foi um gesto tão doce que eu chorei. Josie me disse para me recompor, mas as lágrimas continuaram. Esta manhã foi um soco emocional após o outro. Como, por exemplo, Matt conseguiu se esgueirar o suficiente nos últimos dias para conseguir um presente para Josie e eu. Eu não estava esperando nada, mas quando ele deu um presente para cada um de nós, as lágrimas voltaram.

Josie gemeu. —Honestamente, você precisa de um minuto para se recompor?

—Não! Estou bem. Eu juro! — Eu protestei, ranho escorrendo pelo meu rosto. —Aqui, deixe-me usar seu pijama para limpar meu nariz.

Josie abriu o presente primeiro.

—É um diário—, disse Matt, um pouco nervoso. —Eu pensei que como você gosta de ler tanto, você pode gostar de escrever também.

O que é esse sentimento doloroso? Ah, sim, meu coração está inchando dez vezes o tamanho normal e invadindo todos os meus outros órgãos.

Ele roçou a parte de trás do pescoço conscientemente. —Além disso, há um vale-presente da Barnes & Noble no fundo da sacola, caso você odeie isso.

Josie, a garota que nunca teve dificuldades para encontrar palavras, ficou sem palavras. Ela olhou para o diário e assentiu. Matt pigarreou e pegou a xícara vazia de café, inspecionou o conteúdo e depois o colocou de volta.

—Além disso, eu tenho o recibo na minha carteira se-

Ela balançou a cabeça rapidamente. —Não! É perfeito.

Então ela embalou-o contra o peito como se fosse um filhote de passarinho quando Matt se inclinou para frente para pegar uma sacolinha vermelha da mesa de café para mim. Eu peguei dele com um sorriso e comecei a tirar o lenço de papel com cuidado. No fundo havia uma pequena caixa de veludo preto.

Uma caixa de anel.

OH MEU DEUS. UAU. CEDO DEMAIS. MAS SIM, OK!

Eu puxei a caixa para fora de lá e o abri, um *SIM* preso e carregado na minha língua até que meus olhos registraram que não havia um, mas dois diamantes aninhados na caixa, e eles estavam presos a tarraxas, não a uma faixa.

—Brincos—, eu disse devagar, imediatamente lamentando não mostrar mais entusiasmo.

ELES SÃO BRINCOS – MALDITOS – DE DIAMANTES, BAILEY! Recomponha-se!

—Eu sei que joalheria é meio clichê, mas você sempre usa seu cabelo preso no trabalho...

Josie levantou a mão para impedi-lo de continuar. —Toda garota quer diamantes. Você fez bem.

—Bailey? — ele perguntou.

Minha boca se abriu e as palavras deveriam estar se derramando, mas meu cérebro não conseguia aguentar o choque dos últimos minutos. Eu literalmente pensei que Matt estava me propondo casamento depois de uma semana de namoro. Eu enlouqueci.

—Eles são lindos—, eu sussurrei, esperando que ele não examinasse muito a minha reação.

Vou colocá-los agora e já abri o espelho do visor do carro de Matt duas vezes para inspecionar como eles ficam nas minhas orelhas. Enrolei meu cabelo e puxei-o em um rabo de cavalo para que eu pudesse mostrá-los. Combinado com o suéter vermelho, não me lembro de uma época da minha vida em que me senti mais bonita.

—Você gosta deles? — Matt pergunta do banco do motorista, olhando para mim.

—Eles são perfeitos—, eu respondo, pegando a mão dele e embalando-a no meu colo.

—Tudo bem, chega com essas coisas melosas—, Josie geme no banco de trás. —Alguém pode ligar música natalina? Estou pronta para cantar! —

CAPÍTULO 30

BAILEY

Normalmente, eu me sentiria um pouco triste em ver as festas de fim de ano, mas esse ano é diferente. Estou pronta para começar a trabalhar novamente. Estou ansiosa para voltar para a sala de cirurgia com o Matt. Sua agenda estará lotada por causa dos casos que tivemos que remarcar para a cirurgia de June, mas eu já disse a ele que estou disposta a trabalhar tanto quanto ele precisar de mim. Nós vamos resolver isso juntos.

Mesmo que esteja pronta para voltar ao hospital, não posso acreditar como foram rápidas as férias. Matt e eu passamos quase todos os momentos juntos. Nós estávamos com a família dele no dia de Natal. Depois de dominar uma rodada de charadas, seus tios e tias abraçaram entusiasticamente Josie e eu como se fôssemos da família. Sua mãe me fez sentar ao lado dela durante o jantar, e ela até me mostrou furtivamente fotos embaraçosas de Matt e Cooper quando eram bebês. Naquela noite, Matt e eu alegremente nos amontoamos na minha cama de solteiro.

Nos dias que se seguiram, nós (eu) assamos biscoitos e os comemos direto do forno. Nós estragamos Josie e a levamos para gastar a maior parte do vale-presente da Barnes & Noble. Ela tem livros suficientes para durar uma vida inteira, embora eu tenha medo que ela termine todos eles em uma semana.

As coisas estão se movendo rapidamente entre Matt e eu. Este não é apenas um caso casual e, embora eu esteja pronta para ir com tudo, eu me preocupo que possa ser demais para Matt, porque eu começo a notar uma mudança sutil em seu comportamento no fim de semana antes de retornarmos ao hospital. Começa quando voltamos para casa depois do jantar, na sexta-feira, e eu pergunto alguma coisa, nada importante, na verdade, mas ele não responde. Eu olho para ver que ele não estava nem ouvindo. Quando chegamos em casa, eu tenho coragem de perguntar se está tudo bem, e ele afasta minha preocupação como se não fosse nada e me puxa para um beijo, preocupações que se danem.

Sábado, levamos Josie para ver um filme e ele não assiste a um único minuto. Claro, ele está sentado lá, olhando para a tela, mas sua mente está em outro lugar. Eu sei por que falamos sobre isso no caminho para casa e Matt nem pode nomear o personagem principal. Josie brinca com ele sobre isso, mas eu fico quieta, imaginando se fiz alguma coisa para ele se arrepender sobre nós.

No jantar, eu o vejo checando seu e-mail incessantemente e, naquela noite, acordo para vê-lo sentado na beira da cama, com a cabeça entre as mãos.

No começo, acho que ele está doente.

São 2:30 da manhã. *Por que ele está acordado?*

—Matt? Você está bem?

Ele se levanta e olha para mim por cima do ombro. —Sim eu estou bem. Eu só não consegui dormir.

Ele pega à mão que eu estendo para ele. Algo não parece certo. Eu nunca suspeitei dele mentindo para mim, mas eu juro que ele não está sendo honesto agora.

—Você tem certeza? Você quer que eu te dê um pouco de água ou algo assim?

—Não, eu não preciso de nada. — Ele se desloca e rasteja de volta sob os cobertores para chegar até mim.

Eu sou gananciosa por seu calor e me aconchego ao lado dele. É o meu lugar favorito.

—Parece que você esteve muito preocupado nos últimos dias—, eu me arrisco, escovando o dedo para frente e para trás contra seu peito.

Ele suspira. —Eu devo saber sobre essa concessão a qualquer momento. Isso é o que tem estado em minha mente.

Claro! Eu deveria ter percebido. Eu o ouvi conversando sobre isso com seus pais no dia de Natal, mas eu estava muito longe para pegar a conversa toda.

Alívio se espalha em mim. Eu estava realmente preocupada que ele estivesse tendo reservas sobre nós.

—Isso é excitante, Matt. Você vai me contar sobre isso?

Seu braço envolve-me e ele me aproxima ainda mais. —Certo. De manhã. Nós deveríamos dormir.

Essa conversa nunca acontece. No dia seguinte, Matt tem que ir ao hospital cedo, e quando ele volta para minha casa, eu termino de

fazer lasanha e Josie a leva direto para a mesa que ela está preparando. Então, ela passa a dominar a maior parte da conversa do jantar, e eu não me importo porque estou ocupada assistindo. Eles têm um relacionamento tranquilo. Ele parece tão relaxado ao redor dela, como se ele não pudesse deixar de sorrir para sua visão ridícula da vida. Depois que terminamos de comer, Matt se oferece para lavar a louça e, por oferta, quero dizer que ele me tira forçadamente da cozinha.

Um dia passa, outro também e a concessão é a última coisa em minha mente.

Estabelecemos um padrão feliz, com o qual eu poderia facilmente me acostumar. Matt e eu operamos juntos três dias por semana e ele fica na minha casa quase todas as noites. Compartilhamos minha minúscula cama de solteiro e seus hábitos de abraços crescem descontroladamente. Em breve, terei que construir um forte de travesseiros entre nós apenas para dormir um pouco. Eu secretamente amo isso.

Eu faço o jantar para ele e Josie na maioria das noites, ou quando temos uma cirurgia tardia, optamos por comprar pronta. Matt insiste em pagar por mantimentos, já que é ele quem come a maior parte da comida. O atum é uma coisa do passado e eu não poderia ser mais grata. Nós assistimos filmes com a Josie nos fins de semana e escapamos para encontros de vez em quando, geralmente só correndo para a casa dele para fazer sexo sem nos preocupar se Josie fosse nos pegar no meio da ação. Além disso, aproveito ao máximo sua lavadora e secadora. Enquanto nossas roupas secam, nós voltamos direto para a cama.

É o melhor mês da minha vida, semanas tão cheias de felicidade que esqueço completamente a concessão até chegar ao trabalho uma segunda-feira e encontrar metade do hospital do lado de fora do consultório de Matt, se debatendo para entrar.

Há balões amarrados na maçaneta da porta e risadas se espalhando pelo corredor. Eu não consigo chegar a três metros da porta. Eu não posso nem *ver o* interior para tentar decifrar o que poderia estar acontecendo.

No começo, eu suponho que tudo isso seja uma empolgação sobre June, porque ela deu alguns passos sozinha na fisioterapia outro dia, embora isso não faça sentido, porque isso é muito exagerado.

Alguém abre caminho pela multidão com um bolo que diz: *Parabéns!* Outra pessoa grita: —Dr. Russell, você é o *cara*!

Eu localizo Erika pairando na parte de trás da multidão, ficando na ponta dos pés para tentar ver em seu consultório. Eu vou na direção dela e pergunto o que está acontecendo.

Ela se vira e seus olhos se arregalam. Suas mãos seguram meus ombros e ela me balança para frente e para trás. Meu cérebro balança na minha cabeça. —Oh meu Deus! Não acredito que ele tenha conseguido!

—Conseguiu o que? — Eu pergunto, estupefata.

—O MacArthur Grant[10]!

[10] Conhecido comumente não oficialmente como " Genius Grant ", é um prêmio concedido anualmente pela Fundação John D. e Catherine T. MacArthur.

OH MEU DEUS!

Minha mão cobre minha boca de excitação. Eu não posso acreditar! Ele provavelmente está pirando! Olhe para todas essas pessoas aqui para celebrar com ele. Eu nunca ouvi falar do MacArthur Grant, mas soa extravagante como o inferno.

—Isso é incrível!

—Eu sei! Aparentemente, ele recebeu financiamento total para sua clínica de coluna na Costa Rica! Isso não é insano?! Espera. —Ela sacode a cabeça e ri. —Por que estou *dizendo* isso?

Espera. *QUE?!*

Clínica da coluna?

Costa Rica?!

Eu pisco e tento entender o que isso poderia significar. Costa Rica, esse é um subúrbio chique de Boston ou algo assim? Certamente ela não está se referindo ao país a um milhão de quilômetros de distância de onde eu estou atualmente.

—É tão louco! Eu não posso acreditar que você guardou segredo também—, ela continua. —Nenhum de nós sabia que ele estava concorrendo até esta manhã, quando descobrimos que ele venceu. Aposto que ele anda nervoso.

Eu rio sem entusiasmo. —Oh sim. Super nervoso.

Suas sobrancelhas franzem e ela inclina a cabeça, me estudando. —Ele não disse a você que ele ganhou?

Eu sacudo minha cabeça diversas vezes e então admito a triste verdade. —Não. Quero dizer, não conversamos hoje de manhã...

Ele não me disse que ganhou. Ele não me disse nada sobre a concessão ou a clínica da coluna ou o que isso poderia significar para nós. Quero dizer, eu sabia que ele estava esperando para receber *uma* concessão, mas eu pensei que seria apenas dinheiro que poderia ir para um trabalho pro Bono aqui, ou, eu não sei, mais fontes de chocolate no salão dos médicos. Eu não tinha ideia de que ele estava tentando abrir uma clínica em outro país.

Eu sinto que o chão está cedendo debaixo de mim. Estou sonhando? Eu comi muita sobra de doces de Natal na noite passada e agora este é um estranho pesadelo induzido pelo açúcar? Eu pressiono a mão contra o meu estômago e tento me estabilizar, e agora Erika está realmente preocupada em saber como estou recebendo as notícias. —Estou confusa, vocês dois não estão namorando? Todos assumiram como você agiu na festa de Natal, e vocês são inseparáveis no hospital desde...

Dou-lhe uma espécie de meio aceno com a metade da minha cabeça. Sim, claro, pensei que estávamos namorando. Todos os sinais apontam para nós como um casal. Eu estou usando diamantes que ele me deu. Ele está praticamente morando comigo. Ele beijou minha bochecha nas primeiras horas da manhã antes de sair para o trabalho hoje. Até este momento, eu pensei que nós tínhamos um futuro, mas isso está me dando um nó, e por que diabos há tantas pessoas aqui agora? Eu não poderia entrar em seu consultório nem se eu tentasse. Seria como tentar abrir caminho até a primeira fila

no Coachella[11]. Não, obrigada. É um pouco cedo demais para levar uma cotovelada na cabeça.

—Eu não queria incomodar você—, diz Erika, colocando uma mão no meu ombro em solidariedade.

Oh Erika, sua alma gentil. Você não é a culpada disso.

Matt é.

Matt com seus segredos estúpidos e seus grandes planos.

Eu sacudo minha cabeça. —Não é nada. Mesmo. Eu estou apenas um pouco confusa por causa dessa cirurgia que eu tenho daqui a pouco. Na verdade, é melhor eu ir até lá.

É uma desculpa tão boa que ela nem tenta me impedir. Eu ando entorpecida pelo corredor e longe do caos. O elevador se abre e um entregador sai com um buquê extra grande de arranjos comestíveis e uma braçada de balões. Há tantos, eu meio que me enrosco neles enquanto tento entrar no elevador.

—Oh, oops! — O entregador ri. —Aqui, deixe-me apenas...

Eu agito meus braços e chuto minhas pernas e solto um gemido gutural antes de finalmente me soltar do outro lado.

—Me desculpe por isso! Morte por balões, ha ha.

Eu mal consigo conter meu rosnado enquanto pressiono repetidamente o botão para fechar a porta no elevador. O andar cirúrgico está abençoadamente vazio quando eu chego. Não deveria

[11] É um evento anual de música e arte com duração de três dias, organizado pela Goldenvoice, uma subsidiária da empresa AEG Live

ser uma surpresa, considerando que todos os humanos no prédio estão no consultório de Matt se curvando e beijando sua bunda.

Vou direto para o escritório, confirmo nossa sala designada e começo a trabalhar.

Eu mantenho minha cabeça abaixada, mantenho o foco e deixo o ritmo do meu trabalho assumir.

Isso é o que eu sei.

Isso é o que eu amo.

É simples e metódico e, antes de Matt aumentar o meu coração para dez vezes o seu tamanho normal, foi o suficiente para me manter feliz.

Meus colegas de trabalho começam a aparecer quando termino minha preparação. Eu aceno para cada um deles e finjo um sorriso quando eles mencionam Matt ou a concessão ou todas as crianças na Costa Rica que serão afetadas pela clínica que ele vai abrir. Há uma corrente de excitação no ar. Todo mundo está feliz por estar trabalhando com Matt hoje, todos, menos eu.

Isso me deixa louca que todo mundo parece saber mais do que eu, e ainda mais louca que eu não deveria estar brava. Ele vai ajudar as crianças! Ele vai ser um herói! Eu não posso odiá-lo por isso, e ainda no fundo… estou com raiva. De forma agravante.

Estou pronta e em pé na mesa de cirurgia no momento em que ele entra.

Seu olhar está apontado diretamente para mim enquanto ele faz um caminho mais curto para o meu lado.

O anestesista tenta chamar sua atenção, parabenizá-lo, e Matt apenas lança um olhar em sua direção.

—Bailey, eu tenho tentado ligar para você a manhã toda.

—Nem toda.

—O que? — Ele pergunta, sobrancelhas franzidas.

Limpo a garganta, ciente de que todas as pessoas daquela sala interromperam o que estão fazendo para nos ouvir.

—Eu verifiquei o meu telefone quando eu estava vindo para o trabalho e eu não tinha nenhuma chamada perdida—, eu esclareci, voltando-me para o paciente. —Tudo está pronto para começar, Deixe-me pegar seu avental e vou ajudar a amarrá-lo.

Essa é a minha maneira de tentar dizer a ele, *não agora. Não na frente de todos. Por favor, não me diga que você está se mudando para a Costa Rica agora, porque eu definitivamente vou soluçar e gostaria de manter alguma dignidade na frente de meus colegas de trabalho, muito obrigada.*

Seus olhos se fecham com os meus e eles estão me implorando para fazer... alguma coisa. *O que? Fazer o que, Matt?!*

Eu me viro para recuperar seu avental e quando eu o amarro nele, não dizemos uma palavra. Enquanto saímos pela sala para a pausa, confirmando que estamos todos prontos para começar, eu olho para a galeria, para todos os rostos ansiosos olhando de volta para mim. Eles estão assistindo, esperando. Meu relacionamento incipiente com Matt provavelmente é tão interessante para eles quanto a cirurgia que eles vieram assistir.

—Bailey, é a sua vez—, diz Matt, sua voz distante e fria. É o cirurgião falando, é o que eu digo a mim mesma, então não tenho que me sentir magoada quando me viro e vejo que ele está me encarando como se nem me reconhecesse.

Sou a mesma pessoa que fui ontem, Matt.

Foi você que mudou.

Ele me encontra depois que eu termino de me higienizar. Estou andando pelo corredor quando ele sai de uma sala de recuperação pós-operatória e vem em minha direção. Sua presença poderia muito bem ocupar todo o maldito corredor. Ele é uns dez centímetros mais alto do que todos que ele passa. Seu cabelo é dez tons mais escuros. Ele vira cabeças sem sequer tentar.

Eu não decido conscientemente passar direto por ele. Eu tenho trabalho que preciso atualizar, mas ele bloqueia meu caminho e estreita o olhar para mim. Ele parece um gigante que quer me esmagar debaixo do sapato dele.

—Posso falar com você por um momento?

Tenho certeza que ele está esperando uma briga, mas eu não serei imatura sobre isso. Eu aceno e ofereço um sorriso de lábios apertados.

—Claro. Onde você gostaria de conversar?

Ele segura meu cotovelo e me puxa com força para uma sala de plantão próxima.

Beliches de metal estão empilhados contra uma parede. Uma mesa de madeira preenche o que sobrou do pequeno espaço. As luzes se apagam quando me viro para encará-lo e decido falar primeiro.

—Parabéns pela concessão, Matt. Estou muito feliz por você.

Espantoso, é a verdade. Independente de estar magoada, *estou* feliz por ele. Não consigo pensar em outro médico que mereça isso mais que ele.

—Eu ia falar sobre isso—, diz ele rapidamente, vindo em minha direção. Eu fico no meu lugar e ele só leva dois passos para me alcançar. Suas mãos envolvem meus bíceps e ele fala rapidamente, as palavras correndo uma após a outra. —Eu só não queria fazer alarde sobre isso até ter certeza se o comitê iria ou não me escolher. Havia todas as chances de outro cirurgião vencer. — Eu aceno, tentando duramente dar a ele o benefício da dúvida. —E eu não tinha certeza de como dizer: *Ah, a propósito, eu posso ter que me mudar para a Costa Rica em breve.*

—Então, ao invés disso, você optou por me manter no escuro—, eu explico com um sorriso triste.

Ele recua com minhas palavras. —Não, Bailey. *Não.* Eu queria preservar o que tínhamos antes de complicar *as coisas*.

Eu suspiro e aceno, triste por nós dois. —Desculpe, eu não quis dizer isso. Eu realmente queria que você tivesse me contado.

—Me desculpe, de verdade. Isso foi egoísmo meu.

Ele diz sempre as coisas certas e de alguma forma eu não estou sendo feita de idiota. Isso deveria evoluir para uma briga de casal normal, mas eu não dou a mínima. Só porque ele está deixando as coisas claras pra mim, não muda o fato de que agora ele vai embora.

—Quando você irá? — Eu pergunto, minha voz sem emoção.

Ele franze a testa. —Verão no mais tardar.

Bem, tem algum tempo ainda: alguns meses. Talvez possamos realmente fazê-los valer a pena. Talvez eu possa encher uma vida inteira de memórias com Matt antes de ele partir.

—Por favor, não fique com raiva, Bailey. Isso não precisa ser triste. Na verdade, eu estive pensando... — Ele se inclina para o meu nível dos olhos. —Você poderia vir comigo.

—Ir com você? — Eu repito em descrença.

A sugestão acende um fogo nele. Ele me solta e começa a andar rapidamente, a mão acariciando sua nuca.

—Sim. Venha comigo! Honestamente, venho considerando isso há semanas. Esta clínica vai ser impossível de funcionar sem você. Eu preciso de você do meu lado.

Eu estou balançando a cabeça, tentando manter o ritmo. Quando falo, pareço estar propondo a ideia mais ridícula que já ouvi. —Do que você está *falando*? Minha vida está aqui, Matt. Minha irmã está aqui. Eu não posso simplesmente largar tudo e partir.

Suas sobrancelhas franzem. —Josie virá também, claro. Eu quero que ela venha! Isto é perfeito. Você e eu vamos construir a clínica juntos. Você estará ao meu lado. Há professores que posso

contratar para Josie ou podemos matriculá-la em uma escola americana lá. Eu já pesquisei. Neste fim de semana, eu enviei um e-mail para um colega...

Ele está falando muito rápido, agindo como se isso fosse uma possibilidade real. De repente, sinto o desejo de vomitar.

—PARE! — Estou fervendo. —Simplesmente pare! Você está ligando e fazendo planos e ainda assim não ocorreu a você me *incluir* nesses planos? Jesus, você realmente acha que eu levaria Josie para outro país assim? — Eu estourei —Nós estamos namorando há algumas semanas, Matt. Se coloque no meu lugar. Pense no que você está me pedindo!

Só então, a porta do quarto de plantão abre e uma residente entra, esfregando os olhos. Quando ela olha para cima e nos vê, ela congela. —Oh droga. Desculpa. — Então ela se agita e sai do quarto.

Quero segui-la, mas em vez disso, respiro fundo e escolho minhas próximas palavras com muito cuidado. É mais fácil pensar quando mantenho minha atenção na porta e longe dele.

—Estou muito feliz por você ter ganho a concessão. Ninguém merece mais do que você. Eu gostaria que você tivesse me contado sobre isso, mas eu entendo porque você não falou. As coisas são novas entre nós e você não queria balançar o barco. Entendi. Eu te perdoo por isso. Eu só... preciso de um tempo para me acostumar com isso. Isso é tudo.

Ele balança a cabeça e me puxa em direção a ele pela frente da minha blusa para que ele possa envolver seus braços em volta de mim. Nós nos abraçamos e, a princípio, é a última coisa que quero.

Parece estranho e tenso. Eu não desisto. Eu mantenho meus braços pendurados ao meu lado em protesto silencioso. Meu olhar está focado na parede atrás de sua cabeça. Uma parte de mim quer se afastar e negar esse abraço, mas então seus braços se apertam em volta de mim e deixo minha testa cair contra seu peito, contra o meu melhor julgamento. Minha respiração diminui e minha raiva é fugaz, substituída por um desejo irresistível de aceitar esse pequeno conforto.

Ele mergulha sua cabeça descansando no meu ombro, e meu coração quebra um pouco com a ideia de que esta poderia ser uma das últimas vezes que estamos tão próximos um do outro. Quando a neve derreter e as flores desabrocharem novamente, ele desaparecerá.

—Isso não precisa ser o fim—, diz ele, esperançoso. —Essa concessão pode ser o começo de algo para nós dois. *Por favor,* pense sobre isso.

CAPÍTULO 31

MATT

Quando volto ao consultório, ele está de volta ao normal, bagunçado, mas pelo menos é a *minha* bagunça. Patrícia faz sua mágica em limpar todos e tudo para fora. Os balões e buquês foram enviados para os meus pacientes. Os biscoitos de felicitações, cupcakes e cestas de frutas foram distribuídos em diferentes salões ao redor do hospital. Eu serei o médico favorito de todos até o final do dia. Eu zombo do pensamento. Com o meu consultório de volta em ordem, é quase como se esta manhã nunca tivesse acontecido, mas infelizmente não é esse o caso.

—Os telefones estão tocando sem parar—, diz Patrícia, inclinando a cabeça pela porta e segurando uma pilha espessa de mensagens para mim. —Eu acho que todos na Terra estão tentando entrar em contato com você, mas eu disse à maioria deles que você está ocupado demais para conversar. Dr. Lopez está aguardando na linha um. Ele não comprou minha desculpa.

Eu arrasto meus pés caminhando para o telefone. Como a coisa mais próxima de uma figura paterna que Bailey tem, o Dr. Lopez não é exatamente alguém com quem quero falar no momento, mas não posso simplesmente ignorá-lo. Ele é tão educado, ele provavelmente esperaria na linha a tarde toda.

Eu fico em pé enquanto me conecto com a linha um, cumprimentando com um nó de apreensão no estômago.

—Dr. Russell! — Ele diz, seu tom cheio de emoção. —Se não é o homem do momento!

Eu me sinto desconfortavelmente quente.

—Ei Dr. Lopez, bom ouvir de você. Como está a sua aposentadoria?

—Oh, tudo bem. Um pouco chato, mas Laurie diz que ainda estou me ajustando a um ritmo mais lento. Verdade seja dita, eu peguei cerca de dez hobbies... Grelhar, jardinagem, marcenaria, nenhum dos quais eu realmente gosto ainda.

Eu dou uma risada superficial.

—Ouça—, ele continua. —Eu ouvi sobre a concessão. Que conquista. Você deve estar muito feliz.

Feliz? Tente deprimido como o inferno.

—É ótimo.

O Dr. Lopez murmura desconfiado. Talvez eu devesse fingir um pouco mais de entusiasmo. —Eu tenho recebido ligações sobre isso a manhã toda. Estou muito orgulhoso de você.

—Obrigado pela sua ligação. Significa muito.

—Enquanto estamos conversando, eu também queria perguntar, como está Bailey? — Aí está, a questão que faz meu coração cair. Eu devo hesitar por um momento a mais porque ele ri. —Não me diga que você já dispensou ela? — Só foram alguns meses juntos.

—Não. — Eu luto rapidamente. —Eu não fiz isso. Ela ainda trabalha para mim.

Eu posso ouvir o sorriso em sua voz enquanto ele continua, — Ótimo. Estou feliz em ouvir isso. Espero que você tente encontrar uma posição para ela no hospital antes de partir para a Costa Rica. A última vez que ouvi falar, a diretoria está procurando trazer outro cirurgião agora que você está indo embora, mas se isso não for uma boa opção para Bailey, diga a ela para me ligar. Eu posso verificar com alguns dos meus antigos colegas. Eu me preocupo com ela. — Ele suspira. —Você não está estressando muito ela, não é?

Estressando-a? Bem, acabei de propor que ela se mude para outro país comigo. Como isso pode ser estressante?

—Não. Eu estou pegando leve com ela—, eu minto.

—De alguma forma eu duvido disso. — Ele ri. —Bem, tudo bem, posso dizer que você não quer realmente falar agora. Você provavelmente está tão ocupado como de costume, então não vou segurá-lo, mas por favor, passe essa mensagem para Bailey e deixe que ela saiba que Laurie e eu estamos pensando nela. E parabéns novamente. O trabalho que você vai fazer na Costa Rica vai impactar muitas vidas. Você deveria estar orgulhoso.

Suas palavras aumentam minha culpa dez vezes.

Depois de desligar, eu me sento na minha mesa, olhando pela janela, imaginando como eu pude estragar tudo. Esta manhã acordei na cama com a Bailey. Agora, eu teria alguma sorte se ela sequer atendesse às minhas ligações. Quando Patrícia fala comigo pelo interfone e me lembra que estou atrasado alguns minutos para uma

consulta, suspiro e fico de pé, para poder ir em direção à sala de conferências.

Eu deveria ter contado à dr. Lopez a verdade sobre minha situação com Bailey e pedido seu conselho. Ele a conhece bem. Talvez ele pudesse ter me dito como proceder. Então o pensamento me faz sorrir. Okay, certo. Mais do que provável, ele teria mastigado minha bunda por ferir seus sentimentos em primeiro lugar.

Evidentemente, não sou bom em relacionamentos. Eu aperfeiçoei cada procedimento da coluna vertebral do livro, mas quando se trata de assuntos do coração, eu sou um completo idiota. *Ainda bem que não fiz residência em cardio.*

Eu passo o resto do meu dia, tento manter o foco e faço um trabalho ruim com isso. Depois de misturar dois prontuários e quase fazer um exame pré-operatório na pessoa errada, decido pedir a Patrícia para adiar todo o resto da minha agenda e sair cedo. Pode ser a primeira vez que eu tirei um dia de folga.

Patrícia está tão confusa com o pedido, ela me pergunta se eu preciso ser internado no hospital. —*Você está morrendo?*

Eu estou completamente perdido sobre o que fazer quando eu chego em casa. Nas últimas semanas, estive na casa de Bailey no meu tempo livre. Minha casa fria e silenciosa combina muito bem com meu humor. Eu ligo a TV na sala só para ter algum ruído de fundo. Eu verifico meu telefone para ver se ela ligou, e quando não vejo nenhuma, eu verifico meu e-mail. Está cheio de mensagens de parabéns. Eu continuo olhando, chego a um e-mail de Victoria e opto por ignorá-lo. Eu tenho o suficiente no momento. Tudo o que ela

quer falar comigo pode esperar. *A propósito, não vou ter apenas um bebê. São gêmeos!*

Eu penso em falar com Bailey, mas não acho que seria uma boa ideia.

Ela pediu espaço antes. Ela precisa de tempo para processar tudo o que eu joguei nela, e talvez não seja uma ideia tão ruim. Eu vou respeitar seus desejos, mas vou usar meu tempo com sabedoria.

Eu tenho muito que fazer.

Essa doação é importante para mim porque, no passado, meu trabalho no exterior limitou-se a viagens missionárias de uma semana de duração. Eu montava uma equipe de voluntários e viajávamos para o Hospital Infantil Nacional em San Jose, na Costa Rica. Lá, tínhamos uma lista de espera de centenas de crianças que precisavam de cirurgia. Cada um deles era tão merecedor quanto o outro, mas com recursos e tempo limitados, só podíamos operar um punhado deles.

Não foi o suficiente.

Eu quero fazer mais, e agora, com essa concessão, eu posso.

Eu não vou me mudar para a Costa Rica para sempre. Meu objetivo é estar lá por um ano ou dois. Vou usar o auxílio para estabelecer uma clínica e treinar cirurgiões e funcionários no hospital.

Eu não posso fazer isso sozinho. Eu preciso de um time ao meu redor. A organização sem fins lucrativos com quem estou fazendo parceria enviará algumas pessoas, e o hospital terá cirurgiões e

residentes, mas eu gostaria de ter minha própria equipe cirúrgica, pessoas que já conhecem meus métodos, pessoas em quem posso confiar.

Pessoas como Bailey.

Com esse pensamento, pego um bloco de notas, um lápis e uma xícara de café, e começo a trabalhar em meu escritório em casa. Eu não planejo deixar este local pelo resto da noite. Eu preciso fazer uma proposta tão convincente, que Bailey não pode recusar. Eu preciso explicar tudo claramente para que não haja mais surpresas.

Eu pesquiso tudo, desde opções de educação para Josie até casas de aluguel em torno do hospital. Eu ligo para os meus contatos na organização sem fins lucrativos e eles passam informações úteis.

Estou em uma ligação com um amigo de um amigo que administra o departamento de pediatria no National Children's Hospital, recebendo conselhos sobre escolas, quando percebo que não como desde o café da manhã e já são oito e meia. Eu levo meu telefone comigo para a cozinha e continuo falando enquanto faço um sanduíche de manteiga de amendoim. Depois de engolir, jogo um punhado de espinafre na boca, *para a saúde*, e depois volto à rotina.

Eu não me preocupo com o fato de que Bailey não me ligou.

Não me preocupo que ela já tenha decidido não vir.

Eu não considero que ela possa não me perdoar por esconder isso dela por tanto tempo.

Em vez disso, continuo. Continuo pesquisando. Continuo digitando. Continuo mudando a porra da fonte neste documento do

Word para algo amigável e não ameaçador. Estou à procura de algo que diga: *Esta proposta é uma boa ideia. Ouça seu namorado.*

Mude-se para a Costa Rica.

CAPÍTULO 32

BAILEY

Eu estou um desastre. Eu continuo desejando poder estalar meus dedos e voltar para a semana passada. Eu quero pegar o telefone e implorar ao Matt para vir, para que possamos consertar as coisas, mas eu não estou com a cabeça no lugar. Tê-lo aqui, arrasta-lo para o meu quarto e na minha cama só me confundiria mais.

E se fosse isso? Talvez uma boa brincadeira na cama realmente esclarecesse todo esse debate para mim. É melhor ligar para ele neste segundo...

Não. Péssimo Bailey!

Mudança é inevitável. Em alguns meses, Matt vai se mudar para a Costa Rica e eu tenho duas opções: ir com ele ou ficar aqui. A ideia de ir com ele ainda está completamente fora de questão. As chances são de que ele não estivesse falando tão sério quando sugeriu isso. Ele provavelmente estava tentando poupar meus sentimentos. Mesmo que ele estivesse falando sério e ele quer que eu vá, como isso seria possível? Eu não posso apenas acabar com a minha vida por um capricho. *Faça as malas, Jos, estamos indo para o exterior!*

Infelizmente, a opção dois, ele se mudando sem mim, é muito difícil de se pensar.

Então, você vê, eu estou presa no meio, me sentindo como uma idiota por estar tão transtornada com isso. Nós só estamos juntos há algumas semanas, e ainda assim o pensamento dele indo embora me arrasta de volta para o lugar escuro que eu não visitei desde que eu perdi meus pais. Estou acordada altas horas da noite, rolando na cama. A comida perdeu seu sabor. Eu ando disfarçando o mal-estar, tentando e falhando uma boa aparência para Josie. Eu forço sorrisos falsos que ela nota.

Ela sabe que algo está acontecendo, mas eu não contei a ela sobre a concessão. Não acho que deva saber até que tenha certeza do que gostaria de fazer. Ela está tão ligada a Matt quanto eu neste momento. Ela insiste em escrever-lhe uma carta de agradecimento por seus presentes de Natal e pergunta por que ele não veio para o jantar esta semana. Ela até enfia o *Jogos Vorazes* na minha bolsa para que eu possa deixá-lo no trabalho. —*Apenas no caso de ele querer lê-lo!*

Eu fui estúpida em trazê-lo para nossas vidas tão rapidamente. Eu deveria ter certeza de que este era um relacionamento real e duradouro antes de apresentá-la a ele.

Agora, quando ele sair, ela ficará tão desolada quanto eu.

Nos próximos dias, passo horas incontáveis pesquisando a Costa Rica. Eu tenho uma pasta protegida por senha no meu laptop codinome —coisas muito chatas do trabalho—, onde eu salvei tudo que encontrei até agora: informações sobre a concessão MacArthur, artigos destacando Matt e sua proposta. Eu olho para o hospital e até encontro fotos de Matt em viagens de missões médicas passadas. Um em particular me entristece: ele está debruçado sobre uma cama de hospital, entregando um ursinho de pelúcia para uma menina de

no máximo dez anos. Ela está ligada a um milhão de máquinas, mas isso não mata seu sorriso de megawatt. A legenda abaixo explica que ela acabou de passar por um procedimento de mudança de vida graças a Matt e sua equipe. Ela vai viver uma vida mais completa e sem dor por causa dele.

A foto prova o que eu já sei: Matt precisa ir para a Costa Rica.

Na quinta-feira depois que Matt e eu tivemos nossa briga na sala de plantão, estou sentada jantando com Josie e decido abordar o assunto da mudança.

—Você gosta daqui? — Eu pergunto, tentando ser vaga.

Ela torce o nariz, confusa. —Como desta casa? Quer dizer, eu gostaria de uma sala maior e mais espaço de armazenamento para meus livros, mas...

—Não, aqui como nesta cidade, sua escola... esse tipo de coisa.

Ela encolhe os ombros e dá uma mordida no espaguete antes de responder: —Sim, é legal.

Catorze anos de idade é uma idade difícil de se abrir.

Eu persisto, tentando manter minhas perguntas simples o suficiente para que ela não fique desconfiada. —Você já pensou em morar em outro lugar? Como um estudante de intercâmbio?

Ela me olha e parece preocupada. —Você está pensando em me enviar para algum lugar? Porque eu sei que disse que guardaria os pratos limpos antes de você chegar em casa do trabalho, mas estava fazendo meu dever de casa e... tudo bem, tudo bem! Eu estava

realmente terminando uma releitura de *Crepúsculo*, mas eu juro que farei isso agora mesmo!

Sua cadeira arrasta no o chão enquanto ela se levanta.

Eu balancei minha cabeça, tentando não rir. —Não! Não, nada disso. Eu só lembro quando tinha a sua idade, sempre achei que seria legal morar no exterior por um ano ou dois. Muitos dos meus amigos viajaram na faculdade, mas eu não tive a chance.

Ela balança a cabeça e se senta novamente, finalmente entendendo. —Claro. Duh. Minha amiga Sarah foi morar com o pai na França no verão passado e ela voltou com as histórias mais legais e um milhão de fotos legais para postar no Instagram... — Ela de repente para e olha para mim timidamente. —Quero dizer, claro, seria divertido, mas todas essas coisas não importam. Eu gosto de morar aqui com você.

Ela acena para a nossa cozinha e percebo que ela está tentando poupar meus sentimentos. Para ela, essa conversa é tudo hipotética. Nós não temos dinheiro para viajar. O mais próximo que ela provavelmente irá do exterior é assistir a um documentário no canal de viagens.

Passo o resto da noite debruçada sobre o computador, pesquisando.

No dia seguinte, no trabalho, vou direto para a sala de cirurgia. É meu *Modus Operandi* nos últimos dias e tenho me saído bem até agora. Ao me esconder aqui, limito as chances de ter algum encontro estranho no corredor com o Matt. Nós só nos vemos

quando fazemos a esterilização, cercados por uma dúzia de pessoas, prontas para operar. Eu me escondo debaixo das minhas camadas, feliz pela máscara e pelos óculos de proteção. Se falamos, é sobre o caso em questão, embora ainda haja dicas sutis que me deixa saber que essa distância está matando ele tanto quanto a mim. Eu vejo isso toda vez que nossos olhos se encontram. Uma tempestade. Um desejo. As palavras que vivem e morrem em sua língua.

Ele não se demora após a cirurgia. Ele não tenta me encurralar no corredor ou me pergunta se já pensei mais sobre sua oferta, embora agora, mais do que nunca, eu desejaria que ele estivesse pressionando um pouco. Na segunda-feira, eu precisava de espaço. Terça, quarta e quinta-feira, eu precisava pôr a cabeça no lugar, mas agora... *Agora* faz cinco dias que eu senti a boca de Matt na minha, que as mãos dele estiveram na minha pele. Sinto falta dele na minha cama. Sinto falta de ter que me contentar com a pequena fatia do colchão entre o corpo de Matt e a parede. Sem ele, parece que eu também poderia estar dormindo em uma cama feita para Shaquille O'Neal com a quantidade de espaço que tenho para me espalhar. Eu odeio isso. Sinto falta dele.

Eu não vou sobreviver ao fim de semana assim.

Eu não ligo para Costa Rica ou nosso futuro. Responsabilidades São responsabilidades. Eu quero ser impulsiva e burra. Eu quero parar de ter que tomar decisões e sentir que somos só nós, mesmo que por um momento.

A porta da sala de operação se abre e Matt entra. Minha respiração fica presa na minha garganta e um sentimento elétrico vibra através de mim. É doloroso estar tão perto dele todos os dias,

mantendo meus pensamentos cuidadosamente contidos. Ele cumprimenta a equipe e verifica o paciente. Enquanto isso, fico na mesa de operações, incapaz de tirar meus olhos dele. Ele leva cinco anos e meio para atravessar a sala de cirurgia e colocar o avental que estou segurando aberto para ele. Quando nossos olhares se encontram, meu estômago se aperta. É um soco toda vez.

—Bom dia Bailey—, diz ele com um aceno de cabeça. —Tudo pronto?

—Não vamos brigar e acho que você deveria ir para a Costa Rica e eu gostaria de ir, mas acho que não funcionaria para a Josie e começamos a namorar faz pouco tempo, e que aquela touca azul marinho realmente destaca seus olhos, eu acho que estou me apaixonando por você mesmo que não tenhamos nos falado por dias. E você estava falando sério sobre eu ir com você porque eu poderia ser insana o suficiente para aceitar a oferta?

Essas são as coisas que deixo por dizer enquanto limpo minha garganta e olho para as bandejas que acabei de montar alguns momentos atrás.

—Tudo está pronto.

—Tudo bem então, vamos começar.

Com licença, você é a mulher que estava ajudando o Dr. Russell no centro cirúrgico mais cedo?

Faço uma pausa entre as mordidas do meu sanduíche, aborrecida por alguém estar interrompendo meu almoço. Aprendi

minha lição, não posso comer no salão da equipe. Tudo o que alguém quer falar é sobre Matt e sua concessão e como eu me sinto sobre isso e se estamos namorando e se esses novos brincos de diamantes realmente foram presente dele? Então, hoje, planejei com antecedência e desci ao saguão do hospital para almoçar. Estou escondida em uma cadeira de couro enorme em um canto perto das janelas da frente. Eu pensei que estava muito bem escondida, mas aparentemente não.

Eu seguro a mão ao lado da minha boca e levanto um dedo, o sinal universal para, *apenas um segundo, estou mastigando.*

—Não se preocupe. — A mulher ri baixinho. —Eu que estou interrompendo o seu almoço.

Eu engulo a comida e, em seguida, forço um sorriso. —Está tudo bem, realmente. Em resposta à sua pergunta, sim, eu estava ajudando-o mais cedo.

Ela sorri, satisfeita com a minha resposta, e então ela se senta à minha frente.

Está bem então. Fique a vontade.

Eu meio que esperava que fosse uma conversa de dois segundos. *Sim, eu estava na sala de cirurgia. Ok, agora tchau,* mas aparentemente não. Eu olho para baixo na segunda metade do meu sanduíche, e então eu forço minha atenção de volta para ela. Percebo, então, que ela não se encaixa na multidão habitual do NEMC. Por um lado, ela é uma hippie total. Ela é linda, mas não de uma forma que intimida as pessoa, mas de um jeito simples, delicado. O padrão em sua saia longa é de redemoinhos abstratos de

magenta e azul, e seu suéter creme de gola alta se estica adoravelmente sobre uma barriga muito redonda.

—Estou tão aliviada por tê-la encontrado. Estou tentando entrar em contato com o Dr. Russell há semanas e não consigo localizá-lo. Ela pega a bolsa e pega uma pequena barra de chocolate. —Você se importa? — Eu aceno, muda, e ela rasga isso. —Desculpe, esse bebê realmente gosta de chocolate. Eu nem era fã disso antes, mas é tudo o que quero comer hoje em dia.

—Umm...

Olho em volta, imaginando se mais alguém no saguão pode ver essa mulher. Estou alucinando? Eu sei que não tenho comido muito ultimamente, mas…

Ela deve sentir minha confusão porque ela ri e bate na testa. —Claro. Onde estão meus modos? Sou Victoria, ex-mulher do Dr. Russell.

Minha boca cai e eu digo muito francamente: —Não acredito.

Ela encolhe os ombros. —Culpada das acusações receio. — Então ela recua. —Oh, não diga a ele que eu disse isso. Era uma piada, mas agora parece má. Ele realmente não é um cara tão ruim. Não é tão bom em retornar telefonemas, ou e-mails, por sinal, mas, além disso, ele é decente. — Ela ri novamente. —Eu não sei porque estou te dizendo isso. Você trabalha para ele, *você* provavelmente o conhece melhor do que eu hoje em dia.

Talvez, considerando que eu também durmo com ele... pelo menos eu dormia.

Eu engulo esse pensamento, fico quieta e aceno com a cabeça.

Isso não pode estar certo. Na minha cabeça, imaginei-a como uma caricatura de uma ex-mulher: amarga e sem sangue. Essa mulher sentada à minha frente não é nenhuma dessas coisas. Ela é uma mulher grávida resplandecente mordiscando um chocolate.

—Nós nos casamos há *muito* tempo—, ela enfatiza antes de apontar um dedo para baixo em sua barriga. —Obviamente.

—Parabéns—, eu digo, porque o que mais eu devo dizer? — Sobre a sua gravidez, não sobre isso o casamento ter sido há muito tempo.

Ela sorri. —Obrigado. Quer um pedaço? — Sua barra de chocolate está estendida para mim e eu tive uma manhã terrível, então é claro que aceito alguns quadrados. Nós mastigamos por um momento ou dois em silêncio e então ela continua. —Matt... er, o Dr. Russell não tem retornado minhas mensagens e eu realmente preciso falar com ele. Nós investimos em um pequeno apartamento quando éramos recém-casados, e eu o coloquei a venda no ano passado. Finalmente vendeu e... — Nossos olhares se encontram e ela para de repente, percebendo que nada disso é da minha conta. —Desculpe, eu falo demais. Nunca se sente comigo em um avião ou eu vou conversar com você durante todo o voo.

—Tudo bem.

Ela faz cara de remorso. —Você provavelmente só quer voltar para o seu almoço, mas eu estava esperando que você me ajudasse a localizá-lo. Ele não estava em seu consultório quando eu fui procurá-lo após a cirurgia, e sua secretária disse que não sabe

quando ele volta. Além disso, ela meio que gritou comigo para deixá-lo em paz.

Eu resisto a rir. Matt provavelmente precisa de paz e tranquilidade depois da semana que teve. Patrícia deve estar assustando todos por ordem dele.

—Sim, Patrícia é ferozmente leal. Ela está com ele desde que ele começou aqui.

—E quanto a você? Vocês dois estão trabalhando juntos há muito tempo?

Eu queria saber se a nossa conversa iria mudar nessa direção. Na verdade, eu meio que tenho medo disso. Eu poderia sorrir e dizer a ela que comecei a trabalhar com ele, ou poderia ser honesta e espontânea que ele e eu não somos apenas colegas de trabalho. Eu realmente quero escolher a primeira opção, mas eu nunca fui muito boa em enganar.

Sem mencionar que este encontro poderia ser usado como uma oportunidade, uma que eu poderia nunca mais ter. Talvez eu seja boba em deixar passar porque Victoria sabe mais do que ninguém como é estar em um relacionamento com Matt, e agora, eu definitivamente poderia pegar algumas dicas.

Então, eu respiro fundo, deixo meu sanduíche de lado e digo a verdade à ela. —Matt e eu não somos apenas colegas de trabalho. Estamos namorando.

Suas sobrancelhas arqueiam e ela pisca algumas vezes muito rápido. Eu acho que realmente a surpreendi.

—Eu não sabia que Matt estava namorando.

Eu coro. —Faz pouco tempo.

Ela agita as mãos apressadamente. —Isso saiu errado. Eu só quis dizer que eu não *sabia que* ele estava interessado em namorar, muito menos namorar alguém sério. Qual o seu nome? — Ela pergunta timidamente, e fico surpresa ao descobrir que não é especulação ou aborrecimento nos olhos dela, é curiosidade e talvez até um pouco de alívio.

—Bailey.

Ela sorri. —Posso ser honesta com você, Bailey?

Eu aceno, me preparando para uma fofoca que vai rasgar o meu coração.

—Você parece ser muito doce para Matt.

Engraçado. Na maioria dos dias, acho que pode ser o contrário. Ninguém no New England Medical Center acreditaria em mim. Neste edifício, ele anda como uma fera com um pavio curto e um rugido feroz. Eles não têm ideia do homem que ele realmente é.

—Matt me contou um pouco sobre o seu relacionamento—, arrisco, curiosa para ver a reação dela.

—Oh Deus—, ela geme. —Eu fui uma verdadeira puta no final. Espero que ele não tenha me pintado muito mal.

Eu sorrio. —De modo nenhum. Ele realmente coloca muita culpa em si mesmo.

—Isso não me surpreende. — Ela encosta em sua cadeira e mordisca um pedaço de chocolate. —Nós dois éramos jovens. Queríamos coisas diferentes. — Seu olhar se desloca e ela me estuda como se contemplasse suas próximas palavras com muito cuidado. Então ela continua solenemente, —Matt nunca vai mudar. O trabalho sempre será sua amante e você sempre terá que passar por cima disso. Quando nos casamos, tentei me manter ocupada. Eu me ofereci na biblioteca e consegui um emprego de meio período. Eu nunca quis ser uma chata quando ele não aparecia para o jantar ou não atendia minhas ligações. Eu aguentei por um tempo, mas no final, eu simplesmente não conseguia ver o que me atraia nele. Eu não conseguia entender por que ele não podia me priorizar ao invés do trabalho. Ela encolhe os ombros. —Mas ele trabalhava de forma exagerada. Talvez ele esteja diferente agora.

Penso no travesseiro e cobertores de reposição em seu escritório e rio. —Não é.

Sua boca se contorce em decepção. —Eu não estou tentando te avisar para ficar longe dele, honestamente. Matt sempre pareceu um pouco fora do meu alcance, mesmo quando nos casamos, como se eu sempre o amasse mais do que ele. Isso me deixou louca. Acho que só quero ter certeza de que você sabe no que se meteu.

Eu olho para as minhas mãos e deixo as palavras dela se acomodarem sobre mim. Ela não está exatamente me dizendo nada que eu já não sei. Eu meio que esperava que ela fizesse um discurso sobre todas as suas peculiaridades como os ex-cônjuges fazem quando são pressionados até não aguentarem. *Aqui está outra coisa: ele nunca baixou o assento do vaso depois de ir ao banheiro! E é tão*

difícil colocar o seu prato na máquina de lavar louça em vez de deixá-lo na pia?

Este aviso sobre um homem que é dedicado ao seu trabalho é exatamente a versão de Matt que entrou em meu coração logo de cara.

—É engraçado, eu não tinha pensado nisso até agora, mas faz todo o sentido para ele se apaixonar por alguém como você. — Eu volto meu olhar para ela e percebo que ela está me estudando atentamente. —Você é linda, obviamente, mas é mais que isso. Você parecia tão competente naquela sala de cirurgia. Eu fiquei no fundo da galeria e observei o modo como vocês dois trabalharam juntos, quase como se vocês fossem uma pessoa em vez de duas. — Então ela ri, pensando em alguma coisa. —E Deus sabe que você não terá que se preocupar em ficar longe dele. Essa cirurgia durou uma eternidade! Eu estava cansada só de assistir.

Eu sorrio e só então, uma voz profunda chama seu nome perto da entrada do prédio. Ela se vira e acena alegremente. Enquanto isso, meu coração se acelera. Eu me inclino para frente para poder olhar pelo braço da poltrona ver Matt sair do elevador e se aproximar de nós. Meus olhos se arregalam. Meu coração começa a bater forte. Devo me inclinar para trás e fingir que não o vejo? Sair correndo?

Com a sutileza de um trem de carga entrando direto em mim, a atenção de Matt está em minha direção. A surpresa em seu rosto desaparece. Seus olhos azuis estão nublados e agora eu juro que ele está dando passos ainda mais rápidos e longos. A bola de tensão com a qual tenho vivido a semana toda está de volta e maior do que nunca.

Ele chega até nós e vem para ficar ao lado da minha cadeira, segurando a borda superior. Eu olho para ele por baixo dos meus cílios, mas não digo uma palavra. Deste ângulo, sua mandíbula parece especialmente esculpida.

Victoria é na verdade a primeira a falar, e sua voz é leve e divertida quando ela explica: —Acabei de conversar com sua assistente de cirúrgica, Matt.

O olhar que ele dirige à mim me afeta profundamente. Sobrancelhas franzidas, olhos tristes, é como se ele achasse que eu me apresentei a ela como sua assistente cirúrgica e nada mais.

—Eu também disse a ela que estamos namorando.

Bem... nós estávamos.

O alívio inunda seu olhar antes de ele se voltar para Victoria.

Ela está sorrindo para nós.

—Vocês dois formam um par perfeito com seus uniformes combinando—, diz ela, acenando com a mão para cima e para baixo de nós. —Embora eu tenha que ser honesta, eu já disse a Bailey que ela é muito boa para você.

Ele sorri com força e balança a cabeça. —Bem, espero que ela não te escute. Eu ouço que o cérebro de grávida é bem ruim.

Ela joga a cabeça para trás e ri, e eu me sento como uma estátua, subitamente desconfortável por estar sentada aqui com eles. Talvez eu deva dar a eles um momento de privacidade. Eu levanto e meu sanduíche cai no chão.

Ah, bem, meu almoço. Meu estômago se agita em protesto pela visão. Eu não posso terminar agora nem se eu quisesse.

A mão de Matt bate no meu ombro e seu aperto é um pouco forte demais. A mensagem é clara: ele não quer que eu saia, mas eu preciso. Eu quero dar a eles a chance de conversar, e quero absorver o que Victoria acabou de me contar. Quero me recompor antes de falar com ele com frases completas e compreensíveis.

Seu olhar me implora para ficar, mas sacudo a cabeça e saio de seu alcance. —Vocês dois têm coisas para discutir. Eu vou para seu consultório. — Suas sobrancelhas sobem em choque com a minha promessa, e eu ofereço um sorriso tranquilizador antes de me virar para Victoria. —Foi muito bom conhecer você.

Ela sorri e me entrega a última metade de sua barra de chocolate. —Você quer? Para ir comendo no caminho?

Claro que sim. Eu como aquela barra de chocolate no caminho até o escritório de Matt e meio que espero Patrícia me bloquear minha entrada, mas eu passo direto por ela enquanto ela continua folheando suas revistas.

—Fiquei imaginando quando te veria de novo—, é tudo o que ela diz antes de eu fechar a porta atrás de mim.

Eu fico lá no limiar enquanto o meu olhar varre do sofá para a sua mesa para a porta aberta do banheiro. Memórias preenchem todos os cantos e recantos enquanto as palavras de Victoria se repetem em minha mente.

Matt nunca vai mudar.

O trabalho sempre será sua amante.

Faz todo o sentido para ele se apaixonar por alguém como você.

A maneira como vocês dois trabalharam juntos, quase como se vocês fossem uma pessoa em vez de duas.

Sim, Matt é apaixonado por sua carreira e sempre será atraído em um milhão de direções diferentes. Ele não atende todas as minhas ligações ou conseguirá chegar em casa para o jantar todas as noites. Eu sempre terei que compartilhar sua atenção. Para algumas pessoas, isso pode ser um problema. Para mim, só solidifica o que eu já amo nele.

Eu entendo Matt de uma forma que muitas pessoas não conseguem. Eu nunca pedi a ele para me escolher em detrimento de sua carreira. Seria como tentar dividir um coração em dois. Matt vive e respira medicina, e eu não faria isto nunca. Na verdade, é o suficiente que eu faça parte da vida dele, vê-lo salvar vidas, andar ao lado dele enquanto ele se esforça para fazer a diferença no mundo ao seu redor. Eu quero dividir o fardo. Nós poderíamos construir essa clínica juntos. Eu poderia ser seu braço direito na vida, assim como eu sou na sala de cirurgia.

Nós somos um ajuste perfeito, e talvez eu seja a ultima a perceber isso.

Talvez seja hora de dizer a ele exatamente como me sinto.

Quando ele abre a porta de seu consultório alguns minutos depois, seus olhos percorrem o espaço, procurando por mim. Eu me levanto do sofá quando ele entra, e ele suspira de alívio quando vê que cumpri minha promessa de esperar por ele aqui. Ele fecha a

porta, e a madeira pesada empurra meu bom senso e restrição para o corredor. Tudo o que resta é a batida selvagem do meu coração, meus pés me levando em direção a ele em passos rápidos. Sem um momento sequer de hesitação, eu me lancei em seus braços.

Meu rosto está enterrado em seu uniforme. Eu inalo sua colônia enquanto sua mão acaricia meu cabelo. Seu braço está preso em torno da minha cintura e ficamos assim por tanto tempo, apenas respirando um ao outro. Meus pés estão a poucos centímetros do chão. Seu peito é largo e quente. Eu acho que ele subiu as escadas para chegar até aqui, ele está respirando pesado e seu coração está acelerado e eu estou flutuando e Matt está me pedindo desculpas novamente por fazer isso conosco, por manter um segredo, por nossa sorte do caralho e um momento ruim.

Eu fecho meus olhos e coloco meus braços ao redor de seu pescoço e seguro firme, seguro firme nele e neste momento antes que decisões reais sejam tomadas. A vida continua fora de seu consultório, mas agora, somos apenas nós, espremidos tão firmemente que nenhum de nós consegue respirar fundo. Ele me abaixa lentamente e suas mãos embalam meu rosto. Ele inclina minha cabeça e eu molhei meu lábio inferior instintivamente.

—Bailey.

Ele parece rouco e há uma profunda ruga entre as sobrancelhas.

Minhas mãos apertam a frente de sua camisa e eu estou na ponta dos pés, as pálpebras fechando enquanto sua boca desce sobre a minha.

Nosso beijo é lento e gentil, para ver como será nossa reação. Eu aumento o ritmo. —Eu preciso disso—, eu imploro ofegante, e Matt se entrega. Meus joelhos se dobram quando o beijo se intensifica. Nossas línguas se tocam e há uma vibração no meu estômago. Eu tenho uma necessidade que só Matt pode satisfazer com suas grandes mãos e seu grunhido impaciente. Sou levantada novamente e levada para o seu sofá.

Deus, temos muito o que conversar, mas, mais do que isso, temos momentos para compensar. Momentos que perdemos na semana passada. Momentos em que sua boca se arrasta pelo meu pescoço. Momentos em que suas mãos mergulham debaixo da minha blusa e desamarram o pequeno laço na minha cintura. Minhas calças estão soltas o suficiente para que seja fácil para ele deslizar a mão para dentro, deslizando pela minha calcinha e, em seguida, com confiança, mergulhando a mão dentro dela.

Nós temos que parar. Estamos no consultório dele no meio de um dia de trabalho. O sol brilha pela janela atrás de sua mesa e eu posso ouvir Patrícia no telefone do lado de fora, mas minhas mãos estão puxando com raiva seu uniforme. Eu quero rasgar o tecido.

Estou tirando suas roupas rapidamente. Nossas roupas são largadas e esquecidas no chão e *Olá, bunda gostosa do Matthew. Eu estava com saudade de você.*

Couro frio bate nas minhas costas enquanto ele me deita. Nossos dedos se entrelaçam quando a boca dele encontra a minha e, em seguida, ele move com força minhas mãos por cima da minha cabeça e as segura contra as almofadas. Seu peito duro me esmaga e nossos beijos famintos ficam quentes e provocantes. Eu sou um

animal enquanto mordo seu lábio e mexo meus quadris contra os dele.

Mais.

Ele solta minhas mãos e eu coloco meus braços ao redor de seu pescoço, mantendo-o pressionado contra mim enquanto seu joelho espalha minhas coxas separadas. Ele passa a mão pelos meus seios, provocando cada um antes que ele se mova para o meu umbigo... e depois abaixe. Meus olhos se fecham quando seu dedo do meio encontra minha umidade. Círculos lentos e tortuosos me deixam fora de controle. Arqueio minhas costas e encontro sua mão, encorajando-o a continuar, e acho que ele está tão impaciente quanto eu, porque nossas preliminares duram cerca de trinta segundos e então ele encontra sua carteira. Eu puxo para fora da mão dele e pego o preservativo lá dentro. Ele é melhor nisso do que eu e agora eu estou nos atrasando ainda mais. Ele ri enquanto tira da minha mão e a enrola no seu comprimento duro. Minha língua sai da minha boca e meus olhos estão tão grandes quanto pires, mas ele está muito focado para notar minha reação. *Graças a Deus.*

—Bailey? — Ele pergunta gentilmente, olhando para mim por baixo de suas sobrancelhas escuras.

Eu gostaria de poder enquadrar uma foto dele exatamente como ele está neste momento. Com o cabelo preto desgrenhado pelas minhas mãos e os lábios vermelhos dos meus beijos, ele é minha fantasia que ganha vida.

Eu aceno e mordo meu lábio, mais do que pronto quando ele empurra lentamente dentro de mim.

Está lá, naquele lento movimento de seus quadris, na profunda conexão real que eu finalmente vejo com clareza a situação. Eu aperto suas bochechas e forço seu olhar para cima, e então eu digo muito simplesmente: —Eu quero ir com você.

Ele está chocado, obviamente, porque ele para no meio do impulso e me pede para repetir.

Eu rio e beijo-o rapidamente. —Eu quero ir para a Costa Rica. É loucura, mas não está fora de cogitação. Eu estive pensando nisso a semana toda.

Seus olhos traem o quão surpreso ele está com minhas palavras. —Você está falando sério?

Eu aceno e corro meus dedos suavemente pelas suas costas. Eu não posso acreditar que estamos conversando agora. *Nesta posição.*

—Eu ainda tenho que falar com Josie. Se ela não quiser ir, se ela não quiser deixar seus amigos, eu não vou obriga-la.

—Claro. Eu sei disso. Eu nunca pediria isso para você.

—Então eu posso ter que ficar...

Acho que estamos prestes a discutir se vamos ou não experimentar a longa distância, mas ele me cega completamente.

—Se você ficar, eu vou ficar também—, ele diz calmamente, com confiança, como se já estivesse decidido. —Eu vou recusar a concessão.

—Matt—, eu digo incrédula.

—Bailey—, ele responde, imitando meu tom.

—Você tem que ir.

Ele começa a se mover de novo, lentamente se arrastando para fora e empurrando de volta. Eu arqueio minhas costas e ele sorri, feliz com a minha reação.

—Não há sentido em tentar me convencer disso—, continua ele. —Haverá outras concessões e outras oportunidades como essa. Há apenas uma de você.

Eu balancei minha cabeça, mas ele pegou o ritmo, e meu corpo não tem certeza do que focar. Meu coração se parte com a ideia de ele desistir da Costa Rica, e ainda não consigo pensar em um argumento lógico a ser usado contra ele porque é impossível evitar esse orgasmo por muito mais tempo e então ele torna isso muito mais difícil quando sua mão se move para o meu peito. Ele rola a palma da mão em meu mamilo e todo pensamento voa da minha cabeça.

Não! Eu me repreendo. *Isso é importante!*

—Isso é tudo tão novo. Nós ainda poderíamos quebrar a cara e nos machucar facilmente, — eu digo enquanto sua mão se move entre as minhas pernas.

Ele ri se divertindo. —Talvez. Eu ouvi que sou muito difícil de tolerar. Você provavelmente vai se cansar de mim em breve.

—Ma... *Matt*!

Quero dizer, o nome dele para sair como uma reprimenda por não levar essa conversa a sério, mas no meio dela se transforma em

um gemido porque seu dedo encontra o ponto exato entre as minhas coxas, logo acima de onde ele está deslizando para dentro e fora de mim.

—O que? — Ele insulta, a sobrancelha arqueada.

Ele está me desafiando a continuar com isso, a tentar formar frases que tenham substantivos e verbos e tudo o que eu posso fazer é fechar meus olhos e apertar seus ombros musculosos enquanto seu dedo acelera e meu orgasmo se torna um entorpecimento mental, consumindo tudo, vou gritar-se-você-não-cobrir-minha-boca.

Sua boca desce sobre a minha quando eu começo a tremer. De novo e de novo, faíscas de prazer passam por mim e meu orgasmo se torna o dele e ele está bem ali comigo, vindo duro e me beijando a ponto de dor.

Para cada gemido que nós sufocamos, damos outro com nossas mãos e nossas bocas e seus quadris me moendo no sofá de couro. Estou suando e respirando com dificuldade enquanto abro os olhos e me vejo no consultório de Matt.

No trabalho.

No meio do dia.

Eu sufoco uma risada e viro minha cabeça para beijar sua bochecha. Seu rosto ainda está enfiado na dobra do meu pescoço e seus olhos estão fechados.

Ele não quer se juntar ao mundo. Eu acho que o quebrei.

Eu cutuco seu peito e ele grunhe.

—Você está me sufocando—, eu gemo.

Ele rola para o lado e abre os olhos, mas nenhum de nós faz um movimento sequer para levantar. Ele puxa meu rosto em direção a ele para me beijar novamente. Sua mão repousa em meu quadril nu. Desejo inflama dentro de mim. Ele é insano. Eu sou insana. Esse *sentimento* é insano. *Você pode se apaixonar em algumas semanas? Em dias? Em minutos?* Eu não tenho nada para comparar, então eu decido que a melhor opção é apenas perguntar ao Matt.

—Quero uma resposta rápida, tem como você ser honesto comigo sobre os seus sentimentos?

—Agora? — Ele geme, beijando meu pescoço. Sua mão está acariciando o interior da minha coxa. Eu arrepio com antecipação e meus olhos se fecham. Eu abro minhas pernas um pouco.

—Não é o momento ideal, eu sei, mas já comecei e metade da batalha é trazer o assunto em a tona. — Eu evoco força de vontade sobre-humana e o afasto para que meu pescoço fique nu e frio, e sua mão se move de volta para o meu quadril. Assim a segunda rodada é deixada de lado. Cara, como eu sou idiota.

Matt apoia a cabeça em sua mão e olha para mim, divertido quando eu esperava que ele estivesse irritado. —Sou todo ouvidos, mas só para ficar claro, no fundo da minha mente, estou pensando no que vou fazer com você depois que essa conversa terminar.

Eu tremo com o pensamento. —Oh céus. Certo, vou me apressar. Ok, então você foi casado uma vez, certo?

—Sim. Uma vez.

—Então você sabe como é o amor?

Ele sorri e eu não poderia me tornar mais estúpida?! Tudo isso é transparente. Eu devo manter minha calma e bloquear meus sentimentos para um futuro próximo, quando for óbvio que ele me ama também, e então, e só então, devo ser honesta sobre o quanto eu estou louca por ele.

—Não! — Eu digo rapidamente. —Eu não vou falar essa palavra porque estou prestes a *declarar*... Eu estava esperando por algum esclarecimento.

—Tudo bem—, ele responde, e eu estou feliz que ele parece um pouco intrigado, mas infelizmente, eu não consigo descobrir a melhor maneira de me explicar. Então uma ideia brilhante aparece.

Eu sorrio. —Ok, que tal isso? Vamos brincar de médico e paciente.

Eu percebo o vislumbre de travessura em seus olhos.

—Você tem toda a minha atenção—, ele reflete.

Eu rio e pressiono minha mão contra o peito dele para mantê-lo a distância, para o caso de ele ter alguma ideia maluca. —Não. Mantenha o foco! Vou lhe dar meus sintomas e você vai decidir se o que sinto por você é apenas desejo ou se, sabe, talvez...

—Você está apaixonada? — ele termina por mim.

Meu rosto queima.

Minhas sobrancelhas se apertam quando pergunto: —Isso assusta você?

Seu olhar segura o meu, mas ele não responde, e eu odeio o quão indistinguíveis são suas feições. Ele nunca esconde seus sentimentos de mim. Normalmente não.

—Isso é estúpido—, eu digo, virando-me para olhar para o teto.

—Diga-me seus sintomas—, ele estimula com um sorriso insolente.

Eu rolo meus olhos, mas ele beija meu pescoço e me cutuca com o nariz, como um cachorro implorando. —Conte-me.

—Tudo bem, vamos ver... meu estômago revira com excitação sempre que você entra na sala.

—Mmm, poderia ser os dois.

—Certo. — Eu aceno e continuo: —Hum, você realmente me excita.

Ele ri. —Qualquer um dos dois.

—Estou pensando em mudar para outro país com você.

Ele murmura.

—Eu vejo um futuro com você. Não de um jeito *vamos nos casar amanhã*, mas mais como *uau* eu realmente admiro e respeito você como pessoa e acho que você seria um ótimo marido, um ótimo pai.

Ele se afasta e franze a testa, me estudando. Não é exatamente a reação que eu esperava, mas, balões e confetes, talvez um sorriso seria bom, mas pelo menos ele não me joga do sofá e foge rapidamente.

—Pai—, ele repete lentamente.

Eu franzo a testa quando um pensamento surge em minha mente, um que não me ocorreu até o momento. —Oh Deus. Você quer filhos, não é? Por favor, diga sim porque meu coração não aguenta muito mais esta semana.

Suas sobrancelhas suavizam e ele balança a cabeça, beijando minha testa, me puxando para perto. —Sim. Eu quero filhos.

—Tudo bem.

—Um casal.

Eu sorrio. —Melhor ainda. Então, você tem um diagnóstico para mim?

—Eu provavelmente deveria fazer mais alguns testes—, ele brinca enquanto sua mão vagueia pelas minhas costas e pela minha bunda. Ele aperta duas vezes. —Mas mesmo sem eles, está bem claro o que você tem.

—Oh sim? — Eu inclino minha cabeça para trás e sorrio para ele.

Sua outra mão descansa na minha testa como se ele estivesse tomando a minha temperatura. Ele assobia baixinho. —Assim como eu suspeitava, você está amando.

Eu desisto. —Amor, hein? Bem, então, qual é o meu tratamento?

—Beijos—, diz ele antes de me beijar. —Alguns devem ajudar. — Então ele rola para cima de mim, e seu corpo me prende no sofá.

—Sexo. Duas vezes por dia ou mais, conforme necessário. — Sua boca está sobre a minha enquanto ele fala e sinto seu sorriso contra meus lábios.

Eu gemo.

—Os efeitos colaterais podem incluir frequência cardíaca elevada, sudorese, sentimentos de euforia.

—Matt. Você está me matando.

Ele não desiste. Ele está gostando muito disso.

—Se os sintomas não diminuírem em quatro ou seis meses, talvez precisemos ajustar nosso tratamento.

Eu arquejo uma sobrancelha. —Mais sexo?

Que original.

Ele sorri e balança a cabeça, inclinando-se para trás para dar uma boa olhada em mim. —Não, Bailey. Comprometimento. Casamento. Felizes para sempre.

Meu sorriso parece instável. Minhas órgãos viram mingau.

—Felizes para sempre? — Eu pergunto, minha voz saindo estridente.

Seu rosto fica sombrio e ele produz uma careta digna de Oscar. —Receio que possa ser a única cura. — Então ele desfaz o personagem, sorri e fala. —Agora, como podemos convencer Josie a se mudar para a Costa Rica?

EPÍLOGO
DOIS ANOS DEPOIS

BAILEY

—Você consegue ouvir? — Eu pergunto impacientemente.

Matt da um meio sorriso divertido quando ele olha para mim. —Eu posso ouvir o sanduíche que você comeu no almoço, passando por sua barriga.

—Encantador.

Seus olhos se arregalam. —Aguente. Shh, estou ouvindo.

Meu coração pula e eu alcanço o estetoscópio. —Deixe-me ouvir! Deixe-me ouvir!

Ele sacode a cabeça e o dedo pressiona os lábios enquanto empurra lentamente o diafragma do estetoscópio alguns milímetros para a esquerda. Eu estou deitada na cama com a minha camisa puxada para cima, tentando e não conseguindo ficar parada.

A expressão de Matt suaviza, uma pequena faísca se acende em seus olhos, e eu sei que ele ouviu. Ele está ouvindo o batimento cardíaco do nosso bebê. Eu já ouvi algumas vezes, mas os momentos no consultório médico são sempre muito fugazes e muito clínicos. Meu ginecologista geralmente está ocupado ajustando as configurações na máquina de ultrassom, verificando os sinais vitais do bebê, imprimindo fotos. Tudo acaba antes que eu tenha escutado

bem, mas agora que estou com pouco mais de quatro meses de gravidez, nosso bebê deve ser grande o suficiente para que possamos ouvir os batimentos cardíacos em casa, exatamente assim.

Matt olha para o relógio e eu sei que ele está contando as batidas por minuto. Ele está checando a frequência cardíaca do bebê e ouvindo qualquer murmúrio ou anormalidade. Mesmo nesse cenário, ele não consegue resistir à vontade de checar seu paciente mais precioso: seu filho. Ele acena alguns segundos depois e eu sei que tudo está como deveria ser.

Eu solto uma respiração profunda - uma que eu não percebi que estava segurando - enquanto Matt puxa os auriculares. A outra mão permanece firme com o diafragma no lugar. —Aqui, escute. Ele está se movendo muito, mas você irá ouvir.

Eu coloco os auriculares nos ouvidos o mais rápido possível, mas não sou rápida o suficiente. Eu não consigo ouvir nada. *Espera! Eu ouço-*

Não. Isso é minha barriga.

Eu franzo a testa e balanço a cabeça. Matt ajusta o diafragma um pouquinho para a esquerda.

—Ouviu?

—Não.

Ele ajusta novamente e... Consigo ouvir!

Eu pego seu pulso para parar seus movimentos. Nossos olhos se trancam. Minha outra mão voa para minha boca. Não há dúvidas

sobre o que estou ouvindo. É como um cavalo galopando ecoando pelos auriculares, o som mais distinto e inspirador do mundo: um minúsculo coração batendo dentro de mim.

—É tão rápido—, eu digo, maravilhada.

Lágrimas se acumulam nos cantos dos meus olhos.

Matt concorda com a cabeça. —Eu contei 152 batidas por minuto.

Eu sorrio, em seguida, inclino minha cabeça para trás no meu travesseiro e fecho os olhos, escutando. Eu poderia ficar aqui o dia todo. Nesse estágio, nosso garotinho ainda é tão pequeno que, na maior parte do tempo, não sinto nenhum sinal dele. Ouvir seu batimento cardíaco constante é um lembrete reconfortante de que ele está lá, exatamente onde deveria estar.

Eu sinto a mão de Matt em minha barriga e então ele sussurra algo que não consigo ouvir direito. Eu olho e o observo enquanto ele passa a mão carinhosamente pela minha pele, como se estivesse tocando nosso garotinho.

—Sua mãe está ouvindo seu coração agora, então você tem que ficar parado—, diz ele. Eu sorrio e abro a mão para bagunçar o cabelo dele. Ele aperta um beijo na minha barriga e depois olha para cima. —Eu estive pensando sobre como devemos chamá-lo.

—Oh? — Eu inclino a cabeça para o lado e tiro os auriculares. —Josie tem bastante opiniões sobre isso. Ela me apresenta novas ideias todos os dias. Metade deles são os nomes dos personagens de seus livros. A última rodada incluiu: Peeta, Cedric e Dumbledore.

Matt sorri. —Eu gostaria de Thomas.

Meu estômago revira. —Como meu pai?

—Sim. O que você acha?

—Eu adoraria—, eu digo, meu tom me trai e diz que estou tocada com sua sugestão. —Mas Josie ficará tão desapontada que não vamos usar as suas sugestões.

Ele ri. —Por que não a deixamos escolher o nome do meio?

Eu gemo. —O poder vai direto para a cabeça dela.

Só então um coro de gritos atravessa a porta do nosso quarto fechado. Josie e quatro de suas amigas estão fazendo uma festa do pijama para comemorar seu aniversário. Está planejado há semanas. Ela fala muito sobre isso. Eu tinha uma lista muito específica de itens para comprar na mercearia depois do trabalho: pipoca, batata frita, refrigerante, doces e bolo de aniversário. Eu também peguei maçãs e Josie as empurrou para a parte de trás da geladeira para dar mais espaço para o refrigerante. Elas precisam ir direto ao dentista logo de manhã.

São nove e meia e não há fim à vista. Depois de fazer pizza e alimentá-las com o jantar, Matt e eu decidimos nos esconder em nosso quarto em um esforço para salvar a nós mesmos e (nossos ouvidos) de cinco garotas do ensino médio muito tagarelas e *barulhentas*. Desde então, saímos duas vezes. Na primeira vez, Matt e eu precisávamos roubar mais pizza delas. Nós as encontramos sentadas nos puffs da sala de estar, passando trotes para meninos da sala delas. Hilário. Elas poderiam ter me passando o telefone para que eu pudesse participar, mas negaria até a morte em um tribunal.

Na segunda vez que nos aventuramos, foi porque elas estavam gritando mais alto que o normal. Matt e eu corremos para garantir que todos os membros estavam intactos. Nós encontramos as cinco amontoadas ao redor do telefone de Josie assistindo vídeos fantasmas no YouTube e tentando assustar uma a outra. Matt e eu assistimos a um dos vídeos também. Eu bati a minha mão, ao mesmo tempo falando rápido —isso é uma total mentira! —, mas pra ser honesta, eu vou dormir com as luzes acesas e Matt vai ficar de olho para ver se aparecem fantasmas.

Agora, elas estão nisso de novo. Suas risadas e gritos atingiram um recorde.

O estetoscópio é esquecido. Eu preciso ensinar este bebezinho como executar uma missão secreta. Eu rolo da cama como uma morsa enorme despejando-se no oceano, em seguida, corro para a porta a tempo de ouvir uma delas gritar: —Será que ele apenas mandou —oi— e nada mais?! O que você deveria fazer?

—Josie! — outra delas grita. —Ele é o garoto mais gostoso da nossa série! Você tem que responder!

Matt fica na cama, repreendendo-me por escutar. Eu enxoto ele com a mão e pressiono o ouvido na porta para uma melhor acústica. Onde está um copo plástico quando preciso?

A vida social de Josie está viva e bem graças à pequena escola particular que encontramos para ela na Costa Rica. A maioria dos estudantes também é estrangeiro. Ela vai para a escola com adolescentes de todo o mundo e, da última vez que me informei, tem três garotos de três países diferentes, apaixonados por ela. Ela está

mais interessada em livros do que nunca, mas não tenho certeza de quanto tempo isso vai durar.

—Eh, eu realmente não quero lhe dar esperanças—, Josie responde. —Você sabe que outro dia eu perguntei quem era seu personagem literário favorito e ele não sabia o nome de um sequer! Nenhum!

Há algumas conversas murmuradas e inaudível. A maior parte é abafada porque Matt ligou a TV e aumentou o volume para um nível ensurdecedor para me ensinar uma lição. Eu corro para silenciá-lo. Há uma disputa pelo controle remoto, mas eu finalmente o pego, optando por usar uma contração falsa cuidadosamente cronometrada para distraí-lo. Eu sou um monstrinho orgulhoso enquanto silencio a TV e corro de volta para a porta. Ele geme, mas isso é importante! Isso é fofoca adolescente.

—Oh meu Deus, espere. Derek mandou uma mensagem para você também? Por que você se incomoda com ele? Ele é um nerd *total*.

—Eu gosto dele—, Josie insiste, soando um pouco defensiva. —Nós somos amigos.

—Por quê?! Ele não sai com nenhum dos caras legais.

—Quem se importa? Ele é muito engraçado e acho que ele é o menino mais fofo da nossa classe.

Eu bombeio meu punho no ar. Essa é minha garota.

Vá para o nerd, Josie!

Eu me viro, esfrego minhas mãos como se dissesse: *Meu trabalho aqui acabou* e depois volto para a cama.

—Feliz? — Matt pergunta, adorável apoiado contra a nossa cabeceira sem camisa. Ele realmente não deveria usar roupas.

Eu sorrio. —Muito.

Fico feliz em ver que Josie ainda tem uma boa cabeça, especialmente considerando o turbilhão dos últimos dois anos. Mudando-se para outro país, começando uma nova escola, ajustando-se à vida com Matt e agora com esse novo bebê a caminho, eu a mantive na vanguarda de meus pensamentos, cuidando para que ela não ficasse totalmente sobrecarregada com a mudança.

Nós trabalhamos duro para garantir que ela se sentisse parte da nossa vida. Quando Matt estava pensando em me pedir em casamento, ele levou Josie com ele para a joalheria para que ela pudesse ajudá-lo a escolher um anel. Mais tarde, ele me disse que ela tentou escolher a maior pedra que eles tinham (valendo dezenas de milhões) e ele teve que convencê-la a algo um pouco mais realista, um que não causaria dores nas costas.

Na nossa pequena cerimônia de casamento na praia com amigos íntimos e familiares, Josie atuou como florista, porta-anéis e dama de honra. Se nós tivéssemos permitido, ela teria sido a celebrante também.

—Acabei de ser certificada online! Eu acho que não tenho certeza. Eu tive que inserir suas informações de cartão de crédito.

Quando Matt e eu estávamos pensando em tentar engravidar, Josie encontrou acidentalmente meu estoque de testes de gravidez

em nosso banheiro. Eu estava fazendo o jantar e ela saiu, embalando as caixas em seus braços, lágrimas escorrendo pelo rosto.

Eu surtei, pensando o pior, que ela estava sobrecarregada e chateada por não tê-la consultado primeiro, mas depois com um soluço estremecido, ela exclamou: —OH MEU DEUS! Eu vou ser tia!

Ela não se importava que eu não estivesse realmente grávida ainda. Para ela, a possibilidade era tão excitante quanto.

Nossa vida aqui foi mais fácil do que eu pensava. A clínica decolou. Matt e eu passamos nossos dias lá, continuando a treinar funcionários de toda a Costa Rica e operando pacientes três dias por semana. Quando o comitê de concessão se aproximou de Matt e ofereceu a ele a oportunidade de permanecer por mais dois anos com financiamento total, todos nós aproveitamos a oportunidade. Nós amamos a nossa vida aqui e, apesar de provavelmente voltarmos aos Estados Unidos quando a Josie for para a faculdade, estamos todos felizes por estar aqui agora, crescendo como uma família de três pessoas, que em breve será quatro.

Outro coro de risadas soa da nossa sala e Matt me puxa para mais perto da cama.

—Você sabe que não vamos conseguir dormir esta noite, certo? — Eu estou brincando.

—Bem, eu acho que há uma coisa que podemos fazer—, ele responde com um sorriso.

Eu sei imediatamente o que ele está sugerindo.

—*Não*. Você é terrível. Nós dissemos da outra vez que seria a última. Não haveria mais.

—Vamos—, diz ele, acariciando meu pescoço. —Você sabe que gosta disso.

Eu sorrio e balanço a cabeça. —Você é uma influência terrível.

—Você me viciou.

É verdade. Isso é tudo minha culpa.

Ele já está ligando a TV e navegando pela Netflix. —Vamos, satisfaça seu marido.

—Tudo bem—, eu digo, jogando minhas mãos para cima em falsa derrota.

Então nos sentamos juntos, quadril com quadril, enquanto a música tema de *Grey's Anatomy* toca na nossa TV.

Alguns minutos depois, ele aponta para a tela. —Oh, vamos! Esses médicos seriam apanhados.

Ele está falando sobre os cirurgiões que estão se pegando em um armário de armazenamento.

Eu limpo minha garganta. —Matt, *nós* fizemos isso.

Ele estreita o seu olhar em mim pensativamente. —Pelo que me lembro, não nos beijamos.

Eu reviro meus olhos. —Perto o suficiente.

Ele arqueia uma sobrancelha. —Então você não acha que há uma diferença entre um quase beijo e a coisa real?

Ele começa a se virar para mim. Ele tem ideias naquela cabeleira espessa. Há garotas adolescentes gritando alto na sala de estar e eu estou segurando-o à distância enquanto ele me guia para a cama. Em segundos, estou debaixo dele e ele parece quase sinistro desse ângulo, intimidador demais para seu próprio bem.

Ele apoia uma mão de cada lado da minha cabeça e me prende contra os cobertores. Eu não conseguia me mexer nem se tentasse.

—O que você está fazendo? — Eu pergunto, voz trêmula.

Seu sorriso faz meu estômago vibrar. —Provando seu ponto de vista.

Ele inclina a cabeça e arqueio para encontrá-lo instintivamente. Nós fizemos isso um milhão de vezes; meu corpo sabe exatamente o que fazer, exceto que ele não me beija. Sua boca mal passa pela minha e ele está sorrindo como um demônio. Eu fui deixada...*na mão*.

Maldito seja ele.

—Diga-me que estou certo—, ele insulta. —Diga-me que eles seriam pegos.

—Ugh— eu sacudo minha cabeça. —Não! Você não tem permissão para criticar o enredo e apontar as imprecisões o tempo todo. É um programa de TV basta assistir.

Ele se inclina para trás, como se estivesse profundamente insultado. —Pfft. Eu não faço isso.

Eu estreito meus olhos. —Você está de brincadeira?

Ele ri e faz um movimento para levantar, mas eu aperto seus ombros e o forço a parar.

—Hum, desculpe-me, você não está esquecendo alguma coisa?

Eu me arrisco e ele me recompensa com um beijo de despedaçar o coração. Só depois que nos separamos e eu estou recuperando o fôlego ele pensa em perguntar: —A propósito, eu estive pensando, qual seria *o* meu apelido de *Grey's Anatomy*?

—Você já tem um, lembra? Você é meu próprio Hotshot Doc.

Ele franze a testa. —Mas tem que haver um 'Mc' na frente dele.

—Ok, então, que tal o Dr. Mc Dá a Sua Esposa Grávida uma Massagem nos pés?

—Não é fácil de pronunciar.

—Ok... Dr. Mc Passa A Pipoca?

—Você vê como isso não funciona, certo? Tem que ser conciso.

Eu bato em meu queixo. —Oh tudo bem, sim. Eu tenho um agora. Me ouça.

—Certo.

—Você está ouvindo?

—Sim.

—Dr. Mc...

Depois de uma longa pausa, ele finalmente pergunta: —Você não tem um, né?

—Os bons já foram usados!

Ele ri e me puxa para mais perto. —Ok, você está certa. Vamos apenas ficar com o Hotshot.

FIM